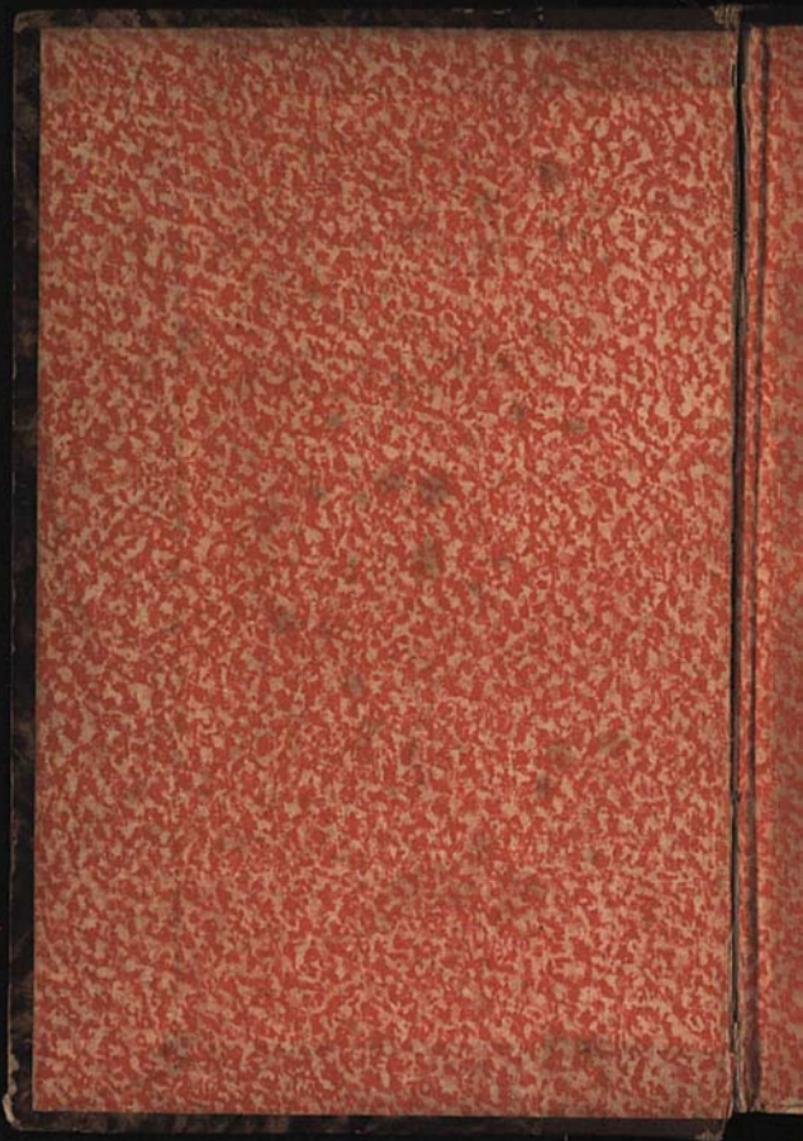




 ieb

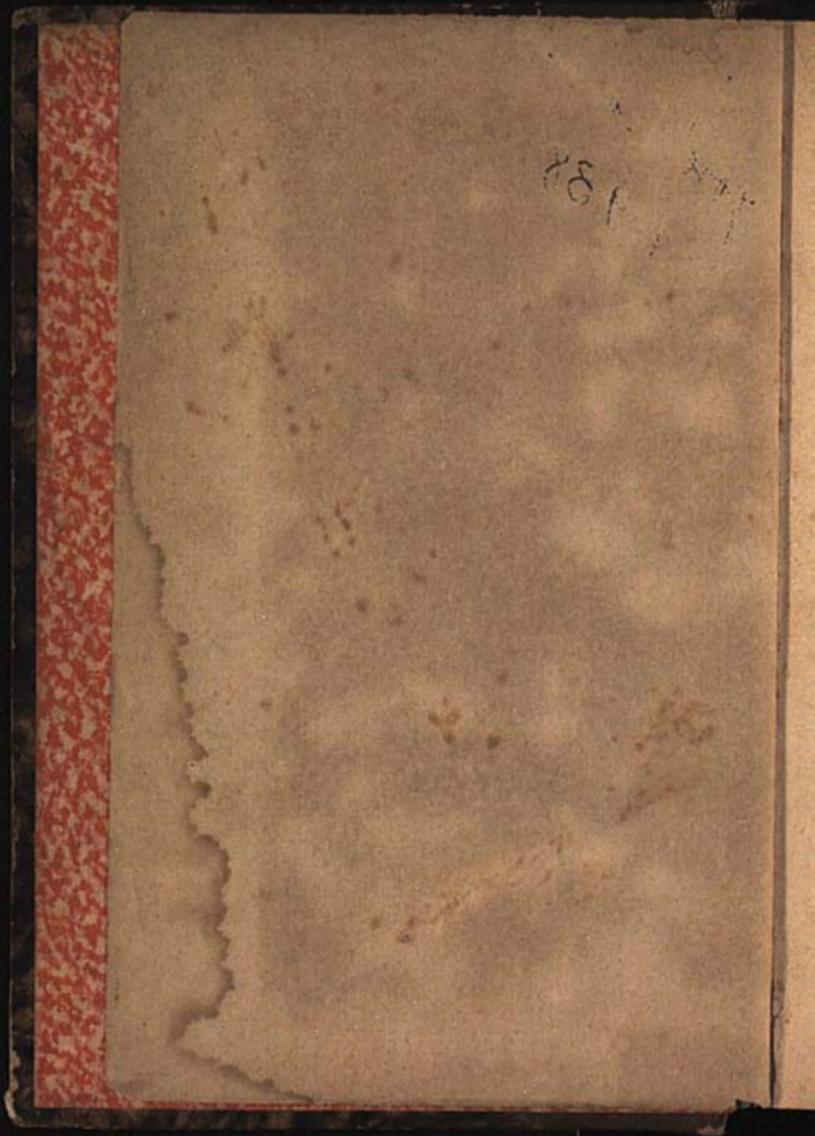
ie b





 ieb

ieib



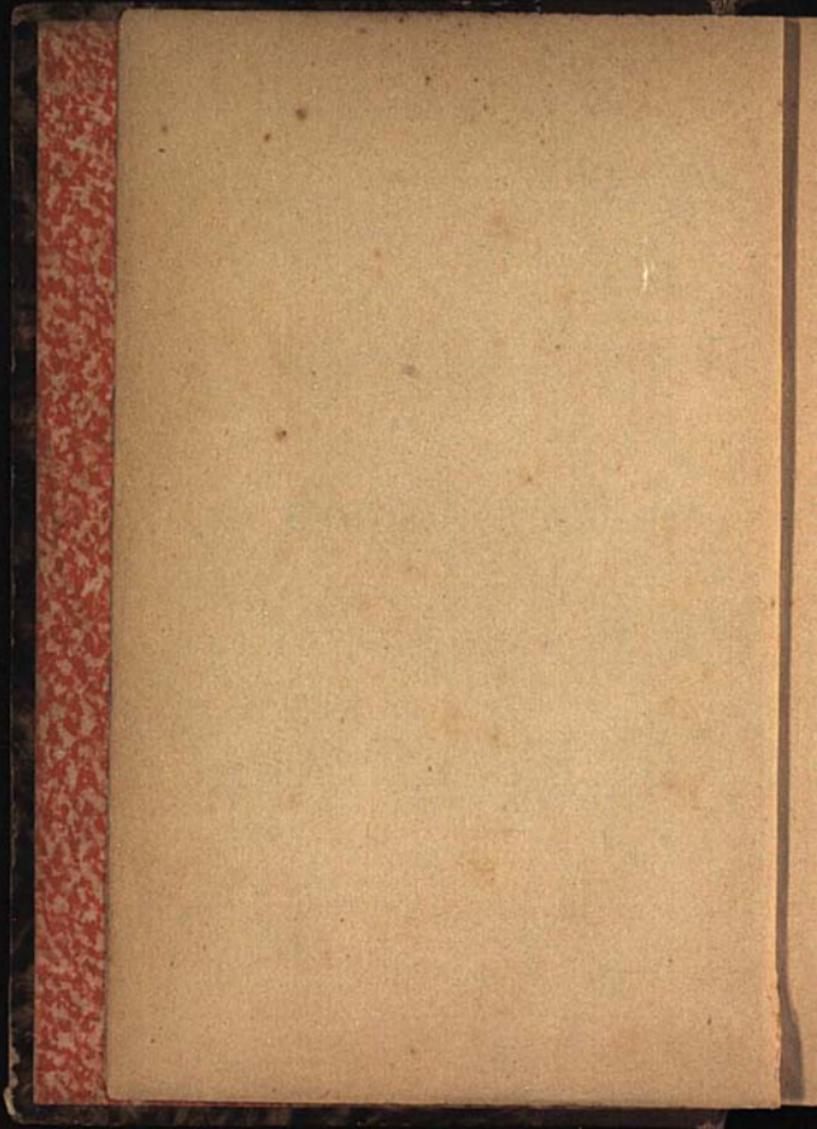
João Scaramo  
1.938

OS DOUS AMORES



 ieb

ieB



COLLEÇÃO DOS AUTORES CELEBRES  
DA  
LITTERATURA BRASILEIRA

OS  
DOUS AMORES

ROMANCE BRAZILEIRO

PELO

Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

TOMO PRIMEIRO

*Helio*



HL 336

LIVRARIA FARNIER

102, RUA DO  
RIO DE JANEIRO



15, RUE SAINTS-PÈRES  
PARIS



  
iieb

 ieb



HL  
869.9332  
M141d  
v. 1-2

## OS DOUS AMORES

---

### I

#### O céu cõr de rosa.

Ninguem ha na cidade do Rio de Janeiro, que não conheça perfeitamente o largo da Lapa do Desterro. Sobretudo, elle se faz notavel pelas missas, que de madrugada se dizem em seu pequeno convento; por suas bellas festas do Espirito-Santo com seu imperio sempre cheio de offrendas, e seus grandes fogos de artificio; e enfim, pela multidão immensa de povo, e pelos carros, omnibus e gondolas, que incessantemente por ahí transitão, indo ou vindo d'esses bairros aristocraticos, que ficão além do cães da Gloria.

E, como para compensar esse ruído constante, e essa concurrencia, de que fallamos, o largo da Lapa tem por vizinhas algumas ruas pequenas, mas bonitas, que se podem chamar solitarias em comparação d'elle.



ieb

No anno de 1846 porém, os habitantes de uma d'essas ruas, de cujo nome agora não nos podemos, ou não nos queremos lembrar, mas que será facil conhecel-a pelo que d'ella diremos começãrão a notar que ella se ia tornando muito frequentada a certas horas do dia.

De tarde, quando já o sol não incommodava, e a sombra, e o frescor convidavão as moças a chegar á janella, vião-se passar primeira e segunda vez pela rua de... numerosos mancebos, que trajavão com elegancia e gosto, e que por seus modos e ademães mostravão pertencer ao circulo feliz, que actualmente se conhece pelo nome do — bom tom.

Deu isto muito que pensar aos socegados habitantes da rua de... até que finalmente certo dia um homem que ali morava, e que se chamava Jacob, apontando para uma casa, que ficava defronte da sua, disse em tom confidencial a alguns de seus vizinhos — a causa é aquillo.

Tambem Jacob era a pessoa mais capaz de descobrir qualquer mysterio. Pelo sim, pelo não, diremos já e em duas palavras, quem era elle.

Jacob tinha sido escrivão, e apenas ha tres annos havendo perdido o seu lugar por motivos, que elle a ninguem dizia, mas que o fizerão viver na cadeia durante alguns mezes, retirou-se do centro da cidade, onde habitava, e veio com sua mulher, e uma escrava morar na rua de...

A casa de Jacob era terrea, e constava de uma porta, e duas janellas de vidraça cobertas com cortinas brancas: a porta abria-se para um corredor, ao lado direito do qual outra dava entrada para a sala.

Sem ter nada em que se occupasse, Jacob vivia do fructo de seus antigos trabalhos, e sua mulher, para ajudal-o nas despezas da casa, fazia um pequeno commerciozinho de balas e confeitos, que a escrava vendia em um taboleiro á porta do corredor.



ieb



Um homem baixo, um pouco gordo, e um pouco calvo, com os cabellos que lhe restavam, já meio-grizalhos, com olhos pequenos e vivos, tendo sempre no semblante uma alegria fingida, tomando rapé, e trajando constantemente um fraque rôxo, abotoado até em cima, calças pretas, e botins de cordovão de lustro — era Jacob.

Uma mulher alta, gorda, com poucos cabellos, olhos pardos, rosto, e principalmente o nariz, que não era pequeno, muito vermelhos, com pés immensamente grandes, com voz fina, retumbante, e fallando de continuo — era a Sra. Helena, a mulher de Jacob.

Este par vivia na mais estreita união : e tendo pouco ou nada em que cuidar, gastava o tempo em descobrir mysterios.

Jacob tinha o seu posto de dia, sentado junto de uma das janellas, e só o deixava, se suppunha conveniente seguir a alguem : d'alli elle observava, e adivinhava tudo : seu olhar vivo, penetrava no interior da casa alheia, e seu ouvido apurado, ouvia, apezar das paredes, o que se fallava na dos vizinhos : se sahia, apanhava e lia o pequeno escripto, que desprezado rolava no chão ; e de noite, escondido atrás da cortina da janella, devassava as ruas, e escutava o que dizião aquelles que passeavam conversando.

Helena ajudava excellentemente seu marido n'esse innocente passatempo : ella conhecia os escravos de todas as casas, praticava com elles, e dava conta a seu esposo das questões domesticas, dos segredos, e das mais miudas circumstancias da vida alheia : o papel em que vinha da venda embrulhado o assucar, era lido e estudado ; e durante a noite uma das cortinas das janellas pertencia aos cuidados de Helena.

A intriga, a maledicencia, e mesmo a calumnia alimentavam este homem, e esta mulher, que se tinham encontrado no mundo tão iguaes, tão dignos um do outro.



Não era pois acreditavel que a causa dos passeios d'esses mancebos por aquella rua, d'antes tão pouco frequentada, escapasse a Jacob e sua mulher.

Um dia Jacob disse — a causa é aquillo.

E aquillo era uma casa de bella apparencia, que ficava defronte da d'elle : casa muito conhecida, mesmo muito amada pelos habitantes da rua de..., ou melhor pelos habitantes, e frequentadores do bairro da Lapa do Desterro.

Era essa casa assobradada, e sobremontada por um sotão, ou, se quizerem, por um meio sobrado com tres janellas de peitoril, tendo o andar inferior cinco, todas porém igualmente de peitoril : do lado esquerdo dava entrada para ella um humilde alpendre, que levava, os que por elle praticavão, a uma escadinha de quatro degrãos, pelo quaes se subia ao primeiro andar : pela parte direita, e na extensão de tres braças, erguia-se um muro, que occultava aos olhos dos curiosos pequeno e gracioso jardim, e breve se terminava confinando com uma velha casinha. Nada portanto mais simples, nada menos romanesco do que o aspecto d'essa casa ; mas porque sua frontaria fosse toda pintada de uma bella côr de rosa, exceptuando-se a cimalha e os caixilhos das vidraças, que erão brancos ; os habitantes e frequentadores do bairro da Lapa do Desterro derão-lhe o nome, e teimavão em chamal-a com o titulo muitissimo poetico de « Céu côr de rosa ».

Seria porém a côr da frontaria da casa, de que tratamos, a verdadeira causa de sua denominação quasi sacrillega?... certo que não ; o instincto do coração de um homem adivinha para logo, que ahí deve habitar uma mulher, provavelmente muito bella ; porque esse nome de Céu côr de rosa tem em si alguma cousa de poetico ; e n'este mundo tão por demais enganador e falso, e n'esta vida tão por demais esteril e trabalhosa, o ho-



mem só encontra poesia e encanto, onde respira a mulher; por consequencia a côr da frontaria era o meio; a existencia de uma mulher n'essa casa, era a causa unica de seu bello nome.

Com effeito uma moça, que a ser julgada pelo que d'ella apregoava a fama, era tão linda como nova, tão rica de encantos como pobre de annos, embellecia, tornava cheia de interesse a modesta habitação: centro para onde convergião mil synpathias, tinha ella seu nome abençoado, sua vida mergulhada em uma atmosphera toda poetica, seus habitos e costumes, suas acções, sua casa, e quanto com ella estava em relação gozando honras romanescas, graças á imaginação fervorosa de um publico idolatra.

Assim já vimos, com que nome tão altivo era conhecida a morada da feliz moça, e fez o povo mais ainda: para com uma antithese tornar dobradamente notavel a conta, em que tinha o Céu côr de rosa, aproveitou-se da existencia da pobre casa, que junto do muro do jardim da primeira se via; e em castigo de sua miseria, pois que muito baixa, só havia n'ella demais um sotão, que nem mesmo lançava janellas para a rua, e toda se mostrava já meio-arruinada pela força dos annos, e bastante intrigueirada pelas desfeitas do tempo, deu-lhe o epitheto affrontoso de — Purgatorio-trigueiro.

Tendo por essa maneira feito notar a casa da moça querida com um nome sagrado, e a que lhe ficava contigua com uma alcunha de maldição, os entusiastas foram por diante com a sua antithese. Entenderão, que o nome baptismal da moça, não exprimindo nenhum dos sentimentos, que por ella nutrião, não lhes podia servir para fazel-a designar; e então acertarão de chama-la — Bella Orphã; — porque assim a tornavão por dous modos interessante: interessante aos olhos pela belleza, e ao coração pelo estado; e emfim, chegou a



ieb

vez da antithese cruel, e a uma pobre mulher septuagenaria, que morava no Purgatorio-trigueiro, foi lançado o insultuoso appellido de — Velha bruxa.

Depois, como para dar os ultimos toques á apothese da feliz senhora, elles estudáráo os habitos, observáráo as acções e os passos da Bella Orphã, e interpretações e explicações tão poeticas como esse nome vierão completar o romance, que a imaginação popular creava. Por exemplo: á moça tinha desde os mais tenros annos contrahido o habito de despertar com a aurora para passar a primeira hora da manhã no pequeno jardim do Céu côr de rosa; a explicação não tardou. « Ha, dizião-se sorrindo uns aos outros os entusiastas, ha uma paixão, e a mais decidida correspondencia amorosa entre a Bella Orphã, e o sol; de ajuste despertão ambos á mesma hora para, livres de testemunhas, se irem namorar de manhã cedo, elle do alto dos céos, e ella do meio das flores.

Pensamos haver dito bastante para que se comprehenda, com que excesso era amada essa moça: e como não pretendemos fazer côro com a multidão, que a incensava com lisonjas tão exaggeradas, e pouca importancia damos a esses exaltamentos populares, que, tantas vezes, basta um leve sopro para de todo apagar, ou mesmo dar-lhe direcção absolutamente opposta: vamos dizer, o que era ella em realidade, e do que com justiça se lhe devia; e se, no correr d'esta historia, usarmos repetidamente de alguns d'esses epithetos mencionados, será porque o povo á força de repetir os nomes de sua escolha, acabou por generalizal-os, de tal modo, que só por elles erão bem conhecidos os objectos que nomeavão.

Força é agora partir de mais longe.

Deos legou aos homens pensamentos grandes, importantes, e sagrados, em sua passagem, de padecimentos para elle, e de salvação para nós, em sua passagem

ieb

por este mundo, dizemos, cada passo que deu, cada acção que fez, cada palavra que pronunciou, foi uma lição de virtude angelica, uma amostra do caminho do céu, um pensamento de santidade; e o cumprimento de cada um d'esses pensamentos é o emblema, o mote de cada classe da sociedade; entre elles, se fosse possível dar-se mais belleza a uma do que a outras idéas do Espirito Divino, seria um dos mais sublimes e difficeis — a caridade. — E os missionarios d'essa virtude angelica, são especialmente os medicos. A medicina é o sacerdocio da caridade.

O negociante de receitas, aquelle que, mercê de seu titulo, anda por ahi curando, se póde, os seus doentes tendo em mira sómente o pobre interesse; que só presta o seu conselho a troco de ouro: que morde nos outros medicos, como em concurrentes que lhe diminuem o ganho; esse, que não comprehende o gemer da alma da humanidade; que não sabe o que é o soffrimento mal gemido, as angustias, abafadas do homem pobre; esse, que enquanto receita com a mão direita, tem já a esquerda estendida para receber dinheiro; esse, que define a medicina — sómente um meio de vida; — esse, que não entende, que a religião de Jesus-Christo, a nobreza de sua sciencia, e a honra do coração marçáo-lhe o posto ao pé de quem geme, e não unicamente ao pé de quem paga; esse... é apenas um mercador de receitas.

Mas aquelle que, no exercicio da medicina, não faz distincção entre rico e pobre, e vê só individuos, que de seus cuidados carecem; aquelle que combate as enfermidades, disputando contra a morte dia por dia, hora por hora, instante por instante, o campo da vida; que invade corajoso a atmosphera da peste; que se expõe com marcial bravura ao contagio mortifero, respirando aqui ar miasmatico e envenenado, banhando-se ali em



suor fetido e peçonhento, para caridoso levar soccorros a infelizes, de quem sabe não receberá um ceutil; aquelle que nem mesmo desanima, n'esse viver trabalhoso, ante o monstro, que tantas mil vezes fere o coração do medico — a ingratião; — que paciente se amolda á impertinencia da infancia, ao capricho da velhice, e ao pudor da virgindade; que não conhece no homem só os padecimentos da materia; que entende e falla tambem o idioma da sensibilidade, o eloquente dizer da alma; aquelle que tem na cabeça a medicina para curar, nas mãos metade do ouro, que recebeu do rico para espalhar sobre a miseria da pobreza; nos labios consolações salutaras para com ellas abrandar os tormentos do infeliz; e no coração uma sepultura para eternamente encerrar os segredos das familias; esse sim... esse é medico.

E se acaso se orgulha de sê-o, tem, a sobras, razão para orgulhar-se.

Nobre, alta, importante, solemne missão é essa!... e essa missão tinha sido cumprida á risca pelo Dr. Paulo Angelo.

A vida de Paulo Angelo fora uma longa historia de philantropia e caridade: comprehendendo perfeitamente o ministerio do medico, não se arredára nunca em nenhum de seus passos da linha de proceder, que lhe cumpria seguir. Dias e noites gastára elle em fazer bem ou em preparar-se para fazel-o a seus semelhantes porque de dia erão suas horas votadas á observação, e ao cuidado de seus enfermos; e de noite estudava, estudava sempre: pois que jamais pensava ser sufficientemente sabio: havia reconhecido, que assim como o homem moral, o homem physico é tambem um livro immenso, em que sempre se achão segredos novos para intepretar; e que lendo-se mesmo de continuo até á ultima hora da vida, ainda assim não se tem lido bas-



ieb



tante, ou antes nunca se chega á sua pagina derradeira.

Moço ainda, desposára elle uma mulher virtuosa e amavel, e o céo abençoando sua união, lhe fez presente de uma filha, que deveria fazer o encanto de sua velhice : occupou-se desvelado em sua educação : possível e muito, lhe fôra preparar-lhe uma herança elevada porque, medico habil e afamado, exercia uma clinica vasta e rendosa ; quasi sempre porém metade do estipendio do rico ficava debaixo do travesseiro do pobre.

No entanto se seus cofres permanecião vazios, as bençãos do povo chovião sobre Paulo Angelo e sua familia ; pois que sua esposa obedecendo á propria indole, e seguindo os exemplos que lhe elle dava, cumpria tambem a santa virtude da caridade, com essa graça no bem-fazer, com esse segredo de ser beneficente quasi brincando, de que sómente são capazes as mulheres ; e sua pequena filha amamentada com o leite da virtude, embalada no berço da beneficencia, era um galante cherubin, de quem Deos modelára o coração, e o'amor o rosto.

Ja indo Paulo Angelo em seu viver socegado e ditoso, quando no começo do anno de 1844 foi victima de seu proprio ministerio : contrahindo uma enfermidade contagiosa, trouxe o germen da morte para o centro de sua familia : e em um mesmo dia os sinos da capital gemêrão com seu dobre lugubre por elle e por sua esposa.

Era um espectáculo bem triste vêr familias inteiras, de quem elle havia sido o bemfeitor, acompanhar chorando seu carro funebre !... era uma scena despedaçadora vêl-as ao derredor de seu feretro misturando lamentos e soluços, com os hymnos funeraes dos sacerdotes.

E havia, com tudo isso, um objecto ainda mais triste, ainda mais lamentavel, do que todo esse espectáculo : havia uma orphã de quatorze annos.



Aos quatorze annos pois ficou quasi só no mundo a filha de Paulo Angelo : é verdade que um nobre e respeitavel ancião, seu avô paterno, encarregou-se de sua tutela ; que ella achou em uma bella e interessante senhora, filha de seu avô, e portanto sua tia, uma companheira e amiga : é certo, que firmes e não ingratos se mostrarão alguns dos muitos antigos amigos de seu pai ; por sem duvida, que herdou ella toda a idolatria, que votava a classe necessitada ao medico bemfeitor : é verdade tudo isso, mas não será verdade tambem, que ainda mesmo no centro da multidão está quasi n'um ermo, que ainda mesmo no meio de mil riquezas está mais pobre que o ultimo mendigo, aquelle que perde d'improviso o que mais ama no mundo ?... pois que sentimento ha ahí, que preencher possa o vazio deixado no coração pelo amor filial ?... um só talvez, a saudade do que se perdeu : é ainda o mesmo sentimento modificado pela dôr, e crismado com novo nome.

E pois essa interessante pombinha ficára só e ainda mal emplumada no ninho, onde não poderão mais nunca voltar os pais, apanhados tão de subito pela morte. E pois essa creança de quatorze annos, fôra cedo tocada pelo dedo pesado do infortunio, e escrevera seu nome na lista d'essas creaturas infelizes e sagradas, que no mundo se chamão — orphãos ; — sim, infelizes, porque tem perdido aquillo, que a natureza pede incessantemente dentro do coração ; sagradas tambem, porque um orphão deve ser um objecto respeitado, como a alma de um vivo, e o cadaver de um morto.

E como profundamente resentida d'esse golpe inesperado, que a viera ferir no tempo mesmo em que começava de bem comprehender o que era, o que valia o amor dos pais a filha de Paulo Angelo, semelhante a essas flôres, que açoitadas pela tempestade ao desabrochar-se, não morrem, mas se desenvolvem abatidas e

tri  
ces  
po  
do  
raq  
esc  
ma  
ou  
cor  
e  
fug  
alg  
ain  
arr  
lha  
e q  
ad  
viv  
col  
inst  
van  
raio  
N  
gela  
mas  
pon  
veze  
son  
surp  
nota  
can  
uma  
E  
Céo  
dera



tristes; ia passando seus bellos dias da idade da innocencia alquebrada pela dôr, e pela saudade. Mesmo depois de passado seu anno de lucto, quando já o balsamo do tempo tinha cicatrizado a ferida profunda de seu coração, ella teimava em viver uma vida de retiro, e de esquecimento. Apenas uma ou outra vez podião na manhã de algum domingo admirar a graça de sua figura ou adivinhar a belleza de seu rosto encoberto pelo véo, com que se ornava, indo ao templo do Senhor: apenas, e raramente uma ou outra vez podião vê-la, para fugir logo, depois apparecer ao lado de sua tia em alguma das janellas do Céu côr de rosa: apenas, e ainda mais raramente, era uma ou outra vez emfim arrastada por seu avô e sua tia, a essas sociedades brilhantes e embriagadoras, que fazem o delirio das moças, e que são, a um só tempo, o altar em que se ellas adorão, e o labyrintho em que se ellas perdem. Era seu viver como esse viajar ethereo de formosa lua melancolica por noite nublada e feia, que surge por curtos instantes d'entre nuvens carregadas, e logo depois novamente se mergulha, deixando apenas ressumbrar seus raios atravez dos véos de fumo do firmamento.

Não era por indole triste assim a filha de Paulo Angelo; tinha, ao contrario, genio brincador e alegre: mas a prematura morte de seus pais lhe embutira um ponto negro, uma recordação lugubre na vida: e mil vezes, ou quasi sempre no fervor de uma festa, ou no sonhar de lisongeiros phantasias, o ponto negro lhe surgia, a recordação lugubre vinha abysmal-a. Por isso notava-se de ordinario em seu rosto essa melancolia tocante, que, como já disse alguém; é, até certo ponto, uma graça na dôr.

Ella ficára pobre de bens; fôra sua unica herança o Céu côr de rosa; e por tanto não podendo, como d'antes, derramar beneficios e esmolas sobre aquelles tantos



  
ieb

pobres, que seus pais chamavão — filhos, — e ella se habituára a chamar — irmãos; — achava em tal mais um motivo para occultar-se, como já inutil; e ás vezes escapava-lhe uma lagrima, pensando que poderia ser pesada.

Mas essa mesma vida de retiro e socego, essa vida quasi de mysterio, redobrava o interesse que pela orphã se mostrava.

E ao mesmo tempo, que ella, ao amanhecer, cuidando de suas flôres, durante o dia, dê suas musicas e trabalhos, e de noite, triste e docemente reflectindo, se suppunha esquecida de todos, se acreditava, ao muito, objecto só de alguma terna saudade, como a que setem de um bom amigo de muito tempo perdido, os velhos protegidos de seu pai, os filhos da caridade do Paulo Angelo, a phantasia romanesca do povo entusiasta celebravão a apothese da interessante moça, creando para ella o Céu côr de rosa; dando-lhe o nome de Bella Orphã; inventando um Purgatorio-trigueiro; fazendo habitante d'este uma velha-bruxa, e até emfim forjando uma paixão miraculosa entre a Bella Orphã, e o astro do dia.

Ora, como é natural, a fama da belleza e das virtudes da Bella Orphã não se deixou ficar no bairro da Lapa do Desterro, e correndo por toda cidade, chegou tambem aos ouvidos dos senhores do — bom tom, — que, começando por isso a frequentar a rua de... e conhecendo que no Céu côr de rosa não era a Bella Orphã a unica bella que havia, fizerão d'essa rua o seu passeio de escolha, e desafiarão assim a curiosidade dos socgados habitantes d'ella.

Como dissemos, essa curiosidade estava já satisfeita o mysterio tinha sido facilmente explicado. Jacob havia apontado para o Céu côr de rosa, e dito:

— A causa é aquillo.

Agora, desviando-nos um pouco da porta do Céu, convem que entremos directamente no Purgatorio.

N  
ros  
E  
car  
pes  
uma  
abri  
se p  
com  
que  
rior  
aind  
eno  
A



## O purgatorio-trigueiro.

No fim do muro que defendia o jardim do Céu côr de rosa, estava, como já dissemos, o Purgatorio-trigueiro. Era uma velha casinha, cujas paredes se mostravam carcomidas pelo tempo : entrava-se por uma rotula em pessimo estado ; havia ao lado d'esta, e pela parte direita, uma janella sem vidraças ; mas com postigos que se abrião para os lados, e nada mais : nem mesmo da rua se podia fazer uma justa idéa do pequeno sotão, que, como envergonhado, deitava suas janellas para trás, e que apenas assinalava sua existencia pela parte anterior, na elevação do telhado ennegrecido e limoso, o que ainda mais afeiava a antiga casinha, simulando corcova enorme de velha.

Aquella triste e miseravel habitação tinha em si um



iebo

não sei que de repugnante; e todavia não era maldição, não era escarneo, o que o povo votava ao velho casebre; era sim a cruel antithese, que a fazia conhecer por um nome affrontoso.

No entanto a interessante moça do Céu côr de rosa, bemdizia a existencia d'aquella casinha, e pedia ao céo, que jamais se lhe mudasse a moradora: justa razão tinha ella para assim o pedir.

A Bella Orphã gostava, e muito, de passar no jardim a sua hora matutina em completa liberdade; e seu jardim podia ser quasi todo devassado pelo pequeno sotão da velha casa; mas a janella d'esse sotão, que podia incommodar a moça, não se abria nunca; e por consequencia nenhum morador lhe devia ser tão agradável, como essa pobre velha, que parecia amar a obscuridade, e tinha as janellas sempre fechadas.

Apezar do muito que pareça máo gosto, a despeito mesmo de que erro se julgue abandonar uma personagem ainda pouco conhecida, para nos irmos occupar já de outras por sem duvida baldas do interesse, que terá podido merecer a primeira; perderemos de vista, por um momento, a Bella Orphã, para travar conhecimento agora com a velha bruxa. Ainda bem, que não é peccado, n'este caso, desprezar o caminho do céo, a fim de penetrar no interior do Purgatorio.

Erão oito horas da noite.

A saleta do Purgatorio-trigueiro estava fracamente allumiada por uma unica luz deposta sobre antiga mesa redonda, junto da qual tomavão café e pão velha Irias, e um mancebo de agradável presença, que deveria contar cerca de vinte annos; uma escrava da mesma idade, que a primeira, esperava de braços cruzados, e a alguma distancia, a terminação da cêa.

Irias era uma mulher septuagenaria, alta, magra, de cabellos completamente brancos, de olhos verdes, que

Jev  
ann  
vivo  
e be  
escu  
por  
O  
e an  
dos,  
darc  
desr  
infer  
vez  
conc  
o al  
desd  
cas e  
final  
toad  
En  
cebo  
n'ell  
lanç  
vezes  
mom  
Te  
rezán  
esra  
Un  
man  
obse  
O m  
barba  
sobre  
tregu


 ieb


deverião ter sido bellissimos, e que ainda aos setenta annos ella os conservava sempre repletos de fogo e de vivacidade : tinha ainda todos os seus dentes iguaes, alvos e bellos : vestia n'essa noite um simples vestido de chita escura sem enfeite algum, e escondia os cabellos brancos por debaixo de um lenço de Alcobaça atado á cabeça.

O mancebo era de estatura regular : tinha cabellos pretos e annelados, e a fronte elevada e bella ; seus olhos pardos, que ás vezes por passageiros instantes se accendião e dardejavão olhares ardentes, mostravão-se de ordinario desmaiados e amortecidos ; por baixo de suas palpebras inferiores desenhavão-se olheiras roxeadas, e filhas talvez da vigilia e do estudo : a tez pallida d'esse mancebo condizia enfim perfeitamente com o parecer melancolico e abatido, e com o silencio obstinado que guardava desde o começo da refeição : estava elle de calças brancas e com um lencinho de seda encarnada ao pescoço, e finalmente vestia um chambre de riscadinho azul abotoado até em cima.

Embora a melancolia devesse ser natural n'esse mancebo, é provavel que alguma cousa, fóra do commum, n'elle houvesse n'aquella noite ; pois que a velha Irias lançava-lhe de relance vistas perscrutadoras, e elle cem vezes tinha já estremecido, como por uma horripilação momentanea e subita.

Terminada a cêa, a velha e o mancebo erguerão-se, rezarão, e tornarão a sentar-se, ao mesmo tempo que a escrava retirou de sobre a mesa o velho serviço.

Uma hora longa e muda passou então para aquelle mancebo, que meditava, e para aquella velha, que observava.

O moço tinha deixado cahir a cabeça até encostar a barba na mão esquerda, apoiando-se com o cotovello sobre a mesa : parecia esquecido de si mesmo, e só entregue a um profundo cogitar de reconditos pensamentos;



  
iebo

pesadas idéas como que se lhe exhalavão d'alma, e se lhe ião encrestar em sua fronte elevada, cujas rugas horisontaes poderião dizer-se ondas de um animo em tempestade.

A scena de concentração e de silencio se foi prolongando mais e mais, sem que o mancebo podesse arrancar-se dos braços de um pensamento em que, talvez apezar seu, se achava embebido; e sem que tambem a velha ousasse despertar o moço d'aquelle completo somno da materia, que deixa a alma livre toda entregue a esse vivissimo trabalho, que os homens chamão meditação.

O toque de recolher veio despertar o mancebo: o som dos bronzes pareceu tocar dolorosamente sua alma; e elle erguendo-se immediatamente, e sacudindo a cabeça como para espalhar o enxame de tristes idéas, que a pejavão, córou, olhando para Irias, e disse:

— E' tarde: boa noite, minha mãe.

Tomou então uma vela, accendeu-a, e sumio-se por um corredor estreito e humido, no fim do qual encontrou a escadinha do sotão, que vagarosamente galgou.

A velha em silencio o abençoou, e duas lagrimas grossas e brilhantes vierão pendurar-se das palpebras de seus olhos verdes, semelhantes a gotas de orvalho prestes a tombar do ápice de duas folhas de uma arvore secular.

Mas quem era esse mancebo?...

Chegado á casa de Irias apenas ha dous mezes, fóra recebido como um extremosamente amado filho; e logo após sua vida corrou triste mysteriosa, desconhecida e abafada, como alguns d'esses lugubres pensamentos nocturnos, que no leito concebem, e que no leito se deixão até o repousar da seguinte noite.

Sem um unico amigo; só, Candido (este o nome do mancebo) deixava o pequeno sotão do Purgatorio-tri-

que  
elle  
a c  
E  
que  
lum  
ter  
por  
fred  
Jac  
tin  
tant  
nh  
de J  
E  
seg  
tad  
E  
ror  
e m  
fech  
ravn  
ali d  
M  
E'  
rude  
ali f  
apoc  
leve  
é fo  
igua  
lado  
fica  
pass

ieib



gueiro pouco depois do amanhecer, e voltava de novo a elle, quando a noite desdobrava o manto das trevas sobre a cidade do Rio de Janeiro.

E ninguém tinha até então notado n'aquelle mancebo, que duas vezes por dia passava triste e silencioso o lumiar da porta do Purgatorio-trigueiro : apenas o par terrível o observava cuidadoso : Jacob o tinha seguido por vezes, mas parára vendo-o entrar em uma muito frequentada rua da côrte na casa de um advogado : Jacob, que fôra escrivão, detestava a justiça agora, e tinha medo de quem com elle estava em relação ; e por tanto, mesmo para os dous maldizentes e curiosos vizinhos, a vida de Candido era um mysterio... o pesadelo de Jacob... o tormento de Helena.

E o resto de sua vida, a noite, era ainda um novo segredo até para a velha Irias ; era um segredo sepultado dentro de antigo sotão.

E a filha de Paulo Angelo, ao romper de todas as auroras, passeava negligente e descuidada pelo seu jardim, e mal podia adivinhar, que a essas horas a janellita fechada do triste sotão do Purgatorio-trigueiro encerrava um mancebo em toda força dos annos, que então alli descansava, ou... quem sabe, o que elle fazia ?

Mas quem era esse mancebo ?...

E' meia noite. Uma luz pallida e fraca allumia uma rude camara, cujas paredes mal rebocadas, e já aqui e ali fendidas, ameação desabar bem cedo : taboas já meio apodrecidas, e que rangem ao pisar de um pé menos leve, fazem o assoalho d'essa camara, que nem ao menos é forrada : no fundo vê-se uma pequena janella, e iguaes a esta duas outras, que se abrem uma para cada lado : todas tres se achão fechadas : mas n'aquelle, que fica á direita, uma fenda larga de tres dedos deixa passar os raios da lua, que vem inundar o interior



  
ieb

d'aquelle aposento resfriado incessantemente pelas brisas da noite, que entrão pela fenda da janella.

Vê-se ao lado esquerdo uma mesa pequena, e sobre ella tudo o que é demister para escrever: defronte d'essa uma outra muito maior coberta de livros, de papeis e de estampas; não longe d'esta um leito baixo e estreito, a um canto uma harpa, cujas cordas, pela maior parte rebentadas, attestão o esquecimento de seu dono.

Eis o sotão do Purgatorio-trigueiro todo completo.

Na hora em que fizemos a descripção da camara d'esse sotão, a qual era o sotão inteiro; á meia noite, um mancebo achava-se sentado junto da mesa pequena, e tinha o rosto cahido sobre um livro, onde acabára de escrever algumas linhas: seu braço direito estendia-se sobre a mesa, e elle apertava ainda a penna entre os dedos.

Candido havia involuntariamente adormecido.

Quem se tivesse então collocado por trás do mancebo e lhe affastasse um pouco a cabeça, poderia ler uma pagina do livro da vida d'aquelle homem. Este livro era o seu diário, a urna onde sepultava os pensamentos de cada um de seus dias.

Uma pagina apenas se offerece a saciar nossa curiosidade: eis pouco mais ou menos, o que estava escripto.

« 15 de Setembro ». Hoje foi como hontem, e amanhã será como hoje: o porvir começa a desenhar-se a meus olhos sob a fórma de um esqueleto: não ha nada novo na minha vida. E' sómente a mocidade, que tem por seu passado a infancia, que ainda não geme nem medita, que goza já e ainda espera; é sómente a mocidade quem se pôde sorrir para a vida: e todavia eu que sou moço, moço dos melhores annos, eu me não posso sorrir para ella!... quando pois o farei?... quando for velho?... mas o velho chora os erros do passado, chora

ieb



o soffrimento do presente, chora a morte, que é todo o seu futuro, e emfim medita sobre a eternidade : por consequencia eu nunca me hei de sorrir para a vida.

« 16 de Setembro ». Terrível sonho tive eu a noite passada : dormindo, vi uma mulher, que se envergonhava de me olhar... era minha mãe !... eu a estive vendo, como se a houvesse algum dia conhecido... eu chorei ajoelhado a seus pés, e ella praguejou contra mim, porque eu sou a prova do seu erro : amaldiçoou-me, porque eu sou para ella (talvez !) um remorso, que incessante a dilacera. Preciso repetir mil vezes a mim mesmo, que isso foi um sonho : porque achar minha mãe é a unica esperanza, que n'este mundo tenho, e ser amado por ella, uma ambição desesperada. Eu adoro a minha mãe sem tê-la nunca visto ; daria minha vida por uma benção d'ella. Meu Deos ! dai-me minha mãe !

« 17 de Setembro ». Ha sómente dous sentimentos capazes de encher toda a alma de um mancebo : são elles — amor, e ambição. — Careço de bases para desen, volver qualquer dos dous. Para mim por tanto não ha felicidade possível : é horrível a vida do homem, que tem um coração cheio de amor, e carece de quem lhe aceite esse sentimento de fogo ; que possui um pensamento repleto de nobre ambição, e não tem azas para voar ao ponto que mira. Disserrão-me um dia, que eu tinha talento e genio ; pois sim ; supponhamos que se não enganarão : tenho talento e genio, mas não posso deixar a obscuridade ; porque se eu sahir em claro dia, o primeiro que me encontrar, perguntar-me-ha — quem és tu ? — e eu não terei uma palavra para responder-lhe : tenho talento e genio ; porém se amar uma mulher, ella ha de rir-se de minha audacia, de minha loucura, ha de zombar do pobre que a ama ; e se fór tambem louca para chegar a amar-me, terá de descer muito para ir até o fundo do abysmo onde a sociedade tem posto em exilio o homem pobre.



Oh ! é preciso pois passar pela vida sem gozar nenhum d'esses grandes affectos... sem ter pais, que me abençoem ; sem ter esposa, com quem me identifique ; sem ter filhos, em quem me sinta renascer. Oh !... só ! sempre só.

« 18 de Setembro ». Não foi uma visão, meu Deus?... será possível que fosse realidade?... o que se está passando ainda agora, o que eu tenho na cabeça, o que eu sinto no coração não se exprime... não se descreve... não, é impossível ; mas fica eternamente impresso n'alma.

« 19 de Setembro ». Oh !... era... é realidade !!

« 20 de Setembro ». Minha mãe, perdão ! tres dias são passados, sem que eu vos desse mais que momentaneos pensamentos ; forão tres dias de embriaguez ou de somno ; mas em fim eis-me despertado. Sim... dormi, porque cheguei a esquecer-me de minha posição e de minha desgraça ; em castigo porém aqui estou eu agora mais desgraçado que nunca. O que eu soffro... as lugubres idéas que me fervem no cerebro, não serão aqui exhaladas : não ! eu tenho vergonha do que soffro ; se aqui as escrevesse, e depois alguem a meus olhos lêsse este papel, eu creio que morreria de pejo. E todavia eu precisava tanto de escrever!... quando se tem derramado em um papel aquillo, que n'alma se está sentindo, o coração de quem soffre como que fica livre de um peso enorme. Eia pois... escrevamos sempre... um nome só... não ! um nome não : bastão duas lettras — Ce — ».

Com essas duas lettras tinha-se exactamente terminado a pagina, de que copiamos os anteriores pensamentos.

Candido havia parado de escrever ; e provavelmente, sem querer, adormecera com o rosto cahido sobre o papel, e os labios sobre aquellas duas lettras — Ce.

E' possível que o seu ultimo pensamento da vigilia



fosse o dar um beijo nas duas letras, que parecia ser-lhe tão caras.

Prolongou-se o dormir do mancebo até quasi o amanhecer; hora em que, como se o proprio coração o despertasse, ergueu-se elle rapido; e foi até á fresta, que havia na janella do lado direito.

A noite ainda não se tinha de todo dissipado.

— Ainda é cedo; disse.

Mas ficou no mesmo lugar, olhando pela fresta; e disse-ia, que esperava vêr d'ali cahir sobre a terra o primeiro raio do sol.

Pela fenda da janella, a que Candido se chegára, e onde permanecia devassava-se quasi todo jardim do Cêcôr de rosa: ao fundo d'este via-se um pequeno e gracioso caramanchão coberto de trepadeiras de mil especies.

As auras da madrugada entram pela fenda da janella do sótão impregnadas de mil embriagadores perfumes, como o bafo de cem anjos, que a um só tempo respirassem.

A luz incompleta e dudivosa do comecar do dia, tinha succedido essa outra, que acompanha o primeiro rubor do oriente, que é como um sorrir de saudação e de amor, que o sol offerece á terra.

De repente Candido estremeceu da cabeça até os pés; inclinou-se para diante, e sua perna direita recebeu todo peso de seu corpo: operou-se então em seu semblante, e em todo elle, uma mimica expressiva e eloquente: os olhos vivos e animados parecião acompanhar um unico objecto com olhar apaixonado, ardente e cheio de fascinação magnetica; rubor febril embellecia-lhe as faces... suas narinas se dilatavão pouco a pouco; a boca entreaberta deixava passar sua respiração suspirosa e comprimida, e ao mesmo tempo sua mão esquerda apertava o peito no lugar do coração, que palpitava forte e fre-



  
ieb

quente, como em uma hora de perigo; tremor nervoso, porém leve, agitava-lhe todo o corpo.

Tudo isso era a alma virgem de um joven, que por suas mil bocas saudava a apparição de uma mulher formosa.

Com effeito abrira-se uma pequena porta, que do Céu côr de rosa deixava para o jardim, e uma mulher tinha-se misturado com as flores.

Era uma moça de dezeseis annos : mercê da hora e do lugar, vinha elle em livre desalinho : vestia em vestido azul claro, leve, de mangas curtas, e comprido, como é moda ainda hoje : cabellos castanhos quasi pretos cahião bastos, longos e ondeados até um palmo do chão, de modo a fazer inveja a essas Gregas, de quem falla Gemelli ; sua fronte era branca e lisa ; seus olhos azues e bellos, como os das mais bellas mulheres do Norte : fugitivo rubor lhe assomava ás faces : formavão sua boca breve e ornada de lindissimos dentes, dous labios humidos e rubros, como o bico de uma trocaz : seu nariz era bem feito como os das beidades da Circassia ; e a seu collo altivo e branco como a neve seguia um seio alvo... palpitante... perigoso de se contemplar...

Delgada e graciosa como a palmeira de nossos bosques, essa moça com cintura de Georgiana, com suas mãozinhas delicadas e finas, com seus pés de menina, com todas as suas fórmas mimosas e puras, mostrava-se verdadeiramente encantadora.

Era uma d'essas bellezas delicadas e flexiveis, a quem um homem apertaria a mão muito de leve, e teria ainda assim mesmo medo de haver offendido seus brandos tecidos ; a quem um esposo beijaria no rosto com a ponta dos labios, temeroso de desbotar-a com o simples toque d'elles ; era um d'esses typos de brandura delicado fino, como uma violeta, um hyacintho ou um petalo de rosa.



ieb



Era a Bella Orphã.

A interessante moça passeou durante alguns momentos por entre suas flôres; examinou o estado de seus arbustinhos mais queridos; enfim chegou-se a uma roseira, e colheu um botão de rosa.

Tinha colhido a sua imagem.

Entrou depois no caramanchão, e reclinou-se negligentemente em um banco de relva: aproveitando a inclinação d'esse bello corpo, e ajudados pelo impulso dos zephyros, os cabellos da moça derramárão-se sobre ella.

Quem a visse então debaixo d'aquelle tecto de flôres, reclinada em um leito côr de esmeralda, com seu seio e seu collo cobertos pelas longas madeixas quasi negras, com seu comprido vestido azul celeste agitado pelas auras, com seu rosto tão bello como surgindo d'entre aquella chusma de anneis de madeixas, a julgaria talvez uma encantadora fada, ou tomal-a-ia pela visão de um sonho.

A moça parecia esquecida de si propria na posição que tomára, quando em brando raio do sol que acabava de nascer, veio reflectir sobre seu rosto.

Então ergueu-se, e olhando como em despedida para suas flôres, sahio do caramanchão, e pouco depois desapareceu pela pequena porta por onde tinha vindo.

O anjo acabava de entrar no céu.

Candido, immovel, silencioso, e em extase, havia acompanhado com seu olhar magnetico aquella mulher angelica em todos os seus movimentos. Vendo-a desaparecer, exhalou um suspiro longo e doloroso, que talvez desde muito suffocava no coração; e enfim pronunciou vagarosamente, com enlevo indizível, e arrastando-se por cada uma syllaba, um nome, só um nome, como se esse nome fosse um hymno completo, e em cada uma de suas syllabas achassem seus labios mellifua doçura.

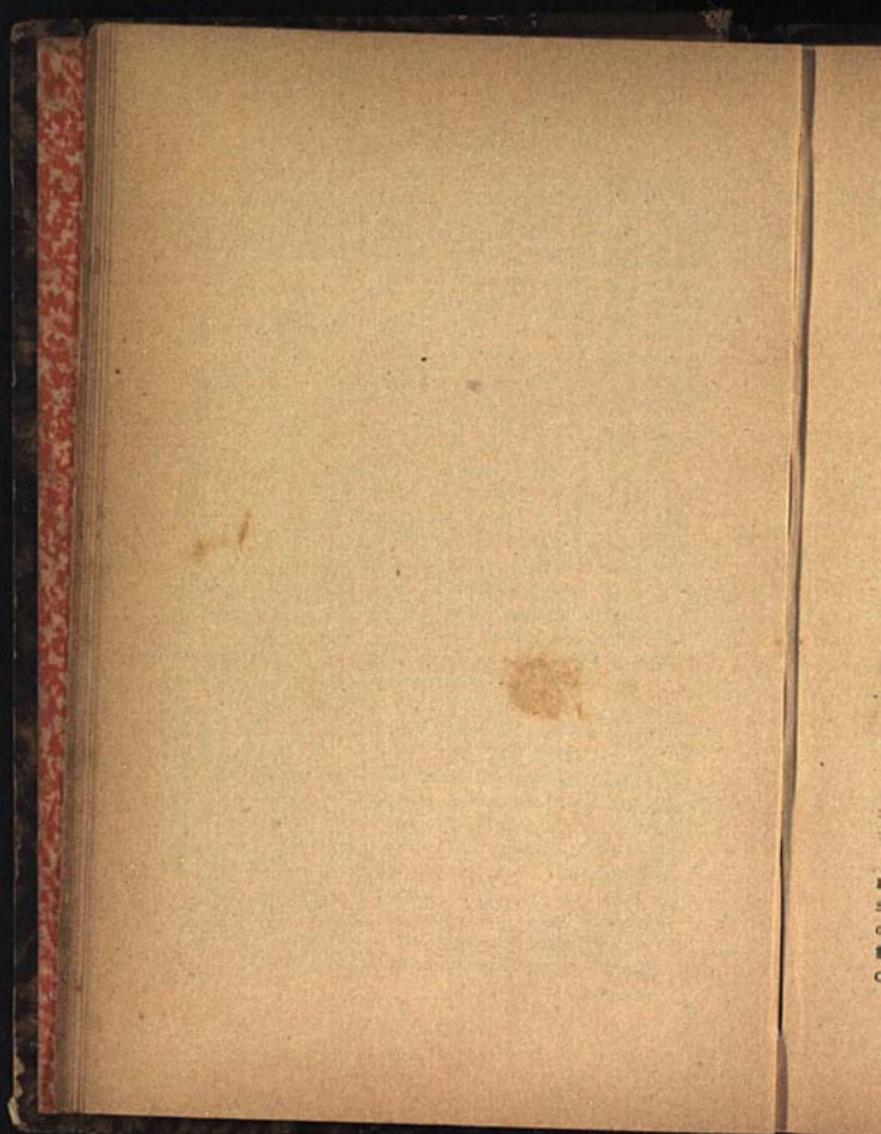
Elle disse pois baixinho e preguiçosamente:

— Celina.



  
ieb

ie b



**A tia de Celina.**

Celina acabava de entrar na sala para entregar-se a seus estudos de musica, que ella amava sobretudo, quando sua tia veio correndo para ella, e com uma explosão de alegria infantil exclamou abraçando-a:

— Celina! eu sou feliz... immensamente feliz!...

A Bella Orphã deixou-se levar por Marianna até o sofá, onde se sentáráo juntas: a sobrinha muito admirada, e a tia rutilante de jubilo.

Marianna era uma d'essas mulheres que ainda são moças aos quarenta annos: contava ella então trinta e seis, dizia que tinha trinta, e julgal-a-ião com vinte e cinco: era um verdadeiro typo das bellezas dos tropicos: tinha os cabellos longos e negros como o azeviche, os olhos grandes, pretos e tão brilhantes como o sol do

  
ieb

Brasil; o rosto perfeitamente bem talhado, e de uma côr morena muito pronunciada: o nariz era bem feito, e suas narinas cedendo ás vezes a um ardor natural, se dilatavão com força; tinha labios eroticos, e riquissimos dentes; a boca um pouco grande, mas engraçada; abaixo de seu pescoço garboso e acima de seus seios pequenos e palpitantes, nem de leve se desenhavão suas clavículas; cintura delgada, braços grossos com perfeição torneados, mãos lindissimas e pés de Brasileira, completavão os encantos d'essa mulher.

Começando ella então a engordar, nada porém havia perdido da elegancia de suas fórmas; ao contrario estava mais elegante ainda: alta e graciosa, cada posição que seu corpo tomava tinha um encanto particular, cada um de seus movimentos accendia um desejo perigoso; seu olhar era ás vezes um desafio, uma provocação; seu sorrir quasi sempre uma magia poderosa, sua voz uma harmonia que ficava no coração para se ouvir sempre, ainda mesmo ausente d'ella: a voluptuosidade e o ardor estavão derramados em toda essa mulher, que deveria ter sido e era ainda objecto de cultos perigosos.

Sobretudo, Marianna sabia que era bella, e se ufanava de sel-o: quando um homem chegava-se a ella, havia de pagar-lhe por força o seu tributo de admiração, porque Marianna lh'o pedia com a provocação de seus olhos; e se o homem resistia, lh'o ordenava com a magia de seu sorrir, e enfim lh'o impunha com a harmonia de sua voz.

Viuva ha tres annos, julgára com sua vaidade de bella, que as vestes de lucto não fazião sobre-sahir seus encantos; e um simples lencinho preto, que ás vezes lhe ornava o collo, era menos um signal de viuvez, do que um enfeite que a tornava dobradamente interessante: aquelle lencinho preto parecia estar dizendo « sou livre... podem dizer que me amão. »



Marianna era finalmente a menina dos olhos de seu velho pai, e a amiga e companheira da Bella Orphã.

— Celina, eu sou feliz!... immensamente feliz!... tinha ella já tres vezes exclamado depois que se sentára no sofá ao lado de sua sobrinha.

— Mas porque!... o que ha então minha tia?

Ficou Marianna pensando alguns instantes, depois abraçou, e repetidas vezes beijou a Bella Orphã; e disse:

— Olha... por isto; porque muitas vezes nós precisamos abrir o nosso coração a alguem que juntamente conosco chore nossos pezares, e frua nossos prazeres, é que te eu tenho dito mil vezes, que nós nos devemos amar como duas amigas, ou melhor ainda, como duas irmãs que se amem muito: para que estes nomes de tia e sobrinha?... chama-me Marianna, como eu te chamo Celina.

— Senhora...

— Sim... fiquemos n'isto, continuou Marianna beijando de novo Celina; eu nunca mais te hei de responder quando me chamares como até agora — minha tia. — E's muito mais moça do que eu, mas tambem podes olhar-me, não sou nenhuma velha, e somos ambas bonitas.

— Pois sim; eu prometto.

— E agora o que é que queres saber?...

— Porque se julga minha tia tão feliz.

— Não respondo.

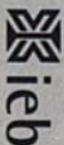
— Ah!... perdão!...

— Pois pergunta de novo, disse a viuva, rindo-se.

— Porque te crês tão feliz, Marianna?...

— Escuta: para responder-te d'aqui a um instante, eu preciso perguntar-te uma cousa: juras fallar-me de coração?...

— Sem duvida.



— Pois bem : Celina, sabes o que é amar... amar um homem que não é nosso pai, nem nosso irmão ?...

A Bella Orphá córou até a raiz dos cabellos, e sua perturbação augmentou-se quando vio que Marianna se estava rindo de vê-la assim.

— Oh ! não te perturbes, não córes tanto : lembra-te que estamos sós, e que somos como duas irmãs que se amão muito. Responde francamente : amas já alguém ?...

— Não, Marianna.

— Fallas verdade, Celina ?...

— Fallo verdade, respondeu a moça com os olhos no chão.

— Mas com dezeseis annos, tão bonita e tão viva que és, tu já deves ter pensado n'esse sentimento de fogo, que mais cedo ou mais tarde sempre experimentamos; fazes já idéa do que seja amar um homem ?...

— Não sei... talvez... tenho lido.

— E então ?...

— Mas eu tinha perguntado por que te julgavas feliz, Marianna !

— E' porque amo, Celina.

— Eu o suppunha.

— Tu o suppunhas ?... e a quem acreditavas que eu amava ?...

Celina hesitou.

— Falla, disse Marianna.

— O Sr. Salustiano.

Marianna fez um movimento de horror.

— Oh !... nunca ! exclamou ella.

— Como !... pois não é ?

— Eu o detesto... eu o aborreço, como se aborrece um malvado.

— E' possível ?!!!

— Pobre menina !... tu ainda não sabes o que é o mundo : vê-me rir para esse homem, vê como ambeço

conversamos e mutuamente nos festejamos, e, como com outras pessoas, pensas que o amo e sou por elle amada: pois bem; eu detesto esse homem, e elle sabe que eu o detesto.

Uma nuvem de immensa tristeza passou pelo rosto de Marianna ha pouco expandido pelo prazer: ella ficou muda e pensativa, até que Celina arrependida do que tinha dito, tomou-lhe uma das mãos entre as suas, e fallou-lhe docemente:

— Está bem, Marianna, esqueçamos esse vaidoso mancebo, de quem tambem não gosto, e fallemos sobre aquelle que te é caro.

— Oh! sim! fallemos!... exclamou, como despertando de um sonho, a bella viuva, em cujo semblante radiou de novo o prazer.

— Eu o conheço?...

— Creio que não.

— Muito moço, não é assim?...

— Trinta e dous annos.

— Bonito?...

— Oh! pelo menos eu o julgo tal.

— E's amada?...

— Era, disse Marianna soltando um suspiro.

— Desde quando?...

— Ha seis annos.

Celina tornou-se pela segunda vez muito córada, e sem poder occultar um movimento de desgosto, disse:

— Eras casada n'esse tempo, Marianna.

— E' verdade, respondeu a viuva: escuta o que eu precisava dizer a uma amiga, para que ella ficasse conhecendo o meu coração, e depois fallasse muitas vezes comigo sobre o meu amor.

Celina fitou os olhos em Marianna, que começou logo a fallar.

— A historia da minha vida, Celina, se assemelha á



de um numero immenso de moças : não te cansarei pois alongando a. Aos quatorze annos já o meu espejo me tinha di o ue era bella, e desde que o soube, sonhei, como todas nos sonhamos aos quatorze annos, sonhei como tu sonhas aos dezeseis, com um mancebo formoso e interessante, que o céo por força deveria ter formado de proposito para mim ; que seria meu esposo, que me amaria com ardor indizível em meu primeiro dia de noivado, e que d'ahi a cem annos, elle e eu, moços sempre, elle sempre com seus vinte annos, e eu sempre com meus quatorze annos, bellos e felizes nos amariamos com o mesmo ardor indivizel, do primeiro dia de noivado. Fui amada, requestada, e ás vezes feliz : recebi cem proposições de casamento: de seu lado meu pai rejeitou cincoenta, que erão feitas por mancebos gentis, namorados, bailistas; e que, segundo dizia meu pai, sabião tudo, tudo, menos trabalhar: por minha parte rejeitei as outras cincoenta que me erão dirigidas por nobres e ricos senhores de cabellos grisalhos e elegantes carruagens, que, em minha opinião, merecião tudo, tudo, menos o meu amor. Emfim cheguei aos meus vinte e quatro annes... oh Celina ! eu tive medo, quando um dia me lembrei que tinha já vinte e quatro annos, e estava ainda solteira!...

Celina notando no tom serio com que Marianna pronunciou aquellas ultimas palavras, não pôde deixar de sorrir-se.

— E' porque tu não sabes, Celina, o que se passou então dentro de mim. Nas sociedades parecia-me ouvir dizer — coitada! — quando eu passava perto de um círculo de cavalheiros; eu julgava-me offendida no meu orgulho, rebaixada na convicção que eu tinha de ser bella; bella sim, e mais bella que as outras, quando eu via entrar na sala pelo braço de seus maridos, minhas companheiras de collegio, algumas mais moças que eu

e nenhuma tão bonita como eu mesma me suppunha!... Oh Celina!... eu sentia que o sangue me estava subindo á cabeça n'aquelles terriveis momentos; concebia desejos de matar-me, e ás vezes fugia para o toilette, e chorava como chora uma creança em desespero!...

A Bella Orphã começava o ouvir com interesse a relação d'aquelles segredos intimos de um coração de mulher.

— Em outras occasiões, proseguio Marianna, conversava-se familiarmente em uma roda de moças; passava-se da discussão sobre o ultimo saráo a fallar-se á cerca de vestidos e modas, e emfim se succedia cahir a conversação a respeito de idades, era para mim um supplicio acerbo obrigarem-me a dizer a minha: eu mentia, Celina, eu dizia que tinha dezoito annos, e dentro de mim soffria horriveis torturas, vendo como aquellas que me conhecião, sorrião-se e beliscavão-se ouvindo-me mentir diante d'ellas!

— Uma vez, continuou a viuva, era em um brilhante saráo; Mathilde, a minha melhor amiga, passeava conversando comigo; de repente parou, e como inspirada por um demonio, disse-me: — Ah! é verdade, Marianna, é preciso cuidares de casar-te; estás te fazendo velha!... — Oh!... então eu tive vontade de matar a minha melhor amiga. Fugi d'aquelle saráo... disse que estava doente; meu pai trouxe-me para casa cheio de cuidados; eu corri a esconder-me no meu quarto, e passei a noite inteira chorando. No outro dia (foi certamente o meu destino, Celina) meu pai mandou-me chamar á sala; estava com elle um homem que eu havia encontrado algumas vezes, mas que nenhuma attenção me merecera: esse homem vinha pedir a minha mão; meu pai deu-me a liberdade de responder, e eu, sem perguntar quem elle era, qual o seu nome e o emprego que na sociedade exercia, disse-lhe que — sim! — e passado



  
ieb

um mez eu era mulher de um homem que não amava, e de quem podia ser filha.

— Mas foi uma loucura!... exclamou Celina.

— Oh! sim, foi, e cara tive eu de pagal-a. Eu tinha feito, sem o pensar, o sacrificio de minha vida; não me era porém então doloroso, porque meu coração estava livre... eu não amava. Mas parece que Deos quiz castigar-me de prompto; porque Deos, Celina, não abençoá a união d'aquelles que se não amão. Logo na noite de nossas nupcias, meu marido me apresentou um mancebo de nome Henrique, e me convidou a abraçar n'elle o seu primeiro amigo; e n'essa mesma noite por tanto vi um homem que preferi a meu marido. E d'ahi por diante todos os dias sempre esse mancebo bello, nobre, ardente, de olhos tão lindos, e um sorrir tão meigo, se apresentava diante de mim, ao pé de meu marido pallido, abatido, com os cabellos começando a embranquecer, sem espirito para comprehender a mulher que desposára, e sem poder ser amado por ella!

— Oh! devia ser horrivel!... murmurou a Bella Orphã.

— Como chorei então a minha vida de solteira!... sim, eu estava passando novos tormentos, tormentos dobradamente dolorosos: d'antes era a minha vaidade que me perseguia, mas que eu poderia vencer, e rir-me d'ella se tivesse sido menos louca, então era um poder mais forte, era o meu coração que se tornára meu inimigo, que me pedia o que eu não podia dar-lhe, e que, apezar meu, a despeito de meus esforços para subjugal-o, mesmo junto de meu marido e principalmente a seu lado, elle me bradava — amo Henrique!...

— E esse segredo terrivel... ia perguntando Celina.

— Este amor funesto e invencivel, continuou Marianna sem attendê-la, eu o sentia ir crescendo mais e mais todos os dias; para cumulo de minha desdita, para tor.



nar-se mais imminente o perigo em que eu me achava, Henrique amou-me perdidamente: oh! e nos momentos em que eu contemplava esse nobre mancebo a hesitar quando me fallava; a lançar-me a furto olhares ardentes, a tremer quando me dava o braço, a suspirar involuntariamente se a meu lado se sentava, e tão forte, e tão grande, e tão fiel a seu amigo, que nunca achava uma phrase terna para me dizer, e que sempre tantos elogios tinha para fazer a meu marido; eu amaldiçoava os laços que me prendião, concebia outra vez desejos de matar-me, e outra vez escondida no meu quarto, chorava como chora uma creança em desespero !...

— Oh! devia ser horrivel! repetio Celina.

— Uma vida como essa não podia ser por muito tempo carregada. Eu via Henrique ir definhando pouco a pouco, como um arbusto que vai morrendo com suas folhas já murchas, e suas flôres cahindo: tive mil vezes vontade de lançar-me a seus pés, e lhe pedir que vivesse; veio-me mil vezes aos labios a confissão do amor que lhe votava; mas, hemdito seja o amor do homem virtuoso! aquelle nobre silencio do mancebo, aquelle santo respeito com que elle me tratava, aquella fidelidade que elle tinha a meu marido, me sustiverão na posição de esposa honesta. Emfim, Henrique teve tambem medo de si, e fugio-nos...

— Fugio?...

— Sim, ha tres annos; seis mezes antes da morte de meu marido, Henrique partio para França. O que se passou no dia em que elle deixou-nos, não posso bem descrever; sei que eu estava só quando Henrique veio despedir-se; sei que nenhum de nos pronunciou uma unica palavra, que não podesse ser proferida em alta voz e diante de todos; mas sei tambem que apezar d'isso, elle levou a certeza de meu amor, deixou-me a certeza do seu; e lembro-me emfim, que n'esse mesmo dia meu



pai me pedio de joelhos, de joelhos, Celina que eu tivesse piedade de meu marido, de seus cansados annos !...

— E agora?...

— Agora, Celina, tu m'o perguntas?... exclamou Marianna com novo arrebatamento de prazer : agora eu o amo como d'antes, ou mais ainda; eu quero ser d'elle; eu o amo, ouvistes, eu o amo!

— Comprehendo; mas...

— Mas o que?...

— E' que o teu prazer, Marianna, se mostra hoje tão grande como a distancia que te separa de Henrique.

— Oh! não! graças a Deos, Celina, elle chegou... desembarcou hontem, e hoje escreveu a meu pai, pedindo licença para visitar-nos : vê... lê comigo a sua carta.

Marianna tirou do seio um bilhete todo perfumado, e tres vezes o leu a Celina.

— Portanto hoje mesmo devo tornalo a vêr! Ah! Celina, se eu pudesse fazer-me mil vezes mais bella!... porque eu amo... muito... muito... tanto, que seria capaz de dar a vida por elle, e capaz de matar a mulher que se atrevesse a amal-o!

A Bella Orphã, ingenua, innocente, sem ter jámais experimentado esses sentimentos desabridos e perigosos, que fazem fallar com a vehemencia com que fallava Marianna, olhava para esta, attonita e sem se atrever a pronunciar uma só palavra.

E tambem a viuva aprazia-se d'aquelle silencio : quem ama e falla do seu amor, estima não ser interrompido, gosta de discorrer horas inteiras repetindo mesmo o que já disse mil vezes, e começando de novo a historia que exactamente acaba de contar.

Finalmente Marianna sentio que já tinha o coração



mais leve, ergueu-se, e abraçando ainda Celina exclamava :

— Eu sou feliz ! immensamente feliz !...

Quando um escravo appareceu á porta da sala, e annunciou o Sr. Henrique.

Marianna deixou-se cahir de novo no sofá; e foi só depois de alguns instantes, que disse com voz muito tremula e commovida ;

— Que entre.

Levantou-se a custo para receber o antigo amante.

Era um homem alto e bello; seus olhos pretos lançavam olhares brandos que condizião perfeitamente com o sorrir meigo e um pouco melancolico de seus labios : tudo n'elle era nobre e sério ; tudo n'elle desafiava sympathia : bemfeito, trajando com gosto, mas sem extremar-se em modas; era emfim um bello homem ; um cavalheiro completo.

Entrou perturbado e tremulo; como estava Marianna.

Depois dos primeiros cumprimentos, disse com visivel commoção :

— Cheguei hontem, sennora, e meu primeiro cuidado foi correr a depositar meus respeitos aos pés da viuva do meu melhor amigo.

— Obrigada, senhor, respondeu Marianna a tremer; é muito lisonjeiro para mim, que me coubesse aqui o seu primeiro cuidado. Vejo que se não esqueceu de nós...

— Oh !... nunca !... exclamou o mancebo animando-se.

— E tambem nós, senhor; nunca !...

Sem se poder explicar a razão, Celina sentou-se por seu turno, perturbada, começou a córar muito, e conheceu que não podia ficar ali mais tempo.

Aquella scena de amor, como que offendia sua innocencia de virgem. Ella ergueu-se, e disse a Marianna :



— Devo mandar participar a meu avô a visita do senhor?...

— Sim; murmurou a viuva.

Celina deixou a sala.

Henrique e Marianna ficarão a sós por cinco minutos. Marianna não era mais uma senhora casada.

Quando, no fim dos cinco minutos, entrou na sala o avô da Bella Orphã, Marianna já sabia que tres annos de ausencia não tinham podido arrefecer a paixão ardente que lhe votava Henrique.

Era um amor que recomeçava.



visita do

minutos.

sala o  
annos  
ardente

#### IV

#### Dia de finados.

Ha no anno dous dias que são verdadeiramente pomposos na cidade do Rio de Janeiro : o de quinta-feira de Endoenças, e o da commemoração dos defunctos.

No primeiro d'elles adora-se o lenho sagrado, imagem d'aquelle em que no Golgotha foi crucificado o Filho da Rainha das Virgens.

O segundo pertence á religião dos tumulos.

Pois com serem tão grandiosos e sublimes, tão cheios de intima dôr, e de tremenda verdade os pensamentos que presidem esses dous dias, ainda assim ha n'elles sacrilegio e vaidade.

Ha o sacrilegio dos homens, e a vaidade das mulheres de quasi todos.

Uma multidão de mancebos corre um por um todos os



ieb

templos na quinta-feira santa, e sem que os intimide nem contriste o aspecto solemne das igrejas, o effeito d'essas mil luzes que se queimão nos altares, e o profundo silencio que n'elles reina; no meio dos poucos a quem um verdadeiro sentimento religioso affasta da terra e aproxima do céo, elles profanão o sanctuario requestando as mulheres, e zombando dos mysterios.

E as mulheres, as mulheres em quem a religião, além de um dever, é ainda, mais que em todos, uma necessidade e um encanto, tem entre si muitas que olhão a noite sagrada como o ensejo feliz de ostentar suas graças e suas galas; e lá mesmo, no seio dos templos, suas orações não chegam nunca ao céo, porque as desconceituão as murmurações que de envolta com ellas cahem na terra.

Em o dia de finados, o dia de lucto que os homens tem tornado de festa; o dia do pó, a recordação do nada que somos, é em nosso tempo a demonstração viva e solemne do muito que pretendemos ser.

Uma palavra diz tudo: no dia da commemoração dos defunctos, a vaidade dos vivos levanta seu throno sobre o tumulto dos mortos.

E portanto ainda n'esses dous solemnes dias nós demonstramos crime e fraqueza.

Em quinta-feira de Endoenças nós somos sacrilegos.

Em dous de Novembro de todos os annos nós somos, pelo menos, vaidosos.

160 Havia chegado o dia dous de Novembro de 1846.

Tinha-se, pouco mais ou menos, passado mez e meio depois d'aquella manhã em que Candido, da fresta de sua janella, observára em extasis a Bella Orphã pascando no seu jardim.

Desde o romper d'aurora que os bronzes de todas as

igrejas da capital do Brazil gemião com seu dobre lugubre, longo e monotono.

Multidão immensa de homens e mulheres todos vestidos de dó, sahão ou entravão em turmas pelas portas dos templos como ondas negras.

Apezar de sua vaidosa ostentação, de sua inopportuna riqueza, os jazigos offerecão um aspecto sublime e melancolico : era o aspecto da morte.

O jazigo de S. Francisco de Paula estava semeado de tumulos, e repleto de povo.

Os curiosos que o visitavão, cedião á força do imperio da morte ; obumbravão-se.

Os orphãos e as viuvas, os pais que havião perdido seus filhos, choravão e rezavão.

A despeito das galas e do luxo de alguns immensos mausoléos, o pó, o nada humano parecia transsudar por entre as molduras doiradas, e uma caveira se mostrava triumphante de sobre as columnas de ébano.

Nos tumulos humildes, sem pompa de luxo, cobertos de rôxos amaranthos, e tristissimas perpetuas, como que o genio da saudade estava ahi sentado para intermediario entre a dôr do vivo, e a alma do morto. O tumulo sem pompa, era a expressão da saudade do vivo.

Porque, preciso é dizel-o, a verdadeira dôr é simples e singela ; e a saudade que se não simula, a saudade que sahe do coração, não tem necessidade de adornar-se : assemelhão-se n'isso ás mulheres, que quanto mais feias mais se enfetão para disfarçar seus senões, e quanto mais bellas mais simplesmente se vestem para ostentar seus naturaes encantos : assim a dôr e a saudade que se fingem, precisão de ornar-se muito, e as que são verdadeiras apresentam-se nuas... e sua nudez é immensamente sublime.

A melhor expressão de uma dôr é o pranto : o mais rico ornamento dos tumulos é a caveira.



Os vestidos devem condizer com o corpo que se veste : não ha, não póde haver relação entre molduras, franjas doiradas e um esqueleto.

Essa riqueza parece uma zombaria que a vida faz á morte : essa riqueza destróe completamente a idéa tremenda que em tal dia deve occupar o espirito dos vivos.

Porque á porta do jazigo o homem lê as terríveis palavras de morte « Lembra-te, homem, que és pó, e que em pó te has de tornar ». E dentro do jazigo elle encontra ouro... ostentação... luxo...

Para que pois uma tão grande mentira em dia de tão grande verdade?... não sabeis ?

E' porque o filho do rico tremeu quando vio que os ossos de seu pai não se podião distinguir dos ossos do mendigo ; e com as galas da vida quiz esconder a igualdade do pó.

Embora... Ou no mausoléu, ou na simples urna funerea, estava sempre o triumpho da morte : mesquinha differença havia, um guardava o esqueleto do rico, a outra os ossos do pobre ; mas de mistura um e outros, quem acertaria com a caveira do primeiro?...

Havia ahi mesmo n'essa area tremenda, ouro, ostentação no exterior ; pó é mais nada internamente : por cima estava ainda a vida... a mentira ; por baixo triumphava a morte... a verdade.

A linha terrivel e anti-religiosa que com tão máos resultados divide os filhos de Deos em dous grupos, ricos e pobres ; ricos que gozão e mandão ; pobres, que trabalham e soffrem de continuo, estava traçada aos olhos dos vivos ; mas em seu hediondo aspecto as caveiras parecião estar soltando disformes gargalhadas de escarneo contra pretensões vãs de uma vaidade impotente.

E pois, e apesar de tudo, havia ahi no jazigo a igual-

ieib



dade dos mortos mal desfigurada pela desigualdade dos vivos.

E por entre esses mausoléos e esses tumulos,ião passando grave e tristemente aquelles que vinhão chorar seus defunctos.

O silencio dos tumulos era de instante a instante cortado pelos soluços dos vivos, e a sequeidão do pó recebia as lagrimas da carne.

A's vezes uma virgem pallida e indifferente a tudo que a rodeava, banhada em pranto de saudade, se deixava vêr de joelhos junto de um tumulo, como a sombra de um finado descansado sobre seus restos. No meio d'essa multidão desolada, não se perguntava, adivinhava-se quaes erão os pais, quaes as mãis que choravão seus filhos, porque essa dôr profunda do coração falla mais alto e mais claro do que as outras.

Não era porém commum o vêr-se sobre um tumulo deposta a rôxa perpetua pela mão da simples amizade. Poucos se notavão os amigos de além tumulo.

Mas lá em sombrio recanto havia uma urna humilde e modesta, onde um grande numero de homens e mulheres se tinha ido ajoelhar e depôr seus ramos de saudades. Ora um mancebo luzido e rico, quasi sempre a pobre mulher envolta em negra mantilha, e o velho abatido e magro se fóra curvar ante esse pó sem duvida muito amado.

O tumulo, como dito fica, era simples e humilde; tinha por inscripção na parte superior duas letras — P. A. — e logo abaixo d'ellas uma outra — C.

Ultimamente uma velha magra, de cabellos brancos e olhos verdes, e um mancebo pallido, de cabellos pretos e olhos pardos, acabavão de ajoelhar-se junto do tumulo, e oravão profundamente.

Um homem, a quem o amor que se tributava áquelle pó tão lembrado, parecia haver muito sensibilizado,



esperou que a velha e o mancebo se erguessem para fallar-lhes ; mas vendo que ambos por demais se demoravam, aproveitou um momento em que a mulher levantou a cabeça, e tocando-lhe no hombro, perguntou :

— Senhora, perdôe se a interrompo ; mas por quem é que ora tão fervorosamente ?

— Pelos pais dos pobres, respondeu a velha.

— Como se enamavão?...

A mulher apontou para as tres letras, e disse :

— Paulo Angelo e Celina.

— Ah ! tem razão : por minha vez rezarei por elles.

A velha tinha já outra vez se mergulhado em suas orações.

N'esse momento aproximáram-se do tumulto um velho e duas senhoras ; uma muito mais moça que se quiz logo lançar de joelhos, e outra tambem moça ainda, que fez a primeira parar á força em quanto se não levantavam a velha e o mancebo.

Teve então lugar uma scena que attrahio a attenção de quasi todos os circumstantes.

A primeira das recém-chegadas, que era tão joven como bella, sustida á força por sua companheira, por entre um diluvio de lagrimas, suffocada por seus soluços, encarava ainda assim com indizível mostra de gratidão a mulher e o mancebo que rezavam junto d'aquelle tumulto.

É o velho pallido, com os braços cruzados e a cabeça cahida, chorava, chorava muito, como chora um pai pelo filho amado que lhe morreu.

Finalmente a velha persignou-se e ergueu-se : um lugar ficou vazio ; o moço levantava-se tambem por sua vez, quando a joven escapando-se das mãos da senhora que a sustinha, foi... atirou-se de joelhos ao pé da urna funerea, exclamando ;

— Meu pai ! .. minha mãe ! ..

O mancebo, que acabava de levantar-se, escutando aquella exclamação dolorosa, e olhando para a pessoa que a soltava, começou por seu turno a soluçar desabridamente, e, sem querer talvez, pôz as mãos ainda em pé, e depois foi pouco a pouco curvando-se até ajoelhar-se de novo.

No entanto a commoção ou o acaso tinha feito com que se soltasse a mantilha que a velha trajava; e então aquella mulher alta, magra, com seus longos cabellos côr de neve cahidos sobre uma saia de sarja preta, com as mãos postas e em pé por detrás d'aquelles dous jovens, completava um quadro da mais dolorosa eloquencia.

Conhecendo que tambem ella se fazia objecto da geral attenção, apontou para o tumulto, olhou com seus olhos verdes para a multidão e disse:

— E' o premio do justo.

E desfazendo-se em lagrimas, a velha envolveu-se de novo e rudemente com sua mantilha, e retirou-se apresada.

A esse tempo tambem o mancebo tinha já reflectido sobre o que acabára de praticar, e espantado de si mesmo, aproveitou o instante em que todos os olhos acompanhavão a velha, para desaparecer por entre os tumulos.

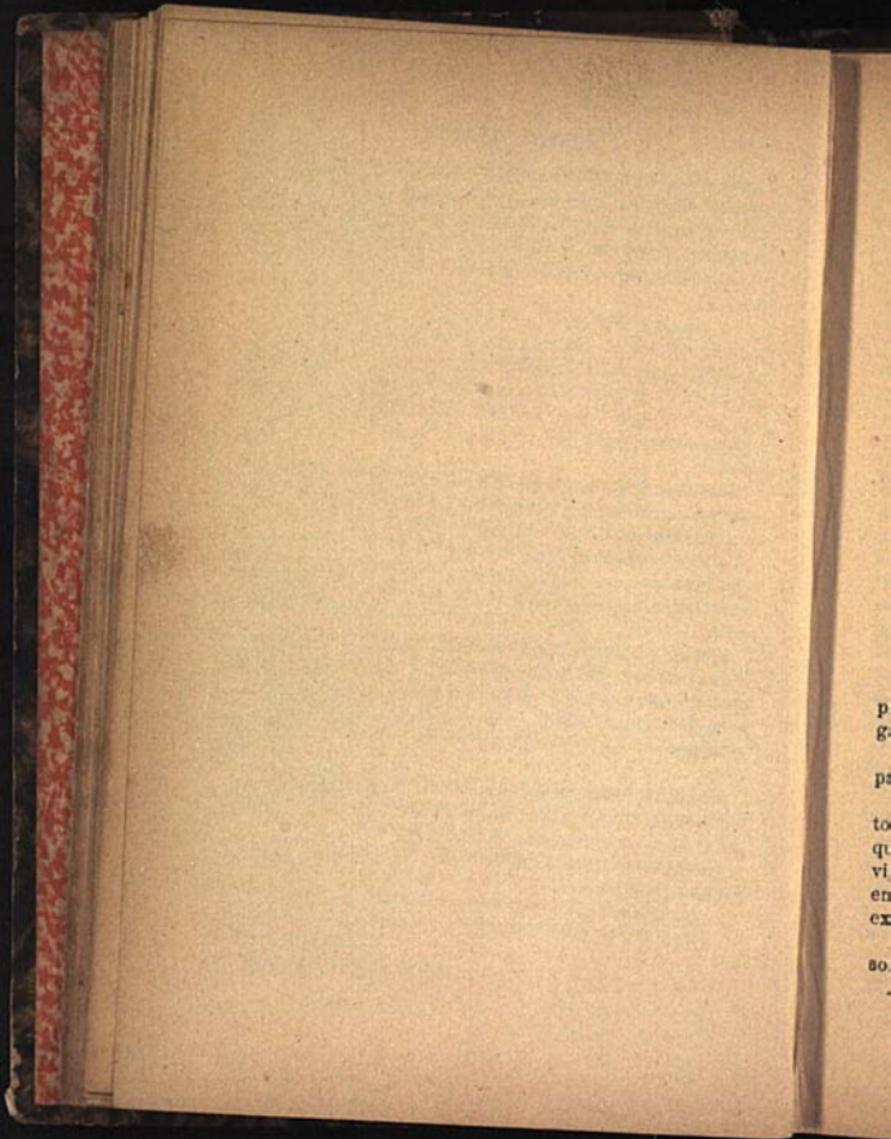
A intelligencia de ninguem será feita a injustiça de dizer-se, como revelando um segredo, que essa mulher era Irias, e esse mancebo Candido.

Sómente convem acompanhal-os em sua volta para o Purgatorio-trigueiro.





ie b



p  
g  
p  
to  
qu  
vi  
en  
ex  
so.

## O insulto.

A velha e o mancebo encontráram-se á porta do templo, e sem se dizerem palavra, dirigirão-se para o Purgatorio-trigueiro.

Iria voltava commovida: Candido absorto e preocupado caminhava a esmo.

Havia mez e meio que na alma de Candido se desabotoára uma bella flôr, um pensamento novo e brilhante, que desde então sendo o seu eterno companheiro das vigílias do dia, e dos sonhos da noite, n'esse momento em que tornava para o Purgatorio-trigueiro, o occupava exclusivamente.

Esse pensamento se debuxava na alma do mancebo sob a fórma de uma mulher formosa.

Até bem pouco Candido, que sentia o coração cheio



ieb

de amor, que podia incessantemente ao céo sua mãe para saciar n'essa mulher, que lhe dá a vida, toda sua ambição de amar e de ser amado, não tinha ainda adivinhado, que, além do amor filial, um outro affecto ha ardente e poderoso, que enche a vida do homem, que lhe desvaira a cabeça, e pôde fazer d'elle um heróe ou um demonio.

Candido era uma creatura exceptional, um d'esses mancebos, que tem podido viajar pelo mundo vinte annos sem sentir surgir-lhe em seu caminho a figura de uma mulher formosa que lhe fizesse pagar o tributo gracioso, que enfim o coração do homem paga sempre na vida.

Mas, ao romper de uma aurora, o mancebo lançou por acaso os olhos atravez da fresta de uma janella, e vio uma moça, que, ao muito, poderia ser sua irmã; e para logo elle comprehendeu, que, além de uma mãe, ha no mundo uma outra mulher, a quem se pôde amar muito.

E desde esse dia, em todos os outros, e á mesma hora, Candido ia esperar que a Bella Orphã descesse ao seu jardim, e em extasis a adorava, ou descuidadosa passando por entre as fiôres, ou negligente repoisando no banco de relva do caramanchão, envolvida na nuvem de suas madeixas.

Amava elle aquella mulher?... Candido juraria que não: em seu entender Celina não era uma mulher para se amar; era sim uma bella visão para se admirar extasiado.

No entanto, elle que pensava não amal-a, despertava, ao amanhecer, para contemplal-a; de dia por ella suspirava; dormia e a via em sonhos dormindo.

A mãe de Candido tinha já uma rival no coração de seu filho.

Acompanhando Irias ao templo de S. Francisco de

ieb

Paula, Candido pagava tambem o seu tributo de gratidão aos restos do homem beneficente; e além disso, rezava pelo pai de Celina.

Mas, quando a orphã soltou seu grito de dôr, e cahio de joelhos junto do tumulto de seu pai, Candido, preciso é dizer, esqueceu o lugar onde estava, a multidão que o cercava, e o fim para que ali viera; e de novo ajoelhando-se elle o fez, instinctivamente, não para deprecar por um finado; porém só em adoração áquella mulher formosa.

Mal chegou o instante da reflexão, ergueu-se, e fugindo do jazigo, e encontrando sua mãe adoptiva á porta do templo, travou-lhe do braço, e levou-a apressadamente pelas ruas.

O coração e a cabeça d'aquelle mancebo estavam em guerra.

Apezar d'elle, a despeito de seus esforços para enganar-se a si proprio, elle amava: e seu coração lhe pedia com ardor a posse d'essa mulher encantadora... a primeira que tinha amado.

E sua cabeça lhe mostrava a sociedade despotica e tyranica empurrando-o para longe de Celina, erguendo entre ella e elle um muro de bronze, em cujo cimo estava escripto — impossível! — impossível; porque o seculo pertence ao ouro, e o homem pobre deve abafar suas afeições...

Mas o coração que ama, não crê n'essa palavra — impossível; — o coração não sabe, que no mundo ha ouro; não raciocina para depois amar: o coração ama, porque ama.

E todavia se Candido fosse cair aos pés da Bella Orphã, se lhe pedisse seu amor e sua mão, a sociedade teria de perguntar-lhe:

— Quem és tu?...

— Um pobre rico de honra.



E a sociedade havia de rir-se, e de responder-lhe : — não basta.

E viria depois d'elle um outro, de quem se pudesse dizer — Um rico pobre de merito.

E a esse responderia a sociedade — é de sobra.

Atormentado por essas reflexões, que até certo ponto exprimião nuamente a verdade, o caracter da época actual, Candido caminhava a passos largos sem vér, sem ouvir, sen attentar cousa alguma.

Irias acompanhava a custo, e como que espantada, ao ardente moço : tendo-lhe, como foi dito, cahido a mantilha ao pé do tumulto de Paulo Angelo, quando de novo n'ella se envolveu, collocou-a mal, e uma porção de seus longos cabellos brancos ficou fluctando sobre ella. E Candido, levando-a estouvadamente, e caminhando sem reflexão, ora com Irias se esbarrava contra os que vinhão, ora deixava, que a pobre velha se salpicasse de lama.

Indifferente a tudo isso, surdo á voz de Irias, toáo entregue a seu pensamento unico, foi sómente o aproximar-se de sua pobre casa, que Candido sentio-se despertar por um grito de escarneo.

— Bruxa!... bruxa!... bradavão de todos os lados.

Entretanto tambem Celina se retirára da igreja de S. Francisco de Paula em companhia de seu avó, e sua tia. A carruagem, em que vinha o velho e as duas senhoras, parou no alpendre do Céu côr de rosa, e quando os tres acabavão de apaar-se, forão attrahidos pelos gritos, que de todas as partes soavão.

Candido e Irias vião-se cercados por uma chusma de garotos, que tomavão a velha para alvo de suas zombarias.

Como os cães que, em nossa terra, investem de preferencia contra os negros, porque sentem o desprezo, que se vota a essa classe desgraçada; a escoria da so-



cidade, imitando os grandes d'ella, escarnecia da pobreza d'aquella mulher.

Jacob e Helena rião-se d'aquella scena de escandalo, como se ella fôra uma scena de prazer publico; e ambos elles excitavão, em voz baixa, os garotos que passavão perto de suas janellas, a continuar em seus insultos, e redobrar os gritos que soltavão.

— Bruxa!... fôra a bruxa!... bradavão uns.

— Lá vai a velha bruxa!... clamavão outros.

Alguns já tinham ousado chegar-se a suas victimas, e a mantilha da velha estava feita pedaços.

Irias agarrava com suas duas mãos emmagrecidas e nervosas o braço do mancebo que, tremendo de raiva e de vergonha, esquecia-se do que era, e queria lançar-se contra a canalha; e ao mesmo tempo que a velha, que o sustinha á força, apenas demonstrava o seu furor em um sorrir de desprezo, que deixava vêr duas ordens de dentes iguaes, alvos e brilhantes, e nas vistas de fogo de seus olhos verdes que simulavão do gato observado em noite escura,

— Minha tia! exclamou Celina, aquella é a velha Irias, e o moço, que a acompanha, o mesmo que orou junto do tumulo de meus pais.

— Sim... creio que sim, respondeu-lhe Marianna.

— Pois então nós não podemos consentir, que sejam assim maltratados.

— Mas que faremos.

— Eu vou acompanhál-os... a casa da velha Irias.. é tão perto...

— Louca!... exclamou o velho.

Os gritos redobravão: as duas victimas não podião dar um passo: Irias empregava todas as suas forças para suster o mancebo.

— Eu corro a socorrer-os, meu avô; disse outra vez a moça com interesse.



- Não ; não : manda antes o criado.
- Elles não respeitarão a um boleeiro.
- E crês, que terão respeito a uma menina ?...
- Respeito não ; mas talvez que tenham piedade.

N'esse momento uma pedra veio cair aos pés de Irias. Celina escapou-se do braço de sua tia, correu e collocou-se ao lado da velha.

O escarneo cessou como por encanto.

Pôde-se mesmo notar, que aquella gente pervertida, sem moral nem educação, que ainda ha pouco gritára furiosa, parecia como que arrependida de o haver feito : se pudesse, lançaria agora flôres sobre a velha, que acabava de apedrejar.

Jacob e Helena forão os unicos, que murmurarão entre si d'aquelle proceder da moça.

Celina acompanhou Irias e Candido até a porta do Purgatorio-trigueiro.

— Minha mãe, disse a moça beijando a mão de Irias, eu lhe agradeço as orações, que rezou junto do tumulo de meus pais.

E depois voltando-se para Candido, continuou :

— Obrigada, senhor.

Candido, pallido como um finado, estava em pé, porque se agarrára á velha rotula.

Celina voltou-se para retirar-se ; e então Irias pôz suas duas mãos sobre a linda cabeça da moça, e disse :

— Proteja Deos a filha dos pais dos pobres.

Quando Celina desapareceu no alpendre do Céu côr de rosa, Jacob foi á janella, onde estava Helena, e apontando para a casa da moça, e depois para o Purgatorio-trigueiro, disse :

— Helena, ali ha cousa, que é preciso descobrir.



## Visita de gratidão.

No seguinte dia, e pela volta das quatro ás cinco horas da tarde, estavam conversando na sala principal do Céu cór de rosa Marianna e seu velho pai.

No angulo anterior e direito da sala, e a poucos passos de uma janella, achava-se sentado em excellente poltrona o ancião, que era de aspecto sympathico e respeitavel; deveria ter já passado dos sessenta annos; tinha os cabellos totalmente brancos, a fronte alta, o rosto pallido, finas e delicadas as mãos, e era um pouco magro: estava envolvido em um robe de chambre de chita, vestia calças brancas, e calçava chinellas de marroquim verde.

Defronte do velho, tendo a cabeça descansada graciosamente sobre a face palmar da mão que se estendia no



peitoril da janella, Marianna estava olhando para elle, e entreteinhão-se ambos em discutir uma questão que parecia interessal-os muito.

Anacleto, com os olhos fitos em sua filha, a escutava observando-a, e como que recejava dar inteiro credito a suas palavras.

Posto que adorasse a Marianna com indizível extremo, o velho que a tinha estudado desde a infancia, conhecia perfeitamente o caracter de sua filha, e mil vezes com um olhar firme e penetrante, lia no coração d'ella o contrario do que lhe ouvia dizer.

Marianna tinha todas as boas e más qualidades de uma senhora da alta classe. Nobre, ativa, e mesmo valdosa, sabia, quando era conveniente, humilhar-se horas inteiras diante d'aquelles mesmos a quem detestava, para depois erguer-se veemente e orgulhosa : ella misturava a audacia com a pusillanimidade, a mais inqualificavel imprudencia com um sangue frio, que chegava a espantar : sabia rir-se com os labios quando chorava com o coração : astuciosa, arrancava o segredo alheio, e não confiava nunca o seu : era capaz de rir-se á borda de um abysmo, e de vir chorar n'uma sala de baile ; e finalmente amava com ardor e odiava com extremo.

O semblante de Marianna sempre impassivel, sempre o mesmo, dava a suas palavras uma força immensa de verdade, não deixando a ninguem lér-lhe no córar do rosto, no movimento dos labios, ou na expressão do olhar, o que se estava passando dentro d'ella : comtudo Marianna tinha poucas vezes a virtude da franqueza : podia enganar, sabia que o podia, e enganava.

Mas á força de viver com ella e de estudal-a, Anacleto era o homem unico de quem não triumphava o sangue frio e da sensibilidade de Marianna ; o olhar do velho



penetrava direito no coração da viuva; e diante de seu pai ella tremia e córava muitas vezes.

Conversação ambos.

— Com tudo, dizia o ancião, eu creio que ainda não é tempo de discutirmos sobre isto.

— Mas... não faz nenhum mal que desde já nos preparemos para quando chegar a hora.

— Sabes, Marianna, tornou sorrindo-se Anacleto; vai-me parecendo que estás mais adiantada n'este negocio, do que pretendes fazer-me crer.

— Não, meu pai; Salustiano ainda nada me disse; eu porém tenho meus olhos de mulher, e a experiencia de trinta annos: talvez que o tenhamos de vêr bem cedo vir fallar-nos.

— Pois deixal-o vir.

— E que lhe diremos?...

— Dir-lhe hei que volte no dia seguinte.

— E depois?... que faremos nós?...

— Nós?... provavelmente bem pouca cousa; pela minha parte, e quando elle tiver sabido, chamarei Cellina, expór-lhe-hei a questão; e se ella responder que não, diremos a Salustiano no dia seguinte: — não.

— Eu tenho bastante confiança na prudencia da nossa Bella Orphã; mas não sei se seria justo deixar sómente ao juizo de uma creança a solução de objecto tão grave.

— Querias pois, Marianna, tornou-lhe com seriedade Anacleto, que sem consultar a essa interessante orphã, dispuzessemos de sua mão, de seu futuro, de sua vida inteira?... supponhamos que ella não ama a Salustiano: quererias tu que a sacrificassemos á paixão, aos caprichos d'esse homem!... oh! não, minha filha; os sacrificios d'este genero são horriveis... eu os comprehendo.

O velho olhou fixamente para Marianna, que sentio passar por seu rosto uma onda de rubor; disfarçou, e depois de serenar, disse:



- Pois bem : e se acaso Celina disser que sim ?...
- N'esse caso ella ouvirá minhas reflexões.
- E meu pai dirá...
- Que esse homem não me agrada ; que seu unico merito, a só recommendação com que se nos mostra, é ter herdado uma riqueza enorme accumulada por seu pai, homem laborioso e honrado, dir-lhe-hei, que ha no rosto d'esse mancebo alguma cousa que transpira baixeza de sentimentos ; que ha no sorrir constante de seus labios um sarcasmo eterno, ou incuravel toleima, que o torna antipathico e pesado a quem o pratica.
- E por consequencia ?...
- Por consequencia eu fallarei horas inteiras para convencer Celina de que não se fará ditosa desposando semelhante homem : se ella porém teimar... paciencia ; deixal-a-hei ir ; e rogarei a Deos por ella.
- Vê-se bem que meu pai não olha com bons olhos para Salustiano.
- E' verdade ; elle reune em si o egoismo do inglez e a frieza do allemão ; e não tem a honra nem de um nem de outro.
- Mas como então consente que esse homem frequente tão assiduamente nossa casa ?...
- Marianna, certas considerações, que os homens mutuamente se devem na sociedade, fazem que nem de nossa propria casa sejamos absolutos senhores. E além d'isso, não é por minha causa que Salustiano aqui vem.
- Por quem então ?...
- Não fui eu que o convidei, Marianna.
- A filha de Anacleto fez-se pallida de subito, e levantando a cabeça, perguntou :
- Que quer dizer, senhor ?!!
- Ficou Anacleto em silencio por alguns instantes : supportou com imperturbavel sangue frio o olhar vivo,



ardente e penetrante de sua filha, fito em seu rosto, e depois respondeu :

— Nada.

Marianna deixou cahir de novo a cabeça sobre a face palmar da mão, que ella estendia no peitoril da janella, e disse :

— Felizmente, que meu pai tendo a honra do inglez e do allemão, não tem com tudo o egoismo do primeiro.

— E porque?...

— Porque a frieza do allemão, essa meu pai tem.

Sorriu-se Anacleto, e depois tomando um ar sério, fallou a sua filha :

— Em fim, Marianna, preciso é que nos componemos bem do que devemos a essa menina que nos foi confiada. Lembra-te de que ella é uma orphã, e de que seus pais forão em vida amados pelo povo, e deixarão um nome que é ainda hoje abençoado.

— E' verdade.

— E portanto, nós temos primeiro sobre nossas cabeças Deos que nos observa attento : porque orphão deve ser, e é a creatura predilecta da Providencia : o orphão é a creatura isolada que não tem pai para velar no seu futuro, que não tem mãe para morrer por ella, e que portanto deve ter os olhos de Deos fitos em sua frente ; fitos sobre seus tutores. Marianna, os olhos de Deos estão pois sobre nós ambos : velemos por Celina.

— Sim... velemos.

— Oh ! e tenhamos compaixão... tenhamos piedade d'esses restos respeitaveis, d'essas cinzas amadas de um pai desvelado, de uma mãe extremosa, que uma morte precoce arrebatou á sua filha : de dentro do sepulchro seus esqueletos nos observão... e de cima.. da eternidade suas almas nos acompanhão, e vêem como cuidamos nós da sagrada deusa que nos legarão. Marianna velemos por Celina.



— Sim, meu pai, é assim.

— Oh! e tenhamos também cuidado com este povo que amou tanto aos pais da nossa pupilla; não queiramos, ao passar pelo mcio d'elle, ouvir suas maldições: tu sabes como Celina é amada... tens ouvido que sua casa teve o nome de — Céu, e nós mesmos, acompanhando a gratidão popular, a chamamos Bella Orphã: até agora pois bençãos... ah! temamos que chegue também uma hora de pragas. Marianna, velemos por Celina!

— Sim... mas silencio... eu sinto suas pisadas,

Com effeito, Celina entrou n'esse momento na sala, e dirigio-se a seu avô.

De ordinario melancolica, a melancolia era n'ella um encanto: algumas vezes risonha, o seu sorrir era um feitiço: d'essa vez Celina vinha com leve sorriso nos labios.

— Sabe, meu avô? disse ella a Anacleto, a nossa boa vizinha, a velha Irias lhe mandou pedir licença para visitar-nos, e agradecer-nos o que hontem por ella fizemos.

— Agradecer-te, menina, foi provavelmente o que ella mandou dizer: pois então que venha...

— Sim, disse Marianna, vai mandar-lhe dizer que venha, nós ouviremos com prazer o teu elogio da boca d'ella.

— Eu já respondi que viesse, em nome de meu avô.

— E fizeste bem... mas parece que chegão...

Ouvio-se ruido junto da porta da sala.

— Oh!... é ella!...

— Vai recebê-la, disse Anacleto.

A menina correu á porta.

— Entre! exclamou ella, nós a esperavamos com prazer.

— A porta abrio-se em par: Celina não pôde reter um pequeno grito, e recuou dous passos.



Era Salustiano.

Mancebo elegante no trajar e nas maneiras, se não era bonito, não se podia dizer feio : de estatura proporcionada, tinha cabellos castanhos, olhos pequenos mas vivos, e o rosto de uma côr pallida propria das constituições abaladas pelas enfermidades e vigílias; vinha vestido de bella casaca preta de abas muito largas e com portinholas; trazia ao pescoço linda manta de seda de côr, e vestia collete de chamalote branco, calças de panno preto sem presilhas, e excellentes botins envernizados; por debaixo do collete sahia-lhe a cadêa do relógio e d'ella pendia um enorme sinete.

Salustiano complimentou primeiro a Celina, sorrindo. se da surpresa que acabava de causar, e depois aproximou-se de Anacleto e de Marianna, que se haviam levantado para recebê-lo.

— Desculpe minha neta, disse Anacleto, ella contava vêr entrar uma pessoa por quem anciosa espera.

Celina olhou para seu tutor com indizível gratidão.

— Eu o comprehendí logo, respondeu Salustiano : não me posso julgar tão feliz, que merecesse vêr sua bella neta correr alegremente para receber-me.

— Ora... disse Marianna.

Anacleto e Celina não disserão nada.

Sentárão-se os quatro e começárão a conversar sobre objectos indifferentes.

Um observador, que examinasse aquellas quatro personagens, teria muito que estudar n'ellas; e se entrasse no coração de cada uma, acharia ali um novo exemplo d'essa superfície enganadora e falsa, com que a educação e a sociabilidade escondem ás vezes sentimentos oppostos, e interior má vontade.

A conversação de Salustiano, que ás vezes era mesmo agradável, quasi sempre perdia muito por sarcastica e venenosa : não poupava, nem a ironia, nem o epigram-



ma. Elle olhava com paixão e interesse para Celina; com presumpção e orgulho para Marianna; com indifference para Anacleto.

O ancião o tratava com apparente civilidade; mas havia sensível frieza em suas maneiras.

Celina tinha os olhos embebidos em seu avô: parecia eslar vendo n'elle o seu defensor; e como que fazia de conta, que Salustiano não se achava na sala.

Marianna, á força de habilidade, conseguia fazer desaparecer todas essas sombras, e derramava enchentes de luz de seu espirito no meio d'aquelle grupo: tratava Salustiano com indizível bondade; e sustentava quasi só todo peso da conversação. No entretanto era Marianna quem ali mais aborrecia o presumido mancebo.

Esta scena era a mesma que se representava todas as vezes, em que Salustiano vinha visitar aquella familia, o que a miudo succedia.

Havia, devia de haver por tanto um mysterioso motivo, que desse áquelle presumpçoso mancebo a força necessaria para se impór ali de modo tão insolito.

Batêrão palmas.

— Agora é sem duvida ella, disse Anacleto; vai recebela, Celina.

A menina dirigio-se á porta.

— E quem é ella?... perguntou Salustiano.

— Oh; senhor! descance... respondeu Marianna, não se incômmoda... é apenas uma velha.

— Ainda bem, tornou Salustiano rindo-se: fazia-se necessaria aqui para estabelecer um contraste.

A' porta da sala apparecêrão então uma velha e um moço, Irias e Candido.

Salustiano com um sorriso insolente, e com uma luneta ainda mais insolente, observava os recém-chegados, que vierão tomar assento.



Conversou-se sobre o acontecimento da vespera.

Irias tinha tomado por sua conta fazer o elogio da Bella Orphã, e relatou o caso com entusiasmo e gratidão. Quando chegou ao fim, Salustiano dirigio-se a Candido, e perguntou :

— E o senhor o que fazia?...

— Elle?... queria lançar-se contra a canalha, que me insultava, e o teria certamente feito, se eu o não agarrasse com minhas mãos de ferro... porque eu sou velha... uma pobre mulher velha, disse Irias estendendo suas mãos compridas, magras e nervosas; mas tenho força.

— E quando a senhora o não susteve mais, o que fez o senhor?...

— Quando ella me não susteve mais, disse Candido, que havia córado até a raiz dos cabellos, já um anjo benéfico nos tinha salvado e eu comprehendí logo, que para não ser indigno d'esse soccorro, deveria não descer até a canalha...

— Porque aliás... interrompeu com seu sorriso maligno Salustiano.

— Porque aliás, tornou Candido resentido-se, eu faria o que faz um homem de brio.

— E o que é, que faz um homem de brio?...

— Pois o senhor não sabe?!?! perguntou Candido com accento muito significativo.

Salustiano córou por sua vez.

Anacleto interrompeu os dous mancebos.

— Ora pois, disse elle; agradeçamos ao céu esse insignificantemente acontecimento, já que nos trouxe a vossa visita: desde muito que conheço a nossa boa vizinha, mas nunca tinha tido o prazer de encontrar-me com o senhor.

— E' me filho adoptivo, respondeu Irias; esteve



multo tempo fóra da terra, e apenas hadous mezes voltou á velha casinha, onde foi criado.

— Mora pois em sua companhia? ..

— Sim... occupa o nosso pobre sotão.

Celina olhou como admirada para Candido, que fez um movimento de desgurado, ouvindo as ultimas palavras de Irias.

— Admiro-me de o não ter visto ainda, disse Marianna.

— Passa os dias fóra de casa trabalhando, minha senhora, e quando se recolhe é já noite fechada.

— O senhor é operario?... perguntou Salustiano.

— Infelizmente não, respondeu Candido, sou escrevente de advogado.

— Seja o que fór, disse Anacleto, é um homem que trabalha, e por consequencia digno da nossa amizade.

A conversação continuou per algum tempo ainda : quando enfim a velha e o moço erguêrão-se para sahir, Anacleto disse :

A Senhora Irias, nós somos conhecidos velhos : quanto ao Sr. Candido, declaro que, sympathisei muito com elle, e o quero vêr assiduaemente n'esta casa. Somos vizinhos... seremos bons amigos.



ieb



VII

Uma hora da vida passada.

Conceda-se agora um olhar sobre o passado... → 1843 24 74

Era uma d'essas bellas noites de inverno dos paizes tropicaes, onde, para vencer o frio, é de sobra o movimento e a luz.

A cidade do Rio de Janeiro estava em suas horas de poesia : a modesta fada do valle tinha sobre sua cabeça a lua cheia e graciosa que a inundava de luz; o orvalho nocturno molhava-lhe as tranças; em redor d'ella animava-se a sua natureza opulenta e variada; e a seus pés dormia tranquillo, resonando apenas, seu mar de aguas verde-claras, que simulava então um lago de perilampos.

A natureza estava em festa : os homens tinham também a sua. Ouvia-se o ruido de um saráo; mas não era



  
ieb

no centro da alegre cidade, era no mais mimoso de seus arrabaldes.

O que havia de mais bello, de mais primoroso e rico na cidade do Rio de Janeiro, tanto pessoal como material, se achava reunido em uma elegante casa no Botafogo : dava-se esplendida festa ; importa pouco conhecer a origem d'ella ; o essencial é saber que havia uma festa.

A casa brilhantemente illuminada, ostentando riqueza immensa e luxo desmedido, era, apezar de vasta, pequena para a multidão que a pejava.

O jogo, a dansa, a musica exercião ali seu imperio em salas diversas, e sobre vassallos diferentes.

Aquelles a quem a idade ou o estado affastava do amor, e enfim os poucos de todas as idades e estados que erão escravos da mais terrivel paixão prestavão vassallagem ao jogo.

Os outros todos corrião para as salas de dansa e musica : lá estava a mulher.

Havião sobre cem ainda muitas senhoras.

O estrangeiro curvava-se gostoso sob o poder d'essas vistas ardentes jogadas pelos olhos negros das Brasileiras : ali o Arabe lembraria baixinho suas canções aos olhos das gazellas...

Mas no meio d'essas mulheres todas, entre mais de cincoenta virgens bellas em todo fulgor de verdes annos, com todo interesse de sua intacta pureza, de sua quasi angelica innocencia, ainda assim levantava sua cabeça de rainha uma senhora, já casada, e que não se podia dizer menina como ellas.

Alta, elegante, extremamente bem feita, de cabellos e olhos negros, côr morena, labios grossos e bellos dentes, ostentava uma belleza especial : havia em seus modos uma mistura de segurança e nobreza, que impunha respeito e admiração ; de voluptuosidade e ardor, que



desafiava lascivos desejos : era uma belleza como que selvagem e perigosa : essa mulher tinha sobre tudo um olhar insolente, uma voz melodiosa, e um andar provocador.

Trazia ella os cabellos primorosamente penteados e ornados com uma preciosa borboleta de brilhantes; rosetas das mesmas pedras nas orelhas, e o collo cõr de jambo, nú, para melhor ostentar sua perfeição; seu vestido era de seda cõr de Izabel, e adivinhava-se enfim dous pequenos pés presos em sapatinhos de setim : tinha na mão direita um ramalhete de violetas, e na gola do vestido mesmo junto da axilla, um cravo rajado, que exprimia um não sei que de provocadora graça.

Não era uma incognita : a assembléa toda conhecia o seu nome e respeitava-o : tão encantadora como honesta, contentavão-se com admirar-a.

Formára-se defronte, mas um pouco longe d'ella, um circulo de mancebos que fazião por mil maneiras o seu elogio ; depois de haverem discutido e concedido a corõa de rainha d'aquella festa á bella senhora :

— E' um homem verdadeiramente feliz, disse um d'elles, o marido de uma tal mulher.

— Feliz por todas as razões, accrescentou um segundo.

— Como por todas as razões?... perguntou terceiro mancebo.

— Oh ! pois será preciso explicar-me?...

— Bem entendido, se fôr de sua vontade.

— Pois bem : feliz porque possui uma mulher formosa.

— Convenho.

— Dotada de bastante espirito.

— Tenho ouvido dizer.

— Que é fiel aos laços que a ligão.



- Devo crê-lo.
- Que ama a seu marido exclusivamente.
- Quem sabe ?
- Agora, meu caro, sou eu que tenho o direito de pedir explicações.
- Estou prompto para dal-as.
- Vamos pois.
- Digo que estou fatigado de ouvir fallar na pureza e lealdade d'aquella senhora : oh !.... chamar-me-hão dissoluto... dirão que tenho a moral pervertida... pôde ser ; mas confesso que no ostracismo de Aristides votaria como o campez que o desterrava por se achar cansado de ouvil-o chamar — o justo.
- Com effeito !...
- E ainda mais : eu respeito muito as leis da natureza : creio firmemente que todos podemos ser escravos do erro, e que por tanto se a interessante senhora, que seguindo creio, faz parte do genero humano, ainda não errou, pôde errar.
- Mas ao menos ainda não errou.
- Dá-me ás vezes vontade de tentar... eu daria metade da minha riqueza para ser uma verdadeira tentação !
- Alguns sorrisos applaudirão o leviano manço ; um só do que estavam no círculo moveu-se com sentimento de reprovação, e disse :
- Senhor, sou amigo do marido da senhora de quem se trata, e me penalisa que com tanta ligeireza se falle d'ella em minha presença.
- Mas, meu Deos, ninguem a offendeu aqui ; eu fallei sòmente no respeito que se deve ás leis da natureza.
- Uma vida pura, senhor ; um comportamento illudado, merece alguma consideração : é uma mulher encantadora, venho ; ninguem com tudo ousa lançar-lhe em rosto a mais passageira leviandade, nem a menor



tendencia para o galanteio : se tem algum crime, é o de ser bella.

— Devia ter mais uma virtude.

— E qual ?...

— A de se deixar amar.

— Senhor, vejo que cumpre retirar-me : defronte um do outro por mais tempo, poderíamos perturbar o prazer e harmonia d'esta assembléa ; porque eu respeito a amizade, e o senhor insulta uma mulher, por saber que as mulheres não se vingão.

Dizendo assim, o mancebo travou do braço de um amigo, e retirou-se para o fundo de outra sala.

— Henrique ! disse-lhe o amigo, tu estás pallido como a morte.

— E' porque tenho uma morte no pensamento, Carlos.

— Como ?... que queres dizer ?

— Quero dizer que amanhã hei de bater-me com aquelle insolente, a menos que elle sobre ser insolente, não seja tambem covarde.

— Estás louco, Henrique.

— E' possível... e desde muito.

Os dous moços ficarão em silencio alguns instantes : finalmente, Carlos, com voz grave e solemne, disse :

— Não te assiste o direito de vingar aquella senhora.

— Como ?... não sou amigo de seu marido ?...

— Sim ; porém o tens offendido dez vezes mais que o estouvado mancebo, que fallava ha pouco.

— Offendido ?... eu... de que modo ?...

— Henrique, tu amas a mulher do teu amigo.

Henrique estremeceu vivamente, e depois respondeu em voz baixa e apertando a mão de Carlos :

— E' verdade ; mas sei amal-a em segredo.

No entretanto continuavão a gracejar no circulo, que pelos dous jovens havia sido deixado.

— Pois hem, disse o leviano ; vou vingar-me nobre-



mente d'aquelle assomado mocinho, que d'aqui sahio ha pouco.

— E por que meio ?...

— Trabalhando por tornar a nossa rainha um pouco menos merecedora de sua dedicação, e enthusiasmo.

— E' uma empresa um pouco difficil.

— Eu a reputo bem simples.

— E então ?...

— Vou requestal-a.

— Quando começa ?...

— Boa pergunta... já.

— Para ser repellido.

— E' provavel que não ; e para o mostrar... eis-me em campo : adeos... rezem por mim...

— Uma palavra ainda...

— O que temos ?...

— Uma concordata : se alancar victoria, trar-nos-ha uma violeta do bouquet, que ella cheira n'este momento.

— Não : uma violeta é bem pouca cousa : trarei no meu peito aquelle cravo, cujo pé deve estar fazendo cocegas terriveis na axilla da nossa bella.

— Está dito.

— Adeos pois... e outra vez rezem por mim.

O presumido mancebo foi direito até á cadeira em que se achava sentada a senhora morena.

— Minha senhora, disse elle ; eu vinha declarar a V. Ex. que sou um consummado traidor.

— Sinto, senhor, não poder louval-o por isso.

— Estava ali com aquelles senhores, fallando mesmo a respeito de V. Ex.

— E' possivel.

— Julguei que V. Ex. estimaria saber o que diziamos.

— Enganou-se ; sou bem pouco curiosa . se erão elo



gios, não sabendo d'elles, poupo-me a agradecimentos que ás vezes me custão muito; se me desabonavao, furto-me ao desgosto de ouvir censuras que realmente, ainda quando justas, não agradão nunca.

— E se acaso se houvessem dito cousas, que muito conviesse que V. Ex. as soubesse?...

— Pediria que as fossem referir a meu marido.

— E se o marido de V. Ex. as não devesse saber?... se mesmo cumprisse que elle as ignorasse sempre? replicou o mancebo.

— Não comprehendo... mysterios tão assombrosos, mas que se tratão em uma sala de baile, ao compasso das contradanças, e em um circulo de moços, alguns dos quaes devem ser bem levianos, são em verdade cousas muito incomprehensíveis!

— Se todavia V. Ex. quizesse arrasar esses segredos, achar o fio d'esse labyrintho, ou decifrar essa charada...

— Senhor... sou tão pouco intelligente!...

— Eu me obrigaria a aclarar-lhe tudo, desempenharia meu papel de consummado traidor, com a condição de V. Ex. aceitar o meu braço e dar comigo um passeio.

— Ah!... que tempo e que eloquencia que V. S. gastou para pedir-me um passeio!...

— E então?... V. Ex. será tão benigna que me não rejeite?...

— Mas eu estou tão cansada!

— Vejo que é ser importuno insistir, mas eu insisto.

— Sinto que é ser incivil teimar, mas eu teimo.

— Teima em que?...

— Em ficar sentada.

— Minha senhora, comprehendo que para quem não tem a honra de ser de V. Ex. conhecido, eu já pretendo muito; mas póde V. Ex. estar certa que eu não seria capaz de offendê-la.



  
ieb

- Oh ! não é isso : creia que sou pouc moedrosa.
- Ha pouco eu juraria o contrario.
- Pois passeemos.

Um raio de alegria terrivel brilhou nos olhos do manco : guardou silencio por alguns momentos, e quando se achou fóra da sala da dansa, começou, dizendo :

- Quer V. Ex. que eu comece a ser traidor?...
- Ah ! pois deveras temos uma historia?..
- E no fim um verdadeiro mysterio.
- Eu lhe escuto.
- Verá que vou trahir a mim mesmo.
- Diga... diga.
- Sustentava-se no circulo em que eu me achava, que V. Ex. era encantadora : todos concordarão e eu tambem.
- Só isso?...
- Engraçada ; convierão todos, e eu tambem.
- Mais nada?...
- Espirituosa ; todos apolárão, e tambem eu.
- E que mais?...
- Inconquistavel ; todos o affirmarão, menos eu.
- Menos o senhor?!!!
- Sim, minha senhora ; eu declarei que não havia mulher, de quem algum homem se não pudesse fazer amado.
- E disse bem, porque eu amo meu marido.
- Perdôe-me ; é que eu me não referia ao marido de V. Ex.
- Ah ! senhor!... isso agora...
- Minha proposição foi geralmente combatida.
- Fizerão-me justiça.
- Mas eu fui por diante ; sustentei quanto havia dito e jurei demonstral-o.
- E como, senhor?...
- Fazendo-me amado de V. Ex.



A senhora morena olhou espantada para o insolente que assim lhe fallava, e encontrou fitos em seu rosto dous olhares frios, mais impassíveis.

— Senhor!... disse ella com voz alterada.

— Jurei, prosequio o mancebo, que conseguiria isso hoje mesmo.

— E' incrível tanta ousadia!...

— E que em signal de minha victoria levaria no meu peito o cravo, que está ahi ornando o de V. Ex.

— Eu tenho pena do senhor, porque realmente me parece um pobre louco.

— Pena tenho eu de V. Ex., disse o mancebo apertando o braço da senhora: porque eu hei de d'aqui a pouco apparecer com esse cravo no meu peito; e d'aqui a pouco V. Ex. ha de na sala que deixámos, pelo menos, fingir-se docil a meus cumprimentos, e grata a meus extremos.

— Commetti uma imprudencia, em aceitar o braço de um fatuo que não conhecia, respondeu com nobre altivez a senhora; mas o senhor vai já levar-me a meu lugar, se não quizer vêr retirar-me só, e dizer em voz alta que qualidade de homem atreveu-se a offerecer-me o braço.

— Tanta fereza!...

— Senhor... tornemos á sala... aliás...

— Pois bem... V. Ex. ouvirá primeiro duas palavras, e depois... veremos.

.....  
— No fim de meia hora os dous entrãõ na primeira sala.

O cravo que ornava o peito da senhora, tinha passado para o do mancebo: elle estava radiante; ella muito pallida.

Henrique quando vio o cravo rajado no peito do atre-



vido moço, deixou-se cahir em uma cadeira, como fulminado por um raio.

Depois, passada uma hora ergueu-se, e Carlos chegou-se a elle.

— Então, Henrique, pretendes ainda bater-te amanhã ?...

— Não Carlos; mas parto para França no primeiro navio que der á vela.

.....  
Esta scena occorrêra no meado do anno de 1843.  
.....

A senhora morena que se havia tornado pallida, chamava-se Marianna.

O nome do mancebo fatuo que se fizera radiante, era Salustiano.

---



VIII

O pobre entre ricos.

Em consequencia das relações que com seus vizinhos entabolára inesperadamente, Candido teve de modificar esse correr de vida a que se havia condemnado: se o emprego de seus dias era ainda como d'antes, todo votado ao trabalho, parte de algumas de suas noites já elle passava fóra do velho sotão.

O convite de Anacleto não fóra simples fórmula de civilidade. Duas noites depois da tarde em que os moradores do Purgatorio-trigueiro fizeram sua visita de agradecimento á Bella Orphã, Candido recebeu um bilhete de Marianna, no qual, da parte de seu pai, o convidava para passar algumas horas no Céu côr de rosa.

De então por diante, força foi repetir a miudo essas noites de serão, porque, ou novos convites de Anacleto



vinhão lembrar-lhe e chamal-o para esse gozo, ou Irias o instigava a ir procurar a sociedade de tão bons vizinhos, mais que tudo porque contava que assim se poderia melhor destruir aquella acerba melancolia de seu filho adoptivo.

E Candido, que parecia abandonar-se a uma como que obediencia passiva; que sempre mostrava corresponder de má vontade aos convites de Anacleto; que nunca deixava de resistir ás instigações da velha Irias; que quando transpunha o alpendre do Céu côr de rosa, parecendo querer desculpar-se ante sua propria consciencia, dizia entre si « Não é voluntariamente, é só por condescendencia que aqui venho »; Candido, se não tivesse até então recelo de estudar a fundo o estado de seu coração, sentiria o como lhe palpitava açodado, ao elle subir a escadinha da habitação da Bella Orphã.

Candido estava no estado d'aquelles, que tendo o espirito mergulhado na duvida, e o coração nadando na verdade, mentem a si mesmos sem querer... sem sentir.

E todavia os serões do Céu côr de rosa devião agradar ao joven melancolico: ali não o podia turvar, nem o peso de uma multidão ruidosa, nem o cansaço de uma vigilia prolongada: os convidados erão poucos, escolhidos, e sempre os mesmos; e á meia noite todos se retiravão: até á meia noite conversava-se, jogava-se, e quasi sempre o dominio dos serões era exercido pela dança e pela musica.

O papel de Candido era comtudo muito limitado nos serões do Céu côr de rosa: elle nunca jogava; dansára á força uma ou outra vez, conversava quasi sempre com Anacleto, e a respeito de musica se desculpára come pouco entendedor da materia.

Apezar porém de sua completa inacção, era Candido muito bem tratado no Céu côr de rosa. Anacleto o dis-

ieb

tinguia da maneira mais positiva; ha um mez apenas que vira esse mancebo, e já parecia votar-lhe decidida e forte amizade. Marianna o cercava de atenções e cuidados; Celina o tratava com angelica doçura.

E a sociedade que costumava reunir-se no Céu côr de rosa, acompanhava, ou fingia acompanhar os donos da casa nos sentimentos que parecião nutrir por Candido.

Um só homem do mancebo se affastava; um só homem ali concorria, que mostrava desestimar o pobre mancebo: era Salustiano.

Tambem de sua parte, Candido pagava com extrema gratidão aquellas demonstrações de estima.

Ao pé de Anacleto seu coração se abria todo a esse nobre e expansivo sentimento que se chama amizade; sentimento elevado e bello, que um vil interesse não mingua e acanha, nem a baixaza do ciume tolda e degenera.

Contemplando Marianna, a acerbidade de sua melancolia se apacava, se mudava quiçá em doce tristura; elle achava n'aquella mulher um encanto poderoso, que o convidava a amal-a, não com esse extremo ardor com que se adora uma amante, mas com a affeição socegada e benigna, que se tributa a uma irmã... a uma boa amiga.

Seguindo algumas vezes com os olhos a Bella Orphã, elle sentia... mas era esse o sentimento que ainda Candido não ousára classificar: elle olhava de relance apenas; ouvia-a com indizível enlevo; tinha de côr o écho de suas pisadas; mas não se atrevia a dizer a si proprio o que sentia por Celina.

Ao resto da sociedade pagava Candido cumprimento por cumprimento, delicadeza por delicadeza.

Um só homem havia ali de quem o mancebo se affastava; era Salustiano. Antipathia inexplicável tinha entre



elles dous levantado uma barreira, ou cavado um abysmo.

Por consequencia devemos concluir, que apesar da presença de Salustiano, o coração de Candido agradavelmente se dilatava n'aquelles serões?... Antes de assim concluirmos, cumpre primeiro lembrar-nos de que Candido era um moço pobre e sem nome, e em seguida estudarmos a physiologia do coração do pobre, e a physionomia da sociedade em que elle vive; sociedade geralmente pervertida, que repelle sem discutir a pobreza e o desvalimento.

Estudemos pois, e comecemos pela sociedade.

Pois que na vida moral e physica do universo é tudo mais ou menos compensado, cumpria que em paga de seus mil dissabores, provasse o homem pobre uma feliz compensação. Elle, que de tantas cousas carece na triste vida que vive; elle, verdadeiro Tantalo, que vê no mundo um mar de gozos, e a nenhum d'esses gozos póde tocar com os labios; elle devia achar na sociedade d'aquelles que mais tem, uma hora de esquecimento d'aquillo que em vão deseja.

Mas o que é que todos os dias estamos vendo?...

Nós não queremos fallar do homem intromettido que, pobre ou não, em toda parte apparece, arranca á força o seu quinhão em tudo, não querendo vêr a cara má que lhe fazem, nem querendo ouvir a indirecta insultante que se lhe atira ao rosto: fallamos, creamos para d'elle fallar, o pobre cheio de merito e de pudor, que vê, que ouve, que observa, e que sente?

O que é que lhe dá a sociedade?... o que é que dá a elle, tão escondido por sua modestia, que precisa de uma mão que o levante para apparecer, e ser visto?... o que é que lhe dá?...



Quereis vêr como a semelhiante respeito se caracteriza a sociedade?... pois bem.

O pai de familia segue esse homem com os olhos, e quasi que se incommoda, se elle olha para uma de suas filhas, porque o pai de familia tem medo d'esse olhar do pobre; do pobre que não pôde sustentar o peso de uma carteira, onde se julgue seguro o porvir de uma mulher.

O mancebo não procura, foge antes do joven pobre, porque receia que sua amizade pesada lhe seja; que elle o occupe alguma vez... elle, que nada tem para poder servil-o um dia.

E aquelles que não são pais de familia, nem mancebos, e que com tudo são ricos, olhão para o homem pobre por sobre o hombro, envergonhar-se-ão de lhe dar o braço n'um passeio, e quasi que tem pejo de o considerar de sua mesma especie.

A mulher... oh! mais em honra da verdade digamos aqui: a mulher é só que ainda retém alguma generosidade e nobreza no meio d'esta nossa perversão tão grande: a mulher está ahí no jogo de altas inspirações e sentimentos elevados, envergonhando o homem todos os dias: mas pôde ir o pobre até a mulher?... como? se para chegar até ella é preciso vencer essa barreira de gelo, essa massa immunda que a prende?... como, se adiante da mulher está o homem?...

E quereis saber o que se pretende e se consegue com isso?... que uma linha divisoria separe os filhos de Deos; que o mundo pobre faça seu ninho muito á parte, e não vá conspurcar o céo da riqueza, que a casa do rico não seja empestada pelo halito do pobre!...

Erga-se embora o pai de familia, e diga que nós mentimos; brade o mancebo, e jure que insolente alevisia lhe levantamos; realmente um ou outro pai de familia, um ou outro mancebo desmente essa regra; mas o ge-



  
ieb

nero humano ahí está em totalidade demonstrando-a na pratica de um modo abominavel.

Será que o genero humano esteja assim todo, todo pervertido?... não : em regra geral, cada homem individualmente tomado, cada um de per si repelle a theoria infernal, mas va, realisa-a na pratica ; porque cada um de per si diz, que não é elle que ha de emendar o mundo, e, em uma palavra, porque esse ente abstracto, pervertido, degenerado, immundo, a nossa sociedade emfim, aceita, abraça a theoria, e, como já dissemos, horrivelmente a pratica.

E' por isso que a sociedade não discute entre o rico estúpido e o pobre instruido : a victoria cabe sempre ao primeiro.

E' por isso que ella, sem pudor, deixa a um canto a pobreza honrada, e festeja, lambe os pés da riqueza mesmo indignamente adquirada.

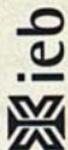
E' por isso que a porta que se não abre ao pobre modesto e nobre, se escancára ante o millionario immoral, cuja presença em uma casa é ás vezes o annuncio da deshonra.

E' por isso... mas basta. E se a sociedade disser que mentimos, nós a mandaremos olhar para si mesma; e ella ha de por força córar de vergonha, observando-se.

Ainda se o caminho da fortuna e da riqueza se facilitasse a todos homens... mas não ; uma porta de ferro a fecha, e o pobre não póde vencê-la, porque não tem a chave que abre todas as portas... o dinheiro.

E agora pensareis, que por tal maldizemos a sociedade geral?... que sobre os hombros lhe lançamos a pesada culpa de tanta miseria?... não : mil vezes não.

Não deve ser maldita a sociedade geral ; sêl-o deve sómente a sociedade que governa.



ieb



Ahi está o poeta nacional que brada .

« Nasce de cima a crrupção dos povos. »

E ahi está a sociedade que governa, justificando o bradar do poeta :

Com a impunidade espantosa do rico.

Com o patronato, o escandalo, e a servidão vergonhosa que se presta ao rico.

Com a preferencia inaudita que em tudo se dá mil vezes ao rico sem merito algum, sobre o homem que, sendo embora distincto, é todavia pobre.

O que querieis que fizesse a sociedade geral?... ella hoje, como sempre, arremeda a sociedade que governa.

E' o governo quem desmoralisa quem tem desmoralizado o povo; o erro vem d'aquelles a quem cumpria mostrar o bom caminho, caminhando elles mesmos adiante.

Mas seja de quem fôr a culpa, o resultado é sempre o mesmo : a sociedade geralmente pervertida, repelle a pobreza e o desvalimento.

E agora comprehendei comnosco o homem pobre lançado ahi no meio da sociedade que o rejeita : entrai comnosco dentro do seu coração para poder bem sentir o que se passa n'elle.

Em consequencia d'esse constante soffrer, em consequencia da inabalavel firmeza com que a sociedade desenvolve o nefando programma da omnipotencia da riqueza, resulta, que profundas e terriveis convicções se imprimem no coração do pobre. Elle se acha convencido de que :

Nas relações politicas não se dá jámais igualdade de lei entre rico et pobre, quer se deva — proteger — quer — castigar : — ha iniquidade sempre; porque para o pobre não ha protecção, mas ha castigo, e para o rico ha protecção, ha patronato, e ha impunidade.





Nas relações domesticas, em consequencia d'essa depravação publica, tributa-se um culto espantoso á riqueza, e o homem pobre acha quasi sempre n'aquelles que mais tem, ou desprezo, ou um *esquecimento involuntario*, que dóe ainda mais, porque é a demonstração viva da propria miseria.

Sabeis qual é, e qual será o resultado de tudo isto ?...

E' que hoje o pobre já não tem amor ás instituições, nem confiança no governo; porque as leis servem sómente de punil-o, e o governo não cura de protegê-lo.

E' que amanhã o pobre terá em desprezo a lei, e ha de desconfiar da sociedade que governa; e depois de amanhã... e no futuro, n'um dia emfim que felizmente bem longe está ainda, o povo pobre que é muito mais numeroso do que o povo rico, perguntará áquelles que estão de cima — se ainda não é tempo de minorar-se o peso de sua cruz, se o seu calvario não se acaba de subir nunca.

E' que hoje o pobre indifferente e soffredor, carrega o seu peso silencioso como o camello, e um dia mais tarde, ai de nós se elle chegar, levantará a cabeça, orgulhoso como o leão, e terrivel como o tigre.

Não se diga que o mundo é hoje como fôra hontem, e como será amanhã: não. No mundo tudo sobe e desce gradualmente, e n'este caso é preciso convir que a perversão e a immoralidade tem ido subindo de grão em grão. Deos permita que tambem a paciencia dos que soffrem não tenha ido igualmente de grão em grão subindo; porque então, quando o thermometero terrivel marcar o ultimo e mais alto grão de perversão, marcará tambem o ultimo e mais alto de paciencia.

E essa repulsão, esse desvalimento, o homem pobre encontra por toda a parte. No corpo abstracto que representa a grande familia, no alto corpo social recebe

elle esses golpes terriveis e mortaes, que ferem seus direitos naturaes e civis, que destroem a igualdade do genero humano, que dividem os filhos de Deos em dous bandos — protegidos — e repellidos.

E na pequena sociedade das familias dos ricos, o homem pobre se atira a um canto; vê rir, vê brincar, vê gozar, vê ser feliz; e quasi nunca ri, brinca ou goza, e jámais é feliz. Algumas vezes desprezado, quasi sempre involuntariamente esquecido, elle fica ao canto com a convicção de sua miseria: na pequena sociedade de que fallamos, elle soffre pequenos, mas repetidos golpes: pequenos, mas que lhe dóem muito, porque lhe vão ferir esses pontos mais dolorosos da sensibilidade.

E essa convicção da propria miseria, e de seu immenso desvalimento, tem tão grande influencia no homem pobre, que ás vezes mesmo em um circulo excepcional, mesmo na sociedade de alguns poucos que abominão a maxima diabolica, que sendo ricos não sabem *esquecer involuntariamente* o pobre, este não se anima a tomar para si um papel igual ao dos mais que ali estão, porque embora excepcional seja esse circulo, o pobre tem n'alma a convicção de sua miseria e de seu desvalimento, e por isso se entorpece, ou recêia... acanha-se.

Era esta ultima a posição de Candido nos serões do Céu cor de rosa.

Que importavão as demonstrações de amizade de Auacleto, as attentões e cuidados de Marianna, e a doçura angelica de Celina?... que importava a atmosphaera pura e leve que no Céu côr de rosa elle respira, se dentro de seu coração lhe estava pesando a profunda convicção da miseria do pobre?... por tanto, elle se deixava ficar escondido em um canto da sala... do seu lugar... no lugar que geralmente na casa d'aquelle que



ieb

muito mais tem, se deixa ficar o que muito menos tem.

Mas ahí mesmo, ahí n'esse retro vinha esmagal-o o peso do seu infortunio : d'ahí elle via Celina cercada e lisongeada por mancebos que podião sorrir-se para ella, ouvia dizerem-lhe baixinho o elogio de sua belleza, e depois irem cantar com ella duetos apaixonados ; mancebos emfim, que podião merecê-la ; e elle via esses sorrisos, ouvia o murmurio d'essas palavras ditas de subito... e não podia fazer outro tanto, porque, quem sabe se por unica resposta a seus cumprimentos, Celina lhe perguntaria : — Quem és tu?...

E supponhamos que, graças á sua virtude e urbanidade, nada lhe dissesse Celina, não poderia essa menina perguntar dentro de si mesma : — Quem é elle?...

E não basta simples supposição para fechar a boca do homem pobre e desconhecido, que tem no coração um pouco d'esse orgulho sagrado que todo o homem de honra se ufana de ter?...

Por tanto, os serões do Céu côr de rosa não offerecião a Candido o encanto immenso que em outras circumstancias lhe offerecerião : a razão d'isso estava n'elle mesmo.

Mas, emfim, um pouco á força dos convites de Anacleto, e das instigações da velha Irias, e um pouco á força dos convites e das instigações de seu proprio coração, Candido era um dos mais assíduos frequentadores do Céu côr de rosa.



IX

**Um serão do Céu côr de rosa.**

A noite estava bella, a lua clara e brilhante e brisas suaves e frescas fazião esquecer a calma abrasadora de um dos primeiros dias de Dezembro, que acabára de passar.

Um grupo de curiosos e amadores tinha-se formado defronte das janellas do Céu côr de rosa e applaudia os cantos agradaveis que ali erão entoados.

Um velho guarda-portão estava sentado á porta, do alpendre da casa feliz.

Jacob e Helena observavão de suas janellas o que se passava e o que se dizia.

Dentro do Céu côr de rosa reinava a felicidade e borbulhava o prazer. Cerca de trinta pessoas entre senhoras e homens, gozavão o serão d'aquella noite.



  
ieb

Marianna estava radiante, porque defronto d'ella, e com os olhos embebidos em seu rosto, Henrique parecia crêr-se ditoso.

Salustiano não se mostrava resentido d'isso, e fazia a côrte exclusivamente á Bella Orphã.

Candido, um pouco afastado das senhoras, não parecia alegre nem triste; ia, apesar seu, bebendo a largos tragos o terrível veneno d'alma que se bebe pelos olhos e se concentra no coração: sem o sentir, elle ficava ás vezes em extasis, contemplando Celina do mesmo modo que pelo pensamento se prendia á vida d'ella inseparavel, como a sombra de seu corpo: longe da Bella Orphã, receando aproximar-se, esquecia-se de si proprio em aereas meditações; ou outras vezes despertava cruelmente sacudido pela mão espinhosa do ciúme, que lhe mostrava um joven conversando a sós com Celina, ou sorrindo-se para ella.

Os sinos tocáão nove horas.

— Oh! bem; disse Marianna: ha uma hora que cantamos: deixemos descansar aquelles que nos ouvirão, conversemos tambem.

— A commandante das moças deu a voz de — liberdade — ao seu batalhão, disse um homem de meia idade, que se suppunha muito espirituoso.

— Então hoje não se dança aqui, D. Celina? murmurou ao ouvido da Bella Orphã uma interessante mocinha.

— Eu sei, D. Felicia! se vossê quer dansar, eu vou dizer a minha tia.

— Deos me livre!

— Mas porque?...

— Porque aquelles senhores havião de pensar que eu morro por dansar.

— Que tem isso? pensavão a verdade.



ieb



— Sim... sim... porém pensarião tambem que eu gósto de dansar por causa d'elles... para conversar... para ouvir-os dizer muitas cousas...

— E não é, por isso?... perguntou Celina sorrindo-se.

— Qual?...

— Então porque é, D. Felícia?...

— Ora, é porque a gente sempre gósta de se mostrar.

— Bravo, D. Felícia, exclamou outra moça, que se sentava perto de Celina.

— Ah! vossê estava ouvindo, D. Marianna?... pois olhe, é muito mal feito vir escutar o que se está falando em segredo...

— Obrigado pela reprehensão, minha senhora, disse um mancebo que d'ellas se aproximava n'esse momento; eu a recebo, porque, na verdade, a mereço.

— Oh! não; não era a V. S. que eu me estava dirigindo.

— E' o mesmo; talhou uma carapuça que me serve ás mil maravilhas.

— Pois então sirva-se, disse Mariquinhas.

— Eu confesso que morro por saber um segredo de moça... ha sempre tanta graça nos innocentes mysterios de um coração que tem só dezeseis annos!

— Ah! tornou Mariquinhas, e se o senhor soubesse então dos mysterios de um coração como o de D. Felícia, que tem só dezeseite annos e meio!

— E desgraçadamente, nem ao menos nutro a esperança de poder sabê-lo um dia!

— E que mysterio... era um desejo immenso de...

— D. Mariquinhas! exclamou Felícia.

— Veja como ella córa... não... não digo : uma cousa espantosa... que póde produzir consequencias tão desagradaveis...



ieb

— Deveras, minha senhora ?...

— O senhor é de segredo ?...

— Muito.

— Pois bem : D. Felicia...

— Diga.

— Quer dansar.

O moço não pôde deixar de rir-se.

— Pois que pensa, minha senhora ?... disse elle ; mesmo isso é um mysterio : quem sabe a razão porque ella quer dansar ?...

— Não é por nada, interrompeu Felicia : eu não disse, eu não desejei cousa alguma : o que me parece é, que D. Mariquinhas está doida por uma contradança.

— Lá isso também é verdade...

— Pois é facil satisfazer seus desejos ; eu vou tocar. O moço dirigio-se ao piano.

— Ah ! D. Mariquinhas ! tornou Felicia ; vossê sempre está com disposição para gracejar !...

— Mas agora não foi gracejo, foi calculo : eu queria dansar : olhe, está vendo aquelle moço de oculos verdes ?... pedio-me uma contradansa no ultimo serão, e devo pagar-lh'a n'este...

— Como anda vossê tão adiantada !...

— Qual ! atrazada pelo contrario... estou carregada de dividas... em tres bailes não pago o que devo.

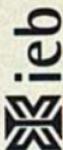
— Bom... lá se tocão os compassos de prevenção...

D. Leocadia já está bolindo na cadeira... que maldito costume tem aquella moça !

— Coitada... é com razão : o exercicio... o movimento a torna um pouco menos amarella.

As moças forão interrompidas por alguns cavalheiros que a ellas se chegarão pedindo contradansas.

Marianna acabava de aproximar-se de uma janella. Salustiano foi ter com ella.



— Uma contradansa... a que se vai dançar, minha senhora...

— Esta não é possível, já tenho par.

— A seguinte ?...

— Também já a prometti.

— Ao mesmo cavalheiro da primeira, sem duvida... disse sorrindo-se Salustiano.

— E' verdade, respondeu Marianna sem hesitar.

— O. Sr. Henrique ?...

— Elle mesmo.

— Bem, tornou Salustiano mudando de tom : hei de logo pedir-lhe um obsequio de outra ordem.

Henrique veio dar a mão a Marianna, lançando um olhar de desprezo a Salustiano, que o pagou com seu costumeiro sorrir sarcástico.

Salustiano passou ainda pelo desgosto de achar Celina engajada para 1ª, 2ª e 3ª contradansas ; erão tantas quantas se costumavão dançar em cada serão.

A dança começou. Candido não se tinha levantado, e conversava então com a velha Irias.

Anacleto chegou-se a elles.

— Que faz aqui sentado e triste, como um velho de setenta annos, este moço que não tem mais de vinte ?...

— Estava reprehendendo-o por isso, respondeu Irias : é uma cabeça cheia de teias de aranha ; sabe cantar, e não se deixa ouvir ; dança com graça, e o estamos vendo sentado.

— Pois elle canta ?...

— Não o sabia, Sr. Anacleto ?...

— Disse-nos que pouco entendia de musica.

— Olhem só que mentiroso ! exclamou a velha : canta, e tem excellente voz.

— Minha mãe, disse Candido ; para que me ha de estar compromettendo ?



ieb

— Canta, Sr. Anacleto: o sujeitinho canta...

— Deixe-o 'estar, que o tomo d'agora por diante á minha conta.

Terminára a primeira quadrilha.

— Venha cá, meu caro senhor, disse Anacleto tomando o braço de Candido: venha cá, e fique sabendo que não gósto de caras tristes em minha casa.

O velho levou o mancebo até junto de sua neta: Candido sentiu um calafrio geral coar-lhe por todo corpo.

— Celina, disse Anacleto, apanhei este maganão em um crime: é mentiroso, é hypocrita, e tudo quanto ha de máo n'este mundo: sabe cantar excellentemente, e veio aqui dizer-nos que nada sabia de musica.

— E', senhor, que eu... realmente...

— Adeos, meu caro, já não creio em suas desculpas: Celina, fazes annos d'aqui a quatro dias; tomaremos sem duvida chá com nossos amigos na noite d'esse bello dia; não queres pedir alguma cousa ao Sr. Candido?

A Bella Orphã entendeu o pensamento do velho, e disse ao moço:

— Peço-lhe que n'essa noite nos dê o prazer de se deixar ouvir cantar.

— E agora?... responda, meu cavalheiro.

— Cantarei, minha senhora: respondeu o mancebo a tremer.

Tinha-se formado um circulo á roda de Anacleto, Candido, e Celina.

— Bem, bem; tornou o velho esfregando as mãos; mas resta que de tua parte agradeças de antemão ao nosso mentiroso o sacrificio, que vai fazer por teu respeito.

— Mas eu não sei que especie de agradecimento..

— Sabes o que elle me dizia ha pouco? que desejava ardentemente dansar contigo a proxima quadrilha...



— Senhor... balbuciu Candido.

— Homem, não me venha com novas mentiras; falle, quer ou não quer dansar com minha neta?...

— Minha senhora, disse o mancebo dirigindo-se a Celina; ouse pedir-lhe essa graça...

A moça hesitou primeiro, e emfim respondeu:

— Com muito prazer.

Depois, levantando os olhos, vio diante d'ella Salustiano, a quem um quarto de hora antes tinha negado a mesma quadrilha que acabava de conceder a Candido.

Desfez-se o circulo que estava formado defronte de Celina: Salustiano retirou-se sem dirigir-lhe uma só palavra: as moças ficãrão de novo livres da companhia dos homens.

— D. Celina, perguntou Felicia, porque é que aquelle moço tremia tanto quando te fallava?...

— Eu sei! é talvez por ser naturalmente acanhado.

— Restava sabermos, se elle tremeria do mesmo modo fallando a qualquer de nós outras; acudio a maliciosa Mariquinhas.

— Porque?...

— Porque se não tremesse, tiraríamos uma bella consequencia.

— Maliciosa!... disse Felicia, em quanto Celina fazia-se um pouco córada.

O piano chamou os pares á sala.

— Nunca houve piano que tocasse mais a proposito, tornou Mariquinhas: Celina estava me contando, sem querer, umas poucas de cousas no rubor de suas faces.

— Ah! D. Mariquinhas!...

— Cuidado comigo... não hei de tirar os olhos de vossê, emquanto dansarmos.

Dansou-se a segunda quadrilha.

Era a primeira vez que Candido dansava ao lado de



  
ieb

Celina : uma mistura de prazer e de acanhamento : de satisfação immensa, e de como duvida do gosto de tão grande ventura, dava ao rosto do mancebo uma expressão nova, bella e interessante.

Accrescente-se a isso a perturbação de Celina, que se sentia devorada pelos olhos curiosos de Mariquinhas, e conceber-se-ha a sensação que experimentavão, os dous quando suas mãos se encontravão, quando se vião dançando defronte um do outro, esses dous jovens, um dos quaes não sabia dizer se amava, e o outro não comprehendia ainda talvez o que era amor.

Em silencio ambos, debalde uma e outra vez tentou Candido encetar alguma conversação : tudo se terminava em breves monosyllabos pronunciados a tremer por qual-quer dos dous.

A segunda quadrilha terminou ; e no correr da terceira teve principio um episodio que occupou por alguns momentos a attenção da sociedade.

Em um passo mais rapido que Celina devia fazer, cahio-lhe do cabello um botão de rosa que foi a tempo apanhado pelo seu cavalheiro de vis-a-vis.

Terminada a quadrilha o cavalheiro dirigio-se á Bella Orphã, e mostrando-lhe o botão de rosa, disse :

— Na Inglaterra, minha senhora, os grandes fidalgos quando jogão, desprezão o dinheiro que lhes cabe no chão, e que emfim fica pertencendo ao criado mais feliz que primeiro o apanha. Levantei este botão de rosa que lhe cahio quando dansava ; e dar-me-hei por extremamente venturoso, se dispensar a flôr que rolou a seus pés.

— Oh ! é impossivel ! exclamou Celina com voz apaixonada ; o meu botão de rosa !... não... de modo nenhum...

— Devo crer que a minha pouca ventura...



ieb



— Não deve crêr, em nada... pouco ou muito feliz, seria sempre de ouvir a mesma cousa...

— Ah! comprehendo: não quer dar flôres a moços.

— O meu botão de rosa?... nem a moças,

— A sua melhor amiga...

— Não conseguiria arrancar-m'o.

— Portanto este botão de rosa...

— E' a flôr... do meu coração.

— Feliz a mão que da roseira o colheu!!

— Foi a minha.

— Póde ser... devo crêr-o... no entretanto preciso é que me sujeite ao sacrifício de entregar-lhe um thesouro, que eu poderia guardar impunemente.

— Faria uma má acção...

— Bem, minha senhora; eis ahí o seu talisman... Deos lhe conserve o valor e as virtudes.

O cavalheiro entregou o botão de rosa, talvez com má vontade, e retirou-se.

Candido, quando vio a pequenina flôr passar do peito do moço para o cabello de Celina, sentio entrar-lhe a vida no coração.

— Oh! bravo, D. Celina! acudio Mariquinhas; eis ahí um botão de rosa que deve encerrar o mais interessante mysterio.

— E' certo.

— Foi dado?

— Não; colhi-o.

— Quem plantou a roseira?...

— Não sei.

— Mas então como se explica esse ardor, com que ha pouco pedias o teu botão de rosa?...

— E' que eu amo os botões de rosa; tenho predilecção por elles, como vossê tem pelas violetas, e D. Felicia pelos cravos brancos.



  
ieb

— Nada... ali ha cousa.

Celina esteve algum tempo pensando, e enfim disse :

— Talvez.

— Oh ! pois então conta-nos : eu sou louca por historias de flôres.

— Porém é uma tolice de criança...

— Não faz mal... conta.

— Aqui não.

— Vamos ao toilette.

— Pois bem... vamos... vem connosco, D. Felicia.

As tres moças sahirão da sala.

Anacleto, que tinha podido apanhar algumas palavras do que ellas acabavão de fallar, chamou de parte Candido, e levando-o para dentro consigo, disse-lhe :

— Vamos de vagar... pregaremos uma peça áquellas tres sujeitinhas, ouvindo contar uma historia de flôres, que sem duvida não terá pés nem cabeça, mas que enfim poderá servir para divertir-nos.

No entanto Salustiano tinha achado occasião de fallar a sós com Marianna.

— Chegou-se a ella e disse :

— Depois de amanhã pelas cinco horas e meia da tarde, terei a honra de visitar a V. Ex. : conversaremos durante meia hora sobre objecto tão importante, que eu tenho a certeza de que V. Ex. achará na riqueza de seu espirito meios de sobra para affastar d'aqui todas as pessoas que nos possão ser incommodas durante essa meia hora.

— Senhor!...

— Depois de amanhã, ás cinco horas e meia da tarde.



**Historia do botão de rosa.**

Em lugar de ir com as duas amigas para o toilette, que era mesmo no primeiro andar, a Bella Orphã guiou-as para o segundo, e entrou com ellas em seu quarto.

Anacleto, levando sempre pela mão a Candido, subio tambem a escada, e entrou, pé por pé, com o mancebo no quarto de Marianna.

As duas camaras erão apenas separadas por uma delgada parede, e uma portinha as communicava pelo fundo : a portinha estava simplesmente tapada com um leve reposteiro, ou melhor, com uma cortina de seda cõr de rosa debruada de fita azul.

O velho levou o moço ao fundo da camara, e com precaução e cuidado correu a cortina. O quarto de Ma-

  
ieb

rianna não tinha luz : no de Celina ardião tres velas em um candelabro de bronze.

Candido vio primeiro um leito virginal defendido por cortinados de cassa branca, e atravez d'elles tres moças encantadoras, cujas elegantes fórmãs se desenhavão ainda na sombra.

E não pôde vêr mais nada, porque Celina começava a fallar.

A Bella Orphã pronunciou algumas breves palavras ; mas olhando para as duas amigas, e lendo-lhes no rosto a curiosidade com que estavam, córou, e hesitando, disse :

— Ora... é uma puerilidade... um sonho de criança, que parece loucura contar

— Não, não, D. Celina ; conte sempre.

— Ha de ser por força muito bonito.

— Sem duvida ; pois que além de tudo, é um sonho de flôres.

Celina principiou a contar a historia do botão de rosa, com os olhos pregados no collo.

— Foi no dia em que eu fiz treze annos : jantáráo e passáráo a noite comigo duas camaradas de collegio, ambas dous annos mais velhas do que eu : D. Luizinha e D. Leopoldina : Leopoldina era viva como vossê, D Felicia ; Luizinha maliciosa, como vossê D. Mariquinhas.

— Obrigada pelo elogio, disse esta.

— Deixe-a fallar, acudio Felicia.

Celina continuou.

— Tres moças que se conhecem desde a infancia, que brincáráo juntas, e juntas estudáráo, tem sempre tantas cousas para se dizer, que a certa hora nós nos escapámos da sala, e fugimos para conversar sem testemunhas, escondidas no meu quarto : foi n'este mesmo

ieib

quarto! disse a moça, certando com um suspiro sua narração.

— N'este mesmo quarto! murmurarão como admiradas d'aquella coincidência, as duas ouvintes.

— Passámos muito tempo, proseguiu a Bella Orphã, a rirmo-nos muito, lembrando-nos do passado, e de nossas travessuras; e depois misturámos com essas alegrias tantas saudades... tantas... e tão grandes, que estivemos a ponto de chorar: depois sonhámos também com o futuro, e nossas cabeças de meninas o não desenhando sempre tão bonito... tão bonito!... enfim tivemos vontade de fallar no presente, e Luizinha deu-me um beijo e me disse:

— Já estás moça, Celina!

— E' verdade, disse Leopoldina; já estamos todas tres moças; e, continuou ella rindo-se, aqui para nós, somos bonitas.

— E como é bom ser moça, quando se é bonita, tornou Luizinha, os velhos no admirão, as outras senhoras nos invejão, e os moços nos amão.

— Antes todos nos amassem, disse eu.

— Como ella é!... exclamou Leopoldina rindo-se muito.

Eu fiquei admirada d'aquelle tanto rir, que me parecia muito fóra de tempo.

— Em parte também eu sou assim, tornou Luizinha; não amo a ninguém ainda; mas quizera que todos bebessem os ares por mim: quando eu passo junto de um homem, a quem vejo mesmo pela primeira vez, e elle me olha de certo modo e acompanha com a vista, ou me segue, eu gósto... eu confesso que gósto.

— Oh! sim disse Leopoldina; mas é tempo de fazermos um ajuste.

— E qual? perguntei.



ieb

— Logo que uma de nós amar, dil-o-ha em confiança ás outras.

Eu comecei então a pensar que havia algum grande mysterio na vida, que essa palavra — amar — queria dizer.

— Pois bem, tornou Luizinha, eu estou prompta... é um bello ajuste; porque eu nunca terei vergonha de o dizer: quando amar, hei de amar bem, e a quem bem o merecer.

— Sim!... e tambem eu, disse a outra.

— Não ha de ser com seu ouro e suas riquezas que poderá um homem agreste, frio, e sem espirito comprar o meu coração.

— Oh! sim!... exclamou Leopoldina.

— Nem ha de ser o velho que poderia ser meu pai, quem, a preço de suas carruagens, ou de sua brilhante posição na sociedade, de suas commendas ou de seus palacios, ganhará a minha mão.

— Oh!... sim!...

— Ha de ser um moço... bem moço, pouco mais velho que eu... bástão quatro ou cinco annos; um moço bonito, com cabellos annelados, olhos brilhantes, dentes claros, sorrir gracioso, e mãos finas; com espirito cultivado, genio alegre, e..., não precisa ser rico.

— Ora! para que dinheiro?... acudio Leopoldina.

— E tu que dizes, Celina?... disse Luizinha, dirigindo-se a mim.

Eu fiquei em silencio por algum tempo: mas enfim, córando muito de minha ignorancia, perguntei:

— O que é amar?

Minhas duas amigas começaram a rir-se tanto... tanto... que por fim causou-lhes piedade a perturbação, em que me punha a hilaridade que eu provocára.

— Pois não sabes o que é amar?...



— Amo a meus pais, a meus parentes, a minhas amigas, e aos amigos de meus pais : o mais não sei.

— Coitada! murmurou Leopoldina.

— Pobre eriança !... accrescentou a outra.

Eu me achava realmente confundida.

— Luizinha, explica-lhe o que é amar, disse Leopoldina.

Então Luizinha tomou uma de minhas mãos entre as d'ella, e me fallou assim :

— Celina, eu vou dizer-te que é amar um homem, que não é nosso pai, nem nosso irmão, nem nosso amigo ; escuta. Nem sempre pertencemos a nossos pais : chega um dia, em que a nossa vida começa a correr de outro modo, e deixando aquelles que nos derão a existencia, passamos a ser a eterna companheira de um homem, que deve amar-nos, e trabalhar para nós, que reparte connosco seus prazeres, e seus pezares ; que fórma com sua companheira um ente só ; que é o nosso melhor amigo, e mais do que nosso irmão : ora pois, escolher, mesmo sem se querer, sem se sentir, mas escolher com os olhos e com o coração entre mil, entre todos um homem, ao qual desejamos pertencer d'esse modo ; pensar n'elle de dia, sonhar com elle de noite, estar triste em sua ausencia, tremer de alegria e de pejo a seu lado, resistir ás ordens de um pai, que manda esquecê-lo, e lembral-o ainda mais depois d'isso, jurar ser d'elle ou de ninguem, e soffrer emfim tudo por elle ; eis aqui o que é amar.

— Ah ! Celina ! exclamou Mariquinhas interrompendo-a ; a tua camarada tinha aproveitado muito no collegio !...

— Não a interrompas, disse Felicia.

Celina continuou :

— Eu fiquei pensativa e admirada : nunca me tinha



  
ieb

vindo ao pensamento, que se pudesse amar assim a um homem estranho.

Luizinha ainda se dirigio a mim.

— E agora, que já sabes o que é amar, Celina, é preciso que subscrevas ao nosso ajuste; que nunca sejas a companheira de um homem a quem não tenhas amor; e que, finalmente, logo que chegues a amar, nol-o digas em confidência.

— Mas quem sabe se chegarei a amar d'esse modo?! respondi eu.

Minhas duas amigas começaram a rir-se de novo; e Luizinha replicou :

— Has de chegar, Celina; o amor vem quasi sempre contra nossa vontade, e ainda contra nossa vontade se deixa ficar em nossos corações.

— E como sabes tu isso, Luizinha?...

— Ora! tornou-me ella; achei uma boa amiga que me deu as explicações que agora te estou dando.

— Quem nos diz que ella não ama já?... disse Leopoldina.

— Ainda não: mas vamos ao nosso ajuste: tu subscreves a elle, Celina?...

— Subscrevo, respondi hesitando.

— Vamos jurar! exclamou Leopoldina.

Fizemos um juramento de moças: jurámos por nossa amizade, e sellámos o nosso pacto com beijos.

Descemos, e entrámos na sala, onde todos notarão que eu estava pensativa e um pouco melancolica.

A's onze horas da noite retirárão-se nossas visitas. D'ahi a pouco meu pai abençoou-me, e eu subi de novo para meu quarto.

Deitei-me: minha mãe entrou, dirigio-se a meu leito e como costumava fazer todas as noites, beijou-me nos labios e disse.



— Dorme bem, Celina.

Achei-me só.

Começarão então a ferver em minha cabeça aquellas idéas que eu tinha pela primeira vez concebido: foi-me impossível dormir durante muito tempo; julguei que delirava; pensei que ia ficar doida, porque ás vezes parecia-me vêr ao redor de mim meninos loiros e travessos, que corrião, saltavão, chegavão-se a meus ouvidos, dizião baixinho — amar! — e fugião de novo correndo, saltando, e rindo-se muito; outras vezes era uma mão invisível, que estava escrevendo pelas paredes de meu quarto, e com tinta de fogo, essa mesma palavra — amar!...

Emfim, adormeci.

Mas o pensamento, que me governava accordada, não me deixou dormindo: apezar meu, a idéa unica que me occupava até no somno, era essa mesma que me tinhão feito conceber na palavra — amar.

Sonhei.

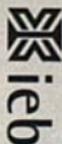
Eu estava em um valle coberto de verde gramma: defronte de mim erguião-se dous montes altos, e povoados de lindas palmeiras; por entre elles prolongava-se um lago profundo, mas de aguas tão limpidas, que se lhe via perfeitamente o leito de areias de ouro.

O lago, que se continuava por entre os montes, vinha terminar-se no valle, e a poucas braças de um outeirinho, onde eu estava sentada debaixo de um caramanchão natural.

Não era dia nem noite; era a hora do crepusculo.

De repente souu uma musica doce e maviosa, como eu nunca tinha ouvido; e uma multidão de meninos semelhantes aos que eu imaginára accordada, todos elles lindissimos, loiros, muito claros e rosados, vierão com cestinhas de flores nos braços dansar ao redor de mim.



  
ieb

A musica soava sempre... sempre... e parecia que vinha do céo.

No fervor de sua dansa começáron os meninos a lançar flôres sobre mim; derramou-se na atmosphera um immenso perfume... deleitoso... embriagador... e a musica soava sempre tão doce... tão bella, que eu me senti adormecer entre perfumes e harmonias.

Mas era um somno de encanto, no qual eu via tudo quanto se passava no valle...

Então o mais formoso d'aquelles meninos tirou d'entre os cabellos, que erão fiôs de ouro, uma setta pequenina, porém muito aguda, chegou-se a mim, e rasgando-me o peito, arrancou-me o coração.

Eu não senti dôr, nem correu sangue; e a ferida de meu peito fechou-se de repente a um beijo, que n'ella deu o menino; e não ficou cicatriz.

A musica cessou immediatamente, esvaecêrão-se de subito os perfumes; os meninos batêrão palmas, e soltáron grandes risadas, e eu, despertando ao ruido d'ellas, comecei a chorar muito por vêr o cruel roubador levar o meu coração.

A poucos passos de mim o menino cavou a terra com a setta, lançou na cova que fez, o meu coração, e cobrio-o com a mesma terra que havia tirado.

E os outros que me vião chorar muito, vierão com as mãosinhas apagar minhas lagrimas, e forão com ellas regar o meu coração, que estava plantado.

Chorei ainda, e enquanto chorei, elles regáron a terra e quando o meu pranto cessou, vi ir nascendo um arbustinho no lugar onde o meu coração fôra plantado.

Os meninos mal perceberão que o arbustinho vinha brotando, corrêrão para os montes batendo palmas e rindo-se muito.

Desceu então do céo um bello anjo, que veie voar á



ieb



roda de mim, e depois pousou entre flôres sobre o caramanchão : esse anjo tinha o rosto de minha mãe, e olhava para mim tão piedoso !...

E o arbustinho foi crescendo... foi crescendo... era uma roseira : começou a florescer e botou tres botões : um do lado esquerdo, outro da parte direita, e o terceiro em cima.

Quando os botões estavam completamente desenvolvidos, eu vi um batel que vinha sahindo d'entre os dous montes, e navegando pelo lago.

O batel era lindissimo, as cortinas erão de franjas de ouro, as vélas de seda, os marinheiros tinham cintas marchetadas de esmeraldas e diamantes ; e o dono do batel, vestia com riqueza tai, que só se vê em sonhos, e que não se pôde explicar em desperto.

O dono do batel saltou no prado, e apezar de sua magnificencia, eu tive medo de seu olhar, que era feroz, de seu sorrir, que era medonho, de suas mãos, que erão de desmesurada grandeza.

E elle veio vindo... veio vindo... até que parou de frente da roseira.

Eu levantei a cabeça, olhei para o meu anjo, e vi-o tremendo de susto, e me olhando com expressão de dôr tão profunda, que desatei a chorar desolada.

O dono do batel não quiz vêr a minhas lagrimas...

Com ar pretencioso, com passo firme, aproximou-se da roseira, e colheu o primeiro botão... era o do lado esquerdo.

Mas quando o quiz levar aos labios para beijal-o... o botão se foi mirrando... mirrando... mirrando... até que sumio-se de todo, e se esvaio em um sopro, que simulou um suspiro.

O meu anjo soltou um grito de prazer, e o batel e seu dono desaparecêrão inopinada... inexplicavelmente.



  
ieb

Tudo mais ficou como estava; e a roseira com os dous botões, que lhe restavão.

E logo depois eu vi, não um batel, mas um carro que vinha sahindo d'entre os montes, e navegando pelo lago.

O carro era todo de prata, e puxado por grandes cavallos negros riquissimamente ajazados, que bufando, nadavão, como se fossem peixes: os criados venção em magnificencia e luxo aos marinheiros do batel: outra vez riqueza e brilhantismo; mais riqueza ainda do que ha pouco.

E saltou no prado o dono do carro de prata: vinha coberto de vestes muito ricas e muito lindas, e tinha o peito cheio de brilhantes medalhas; mas apesar d'isso eu vi, que seu olhar estava amortecido, seu rosto pallido e rugoso, e suas mãos já trémulas: era um velho.

E elle veio vindo... veio vindo... até que parou defronte da roseira.

Eu levantei a cabeça, olhei para o meu anjo e vi-o tremendo de susto, e me olhando com expressão de dôr tão profunda, que desatei a chorar desolada.

O dono do carro de prata não quiz ouvir as minhas lagrimas...

Com ar tambem pretencioso, mas com passos mal seguros, aproximou-se da roseira, e colheu o segundo botão... era o do lado direito.

Mas quando o quiz levar aos labios para beijal-o... o botão se foi abrindo... abrindo... abrindo... os petalos de rosa se forão um a um transformando todos em penas de mil côres, até que todo o botão se metamorphoseou em passarinho, que escapou-se das mãos trémulas do velho, e voou direito para o céu.

O meu anjo soltou um grito de prazer, e o carro e o velho desaparecêrão como o batel e seu dono.

ieib

Tudo mais ficou como estava : sómente a roseira é que tinha dous botões de menos.

Só restava o terceiro botão.

Veio vindo emfim por entre os dous montes, e navegando pelo lago, não um batel, nem um carro de prata puxado por cavallos negros ; mas uma grande cêsta formada por um bello tecido de flôres, e conduzida por formosas garças que trazião suas azas brancas fóra d'agua.

Souo de novo a musica maviosa e doce, e as garças exhalárão por seus bicos aromas deleitosos... mas d'essa vez eu não adormeci entre os perfumes e as harmonias.

E saltou no prado um mancebo tão bonito... tão bonito... com seus cabellos negros e ondedados, e um sorrir que era todo meiguice e ternura !... não havia nem riqueza, nem magnificencia ; havia graça e belleza.

E elle veio vindo... veio vindo... até que parou de frente da roseira.

Eu levantei a cabeça, olhei para o meu anjo, e o vi como nadando, entre a duvida e a esperanza, e olhando, ora para mim, ora para o mancebo, com ternura tanta, que eu fiquei tambem anciosa e anhelante, olhando, ora para o meu anjo, ora para o bello mancebo, que eu já temia vér passar sem colher o botão de rosa, que unico restava.

O moço da cêsta de flôres pareceu adivinhar minha esperanza, e se sorrio com um sorrir tão meigo !...

Com ar gracioso, e leves passos, aproximou-se da roseira, e colheu o terceiro botão...

Mas quando o quiz levar os labios para beijal-o, o botão se foi abrindo... abrindo... abrindo... até deixar patente todo o seu seio... não havião petalos de rosa... lá estava o meu coração...



ieb

O anjo, que tinha o rosto de minha mãe, bateu as azas, e baixando o vôo, veio beijar-me nos lábios.., e voou depois para o céu.

E o mancebo correu a mim para beijar-me também; porém eu tive medo, muito medo d'esse beijo, e soltando um grito... despertei.

Era dia.

Fiquei ainda uma longa hora na cama, pensando no meu sonho...

E desde então eu amo os botões de rosa sobre todas as flores; não quero nenhuma outra flôr no meu cabelo: tenho por elles uma especie de culto.

Porque sempre me parece estar vendo o meu coração encerrado em um botão de rosa.



as azas,  
, e voou

tambem ;  
soltando

ando no

re todas  
neu ca-

u cora-

xi

### Velando e sonhando.

Ao bafêjo dos zephyros, e ao clarão do luar, uma joven e um mancebo velavão á mesma hora.

Essa hora era socegada, muda, mysteriosa e bella : era além da meia noite.

Depois de muito tempo, depois de tanto tempo, que já a velha Irias se não lembrava do dia em que pela ultima vez fechára as janellas do sótão do Purgatorio-trigueiro, abria-se emfim aquella d'essas janellas, que deitava para o fundo, e junto d'ella sentára-se um mancebo.

No Céu côr de rosa duas mãosinhas brancas e delicadas, tinham levantado uma vidraça ; e uma joven encantadora se recostára a essa janella, que era a de seu quarto, e que seu abria para o jardim.



  
ieb

Esses dous mancebos que não podião vêr-se, ficarão ahí silenciosos... meditando.

Respiravão ambos uma atmosphaera perfumada pelas exhalações das flôres do jardim do Céu côr de rosa.

E os pensamentos que deixavão escapar essas duas almas virgens, subião talvez ao céo nas azas de faceiras auras embalsamadas de aromas.

O mancebo, que ali estava meditando, tinha apenas vinte annos, e a moça contava sómente dezeseis.

Em que pensavão elles ?...

Tão moços, tão novos, com a ligeireza da adolescencia, com o frescor e doçura da primavera da vida, porque estão, e como podem elles dous estar presos a uma só idéa, pensativos e melancolicos ?...

A meditação pertence á veihice; e todavia aquelles dous mancebos, com os olhos no céo, e o coração na terra, meditavão tambem. . . . .

.....  
Celina e Candido começavão a pagar um tributo sagrado que á natureza se deve... sem querer... sem pensar em tal, elles devião prender-se pelos pensamentos primeiro, e finalmente pelo coração...

Tinhão-se retirado as visitas, os amigos que havião formado o ultimo serão do Céu côr de rosa; a Bella Orphã achava-se enfim a sós no seu quarto, onde duas horas antes contára a suas amigas, o sonho do botão de rosa...

Tres annos antes, tambem em uma noite, ella conversava com duas amigas, e depois viera deitar-se pensativa e triste como o fizera agora...

Marianna entrou no quarto de Celina, e abrindo as cortinas do leito, deu-lhe um beijo nos labios e disse :  
Dorme bem, Celina.



E retirou-se : uma lagrima rolou pelas faces da Bella Orphã.

Tres annos antes ella estava deitada como então, e fôra sua mãe quem lhe viera beijar nos labios, e dissera :

— Dorme bem, Celina.

A semelhança d'essas duas noites, a coincidência dos factos, excitáram tanto a imaginação da moça, como a entristecia a differença, que ella notava em algumas das pessoas, que representavam n'esses factos.

E como ha tres annos antes, ella ficou reflectindo, não querendo reflectir; primeiro muito triste... muito triste, pensando em seus pais que já não vivião... e depois levada por sua alma muito longe... muito longe... como a flôr que cahe na torrente, e que por ella é carregada até onde não pôde prever...

Depois ella se lembrou de seu sonho... seu bello sonho, em que um envoltorio de petalos de rosa lhe escondia o coração, e um anjo com o rosto de sua mãe, velára por ella.

A Bella Orphã teve vontade de sonhar de novo... fechou os olhos, ao menos para vêr sua mãe com vestes de cherubim.

As diversas scenas d'aquelle sonho de virgem, que todo transpirava anjos, innocencia e flôres se fôrão representando na imaginação fervente da Bella Orphã, como se ella estivesse vendo tudo...

Primeiro o formoso prado de tapete côr de esmeralda, com seu outeirinho verde e caramanchão florido, com seus montes de palmeiras, e seu lago de aguas limpidas e de areias de ouro.

Depois a multidão de encantadores meninos com suas cêstas de flôres, e a musica que vinha do céu, os perfumes que embriagavão...



Depois o seu coração arrancado, plantado e regado com suas lagrimas, e as risadas dos meninos que fugiao...

Depois o anjo com o rosto de sua mãe, que vinha velar pelo seu thesouro, guardar o coração de sua filha.

E a roseira que crescia... e os botões que nascião...

E o rico senhor, do batel de prata que desaparecia...

E o velho do carro magestoso que se sumia...

Faltava o mancebo da cêsta de flôres...

Em vez d'elle, como por encanto ainda, como por um novo sonho, a despeito da vontade de Celina, que estimava talvez admirar de novo no lindo mancebo de cabellos negros e ondeados, e olhos pretos e brilhantes... em vez d'elle... foi-se erguendo á margem do lago um tumulo sem pompa, cuja unica inscripção erão tres letras — P. A. — e um C. —, e junto d'esse tumulo, que era em tudo semelhante ao que ella vira no dia de finados, erguido á memoria de seus pais, estava rezando ajoelhado um mancebo pallido e melancolico, que lhe estendia a mão, e a convidava para ir rezar com elle...

Esse mancebo tinha o rosto do filho adoptivo da velha Irias...

Celina esteve muito tempo embevecida como contemplando essa nova apparição...

Pareceu-lhe emfim notar, que o mancebo a olhava com vistas tão ardentes... tão fascinadoras, que penetravão até o fundo de sua alma, que a fazião estremecer toda, e lançavão-lhe no coração um desassocego indizível: teve medo... e sentando-se no leito, soltou um pequeno grito.

Recejou depois ter despertado sua tia: escutou... ella resonava brandamente.



Celina passou então a mão pela fronte, e sentio que estava em fogo : parecia que um calor abrasante a suffocava : ergueu-se, e envolvendo-se em leves vestidos, dirigio-se á janella, abriu a vidraça, e... ficou meditando.

Porque é que sua imaginação transformára a ultima, a mais bella scena de seu querido sonho, em uma scena tão solemne e melancolica ? e porque principalmente em vez do mancebo de cabellos e olhos negros, lhe mostrava agora Candido tão pallido, tão triste ?

Porque é que Candido a olhava de um modo tão singular, e porque tremia ella mesma á força d'esse olhar, e sentia no coração esse desassocego tão grande ?... Como é que os olhos do homem podem ter influencia sobre o coração de uma moça ?...

Celina fazia essas perguntas a si mesma, e depois procurava lembrar-se do que em realidade succedia entre ella e esse mancebo. Candido estava sempre affastado d'ella quando vinha ao Céu côr de rosa ; quasi nunca lhe dirigia a palavra ; jámais, se alguma vez lhe fallava, atrevia-se a erguer os olhos até seu rosto ; mas ás vezes tambem Celina olhando de repente para elle, o encontrava devorando-a com vistas ardentes e magneticas, com olhares que a fazião estremecer e ficar desassoçada.

Porque era que acontecia tudo isso ?..

A Bella Orphã começou depois a observar-se a si mesma, a estudar o que se passava dentro d'ella, e principiou pouco a pouco a decifrar um grande mysterio.

A primeira vez que encontrára esse mancebo, encontrára-o em uma posição caridosa, e em uma occasião solemne : de joelhos, junto ao tumulo de seus pais : orava de certo por elles já mortos, e talvez por sua filha ainda viva : naturalmente encontro de semelhante genéro produziu viva e profunda impressão em seu animo, e nunca



  
ieb

mais se poderá apagar n'elle a imagem d'essa triste, mas consoladora scena. Celina sentira, desde o primeiro momento, gratidão immensa pelo procedimento de Candido.

A velha Irias e o mancebo tinham vindo no dia seguinte agradecer-lhe um pequeno serviço, que ella thes havia prestado no anterior : durante a visita podera examinar o joven, a quem era agradecida ; e seu rosto pallido, mas expressivo, sua melancolia tocante, suas maneiras urbanas e modestas, attrahirão sua attenção, e ao muito, pôde ser que tambem a sua sympathia.

Mas Celina tinha ouvido dizer, que o mancebo habitava no sotão do Purgatorio-trigueiro, e desde então nunca mais passou no seu jardim á hora primeira do dia, com a mesma ligeireza de vestidos, e de modos como d'antes : debalde porém olhava para a janella do sotão... jámais lhe apparecêra o rosto pallido de Candido.

Depois o mancebo começou a frequentar o Céu côr de rosa ; e aquella sua habitual melancolia, aquelle seu passar de horas inteiras afastado de todos, alheio aos prazeres, sempre triste ou abatido, como se fôra consumido por um intenso e acerbo pesar, e aquelles olhares de fogo, que de relance dardejava sobre Celina, a fazião perguntar a si mesma : porque elle está sempre triste?... por que motivo me olha de modo tão singular?...

E' incontroverso que o coração das moças chega ao amor subindo ordinariamente por uma escadinha, cujo primeiro degráo chama-se curiosidade. Aqui houve em parte uma modificação d'essa regra : porque se acaso Celina ama a Candido, o primeiro degráo da escadinha deve chamar-se — gratidão — e o segundo então curiosidade.

N'esse estado dos acontecimentos, e do que dentro d'ella se passára e se estava passando, Celina lembrou-



se ainda, que nas noites de serão, em que Candido se demorava em apparecer, ella se achava descontente, olhava a miudo para a porta da sala, e ao menor ruido de uma pessoa que entrava, sentia um movimento que, ou era uma mistura de esperança e de temor, ou era uma sensação que ella não podia explicar a si mesma; e se em fim o mancebo chegava, seu descontentamento como por encanto desaparecia, do mesmo modo que resistia a todos os seus esforços e a acompanhava durante o resto do serão, se Candido faltava a elle.

Lembrava-se, que lhe inundava o coração um prazer immenso, quando o moço a ella se chegava, e lhe dizia a tremer algumas palavras; e não sabia porque, tendo ás vezes de responder-lhe, tremia tambem e córava...

Lembrou-se em fim, depois de mil outras lembranças, do serão que houvera n'essa noite; dessa primeira vez que com Candido dansára, da perturbação de ambos elles durante toda a quadrilha; dos monosyllabos que lhe ouvira; e do fundo do coração agradeceu ao bom velho, e seu avô, que lhe fizera conhecer n'essa noite, quando é que é bello o dansar.

De tudo isto era preciso tirar uma conclusão... a logica do coração estava provavelmente offerecendo á Bella Orphã uma consequencia positiva e inquestionavel, que apenas os véos da innocencia podião encobrir ainda, quando ella foi arrancada de suas cogitações por uma voz sonora e doce, que entoava, posto que em tom baixo, um canto melancolico.

Ella escutou... o canto sahia do salão do Purgatorio-trigueiro.

A voz que cantava era a de Candido.

A noite mais bella, mais feliz d'entre todas as noites da vida do mancebo, era aquella que se estava passando.

Aó terminar-se o serão deixou o Céu côr de rosa com



saudades, mas sem acerba amargura, que o alumbrava sempre.

O coração do mancebo estava repleto de felicidade e de esperança, e seu pensamento cheio de bellas imagens.

Estava Candido em uma d'essas noites de magia em que a vida se desenha toda em tintas cõr de rosa... noites de mentira, em que a imaginação nos pinta tão facil tudo que ambicionamos !

Um bom velho, cujos pés elle queria beijar agradecido, lhe marcára, durante cinco minutos, um logar junto d'aquella, que era em sua opinião a mais perfeita das creaturas : ahi elle bebêra o ar que ella respirava, mais perfumado ainda, que o aroma das melhores flôres : ahi tivera elle sobre as suas, duas mãosinhas mais brancas, mais livres que as pennas de uma garça ; ali ouvira elle phrases, monosyllabos tão melodosos, como harmonias moduladas por um anjo.

E depois, por detrás das cortinas de um leito virgem, que era como o brando calix da flôr, que n'elle se deitava, ouvira Candido a relação do sonho de uma donzella : sonho, que todo inteiro respirava amor ; mas um amor tão puro, tão poetico, tão celeste, qual só caberia no coração de um cherubim...

Oh ! como realmente ficaria a cabeça d'aquelle pobre mancebo, que tinha tambem imaginação ardente, escutando aquelle romance enfeitado, onde o coração de uma virgem se transformava em botão de rosa, que não podia ser colhido nem pela riqueza, nem pelas facticias grandezas sociaes ; mas e sómente pelo merito distincto e real ?...

Portanto, para aquella meiga pomba do Senhor Deos, para Celina, a pobreza não era um crime, não era — morphéa : — a riqueza, embora mal adquirida, não era



o tudo, que governa o mundo : o bello, isto é, o merito e virtude, que são as grandes bellezas aos olhos de Deos, o bello, é que podia ganhar o — pomo da ventura — colher o botão de rosa!

Portanto, não lhe estava fechada a porta d'aquelle paraíso : não havia ali no alpendre do Céu côr de rosa um demonio — com uma bolsa por coração, que, ao querer um pobre penetrar n'aquelle sanctuario de amor, lhe bradasse com a voz sinistra dos demonios da época, « aqui não entras ! »

Portanto se elle fosse nobre e activo, se trabalhasse, se procedesse como homem de honra, se com estudo profundo e incessante mostrasse que tinha capacidade e engenho, se com a observação das leis da religião de Christo sómente (porque as dos homens ou são essas mesmas leis enunciadas com mais diffusão, e appropriadas a diversas especialidades, ou são leis falsas e barbaras), trilhasse sempre as vias da virtude, podia, tinha o direito de pretender o pomo da ventura, de colher o botão de rosa.

A felicidade enchia pois a alma de Candido : já um abysmo não o separava de Celina; já não se envergonhava de confessar a si mesmo que a amava : orgulhava-se antes de amal-a, e com o coração na terra preso aos pés da Bella Orphã, e a alma voltada para o céu, e toda embebida na bondade immensa do Creator, elle concebia a mais lisongeira das esperanças; e a cifrava em uma palavra sagrada : — Deos.

Em um momento de explosão de ardor e esperança, o mancebo sahio da janella, e sentando-se junto á mesa escreveu durante muito tempo com a rapidez, e o fogo de um poeta entusiasmado.

Quando acabou de escrever correu ao lugar, onde es-



tava ha tanto tempo esquecida a sua harpa, e abraçando-se com ella :

— Oh ! minha harpa ! exclamou ; minha querida companheira das tristezas e das saudades, vem outra vez empareceir-te comigo ; mas sê-me agora parceira na esperança.

Então com prazer immenso, e soffreguidão notavel encordou o instrumento, afinou-o promptamente, e sentando-se de novo á janella, cantou em meia voz...

Era essa a voz, que sorprendêra Celina no meio das revelações, que ella a si mesma estava fazendo dos mysterios de seu innocente coração.

A Bella Orphã estendeu um pouco o pescoço, e applicou apurada attenção :

Infelizmente as auras da noite levavão os sons para o lado opposto, e o cantor nocturno parecia empregar bastante cuidado para não elevar a voz, que era doce, maviosa e tocante.

Um unico verso do canto pôde ser ouvido distinctamente por Celina : ella còrou escutando :

« Quem colherá o terceiro botão ! »

.....  
No dia seguinte a Bella Orphã amanheceu, e passou todo o dia pensativa e absorta.

E o filho adoptivo da velha Irias cahio de novo em sua habitual melancolia : a noite de esperanças tinha sido uma hora de mentirosas imaginações... com a volta do dia elle encontrára a realidade... a sua desgraça.

---



XII

A velha.

A tarde estava no seu começar.

Candido, que n'esse dia se recolhêra muito mais cedo do que costumava, e que subira ao seu modestissimo aposento, ouviu gemer a escadinha do velho sótão sob o peso de alguém, que subindo vinha; pouco depois mostrou-se além da porta uma cabeça branca, e brilhárou dous olhos verdes, e a velha Iris disse:

— Venho conversar, meu filho.

Isto dizendo entrou, e foi sentar-se na cama do manco, a quem deixou a cadeira, que unica havia no sótão.

Estiverão ambos guardando silencio por algum tempo; o moço pensativo, e como sempre melancolico, e a velha com as rugas ao semblante menos salientes, talvez pela expansão de algum prazer.



iebo

— Não te admiras, perguntou finalmente Irias, de me vêr, a mim, velha, que me vou despedindo da vida, e me avizinho da morte, alegre e pranteira, ao pé de ti, moço, que ainda olhas para diante, e tens um futuro para viver, e estás com tudo tão abatido e triste?... esta velhice que se sorri junto da mocidade que geme, é uma cousa pouco commum na natureza, não?...

— E' assim, respondeu Candido; seja qual fór a razão d'isso, eu dou graças a Deos pelo prazer de minha mãe.

— Mas tambem é preciso que tu saibas o que hoje não sabes ainda, e o que todavia se envelheceres, sentirás como eu sinto. A velhice, meu filho, a velhice, que o mundo chama egoista, não têm alegrias por si, sabe sómente alegrar-se pelos outros; os pais se sorriem com a ventura de seus filhos; e aquelles que não têm filhos, amão sempre e muito alguém, e se sorriem com a ventura do seu alguém.

— Portanto, alguém que minha mãe estima muito, acaba sem duvida de alcançar uma boa ventura?...

— Ou pelo menos não está longe de alcançá-la.

— Outra vez graças a Deos, minha mãe.

— Pois agora dá graças ainda uma terceira vez, porque já deves ter adivinhado quem é o meu alguém: quem é esse que eu amo como se fóra meu filho, e que está em vespéras de uma grande ventura.

Candido olhou fixamente para a velha, e ficou como espantado, esperando que ella pozesse bem claro o seu pensamento.

— Sim, tornou Irias; é de ti mesmo: é de ti mesmo que eu fallo.

— De mim mesmo, senhora?!!

— Sim; de ti mesmo.



- Uma grande ventura para mim?...
- Quantas vezes queres que t'o diga?..
- E não estais zombando?...
- Não, de modo nenhum.
- E essa ventura...
- Adivinha-a.

O mancebo, com um sorrir convulsivo nos labios, com os olhos em lagrimas, chelo de ardor e de felicidade, com as mãos postas e trementes, e um pouco curvado para a velha, exclamou :

- Vós descobristes, minha mãe!...

Sua exclamação foi um grito sahido d'alma : Irias respondeu meio sentida :

- Não é isso.

Candido, como fulminado por um raio, abandonou-se dolorosamente na cadeira, e disse :

- Vós zombastes de mim, senhora.

— Pois além d'essa, não ha mais nenhuma esperança em teu coração?...

- Nenhuma, nenhuma absolutamente.

A velha, talvez para deixar a Candido tempo de serenar-se, guardou silencio por alguns minutos, e proseguio depois :

- Pois espero, Candido, que sejas feliz bem cedo.

— Vós esperais, não duvido ; mas quantas vezes na vida a esperança não é sómente uma illusão?...

— Meu filho, eu devo dizer-te que essa misanthropia que te amortece, esse desespero que te vai consumindo, offende a Deos Nosso Senhor.

— Deos lê no meu coração, e sabe que eu nada esperando dos homens, n'esta vida, espero tudo d'elle na outra.

— E te julgas com razões bem fortes para nada esperar dos homens, e te dizeres tão sem remedio desgraçado ?



— Creio que sim, minha mãe.

— Creio que não, meu filho.

— Oh! senhora! quereis que eu não veja o que tenho diante dos olhos, e que eu não sinta o que me pesa dentro d'alma?...

— Não; mais quero que um quadro, que é sómente triste, não o faça tua imaginação pavoroso e horrível.

— Sim... tendes razão, exclamou o mancebo com um sorrir de acerba ironia; tendes razão... eu sou muito feliz!...

A velha fez um movimento de impaciencia.

— Eu sou muito feliz! tornou o mancebo com nova amargurada ironia.

— Candido!...

— Sim! muito feliz!... pois então?... é verdade que a minha vida foi um crime, meu nascimento um documento d'esse crime, meu primeiro vagido o sentimento de um castigo; é verdade, que apenas vi a luz, fui por minha mãe repellido... engeitado... lançado fóra por minha mãe!... Mas que importa isso!... Sou muito feliz!

Irias ficou em silencio olhando para Candido, que continuou.

— Tinha porém havido um erro na minha fortuna: repellido por minha mãe, achei eu uma mulher que me deu seu leite, a metade de seu pão; e todo o amor de seu coração; eu vos achei, senhora; mas, para corrigir-se esse erro, aos treze annos de idade um homem, que não era meu pai certamente, um homem, de cujo semblante austéro e vestidos negros, me hei de lembrar sempre, arrancou-me de vossos braços, lançou-me dentro de um navio, e no dia seguinte eu vi desaparecer a meus olhos a terra de minha patria!... Por consequencia eu sou muito feliz!



A velha parecia de plano querer que o mancebo fosse derramando toda sua amargura para depois fallar por sua vez, e foi portanto ouvindo silenciosa aquella historia, que, sem duvida, já tinha ouvido cem vezes.

— E lá na terra estranha, prosegue Candido, lá, quando eu começava de comprehender que vivia, e que era homem, para que nada eu comprehendesse, minha vida era um mysterio, e entre os homens todos era eu um homem isolado, só, sem um laço no mundo, sem uma doce recordação no passado, sem uma impressão deliciosa no presente, sem uma esperança passageira no futuro : sim, o navio que me levava aportou ás terras de Portugal ; uma familia carinhosa, mas que eu não conhecia, me foi a bordo receber : cresci, desvelarão-se em educar-me; essa familia, que pouco tinha para si, deu-me mais instrução que a seus filhos, nada me faltava, e eu não podia saber d'onde tanto me vinha. Oh! senhora!... exclamou o mancebo, esquecendo a ironia amarga com que até então fallára, será pois felicidade essa riqueza no meio de tanta miseria?...

A velha não respondeu.

— Oh!... comprehendéis vós acaso como é que soavam na minh'alma esses nomes sagrados de — meu pai! minha mãe! — que chegavam ás vezes a meus ouvidos, sahidos do coração de meus camaradas, que tinham uma mão de pai para beijar, e um seio de mãe para recebê-los?... com que dolorosa impressão, eu, desterrado da mais bella das patrias, via no meio das agitações politicas, no correr dos perigos, os homens, animar-se e progredir, arrostar tudo pela gloria da terra de seu berço, e enthusiasmados ferver-lhes o sangue ao só escutar dos hymnos patrioticos?... e comprehendéis emfim, senhora, como se me enregelava o coração, quando eu pensava n'esse mysterio indecifrável, que



envolvia o meu passado, e obscurecia o meu porvir?... Orphão e desterrado, sem saber nem ao menos de mim mesmo, eu devia considerar-me muito feliz, não é assim?...

A velha obstinava-se em não cortar o fio das reflexões do mancebo.

— Pois no meio d'essa minha tão grande felicidade, senhora, vinha um menino que me era parceiro nos estudos e nos brincos, e me perguntava : « Candido, quem é teu pai?... » Vinha depois logo outro que me fallava assim : « Candido, tu não tens mãe?... » Vinha logo após um terceiro que me dizia : « Candido, porque tão pequeno deixaste a terra onde nasceste? » E eu só lhe respondia : não sei. E vinhão depois um, dous, vinte outros que me perguntavão : « Como te chamas?... Candido, de que? » E eu que não tinha nome de familia, eu que sou só no mundo, lhes respondia sempre : — Candido — só. — E sabeis, senhora, o resultado de tudo isso?... é que apoderou-se de mim a convicção, de que eu era, de que eu sou o somenos de todos os homens ; porque entre todos os homens não ha um só, que como eu, não tenha pai, não tenha mãe, não tenha nome, nem passado, nem futuro!... oh!... que até me quizerão recubar aquillo que a ninguem se nega... uma patria!...

Irias nem se moveu á vista do exagerado quadro d'aquella desgraça, que a imaginação ardente do mancebo traçava com tintas tão medonhas : Candido fallou ainda.

— Quereis, senhora, que vos repita ainda outras provas de minha pretendida felicidade?... quereis que eu pise minhas feridas? eu o farei. Aos dezoito annos de minha idade vestirão-me vestidos negros, enrolarão de fumo o meu chapéo; e quando eu perguntei o que




queria isso dizer, responderão-me : « Morreu teu pai ! »  
Ouvistes bem, senhora?... era meu pai que tinha morrido ; meu pai, que nunca me havia abençoado!!!

A velha não pronunciou uma só palavra.

— Depois derão-me uma bolsa cheia de ouro, embarcáram-me em um navio, e... se houve dia em que o prazer do coração correspondesse ao sorrir dos labios, foi aquelle em que eu vi de novo as terras de minha patria ! oh !... meu primeiro, e meu unico dia de ventura foi esse ; e antes d'esse, e depois d'esse nenhum outro. Eu cahi em vossos braços, corri a vér os lugares, testemunhas de meus brincos infantis ; mas passada a hora do entusiasmo... eu achei o vazio dentro de mim : eu era ainda como d'antes, e como hoje, Candido — só. — Eu não tinha encontrado minha mãe !

O moço respirou e proseguio :

— Porque é preciso que vos diga, senhora, no meio de minhas reflexões e magoas, longe da patria, quando eu pensava no mysterio de meu nascimento, e no segredo de meu nome, uma esperança me animava ; eu contava de volta á terra de meu berço achar os braços de minha mãe abertos para me receber ! ah ! e eu não achei minha mãe !... eu a chamo de balde ainda !...

A velha fez um movimento quasi imperceptivel, e que podia exprimir desagrado d'aquella magoa do mancebo ; o qual sorprendendo esse movimento, respondeu-lhe :

— Não sou ingrato, não, senhora ; mas perdoai-me ; vós não sois minha mãe. Será preciso para que vos soceguelis, que eu vos diga o que é no entender de minha alma uma mãe?... pois bem, ouvi-me. Uma mãe, senhora, sente nove mezes antes de todos a existencia do seu filho, e primeiro que elle nasça, ella soffre já muito por elle : se seu estado é a realisacão de um voto de amor sagrado e puro, ella ainda assim volve os olhos da



esperança para a morte, do ventre para o tumulto!... Se pelo contrario é o effeito, a prova viva de um erro, então se torna em incessante tormento que vai crescendo pouco a pouco, e cada vez mais com o correr dos mezes; que espreme o succo de sua vergonha, que róe e dilatera sua sensibilidade com a consciencia de uma falta insanavel: e todavia ella ama seu filho, que ainda não nasceu, maldiz sua cabeça, que errou, e abençõa seu ventre que concebeu! Depois, quando elle nasce, que thesouro ha ahi que possa pagar o fervor da oração com que a mãe, cruzando as mãos sobre o seio, encommenda seu filho á misericordia do Senhor Deos?... que possa pagar o fogo sagrado de seu primeiro olhar de mãe?... a pureza angelica de seu primeiro sorrir de mãe!... a doçura inefavel de seu primeiro beijo de mãe?... Oh!... uma mãe rasgaria suas carnes como o pelicano, para alimentar com seu sangue e á custa da propria vida, o filho de suas entranhas! uma mãe jámais desama seu filho, nunca o repelle, nunca o enjeita; e essa sociedade desalmada e immoral, que faz de uma fraqueza um crime, que olha um filho como um remorso, que se rebella contra a natureza e contra Deos, que arranca do collo materno pobres e innocentes criancinhas, lavadas em lagrimas de sangue de suas mãis!... não! não! e não! minha mãe me amava por força, me adorava como o seu anjo, olhava-me... sorria-se para mim, e me beijava, e me chamava — meu filho! — foi a sociedade desalmada, e immoral quem me arrancou á força de seus braços!!!

Candido fallava, repassado de tamanha dôr, que Irias apezar de seu proposito, ia consolal-o quando elle proseguio:

— E debalde, senhora, debalde eu me quero levantar contra essa sentença de ferro que me separa de minha



mã: não ha nem ao menos um perillampo no caminho de minha vida, um perillampo só, que me dê alguma luz para que eu vá terrível, e audaz arrasar esse mysterio de meu berço : sim! eu iria... pois que ninguem pôde ter o direito de separar-me de minha mã, e ella não ha de nunca envergonhar-se de seu filho ! oh ! mas tudo é em vão : ha longos annos que eu não penso, que eu não cogito de outra cousa : quando vou á Igreja, quando eu rezo de joelhos, pensais, senhora que eu peço a Deos honras e fortuna para mim n'este mundo, e a salvação de minh'alma no outro ?... não, mil vezes não : o pensamento, o objecto de minhas orações, é sempre um e unico ; o que eu peço a Deos é ella, sempre e só ella... é minha mã.

E dizendo isso, o mancebo proseguiu com voz commo-vida e terna :

— Porque se eu achasse minha mã, queimaria, se eu fosse rico, toda minha riqueza, para poupar-lhe um desgosto... e ainda mesmo quando tivesse uma dôr immensa no coração, havia de rir-me para não vê-la chorar, e daria a minha vida para não deixal-a morrer. Minha mã, senhora, minha mã! eu não quero nem esposa, nem filho, nem riqueza, nem gloria; eu prefiro a tudo minha mã!

E cruzando as mãos sobre o peito, Candido terminou dizendo com accento profundamente religioso :

— Deos me ouça!

— Tens razão, meu filho, disse enfim Irias, depois de alguns instantes.

— Portanto, senhora, reconheceis que, embora involuntariamente, zombastes de mim ainda ha pouco ?...

— Não, Candido.

— Como não, senhora ?...

— Porque n'esta vida deve o homem, quando não



ieb

póde conseguir o que mais deseja, consolar-se com algum d'esses outros mil beneficios e favores, que Deos espalhou com profusa mão sobre o genero humano.

— Quereis explicar-vos, senhora?...

— Não é só uma mãe a mulher que se ama extremosamente na vida,

— E então?...

— Ama-se a escolhida do coração... ama-se a esposa.

— Que quereis dizer; senhora?... exclamou o mancebo estremecendo todo.

— Quero perguntar-te, se não concordas em que um moço, como tu és, triste, desvalido e pobre, póde achar consolação e fortuna na posse de uma mulher que ame?

— Entendamo-nos, respondeu Candido serenando: um moço que fór como eu, triste desvalido e pobre; e que tambem tiver feito o mesmo juizo que eu faço a respeito da pureza e da dignidade do homem, póde sim achar consolação, e uma fortuna toda moral na posse da mulher, que ame, e por quem fór amado; mas não calcula nunca a sua fortuna positiva e material sobre esse dado.

— Era pouco mais ou menos isso o que eu queria dizer.

— E para concluir o que?...

— Que tu deves amar...

— Eu amar?!? bradou o mancebo erguendo-se; eu amar?!? e com que fim?...

— Para ser menos desgraçado.

— Quê conselho, minha mãe!... não reparais que ha veneno dentro d'essa taça de ouro, que me trazeis aos labios?... eu amar? um pobre amar? pois não vos lembrais de que



a pobreza é como a morphéa, repugnante e fatal?... a quem quereis que eu amasse?... a uma moça desvalida e pobre, como eu; unica que poderia ter olhos para me olhar?... qual seria o resultado d'esse amor?... cobril-a com meus andrajos?... dar-lhe metade do pão de amargura, para matar-lhe a fome?... e um copo cheio de lagrimas para saciar-lhe a sêde? haveria felicidade n'esse amor?...

— Abençoado fosse elle por Deos; que o trabalho do homem daria de sobra, o que para viver-se é preciso.

— Ou então, continuou Candido sem attender á boa resposta, que lhe dera a velha; quereis que eu fosse por ahí, com a mentira no coração e no rosto, farejar onde houvesse um cofre de ouro pertencente a uma mulher bella ou não, que pouco importava isso; pretendesse agradar-lhe, e lhe jurasse amor e ternura, e illudisse a seus pais e a ella, e a arrastasse aos pés do altar, e mentisse perante Deos! e mentisse perante Deos, repito! não, não, minha mãe; nem ao menos isso é possível; um homem pobre já não chega ao pé de uma mulher rica: a pobreza é a morphéa.

— Não se trata d'isso, Candido, tornou Irias; é preciso sómente que ames: ama pois, o pobre ou rica a mulher que amares, se fôr honesta e bella, te fará ditoso.

— Ama., disse o mancebo; manda-se amar, como se o amor fosse o brinco de um instante, como se o amor dependesse de nós, e não dos outros; oh! se fosse assim, eu não amaria nunca!...

— Então tu amas já?... perguntou Irias, fixando no mancebo seus olhos verdes e brilhantes.

— Quem disse que eu amava? respondeu Candido enleado.



- Amas já?...  
 — Quereis zombar de mim outra vez, senhora?  
 — Amas já?...  
 — Minha mãe...  
 — A verdade... a verdade... sómente a verdade!...  
 — Que quer dizer pois isto?  
 — Amas já, Candido?...  
 — Não... disse tremendo o mancebo.  
 — Tu me mentiste hoje pela primeira vez em tua vida; disse com austeridade Irias.  
 — Senhora!  
 — Tu amas, e amas perdidamente.  
 — Basta... basta de zombarias, respondeu Candido perturbado.  
 — Ao romper de todos os dias pela fresta d'aquella janella, tu segues com os olhos o objecto de teu amor...  
 — Minha mãe!... minha mãe!... bradou o mancebo tão espavorido, como se acabassem de romper o segredo de um crime horrivel por elle perpetrado.  
 — Tu amas a neta do Sr. Anacleto! continuou Irias.  
 — Silencio!... balbuciou o infeliz.  
 — Amas a Bella Orphã!...  
 — Candido occultou o semblante entre as mãos, e a velha proseguio com voz animadora e doce:  
 — Esse teu amor, tão cheio de angelica pureza, que nunca os labios do amante tocáráo a ponta dos brandos dedinhos da amada; tão innocente, que apenas, e apazar teu, na presença de Celina lh'o dizem teus olhos, e na ausencia o sonho de tua imaginação, deve ser agradável a Deos, que ama a pureza e a innocencia.  
 — Ah! minha mãe! murmurou o mancebo.  
 — Ama, que es já, ou bem cedo serás amado: e tu e ella sereis talvez aos olhos de Deos, como dous pombos, que de longe se namorão, e que, de azas abertas, com o



pensamento no céu, e os olhos um no outro, esperão o aceno de um anjo para voar, a ajuntar-se n'um só ninho, seguros da ventura com a benção divina.

— Ah! minha mãe! repetio o mancebo erguendo a cabeça, e mostrando o rosto enrubecido pelo mais bello pejo, e talvez com alguns atomos de esperança.

— E a passagem da vida que hoje tendes, continuou Irias, para a vida que deveis não tarde viver, será como a poetica transição da noite escura e duvidosa, para o dia claro e fulgente, que um sol fulguroso abrilhanta, e zephyros perfumados suavisão.

— Oh! senhora, é que vós esqueceis sempre que eu sou um pobre, e que para o pobre não ha esperança de felicidade tão suprema como essa, que me mostrais!

— Não, não, mancebo; tu mentes a ti proprio: examina o teu coração, procura bem, e lá acharás a esperança cifrada em uma unica palavra, que é o moto sagrado e sublime da alma do justo.

— E essa palavra, essa esperanca qual é?...

Irias levantou o braço, e apontando para cima com seu dedo indicador, grande e emmagrecido, disse:

— Deos.

Sentirão n'esse momento que alguém subia a escada do velho sótão, e logo após, a velha escrava de Irias appareceu, e disse:

— A familia do Sr. Anacleto.

Candido não pôde conter um grito de surpresa.





ieb

Mas  
côr de  
é rela  
vez ac  
de ref  
Pou  
que vi  
uma ca  
Celina  
do seu  
suas m  
lhar o  
Mas  
conhec

### XIII

#### O velho.

Mas antes de acompanharmos os habitantes do Céu côr de rosa em sua visita ao Purgatorio-trigueiro, justo é relatar uma scena occorrida na mesma tarde, e talvez ao mesmo tempo, em que succedia a que acabamos de referir. Era a hora da sêsta.

Pouco mais ou menos, como acontecêra a Candido, que vio mostrar-se, além da porta do seu velho sotão, uma cabeça branca, e dous olhos verdes; assim tambem Celina, que, na hora da sêsta, se achava sentada junto do seu piano, e começava a deleitar-se no estudo de suas músicas, viô apparecer uma cabeça branca e brilhar o olhar malicioso do velho guarda-portão.

Mas é verdade, que ainda não se tem idéa, nem se fez conhecimento com o velho guarda-portão.



  
ieb

Tambem poucas palavras serão de sobejo para que se faça uma idéa perfeita d'esse personagem.

A indole humana e piedosa de Anacleto, tinha dous ou tres mezes antes do começo d'esta historia, chamado para o Céu côr de rosa um homem pobre e velho; e para que menos pesasse a este o beneficio que recebia, Anacleto o envolveu sob a capa de um emprego, que em sua casa lhe dava. O velho Rodrigues foi pois ali reconhecido como — guarda-portão, — e estabelecendo o seu quartel-general no alpendre do Céu côr de rosa, via amanhecer, e anoitecer em completa inacção.

O guarda-portão da casa de Anacleto era portanto um criado sem exercicio, uma praça morta pouco mais ou menos: passava os dias retirado em um dos angulos do alpendre, e só ás noites, em que claro luar e doce frescor de aragem succedião a'algum calmoso dia, deixava o pobre homem seu eterno posto por algumas horas, e sentando-se á porta do alpendre, cantarolava por entre os dentes algumas antigas balladas.

Era o velho Rodrigues um homem de cerca de sessenta annos, alto e de fórmas musculares; tinha os olhos pequenos, mas espertos, e o nariz aquilino: os cabellos, que estavam já muito brancos, devião ter sido de côr castanho escuros no tempo da mocidade, e corredios como erão, descião então até quasi encontrar-se com as sobrancelhas, que se mostravão espessas e cerradas; de ordinario apresentava-se este homem vestido de calças de brim escuro sem presilhas, e com bolsos aos lados de jaqueta do mesmo panno, e algumas vezes com um quimão de baeta preta sobre esta.

E, ou porque o velho Rodrigues fosse homem de poucas conversas, e difficilmente accessivel para certa qualidade de gente, ou porque muitos notassem no seu habito de resguardar-se de dia em um canto do alpen-




dre,  
assen  
o por  
suas  
de ca  
pido  
vão o  
de ri  
Ma  
come  
solão  
tra, s  
tos r  
tigas  
Pel  
toria  
uma  
ella t  
Err  
tear  
então  
pianc  
de es  
porta  
escut  
—  
ment  
—  
—  
O v  
—  
Ros  
—  
—

dre, e de só apparecer em algumas noites á porta d'este, assentárão os garotos das circumvizinhanças de chamal-o por acinte — o Curuja; — de modo que, quando em suas noites de escolha o velho se mostrava, e começava de cantar suas antigas balladas, era ás vezes interrompido pelos gritos de — Curuja! curuja! — que lhe soavão ora de um, ora de outro lado da rua, acompanhados de risotas e motejos.

Mas tão pouco se dava d'isso o guarda-portão, que começava e concluía sem se interromper um velho solão, passava por uma ballada, depois para outra e outra, até não poder mais de cansado, enquanto os garotos rião-se desmedidamente d'aquellas desusadas cantigas.

Pelo mesmo tempo porém em que começou esta historia, soffrêrão tambem os habitos do velho Rodrigues uma pequena modificação: foi ella devida ao amor, que ella tinha á musica.

Era costume do velho Anacleto, e de sua filha, sestejar algum tempo depois do jantar; e a Bella Orpha, então mais que nunca em liberdade, ia sentar-se ao piano e estudar suas musicas: em uma d'essas horas de estudo, a moça, sentindo ruido, e olhando para a porta, vio a cabeça branca do velho Rodrigues, que a escutava.

— Que faz ahí, Sr. Rodrigues, perguntou ella docemente.

— Escuto: respondeu o velho.

— Pois então é melhor ouvir de perto; entre.

O velho abriu a porta, e entrou.

— Sente-se.

Rodrigues sentou-se junto do piano.

— Gosta de musica! perguntou a moça.

— Oh! muito! muito.



— Sim : é verdade... tambem eu lhe tenho ouvido cantar á porta do alpendre.

— Que cantar ! que canto eu ?... cantigas tão velhas, como eu, ou de certo mais velhas ainda ; que as aprendi no collo de minha mãe, quando ella me fazia adormecer ouvindo-as.

— E que, portanto, devem ser bem caras ao seu coração.

— De certo ; mas só ao meu coração.

— Tambem não é assim, Sr. Rodrigues, porque pelo menos eu, tenho muitas vezes ficado esquecidamente á janella, ouvindo suas cantigas melancolicas e ternas.

Está zombando de mim, senhora ?

— Oh não ! não ! e tanto que lhe proponho o ensinar-me algum de seus velhos romances.

— Hoje ninguem mais gosta d'isso.

— Gósto eu, e lhe peço que m'os ensine.

Depois de um teimoso recusar da parte do velho Rodrigues, conseguiu em fim a Bella Orphã, o que pedia : e desde então, em todas as horas de sésa, o guarda-portão lhe ia cantar um soláo, ou uma ballada, e em troco Celina fazia ouvir suas mais bellas peças.

E havia belleza n'esse cantar do velho.

Rodrigues, com seu tremulo harifono, com sua corôa de neve na cabeça, e sua melancolia do declinar da vida, parecia ainda mais proprio para a execução d'aquelles cantos do passado.

E havia tambem, apezar de tudo, muito interesse n'esses mesmos cantos do passado.

A ballada, o soláo, o romance nacional é o canto do coração, e da natureza. Não é seu unico merito o ter sidô com elles, que outr'ora, nossas mãis nos embalavao, no berço, e nos adormecião no collo. E' principalmente porque ha n'elles a musica, a côr e o fallar da



pa  
ter  
sol  
ter  
O  
ne  
set  
por  
mo  
ma  
de  
o v  
—  
de  
ter  
um  
plo  
—  
—  
—  
—  
nho  
—  
tigr  
—  
O  
can

patria; e porque elles cantão o caro que se passou na terra, que nos vio nascer; porque em fim a ballada, o soláo, o romance nacional é como nós filho de uma só terra, é nosso irmão.

Colina tinha por tal modo tomado gosto por esse genero de musica, que a presença do guarda-portão em seus estudos da tarde já era para ella uma necessidade: por isso, foi com vivo movimento de prazer, que ella vio mostrar-se á porta da sala a cabeça branca, e o olhar malicioso do velho Rodrigues.

— Ah! exclamou ella; entre, entre, meu bom mestre de balladas; então que teremos hoje?...

— Quasi que já esgotei tudo, quanto sabia, respondeu o velho.

— Pois então repitamos tudo, quanto já ouvimos.

— Eu sei, senhora? esses pobres cantos ouvidos mais de uma vez, perdem talvez todo interesse, que podião ter merecido.

— Não; não: vamos, Sr. Rodrigues: escolhamos um dos que já forão mesmo mais cantados: por exemplo — Lindoya.

— Esse não...

— A Tamoya feita escrava?...

— Tambem não...

— O sino do collegio?...

— Cantei-o já tres vezes.

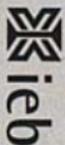
— Escolha então o senhor um outro. — Pois bem, senhora, cantarei — o Sonho da virgem.

— Oh! esse ainda não o ouvi eu.

— E' um romance moderno, feito ao molde dos antigos.

— Pois bem; vamos a elle.

O velho começou com voz pausada e melancolica a cantar assim:



## O SONHO DA VIRGEM

Era um dia um mancebo qu'ardente  
 Pobre vida esquecido vivia,  
 E uma virgem formosa innocente,  
 Qu'outra igual não se vio, não se via.  
 Quem separa o ardor da belleza?...  
 Um abysmo fatal : — a pobreza.

O mancebo a donzella adorava?...  
 Quem o sabe?... ninguem delle ouviu.  
 Em seu peito esse amor sepultava,  
 Se o amor em seu peito nutrio,  
 E se amava, era triste esse amar;  
 Era um mudo e terrivel penar.

E se amava, quem disse curou?  
 Quem ouvira do pobre o gemido?...  
 Se o seu peito um ai só desatou,  
 Foi um ai no deserto perdido.  
 E podia alta e nobre donzella  
 Vêr um pobre chorando por ella?..

O que é feito da virgem, do pobre?...  
 Quando o dia voltar t'o direi :  
 Negro manto da noite nos cobre :  
 Ella dorme... mais elle... não sei.  
 E' na terra das trevas o véo;  
 Vagão sonhos... mysteriosos do céu.



Eis a virgem... n'um valle formoso,  
De tapete de relva coberto,  
Assentada em outeiro mimoso  
Vendo um lago, que mora ali perto :  
Cobre-a tecto de mil trepadeiras :  
Ha dois montes, que c'roão palmeiras.

Vem dos montes meninos amores,  
Em seus braços cestinhas trazendo ;  
Tirão d'ellas e espargem mil flôres  
Sobre a virgem, que os olha tremendo :  
E os amores seus jogos seguindo  
Vao brincando, dansando, e se rindo.

Sôa um canto dormente, mavioso,  
Que entoado no céu parecia,  
Já das flôres ao bafo oloroso,  
E perfumes o ar recendia :  
E a donzella, que tanto sentio,  
Entre effluvios e cantos dormio

E um menino com setta afada  
Rasga o peito da virgem então,  
E com habil mãosinho apressada  
Rouba o puro, feliz coração.  
E a ferida nem sangue jorrou,  
Nem doeu, antes logo sarou.

Despertou a donzella assombrada  
Com os clamores do bando loução :  
E a chorar desatou desolada  
Vendo o roubo do seu coração.  
E o cruel, o fatal routador  
Foi na terra plantal-o, qual flôr.



ieb

A donzella chorava... chorava...  
E os meninos as mãos ajustarão.  
E correndo p'ra onde ella estava,  
Nas mãosinhas seu pranto apararão;  
E vão todos com gesto apressado  
A regar, o que estava plantado.

E nasceu um arbusto mimoso...  
E do céu um anjinho baixou,  
Que fiel, vigilante, piedoso  
Pela virgem constante velou ;  
E esse anjinho amoroso, que véla,  
Tem o rosto da mãe da donzella..

Já o pranto da virgem seccou,  
E o arbusto nascido cresceu ;  
De folhinhas mimosas se ornou ;  
O seu caule de espinhos se encheu.  
Coração de uma joven formosa  
Brotou linda roseira viçosa.

Os meninos fugirão p'ra o monte,  
Tres botões a roseira brotou,  
Dois aos lados um d'outro de frente,  
E o terceiro superno ficou.  
Stava ali no envoltório da flôr  
Um segredo, um mysterio de amor.

Veio então pelo lago descendo  
Um batel, que em riquozas primava,  
Tudo quanto ia n'elle se vendo  
De tão rico e brilhante ofuscava ;  
Té que em terra seu dono saltou ;  
E a donzella, que o vio.., trepidou.



Era rico ; mas torvo no olhar,  
E feroz, no sorrir causa susto ;  
Veio vindo... e em fim té parar  
Mesmo junto do florido arbusto ;  
E a donzella p'ra o seu anjo olhando,  
Soluçou ; porque o vio soluçando.

O seu braço monstruoso estendeu  
P'ra roseira o opulento senhor ;  
Dos botões o da esquerda colheu...  
Sóa um grito de susto, e de dôr ;  
E o tyranno sem nada escutar  
O colhido botão vai beijar.

Porém pára espantado... sentido...  
Frio... pallido spectro ficando,  
Que o botão encantado, colhido  
Vai-se todo mirrando... mirrando...  
Esvaio-se... mais fórma não tem,  
E o batel, e seu dono também.

Veio então pelo lago chegando  
Bello carro de prata formado,  
E rinchando, bufando, nadando  
Os ginetes, que o trazem puxado,  
Té que em terra seu dono saltou,  
E a donzella, que o vio... trepidou.

Era rico ; mas velho e cansado  
Todo em rugas o rosto mostrou ;  
Veio vindo a um bastão arrimado,  
Té que junto do arbusto parou :  
E a donzella p'ra o seu anjo olhando,  
Soluçou, porque o vio soluçando.



O seu tremulo braço estendeu  
 P'ra roseira o tão velho senhor,  
 O botão da direita colheu...  
 Sôa um grito de susto e de dôr,  
 E o tyranno sem nada escutar  
 O colhido botão vai beijar.

Porém pára espantado... sentido..  
 Frio... pallido spectro ficando ;  
 Que o botão encantado, colhido  
 Vai-se em linda avesinha tornando...  
 Bate as azas... p'ra o céu já fugio ;  
 Velho, e carro?... quem foi, que os sumio?..

Veio em fim pelo lago descendo.  
 Não um carro, nem rico batel.  
 Nem riquezas, nem luxo trazendo  
 Vasos d'ouro repletos de fei,  
 Mas sómente uma cêsta de flôres,  
 Que tecêrão benignos amores.

Já o ar outra vez recendia,  
 E outra vez doce canto se ouviu ;  
 Entre effluvios e a terna harmonia.  
 A donzella porém não dormio :  
 Bello joven em terra saltou ;  
 Porqu'a virgem não mais trepidou?..

Era lindo o donzel... tão formoso...  
 Seu sorrir tem feitiços de amor ;  
 Veio vindo... e parou cubiçoso  
 Como em extasis olhando p'ra flôr :  
 E a donzella p'ra o seu anjo olhando,  
 Suspirou, porque o viu suspirando.



O seu braço gracioso estendeu  
P'ra roseira o dilecto de amor,  
O terceiro botão já colheu...  
Não se ouviu mais o grito de dôr.  
E o mancebo com fogo, e paixão  
Vai beijar o colhido botão.

Porém pára... enlevado... perdido...  
O presente de amor contemplando,  
Que com tanta ventura colhido  
Pouco a pouco se vai desfechando,  
E offerece, em lugar de botão,  
Da donzella o feliz coração...

Bate as azas o anjo contente,  
E primeiro baixando o adejo,  
Da donzella tão pura, innocente,  
Vai nos labios deixar santo beijo :  
E saudoso alça então vôo seu  
Para sua morada... no céo.

E o mancebo feliz... bello... ardente  
Corre á virgem com vivo fervor,  
E sem vêr, que ella é toda innocente,  
Quer tambem dar-lhe um beijo de amor,  
Mas a virgem tremeu... não ousou...  
E um grito soltando... acordou.

.....  
O que é sonho?... é verdade ou chimera?...  
O que é sonho?... é a alma que véla,  
Que vagando por mais alta esphera



Do porvir os arcanos revela?...  
 O que é sonho?... futuro sem véo?...  
 O que é sonho?... — mysterio do céo.

Mas que é feito da virgem, do pobre?...  
 Já o dia voltou : — Vou dizer :  
 Seu amor denso véo inda cobre ;  
 Que elle ama não posso esconder ;  
 Porém teme... receia... não diz ;  
 Porque é pobre, por isso infeliz.

E a donzella formosa, innocente,  
 Inda livre, inda isenta de amor  
 A ninguem ganhar d'ella consente  
 De seu sonho um botão... uma flôr ;  
 Pois no rubro virgineo botão,  
 Julga vér seu feliz coração.

E o mancebo, que tinha tentado  
 A paixão, que nascia, abafar,  
 Hoje a ella de todo curvado  
 Stá com os olhos no céo a clamar :  
 « Quem não fôra nascido ; — ou então  
 « Quem me déra o terceiro botão !... »

Longo tinha sido o cantar do velho, e durante todo  
 elle, mil, e diversas sensações havia experimentado a  
 Bella Orphã.

Um segredo de seus mais bellos dias, o primeiro ro-  
 mance de sua alma de moça estava revelado.  
 Quem o revelára ?

E sobré tudo havia ali n'aquelles versos a expressão,  
 e a confissão de um amor profundo, mas temeroso...,  
 era o poeta, que amava a bella.



O primeiro pensamento de Celina foi perguntar ao velho Rodrigues o nome do autor d'aquelle romance; cõrando porém diante de sua consciencia de virgem. hesitou...

O velho estava em pé diante d'ella com seus olhos pequenos, porém penetrantes, fitos em seu rosto, e obrigando-a a abaixar a cabeça.

Em fim, Rodrigues rompeu o silencio.

— Está triste, senhora ?...

— Não! respondeu ella.

— Mas tambem ninguem a julgará alegre.

— Tambem não estou alegre.

— Ah !... está pensativa.

Celina olhou para o velho guarda-portão, e o achou sorrindo-se maliciosamente.

— De que se está rindo assim ? perguntou.

— E' porque estou adivinhando o pensamento, que a occupa.

— E qual é ?...

— Deseja saber a historia do meu romance, o nome da virgem innocente, e do mancebo pobre, não é assim ?

— E' verdade : respondeu Celina hesitando.

— Pois eu vou satisfazê-la

A Bella Orphã cõrou.

— Não sei o nome da virgem, disse o velho.

— E o do mancebo ?... perguntou Celina respirando.

— Esse eu o sei. E' um joven modesto, e cheio de merito, porém pobre : elle ama apaixonadamente, ama como nenhum outro poderá amar mais de que elle; mas o seu amor morreria no silencio de seu quarto, se uma generosa e traidora mão não roubasse n'esse romance a confissão d'elle tão extremosa, e tão puro...

— Mas quem é elle ?...



A bella queria conhecer o seu poeta.

O velho Rodrigues estendeu a mão para o lado do Purgatorio-trigueiro, e apontando com seu longo e tremulo dedo, disse :

— E' o Sr. Candido.

E como setivera concluido uma commissão importante, de que se encarregára, sahio com passos vagarosos da sala.

A Bella Orphã ficou pensando muito tempo no mesmo lugar, e quando se levantou, disse, como fallando comsigo mesma :

Deveria ter adivinhado... ante-hontem á noite, quando eu meditava, elle tambem meditou... e cantou depois, sem duvida, este mesmo romance; porque eu me lembro de ter ouvido distinctamente dizer a sua voz :

— Quem colhêra o terceiro botão !...



#### XIV

#### O moço e a moça.

Approximava-se a hora encantada do crepusculo vespertino.

A' calma abrasadora de um dos primeiros dias de Dezembro, succedêra uma d'essas tardes frescas e bellas, que fazem as delicias dos paizes tropicaes.

Uma multidão immensa pejava as alamedas, os dous pequenos largos, e o terraço do passeio publico da boa cidade do Rio de Janeiro. Era como uma tarde de festa.

Entre os novos concurrentes que a todo o instante formigavão, quatro vierão enfim que attrahirão a attenção de muita gente : erão um homem e uma mulher velha; e um homem e uma mulher moça.

Vinhão os dous ultimos adiante, e seguidos pelos ve-



  
ieb

lhos : tão facilmente se lia a serenidade no semblante d'estes, como a perturbação no dos primeiros.

Estava a moça muito córada, e quasi anciosa ; e o moço pelo contrario, muito pallido, e como que abatido : trazia ambos os olhos no chão, e não se dizião palavra, erão porém ambos bonitos ; a moça principalmente era muito bella.

Vinha ella de vestido de escomilha côr de rosa e em corpinho, com os cabellos á napolitana ; não trazia nem brincos, nem adereço, nem pulseiras : mas sim lindissimos braços nus, pois que o vestido era de mangas curtas, e ao mesmo tempo tão comprido, que apenas ás vezes se descobria a ponta envernizada de suas pequeninas botinas. Uma fita azul, larga de dous dedos, e enlaçada na cintura, era ao demais o seu unico ornato.

O moço vestia sobrecasaca e calças de merinó preto, gravata de mesma côr, e collete de fustão branco lavrado ; tinha, lechando-lhe o peito da camisa, um simples botão de ouro pequenino e liso ; trazia os cabellos muito curtos, chapéo de castor preto, e botins de couro de bezerro.

A velha estava vestida todo de preto, e tinha na cabeça um chapelinho da mesma côr, mas de palha, com enfeites de fitas roxas.

O ancião emfim, vinha de sobrecasaca de panno côr de rapé, gravata preta, collete e calças branças, trazia uma grossa corrente de ouro, muito fóra da moda prendendo o relógio, e pendendo de uma fita negra, sua grande luneta de aros de prata : tinha na cabeça um chapéo de patente, e calçava sapatos inglezes.

Seguirão estes quatro personagens a rua, que em linha recta vai do portão do passeio terminar-se no largo principal, e defronte do outeiro artificial chamado communmente — Cascata. — De caminho foi o velho cumprimentado como amigo por alguns : trazia a moça muito



ieb



no chão os olhos para o ser também : ninguém todavia deu fé de conhecer a velha, nem o moço.

Os dous velhos conversando um com o outro sem cesar, nada ouvirão do que se poderia estar dizendo em derredor d'elles : outro tanto não acontecia aos mancebos que, em silencio caminhando, tinham por consequencia mais apurada a attenção.

Já por vezes lhes tinha chegado aos ouvidos ora um elogio á belleza da joven, ora as meias palavras e o ruído das risadinhas de duas moças ao apuridar-se; quando ao passarem por junto de dous mancebos, disse um d'elles :

— Olha... ahí vão dous irmãos ou dous noivos.

— Nem uma nem outra cousa, respondeu-lhe o companheiro.

— Porque ?

Porque se fossem irmãos conversarião, e se fossem noivos se estarião dizendo finezas.

— Então são namorados.

— E' o mais provavel.

A perturbação do moço e da moça foi tão visivel então, que não pôde escapar aos olhos de seus observadores.

Depois de alguns passos mais, a moça disse ao seu companheiro com voz quasi sumida :

— Conversemos .. senhor...

Mas forão indo sempre calados como até então.

Desde porém que aquellas palavras chegarão aos ouvidos da moça, qualquer fraco ruído, o sussurrar de uma conversa a pouca distancia travada, tudo, em uma palavra, a assustava; tudo lhe parecia estar repetindo aquelle insulto feito á sua innocencia :

— São namorados.

Chegarão emfim aquellas quatro personagens ao largo principal, e ladeando-o pela direita, entrarão no cara-



manchel d'esse lado, e sentárão-se nos bancos de pedra.

Ficárão então todos quatro descansando em silencio debaixo d'aquelle bello tecto de jasmim da India, e como se a melancolia dos dous moços se houvesse propagado aos velhos, estiverão estes tristes e suspirando, até que o ancião quebrou inopinado o silencio, dizendo :

— Então !... que quer dizer isto ?... vimos passear e divertir-nos, e estamos tristemente olhando uns para os outros ?...

— Parece, respondeu a velha, que estes meninos pegárão-nos sua tristeza.

— Não, tornou aquelle ; não mintamos a nós mesmos : queres saber, Celina, porque nossa velha amiga se tornou de subito melancolica ?... quer saber, Sr. Candido, porque me succedeu o mesmo ?...

Os dous mancebos levantárão pela primeira vez os olhos, e os fitárão em Anacleto, como dizendo cada um d'elles : — quero.

— E' que nos estamos lembrando do passado ! disse Anacleto.

Irias murmurou tristemente :

— E' verdade ! é isso mesmo.

— E' que vemos ir-se tudo mudando em torno de nós : é que sentimos irem morrendo uma a uma todas as testemunhas de nossos gozos dos bellos annos... e aqui mesmo, e não serem essas arvores copadas que resistem ao tempo, e essas duas pyramides, que não sei por que milagre não se lembrárão ainda de lançar por terra, nada, nada mais haveria do que era nosso ! tudo teria morrido... tudo estaria mudado, pois que até se matão os nomes !

— E' verdade ! tornou a velha.

— Vós, mancebos, não sabeis nada d'isto ! houve no entanto um tempo, uma época como outra não haverá



mais nunca para esta cidade: eu era então moço como vós, e vi e gozei tudo isso: havia paz e ventura para todos, e cada noite era uma noite de festa: os moços sahião tocando e cantando pelas ruas suas musicas suaves; as familias reunião-se em uma só familia para gozar prazeres innocentes; dormia-se com as portas abertas, e nunca um malfetor entrava por ellas... Tudo porém acabou, e este mesmo lugar, onde tão bellas horas se passavão, já talvez nem d'ellas lembrar-se pôde, porque emfim tudo está mudado... vossa civilisação matou tudo isso!

Ninguém respondeu.

— Vistes, continuou Anacleto depois de curto silencio, vistas aquella rua que vem direito ao portão d'este passeio?... vós hoje chamais — *das Marrecas* — e nós chamavamos então — *das Bellas noites*: — comprehendei o que significava este nome?... era a demonstração viva do prazer, da felicidade que fruía a multidão immensa de ambos os sexos, que passava por essa rua para entregar-se a gozos puros aqui. Sobre estas grandes mesas, junto de uma das quaes estamos, ceavão familias a quem os laços de amizade ligavão, e nas quaes havia ás vezes um mancebo, e uma moça que não tarde se ligarião por outros laços mais doces ainda: oh! quantas vezes de baixo d'este carramaachel, ou em um passeio, ali por aquellas ruas sombrias e solitarias, não teve origem um terço sentimento, que foi logo depois fazer a felicidade de duas creaturas!...

Uma leve onda de rubor passou ligeira por sobre as faces de Celina, ao mesmo tempo que Candido fez-se mais pallido ainda.

Irias até então distrahida, começava a observa-los, fitando ora na moça, ora no mancebo seus olhos verdes.

Anacleto proseguio:



— Que é feito d'aquelles nossos dous pavilhões quadrangulares com sua estatua de Apollo coroando o do lado direito, e com a de Mercurio o do esquerdo?... vossos dous torreões octogonaes poderão fazel-os esquecer?... desconfio muito que não; pelo menos eu me hei de lembrar sempre do pavilhão da direita com seu tecto de arabescos, palmas e flôres sobre fundo branco, todos fomados de pennas de diversas côres; com suas sobre-portas de baixos-relevos de passaros de nossa terra, feitos á custa de suas proprias pennas: pelo menos eu me hei de lembrar sempre do pavilhão da esquerda com seu tecto de arabescos, palmas e flôres sobre fundo azul, todos formados, não já de pennas, como o outro, mas de lindas conchinhas, com suas sobre-portas ornadas de relevos de peixes de nossos mares, feitos á custa de suas proprias pelles; tudo isso era bello, era bem acabado, era obra de genio; mas tudo isto está morto e morto ficará, porque vós não tendes para resuscitar tantas bellezas o homem que nós tinhamos, o nosso — Xavier dos passaros. — Sim! sim!... tudo está mudado: mudou mesmo a indole, mudárão os habitos, e é outro hoje o espirito da população.

— E' verdade! disse ainda a velha Irias; mas tendo sempre os olhos fitos ora em Candido, ora em Celina.

— E nós, que isso sentiamos, que por tudo isso passámos, soffremos agora ao visitar estes lugares, onde tanto gozamos, uma melancolia profunda, uma saudade immensa do nosso passado e ao mesmo tempo uma dôr aguda e terrivel, quando pensamos que os prazeres, as bellas festas, os jardins, e os edificios tem todos mudado de face, todos cahido, todos emfim morrido, que d'aquella época nós e poucos mais restamos, e que quando tambem morrermos, só teremos do nosso tempo algumas folhas

ieb



de arvores seculares, para cahir sobre a tumba que nos cobrir.

Ficáráo de novo todos quatro em silencio por algum tempo, e ainda tristemente; até que Anacleto de novo fallou.

— Mas vós também estais tristes, e todavia vossa tristeza em nada se póde parecer com a nossa! o que vos acanha, meus filhos?... não podeis chorar o que nós choramos, porque não hebestes na taça de nossos gozos: chorais sobre o presente por ventura?... porém, meus filhos, não sentis que o futuro se está sorrindo sempre para a mocidade?...

— A's vezes não, disse o mancebo fallando pela primeira vez.

— A's vezes não?!?! tornou Anacleto: sim; elle tem razão: ás vezes parece que o homem traz de dentro do ventre materno á sina de soffrer sempre, de sempre chorar, e não rir nunca nem uma só vez na vida! Mas será crível que o senhor pertença ao numero d'esses homens desgraçados?...

— Pertença, Sr. Anacleto, respondeu Candido, pertenço ao numero d'aquelles que soffrem... e calão.

Anacleto olhou com interesse para o mancebo, e não julgando a proposito encetar uma conversação sobre tal assumpto n'aquelle lugar, disse pouco depois:

— Meus filhos, passeai... se amais a multidão, lá está o terraço cheio de povo; se preferis o silencio, tendes as alamedas sombrias... ide...

— E vós, meu avô?... perguntou Celina.

— Eu fico: tenho muito de que fallar á Sra. Irias: somos dous velhos que estamos voltados para o passado; ide vós pois, que tendes o rosto para o porvir.

— Oh! não, tornou a moça; nós queremos ficar e ouvir-vos... preferimos isso...



  
ieb

Anacleto pegou levemente na mão de Celina, fez com que a moça se erguesse, e entregando-a a Candido, disse :

— Não, eu quero ficar só com a Sra. Irias; e o Sr. Candido, Celina, é um cavalheiro honrado e nobre, que pôde passear a sós contigo: ide!

Celina tocou com a ponta de seus dedinhos o braço que lhe offerecia Candido, e sahirão ambos do caramanchel; ella, como no principio, muito córada, e elle muito pallido.

Forão os dous mancebos pará o caminho do terraço; a multidão pareceu talvez a ambos uma defesa contra sua propria perturbação. Quando elles subião a escada do extremo direito do terraço, Irias ainda tinha sobre ambos fitos os olhos, e os acompanhava com um sorrir eloquente; mas ao vél-os chegar ao último degráo, Anacleto estendendo o braço, e apontendo para Candido, disse a Irias:

— Estamos em completa liberdade; e eu posso desvanecer-me de merecer a sua confiança: diga-me, senhora, quem é aquelle mancebo que leva pelo braço minha pupilla e neta?...

— O que quer saber, senhor? pergunta-me pela historia de sua vida, ou por suas qualidades?...

— Penso ter bem apreciado as ultimas: mas ignoro tudo da primeira.

— Tambem o que eu sei não poderá satisfazer-lhe.

— Diga-me sempre.

Começou Irias a fallar, em voz porém tão baixa, que a não podemos ouvir.

No entanto, Candido e Celina tinham-se entranhado no coração da multidão: nas portas dos torreões, sobre os bancos de marmore e azulejos, que entremeião a bella cortina, que guarnece em quadro o terraço sobre o pa-



rapeito de grossas grades de ferro, que olhão para o mar subindo emfim pelas quatro escadas, havia sempre multidão. Celina pensava que melhor se esconderia no meio d'ella; Candido era escravo da inercia, iria para onde o quizessem levar, e sobretudo respeitava o desejo de uma senhora.

Mas Celina se illudira: um homem sim, uma mulher não, nunca s'esconde na grande concurrencia, porque, onde existe uma mulher, principalmente moça e bella, todos os olhos se fitão sobre ella.

Que importa que a mulher traga os olhos baixos? os observadores perguntão e indagaão porque ella os não traz levantados; porém se os trouxer bem erguidos, os observadores hão de indagar ainda porque os não traz ella no chão.

Mas quasi ao tocar a extremidade esquerda do terraço, quando o par incomprehensivel tinha atravessado todo aquelle extenso quadro sem dar fé das bellas jovens, e elegantes mancebos que por ali vagavão, Celina, no momento em que se voltava para repetir o mesmo passeio, vio em um volver d'olhos os mesmos dous mancebos, que já uma vez tinha encontrado, e a havião feito córar, e que ora a observavão de uma das janellas do torreão esquerdo.

Um dos observadores tinha o braço levantado, e mostrava-a com o dedo: ambos se estavam rindo como de intelligencia.

A brisa da tarde trouxe aos ouvidos de Celina as mesmas palavras da outra vez:

— São namorados.

A perturbação da moça redobrou; ella comprehendeu que havia alguma cousa de singular n'elles dous: lembrou-se d'esse silencio obstinado que ambos guardavão d'essa melancolia que os fazia notaveis, e temendo já a



multidão, ao chegar á primeira escada do centro, que desce ao lado da cascata, ella deixou o braço de Candido e disse:

— Desçamos, senhor... vamos passear... conversemos... por quem é... conversemos.

Candido levantou os olhos e viu o rosto de Celina ainda mais embellecido pelo rubor do pejo... uma leve excitação nervosa lhe fazia palpitar com força o coração, e lhe inundava o seio de voluptuosidade: Candido respondeu tremendo:

— Conversemos; e ficou ainda calado.

— Oh! vamos passear pelas alamedas... leve-me para as menos frequentadas... eu aborreço a multidão... mas conversemos!

— Vamos para as alamedas... murmurou Candido.

Os dous mancebos que observavam desde o principio Candido e Celina, perdêrão-os de vista ao voltar de uma alameda.

Candido e Celina passeavam a sós.

Temendo a multidão como a um inimigo, procuravam as ruas solitárias; ali reinava o silencio; as arvores cruzando seus ramos deixavam apenas passar raios de uma luz duvidosa... sopravam brandos favonios, que vinham travessos entender com as folhas, beijar as flôres, e espalhar os perfumes, que das ultimas roubavam...

Celina tinha-se já esquecido dos dous mancebos... e pensava sobre o romance, que n'essa tarde lhe havia cantado o velho Rodrigues...

Candido lembrava-se do que ainda ha pouco tinha ouvido da velha Irías.

Não conversavam... não se dizião palavra... fechava a boca de ambos esse pudor angelico do primeiro amor; mas o primeiro amor diz tudo no seu eloquente silencio, diz mil vezes mais do que em seus longos discursos di-



sem esses amores velhos, gastos, que já não tem originalidade nem pureza, e que fallão muito, porque sentem pouco.

O primeiro amor respira virtude e castidade: é a exhalção do sentimento puro, e santo que Deos soprou em nossa alma... exhalado esse, os outros são feios arremedos, que nunca se podem parecer com elle.

O primeiro amor não falla... quasi que não olha: suspira e treme; mas n'essa linguagem muda diz muito... diz tudo.

Candido e Celina não fallarão, mal se olhárão; suspirarão porém, tremêrão.

Ao crepusculo recolherão-se ambos ao caramanchel, onde Anacleto e Irias conversavão ainda.

Em todo passeio Celina se observou um phenomeno: quando sua mão tocava menos de leve o braço de Candido, o mancebo estremeceia involuntariamente. Candido pôde apenas notar, que se alguma vez seus olhos encontravão os de Celina, a moça córava muito, e mostrava-se enleada.

E no fundo do coração ambos elles se havião perguntado, o mancebo, porque era que aquella moça córava?... a moça, porque era que aquella mancebo tremia?...

Elles se amavão.

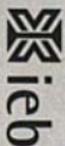
Os quatro personagens de que temos fallado, deixarão emfim o passeio publico.

Quando de volta se achavão exactamente defronte do Purgatorio-trigueiro, um carro puxado por dous cavallos brancos se despedia do portão do Céu cõr de rosa, e passou perto d'elles.

— O carro do Sr. Salustiano, disse a velha Irias.

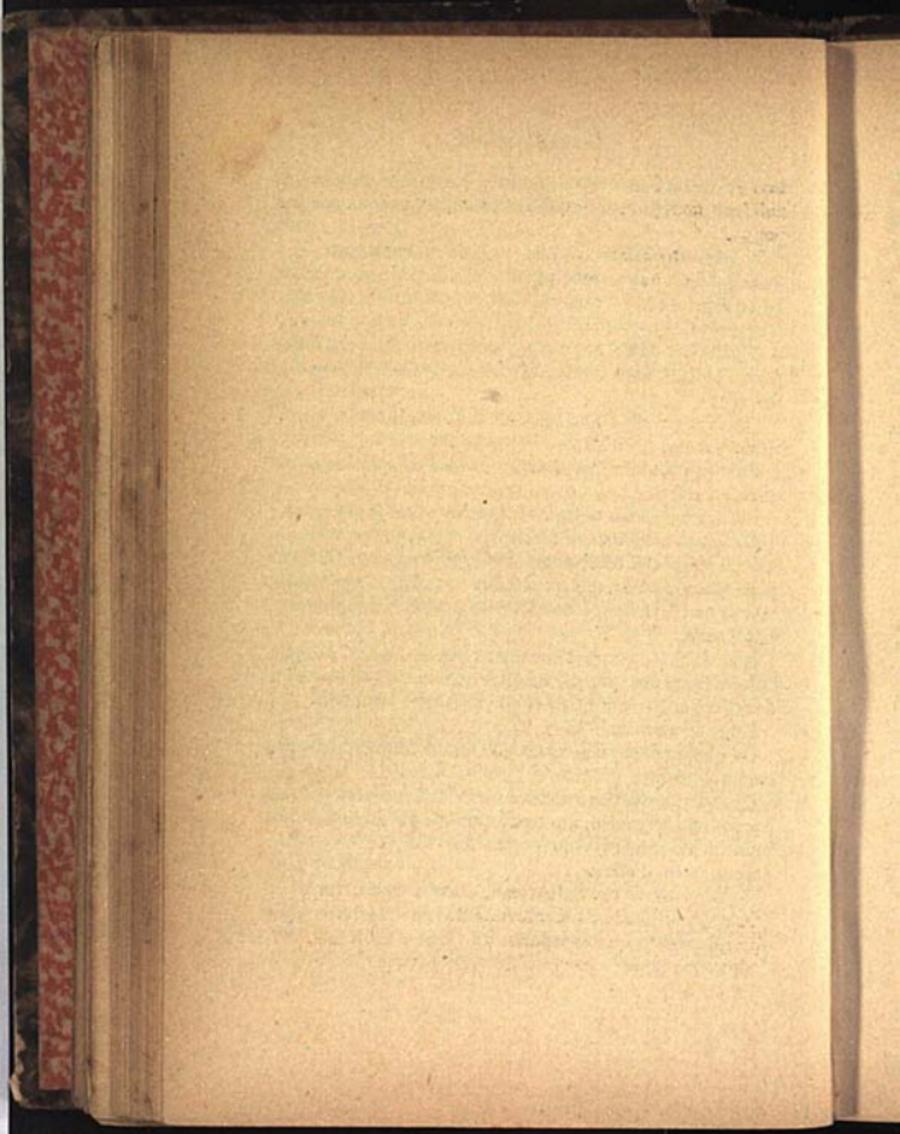
A noite escondeu um movimento de despeito, e um olhar de cólera que escapárão ao velho Anacleto.

Entrárão todos quatro no Céu cõr de rosa.





ieb



## O senhor e a escrava.

Meia hora depois que Anacleto e Celina tinham sahido para se dirigirem ao passeio publico, um carro parou junto do alpendre do Céu côr de rosa, e Salustiano apeou-se d'elle.

Marianna, que o recebeu, estava só na sala.

Apresentou-se Salustiano com ar triumphante; a filha de Anacleto estava pelo contrario pallida, mas com semblante desdenhoso.

Sentárão-se ambos muito perto um do outro: houve um curto silencio, e Salustiano fallou primeiro:

— Emfim, estamos um momento a sós, minha senhora!

— E' verdade, respondeu com voz segura Marianna eu preparei este momento.

— Como?...



  
ieb

A viuva levantou-se, foi fechar a porta da sala, e tomando de novo o seu lugar :

— O senhor m'o havia exigido, disse; no serão de antontem despedio-se de min com estas palavras: « depois d'amanhã ás cinco horas da tarde! » não foi assim...

— Ah! sim... creio que sim; respondeu Salustiano, fingindo que se lembrava.

— E eu para obedecer-lhe, menti a meu pai; convidei-o para passear hoje á tarde, e na hora de sahir queixei-me de um pequeno incommodo, e forcei-o com rogos a fazer o passeio só com minha sobrinha.

— V. Ex. é a mesma bondade!... disse o moço com insolente ironia.

— Oh! não! senhor; fallemos seriamente; não ha bondade da minha parte, nem polidez da sua: o caso é simples: aqui está um senhor, e uma escrava.

A firmeza com que Marianna pronunciou essas palavras, obrigou Salustiano a fazer um movimento de admiração.

— Porque, continuou ella, eu comprehendendo perfeitamente o que seião as ceremonias, e as etiquetas em uma assembléa; mas quando se achão a sós, e cara a cara duas pessoas, que se procurárão adrede para tratar de uma questão cuja base, apezar de ser um segredo, é de ambos conhecida, para que, senhor, estar com vãs palavras encobrimdo uma triste verdade?.. para que vestir em bellas roupas um horrivel esqueleto?...

Mas emquanto Marianna assim se exprimia, retomára Salustiano seu sangue frio habitual, e já com seu insolente e costumelro sorriso nos labios, respondeu em tom de gracejo.

— E' minha senhora, que eu tenho minhas tendencias para diplomata.

— Menos isso, senhor, tornou Marianna; póde sim um homem, imprevisamente dono do segredo de uma mu-



lher, impôr-lhe por preço de seu silencio, condições indignas; isso será apenas vilania... baixeza d'alma; mas ridicularisar essa mulher, senhor?! oh já não é só vilania, é infamia!

— Senhora! disse Salustiano.

— E preciso é que me conheça bem, que faça justiça a meu character. Se tenho tremido, se me tenho humilhado a seus olhos nas sociedades, é porque me curvo ante a pureza dos outros, e nunca porque dobre os joelhos ao seu poder: quando estivermos sós, eu hei de conservar-me sempre na minha posição, alta, elevada muito sobre a sua; porque a victima é sempre menos infame do que o algoz. A quem eu temo, a quem eu respeito, não é o senhor, é as almas nobres.

— Senhora!...

— Nada de falsas posições entre nós, continuou a viuva: o que somos ambos, ambos o estamos vendo: eu sou uma mulher indigna, e o senhor é um homem baixo e vil: supponhamos agora, que nenhum de nós tem pejo, e fallemos claramente um ao outro, como dous sicarios, que tratão de um crime. Eis-aqui como deve passar esta hora entre nós dous: creio que tórno tudo muito facil. O que quer o senhor de mim?...

Aquella mulher alta, bella, morena, de olhos cheios de fogo, orgulhosa e vehemente, dava incrível força a suas palavras; com seu olhar ardente humilhava Salustiano, que ficou de novo espantado, e em silencio junto d'ella.

A viuva repetio a pergunta que já havia feito.

— O que quer de mim, senhor?!!

— Confesso, senhora, disse Salustiano, que não vinha preparado para uma conversação da natureza, que parece desejar; todavia, pois que assim o quer, esforçar-me-hei por mostrar-me sem pejo, e fallar-lhe como um sicario que com outro conversa sobre um crime.



— Bem ; é isso mesmo : o que quer pois ?...  
— Primeiramente quero saber quem é este mancebo que tão assiduamente frequenta a sua casa, e a quem ouço dar o nome de Candido.

— Sei que se chama Candido.

— E mais nada?...

— E mais nada.

— Vamos mal, senhora ; não vi, como desejava, satisfeita minha primeira pergunta ; desvaneço-me porém de esperar, que uma exigencia que agora farei, será completamente, e cedo cumprida.

— E o que exige o senhor?... perguntou Marianna.

— Que as portas d'esta casa sejam fechadas a esse mancebo.

— Quem abre, e fecha as portas d'esta casa a todas as pessoas não é a filha, é o pai.

Salustiano levantou os hombros, e disse :

— Embora ; eu o exijo.

Mordeu Marianna os labios de despeito, e depois perguntou :

— E porque?... e para que havemos de fechar as portas d'esta casa a esse infeliz moço?...

— Já o disse uma vez, senhora, porque eu o exijo.

— Oh !... e crê que ha de ser humildemente obedecido, não é assim ?...

— Tenho a certeza d'isso.

— Senhor ! senhor !... exclamou a filha de Anacleto ; não comprehende que isso é já muito abusar?... oh ! um cavalheiro zombando, insultando uma mulher, porque sente que ella não tem por si quem a defenda ; que existe abatida com a consciencia de um crime ! mas um cavalheiro deve sentir, que quando chega a exaltação, quando mais não pôde soffrer, quando enfim determina vingar-se, uma mulher vale o dobro de um homem ;



porque de ordinario o homem sabe sómente matar, e a mulher sabe tambem morrer.

Salustiano começava a rir-se.

— O senhor se está ahí rindo, porque não sente, que estas palavras pronunciadas por uma senhora á face de um cavalheiro equivalem á maior das affrontas, que um homem pôde fazer a outro... mas deve rir-se... o senhor tem consciencia de não ter generosidade, nem honra.

Salustiano continuava a rir-se.

— O senhor se está ahí rindo, porque se persuade, que sempre que estivermos juntos, haverá um senhor para mandar, e uma escrava para obedecer, não é isso?...

— Talvez.

— Sim... talvez ainda por algum tempo, mas um dia...

Ahí se interrompeu Marianna, e encarando de perto Salustiano, proseguio :

— Qual é porém a razão porque as portas d'esta casa se hão de fechar a esse mancebo?... tem o senhor concebido algum projecto, diante do qual se levante elle?... que projecto é o seu portanto? creio que ainda me assiste o direito de fazer taes perguntas.

— E eu tenho a certeza de que não preciso descobrir o alvo a que atiro, para ser satisfeito no que pretendo.

— Ah! senhor! isso é já demais.

— Estou fallando, senhora, na supposição tristissima, de que nenhum de nós tem pejo, e somos como dous sicarios que tratão de um crime.

— Oh! pois bem, exclamou com violencia Marianna; vamos ao fim: pensa que não vejo o que se passa diante de meus olhos?... quer que lhe trace o painel de seu comportamento para comigo, e que lhe exponha seus ultimos projectos?... ouça pois.



Salustiano descansou uma perna sobre a outra com inaudito sangue frio, e disse :

— Ouvirei, senhora ; note porém que se vai fazendo tarde.

Marianna começou.

— Um acaso funesto, um acontecimento talvez determinado por Deos, para castigo de um crime que eu commetti, depoz em suas mãos um documento, que prova esse crime. Quando eu soube que semelhante documento existia em seu poder, foi no meio de uma festa, no seio dos prazeres, dos quaes o senhor mesmo me foi arrancar dizendo-me — és minha escrava !... — Oh ! eu tremi realmente ! e vejo bem que tinha razão de tremer : tremi, porque desde então havia no mundo um homem, que possuia o meu fatal segredo ; tremi, mas nunca pensei, que esse homem abusasse tanto, e de maneira tão indigna, de uma pobre mulher sem defesa.

— Val-se fazendo tarde, senhora, repetio Salustiano.

— Senhor, senhor ; já se não lembra acaso do que comosco se passou nos primeiros tempos de nosso desgraçado conhecimento ?... lá n'essas sociedades, que rão o meu delirio, a minha fascinação ; lá n'essas assembléas, onde eu me suppuha admirada, e querida ; porque, confessarei tudo, tenho ainda hoje orgulho de ser bella ; lá mesmo foi o senhor perturbar meus innocentes gozos ; lá ostentou diante de seus amigos, que merecia um amor que eu lhe não tinha, que eu lhe não podia dar ; lá ostentou ter subjugado, ter conquistado o coração da mulher casada ; e eu que observava isso, eu que sentia como as mulheres murmurão contra mim, e os homens parecião ter piedade de meu marido ; eu que via o monstro da calumnia erguer-se contra minha fama de esposa fiel ; eu... eu me sorria ou có-



ieb



rava, á vista de todos, quando o senhor se approximava de mim, ou me offercia o braço convidando-me para um passeio; porque emfim, eu era sua escrava!... Em resultado o senhor era um homem infame, e eu uma mulher covarde.

— Vai-se fazendo tarde, senhora, tornou Salustiano.

— Não havia, não podia haver amor entre nós: desde o primeiro dia, em que nos encontrámos, eu o aborreci, e o senhor nunca chegou a amar-me: porque pois fazia crer a seus companheiros de devassidão, de orgias, e de calumnias, que eu era pouco fiel a meu esposo, e sensível ao seu amor?... não sabe porque?... porque o senhor era um homem infame! e eu porque não sabia vencer minha tão grande fraqueza?... porque não mostrava ao mundo, a meu marido, a todos o homem indigno, que zombava de mim, e trazia em torturas a minha vida?... eu já disse a razão ainda ha pouco; porque eu era uma mulher covarde.

— Lembre-se que é tarde, senhora!

— E agora?... sabe o que se está passando entre nós?... persuade-se de que eu não tenho já adivinhado a razão, porque se atreve a exigir, que seja expulso d'esta casa um nobre mancebo, que tem sabido merecer nossa amizade!... escute: ha uma menina que é bella, bella com todo o esplendor e viço da mocidade; bella ainda mais por sua modestia, e suas virtudes; uma menina, cujo nome o povo abençoá, e que todos como que de ajuste a julgão encantadora: é um coração virgem; e perturbar a tranquillidade d'esse coração, ganhá-lo com sua linda innocencia, é uma conquista que deve encher de orgulho, a qualquer d'esses moços fatuos e sem moral, que deshonrão a época em que vivem, fazendo gloria da desventura das mulheres: pois



bem : o senhor tem lançado os olhos sobre essa menina, que é minha sobrinha.

— E' verdade! exclamou Salustiano; eu a amo!

— Amal-a!... oh! não, senhor; não desdoure assim o mais nobre dos sentimentos humanos... um homem vil não ama.

— Senhora!

— Mas sendo por ora infructiferos todos os seus esforços, conhecendo que até hoje nenhuma impressão tem feito no coração da modesta virgem, o senhor foi procurar uma cousa que explicasse essa indiferença de Celina, e lançou os olhos sobre um mancebo honrado, nobre, cheio de recommendaveis qualidades, que não nos fez ainda um só momento arrepender de o haver recebido em nossa casa. E julgando, que esse moço é o unico obstaculo a seus pretendidos triumphos, ousa vir aqui exigir de mim, que lhe feche as portas de nossa casa! não é isso? não tenho adivinhado tudo?...

— Sim... é isso mesmo : faz-se-me preciso que Candido não volte mais nunca ao Céu côr de rosa.

— E acredita que Celina será por tal meio menos indifferente á sua improvisada paixão?... ah! senhor, a virtude e um amor santo derão o leite a essa menina : a natureza d'ella e a sua se repellem; lembre-se que ella é um innocente anjo, e que não ha sympathia possível entre um bom anjo, e um demonio. E seria possível que nós lhe sacrificassemos minha sobrinha?...

— Eu o pensava, senhora.

— Oh!... tem a vencer primeiro a antipathia de Celina, o aborrecimento do velho Anacleto, e o odio de Marianna.

— E por ventura não tenho eu alguma cousa a meu favor?...

— Um dia se ha de quebrar essa arma!...



— Senhora, disse Salustiano endireitando-se na cadeira; tenho-lhe escutado socegadoamente; justo é que me ouça agora do mesmo modo.

— Mas vai-se fazendo tarde, senhor.

— A senhora pretendeu ter adivinhado meus sentimentos, e não conhece ainda metade d'elles quero dar-lhe idéa de mais alguns. Sim; o documento que possuo, me tem collocado na posição de senhor, e a tem posto na de escrava: e eu, eu que sou rico e feliz, considero-a como uma de minhas riquezas, como a mais interessante carta do meu jogo dos prazeres da vida; e abuse ou não, hei de divertir-me jogando com essa carta, d'ella me servindo para ganhar as mais difíceis partidas. Sim! ostentei-me seu apaixonado e seu preferido, e o mundo em que vivemos acreditou que eu era amado e feliz.

— Oh! mas isso foi uma calúnia d'esse mundo, e uma infamia de sua parte!

— Agora que já por muito tempo gozei a felicidade do parecer amado por uma senhora encantadora, quero realmente ganhar a posse de uma outra não menos bella: amo, e ame ou não, quero que a Bella Orphã seja minha esposa: e sabe quem, me ha ajudar n'esse empenho?... sabe quem, se preciso fôr, ha de levar a Bella Orphã de rastos aos altares, e forçá-a dizer — sim — ao sacerdote?... é a senhora.

— Eu?!?!

— Sim, porque actualmente eu tenho mais do que o documento de um crime; tenho um sentimento poderoso, por cuja existencia e triumpho a senhora ha de fazer tudo: tenho um amor, cujos laços hei de quebrar, se não fôr ajudado e feliz em minhas pretensões.

— Senhor!...

— Esse amor que não morreu com um viajar de tres



annos, que resiste ainda, que hoje apparece e se mostra tão bello, tão cheio de esperanças, hei de eu matal-o, senhora !...

Marianna não pôde dizer nada.

— Se acaso uma barreira se levantar entre mim e sua sobrinha, eu tambem saberei levantar uma barreira, que separe Marianna de Henrique.

— Senhor !

— Oh ! a senhora sabe bem se eu posso, se eu tenho animo de o fazer... e eu o farei.

— Sim ! sim ! eu o sei : o senhor é capaz de tudo.

— E portanto a senhora ha de necessariamente coadjuvar-me no meu empenho... por interesse proprio, para que eu não mate o seu amor...

— E' muito !

— Para que eu não atire um documento terrivel aos olhos do seu amante, aos olhos do publico ; um documento, que a condemna como... de que nome, quer a senhora que eu me sirva ?...

— Senhor !... senhor !...

— Por ora pois cumpre-lhe sómente despedir d'esta casa a esse homem, que eu detesto. Com razão ou sem ella, ame elle ou não a sua sobrinha, seja ou não amado emfim, eu não peço, eu quero, que esse mancebo deixe de vir aos serões do Céu côr de rosa. Senhora, repito a palavra, com que começámos a tratar d'esta questão : — eu o exijo ! e pronunciarei depois d'essa a palavra, que deve terminar todas as nossas discussões d'ora avante : — se não... —

— Oh ! senhor ! retire-se ! exclamou Marianna com desesperação ; retire-se ! deixe-me em paz.

Como dissemos, a porta da sala tinha sido fechada no começo d'esta conferencia.

No momento em que Marianna exclamava — retire-se !



— um velho de quimão preto se afastou mansamente detrás da porta, e recolheu-se a um canto do alpendre.

Salustiano, e Marianna despedirão-se enfim... como dous sicarios, que acabavão de tratar de um crime.

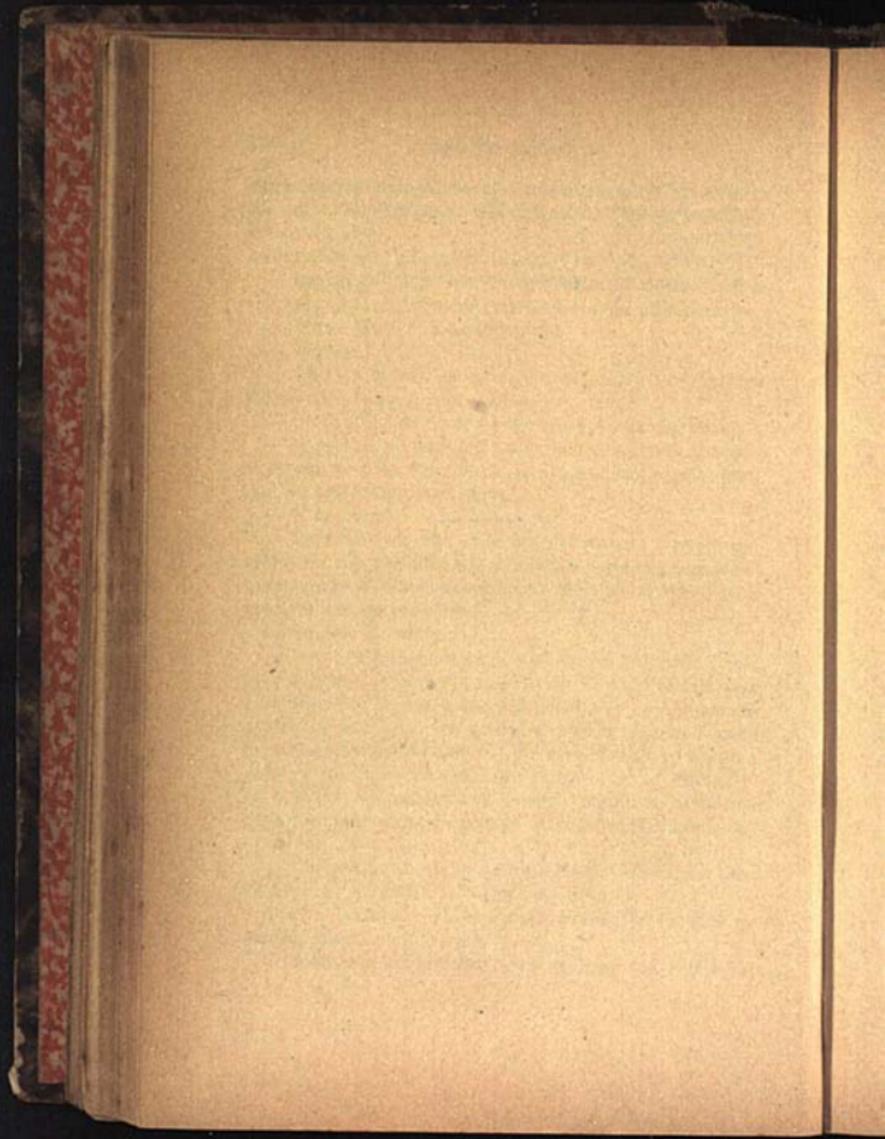
---



ieb



ieb



XVI

A velha, o moço e a moça.

Quando Anacleto, Irias, Candido, e Celina entráram na sala do Céu côr de rosa, já Marianna ali não se achava.

Ou fosse para occultar a perturbação, que por uma causa qualquer sentia, ou porque realmente se achasse fatigado, Anacleto convidou os dous habitantes do Purgatorio-trigueiro para ceiar com elle, e pedindo-lhes licença para descansar alguns momentos, dirigio-se ao quarto de Marianna.

A viuva estava deitada e abatida: queixou-se de que uma imtempestiva, e inesperada visita de Salustiano, lhe exacerbára o incommodo de que poucas horas antes se tinha queixado.



  
ieb

Anacleto não lhe disse uma palavra ; deixou-se cair em uma cadeira de braços, e ficou triste e meditabundo olhando para Marianna.

O pai desconfiava da filha.

Mas havião ficado na sala, a velha Irias, Candido, e Celina.

Estiverão descansando, sem encetar a mais simples conversação durante algum tempo ; os dous moços conservavão a sua melancolia silenciosa do passeio ; Irias continuava a observal-os como fizera em toda a tarde d'esse dia.

Até que enfim ella mesma quebrou o silencio, dizendo :

— Continuais a estar tristes, meu filhos ?

— Não, minha mãe, acudio promptamente Candido, estamos apenas fatigados.

— Sim... passéamos muito, disse Celina.

— E no entanto, em todo vosso passeio estivestes do mesmo modo, continuou a velha ; sabeis que essa tristeza dá muito que entender nos moços ?...

A Bella Orphã córou vivamente ; Candido estremeceu a próprio pezar.

— Não é preciso córar tanto assim, minha boa menina : porque estremeceste tão fortemente, Candido ?

A observação da velha augmentou o enleio dos moços :

Irias pareceu deleitar-se vendo a ambos perturbados, e foi sómente quando elles conseguirão serenar-se, que ella proseguio :

— Ouvi-me : quando alguém vê dous jovens... um moço e uma moça, meditando tristemente, naturalmente vem-lhe vontade de comprehender a causa d'essa meditação ; e cousa notavel ! quasi sempre acaba por adevinhal-a.



Nada disserão os dous moços.

— Porque, continuou Irias, a alma da mocidade é inconstante, rápida e faceira; ligeira como o corpo que anima, ella se apraz de mudar a cada instante de objecto, de alimentar-se com impressões, e pensamentos sempre novos e diversos: a alma da mocidade é uma borboleta no espirito: não é assim a velhice; pertence a esta a meditação, pois que seu corpo já está cansado; e os sentidos fatigados de, por tantos annos, levar impressões a todos os instantes, mostrão-se como que vagorosos por fraqueza e preguiça: a alma da velhice descansa sobre um pensamento, revolve-se dentro d'elle, porque tambem n'isso lhe ajuda a tristeza, que de ordinario acompanha o velho, e que é morosa como convém ser quem medita. A juventude, repito, é naturalmente alegre, e a alegria é leve e brincadora; por tanto, quando um moço e uma moça estão tristes, e meditam, quem os vê, por força os observa, porque n'essa tristeza, e n'essa meditação deve haver algum mysterio muito interessante para se estudar, e quem as estuda quasi sempre adivinha.

— E' noite fechada, disse Candido levantando-se, e aproximando-se de uma janella; é noite fechada; mas a lua, clara e brilhante...

— Deixa a noite e a lua, respondeu a velha cortando-lhe a palavra, e senta-te ahi onde estavas para eu te dizer como é, que se adivinha a tristeza e a meditação dos moços.

Deixou-se Candido outra vez sentar, e Irias continuou:

— Sobre que é que medita um moço quando passeia com uma joven bella e espirituosa, ou se acha junto d'ella sentado?... é verdade que o homem tem no coração a ambição, que o faz desejar mil cousas, que lhe pôde ao longe desenhar ricos castellos, extravagantes arabescos,



palacio e venturas de diversas naturezas ; mas é verdade tambem, que n'aquelles momentos parece muito mais provavel, que medite sobre algum pensamento que tinha bastante relação com essa moça, e elle mesmo : que pensamento será ? qual é o que n'esta vida põe em mais intima relação as almas de um moço e de uma moça ?... o observador, que de ordinario é um velho, lembra-se do que com elle se passou no tempo do verdor dos annos, lembra-se de que não podem impunemente vêr-se, e conversar, um mancebo cheio do ardor, e uma donzella cheia de encantos ; e finalmente o observador conhece que o moço medita sobre — amor. — A respeito da moça é ainda mais positivo.

— Senhora, disse timidamente a Bella Orphã, esta conversação me acanha...

A velha pareceu não ter ouvido o que lhe acabava de dizer Cellina, e prosegueu :

— Em que pensará a menina de dezeseis annos ?... ella não é ainda esposa para cuidar na constancia de seu marido, e observar como é que elle olha, como é que elle falla ás outras senhoras ; elle ainda não é mãi para entregar-se toda inteira ao cuidado de seus filhos, para viver para elles de dia, e velar por elles de noite ; em que pensará pois, ali sentada ao pé de um bello moço, ou com elle passeando ?... pensará nos vestidos de suas bonecas ?... no romance que está lendo ?... meditará sobre sua lição de desenho ?... sobre a cavatina que n'essa noite pretende cantar ?... sobre seus enfeites para o proximo serão ? Mas n'isso não medita a moça tristemente : ha porém para a joven de dezeseis annos, que é ainda solteira, uma meditação acompanhada de tristeza, que não amarga, de melancolia que é doce como a saudade, e que se chama — amor : — sim, minha, filha ! sempre que a moça solteira está meditando, medita sobre amor.



ieb

Vós ambos meditáveis esta tarde, e estais meditando ainda agora sobre amor.

— Senhora! exclamou Celina.

— Minha mãe, exclamou Candido.

— Negais o que eu digo? perguntou a velha.

— Nego, disse rapidamente o mancebo.

— Enganou-se, respondeu com timidez a moça.

— Pois eu vou demonstrar que não; vou provar que conheço vosso coração mais do que vós mesmos; ou antes vou demonstrar isso sómente á senhora, porque tu, não podes negar, Candido.

— Oh! minha mãe! por compaixão não abuse do meu estado!!!

— Senhora, Deos e a educação da virtude, tinha até bem pouco conservado o seu coração em toda a virgindade da innocencia. Até bem pouco a senhora sabia o que era o galanteio; porque n'esses poucos bailes a que tem ido, e nas reuniões que se fazem em sua casa, os cavalheiros que lhe cerção, lhe dizem finezas, e provavelmente a requestão; tem pois ouvido muito fallar em amor; não o comprehendia porém, porque não o havia sentido: córava pelo que lhe dizião, mas não córava de si; tambem é só assim que póde córar a innocencia.

Sem o pensar, Celina estava ouvindo attentamente o que dizia a velha.

— Emfim, senhora, este mancebo appareceu, seu desvalimento, sua pobreza, a pallidez de seu rosto, que parece indicar intimo soffrimento, sua melancolia habitual, que quasi dá o caracter de verdade á suspeita de suas penas, erão sufficientes para recommendal-o á alma das virtudes; mas além d'isto seus tios o tratárão com amizade e confiança; e sobre tudo, a senhora quando o vio pela primeira vez, vio-o onde?... como?... vio do



ieb

meio dos tumulos e de joelhos, orando junto á urna que guarda as respeitaveis cinzas de seus pais.

— É verdade! é verdade!... exclamou a Bella Orphã com vivo accento de gratidão.

Uma onda de prazer indizível rolou sobre o coração do mancebo, e foi desfazer-se em leve sorriso, que dilatou por um momento brevissimo seus labios.

— Desde então, proseguio Irias, desde esse momento, quando no silencio de seu quarto, ou nas phantasias do seu leito, a imagem d'este mancebo se lhe desenha no espirito, não é, a senhora deve-se estar lembrando, não é sob a fórma de um lindo joven, vestido de brilhantes e custosas galas... não, a senhora não o quer assim, não o quer fidalgo nem príncipe, não o quer rico nem deslumbrador, a senhora o quer, a senhora o vê sempre abatido, pallido e melancolico, de joelhos junto ao tumulo de seus pais.

— E' verdade!... é verdade!... exclamou com lagrimas nos olhos a Bella Orphã.

Candido, enquanto Celina attendia exclusivamente á velha, devorava com ardentes vistas as perolas de ternura, que se escapando dos olhos da moça, pendião de suas faces viçosas, como gotas d'agua limpida, cahidas em petalos de rosa.

Irias continuou :

— Depois, este mancebo começou a frequentar o Céu cór de rosa, e a senhora, muito naturalmente, notou que nas reuniões, que aqui tem lugar, os cavalheiros a cercão, a adulão e incensão, e que sómente Candido, excepção entre todos, se afastava e se deixava, e deixa ainda esquecer em um canto de sala : a senhora pretendeu explicar á si mesma uma tal singularidade, porque, primeiramente, a mulher é muito curiosa d'estas cousas e depois emfim, porque lhe doia que estivesse sempre


 ieb


longe de seu lado aquelle, que tivera o seu mesmo pensamento no dia de dôr, e junto do qual se ajoelhára um momento no meio dos tumulos.

Ninguém interrompeu a velha; ella porém parou um instante para respirar, e depois disse.

— Mas para se explicar a si mesma essa singularidade, a senhora devia observar o mancebo, e em algumas das vezes que para elle olhava, encontrou seus olhos, que de subito se abaixarão; bastou porém esse momentaneo encontro de vistas para a senhora espantar-se do ardor, do fogo com que Candido a olhava: esse fogo, senhora, incommodou-a a principio; depois essa chamma começou a propagar-se, e não tarde seu coração ardia tambem; mas porque ardia?... porque começou um desassocego indizível a perturba-la?... porque em seu leito pensava nos abrasadores olhares do mancebo?... porque lhe escapava um suspiro na solidão?... porque?... a alma virgem da moça o não podia dizer.

Cellina nada respondeu; estava porém espantada, porque a velha dizia o que realmente se tinha passado dentro della.

— Mas hoje, proseguio Irias, hoje era o dia das revelações dos mysterios do coração: a manhã d'este dia correu como todas as outras; a tarde com tudo foi muito differente para ambos. Senhora, um amigo disse o que na sua alma se passava, e a senhora o não comprehendia. Antes do passeio da tarde que acaba de passar, a senhora já sabia que entre a Bella Orphá e o mancebo desvalido se abria uma flôr perfumada e bella: — era a rosa do amor.

Os dous mancebos ficarão como que petrificados.

— A senhora não tinha tido tempo de estudar a sua posição, e ainda que a houvesse estudado, o mesmo suc-



cederia : a perturbação, o enleio, o pejo a acompanhou em todo passeio. Avaliando já seus sentimentos, e levada pelo braço de um homem a quem amava, e por quem era amada, temia que uma simples palavra a possesse trahir, que os olhos dos observadores arrazassem o segredo de si propria... e córava... e meditava; e por tanto a senhora meditava, e medita ainda; porque ama.

— Ah! senhora!... exclamou a moça, escondendo o rosto com as mãos.

— Minha mãe! basta!... disse o mancebo fóra de si : basta, ou eu me retiro.

— Não! fica! e se vale alguma cousa para ti a auto-ridade de mãe adoptiva que em mim respeitas, fica! eu te ordeno que fiques!...

O mancebo ficou immovel á voz da velha.

— E este mancebo, disse ella a Celina, apontando Candido com seu tremulo dedo, concebe a senhora como é que este mancebo lhe ama?... oh!... elle dirá que não, elle ha de jurar que eu minto : e sabe porque?... porque, escravo do mais nobre orgulho, elle não quer ser amado por uma mulher que possui mais do que elle : quererá, senhora, vê-la pobre e desgraçada, para lançar a alma a seus pés, e no entanto...

— Basta, minha mãe!

— No entanto é a senhora o objecto de seus mais bellos e caros pensamentos : ao romper d'aurora elle, da fresta da janella do sótão, que habita acompanha com os olhos todos os seus passos, quando a senhora vai passear por entre suas flôres...

— Minha mãe!... silencio!... exclamou o mancebo, cahindo de joelhos aos pés da velha.

Celina respirava apenas.



— Durante o dia, continuou Irias, elle não pensa, elle não suspira, elle não vive senão pela senhora.

— Minha mãe!...

— De noite, se dorme, são seus os sonhos d'elle; se vela, elle vive ainda só pela Bella Orphã, e escreve hymnos ao objecto de seus cultos...

— Minha mãe!...

— Negas isto?... perguntou a velha com tom grave.

— Nego: disse Candido.

As tres personagens no fervor d'essa pratica se haviam insensivelmente erguido, e se tinham chegado até junto do piano.

— Negas isto? repetio Irias.

— Nego, respondeu outra vez o moço.

Então a velha, lançando a mão no bolso de seu vestido, tirou d'elle um papel, e o ia entregara Celina; mas vendo que esta não o recebia, lançou-o sobre o piano, e disse:

— Eis-aquí, senhora, a declaração de amor d'este manco.

— Que é isto? perguntou Candido.

— Os versos que escreveste em uma das noites passadas.

Ouvio-se n'esse momento o tropel que fazião Anacleto e Marianna descendo a escada do sótão: Candido lançava-se sobre o papel, quando Irias o susteve com sua mão musculosa e forte, dizendo:

— Aquillo não te pertence mais.

Quando Anacleto e Marianna entrãrão na sala, Celina, tremula e cheia de pejo, lançou seu lenço branco sobre o papel.

Depois aproveitando um instante em que todos parecião estar entretidos, ella não tendo bolsos no vestido, escondeu o papel no seio.



Candido vio isso.

Na hora de recolher-se, a Bella Orphã abriu esse papel, e vio algumas folhas escriptas : erão versos, e constavão de trinta e duas estrophes, tendo por titulo o seguinte :

« O Sonho da Virgem. »



ieb



o pa-  
os, e  
ulo o

XVII

João e Rodrigues.

Contra todos os seus habitos, o velho Rodrigues, guarda-portão do Céu côr de rosa, deixou ás oito horas da noite o seu eterno posto do alpendre, e desceu por um beco que vai abrir-se no largo da Lapa.

Jacob e Helena, que estavam como sempre de espreita á janella, disserão um para o outro ao mesmo tempo :

— Temos novidade.

O ex-escrivão tomou immediatamente o chapéo, e sahindo, apressou os passos até descobrir o velho Rodrigues, e o foi acompanhando de longe, e com todo cuidado para não ser por elle descoberto.

Helena ficou só, mas sempre vigilante á janella observando o que pela vizinhança occorria.

O velho guarda-portão, sem nunca olhar para trás,



  
ieb

atravessou o largo da Lapa, e tomou pela rua do Passeio Publico, deixou ao lado esquerdo a rua das Marrecas, venceu todo largo da Ajuda, e como quem se dirigia para a de S. José, foi indo sempre no mesmo passo, até que endireitou para a portaria do convento da Ajuda, e foi sentar-se nos degrãos superiores.

Jacob coseu-se com a parede do convento, aproximou-se quanto pôde do velho, e finalmente, atirou-se ao chão, procurando ser tomado por algum mendigo.

O guarda-portão descobriu a tempo, e reconheceu o ex-escrivão; mas não deu signal algum de o ter feito, e ficou quieto no mesmo lugar, cantarolando por entre os dentes uma de suas predilectas balladas.

Um quarto de hora depois o vulto de um homem alto veio-se aproximando do posto que Rodrigues tomára.

O velho chegou-se mais, emfim supio tambem os degrãos da portaria: era um velho pouco mais ou menos la mesma idade de Rodrigues.

— Adeos, João, disse Rodrigues.

— Boa noite, Rodrigues; disse o recém-chegado tomando lugar, e sentando-se junto do guarda-portão,

— Esperaste muito?

— Não, ha um quarto de hora apenas,

— Que diabo! temos assim uns encontros, que melhor caberião a dous ladrões, ou a dous namorados.

O guarda-portão sorrio-se e levantou os hombros, como quem queria dizer: — que nos importa?

— Conversemos, disse o recém-chegado: que novidades ha?

— Que máo costume! murmurou Rodrigues: fallas sempre com voz tão alta!

— Pois então que ha?...

— Apenas um curioso que nos espreita.



— E onde está então essa peça?

Rodrigues apontou para Jacob, que fingia resonar.

— Ora... é um pobre mendigo.

— Cala-te; é nada menos do que o celebre Jacob, que em outro tempo conhecestes bem, e que hoje é meu visinho, e tomou por sua conta espreitar todos os meus passos.

— Ui!... pois deveras?...

— Sem a menor duvida.

— Vamos pô-lo d'ali para fóra a pontapés.

— Para quê? basta que fallemos baixo: tho pouco que dizer-te.

— Tens razão, tanto mais que me supponho em vesperras de tomar de novo conhecimento com elle

— Como?..

— Vi-o entrar ô mêz passado lá em casa.

— E com que fim?...

— Não sei, mas hei de sabê-lo.

— E' preciso.

— Vamos ao principal: conta-me o que ha.

— Sim, porém torno a dizer-te que falles mais baixo.

Jacob não tinha até então percebido uma só palavra. apenas lhe chegava aos ouvidos um leve ruido; mas d'ahi por diante ainda menos do que isso ouviu: João e Rodrigues erão para elle como dous mudos sentados ao lado um do outro: arrependeu-se de haver seguido o velho guarda-portão, e a posição incommoda que toimára, era como um castigo de sua insana curiosidade.

Os dous velhos amigos começaram a fallar um com o outro em voz muito baixa.

— Então o que ha?... repetio João.

— Realisào-se minhas previsões.

— Amão-se?...



— Elle, como um louco, como um rapaz de vinte annos, que ama pela primeira vez.

— E ella?...

— Ou já o ama tambem, ou está em muito bom caminho para chegar a isso.

— E já sabe que é amada?...

— Crelo que o pensava desde alguns dias; hontem porém teve a certeza de o ser.

— Quem lhe revelou o segredo?...

— Este seu criado.

— Bravo, Sr. Rodrigues; esta representando um excellente papel.

— Pois que querias tu que eu fizesse, João?... duas crianças tolas como elles são, precisavão de quem lhes abrisse os olhos: e, sobre tudo, não é verdade que convém terminar os nossos trabalhos? não crês que basta de provação?...

— Eu não te crimino, Rodrigues; ao contrario acho que tens ido ás mil maravilhas; tanto mais que dous trastes velhos como nós, devemos dar graças a Deos por podermos ainda prestar para alguma cousa n'este mundo.

— Enfim, elles se amão, repetio Rodrigues.

— Era natural.

— Temos porém novidades cem vezes mais importantes.

— Vamos lá.

— Realisa-se tambem a minha ultima previsão: o outro igualmente a ama.

— Oh diabo! o caso vai-se complicando; e ella?

— Despreza-o.

— Está no seu direito: e elle teima?...

— Faz mais do que isso.

— Então o que?



- Quer impôr-se.  
 — Como?...  
 — Ora como!... pois não adivinhas?... com a mysteriosa influencia que exerce sobre a viuva.  
 — Quando eu digo que o caso se vai complicando!  
 — Hontem o velho e a menina sahirão a passeio : a viuva arranjou uma dôr de cabeça, e deixou-se ficar em casa; d'ahi a pouco chegou elle.  
 — Bem : e depois?  
 — Fechárão-se na sala, e conversárão uma hora.  
 — E tu?...  
 — Ouvi tudo.  
 — Bravo! és um heróe.  
 — Elle exigio que a viuva fechasse a porta do Céu côr de rosa ao pobre rapaz.  
 — Porque?...  
 — Porque suspeita que a pequena o ama, e não quer ter um rival tão perto d'ella.  
 — E a viuva?  
 — Negou-se a cumprir a exigencia.  
 — E elle?...  
 — Declarou-lhe formalmente que se ella não a cumprisse, perdêl-a-ia no conceito publico.  
 — E finalmente...  
 — Separárão-se sem haver decidido cousa alguma.  
 — E o que conclues tu do que se passou?...  
 — Que dentro em pouco as portas do Céu côr de rosa serão fechadas ao moço pobre.  
 — E nada mais?...  
 — Concluo tambem que o outro sabe pelo menos metade do que nós sabemos.  
 — Ainda bem que elle sabe só metade; creio que não gostará quando vier a saber o resto.



— João, para mim é claro que a — décima-segunda — existe em poder d'elle.

— E' realmente a melhor maneira de explicar aquella mysteriosa influencia.

— E tu, nada absolutamente tens conseguido ?

— Nada.

— E' pena; porque emfim, pôde ser que essa arma com que elle joga, acabe por fazer muito mal ao nosso plano.

— Que queres!... tenho trabalhado muito; mas sempre em vão: já corri e examinei um por um, todos os papeis da casa.

— E nada?...

— E nada; falta-me só a carteira velha do defuncto.

— Quem guarda as chaves?...

— Elle, que de ninguem as confia.

— Diabo! é n'essa: tem um segredo no fundo da primeira gaveta do lado esquerdo.

— Lembra-me bem.

— E então que fazes?...

— Que faço! o que tu farias: espero.

— Esperar é quasi sempre o maior de todos os castigos.

— E que remedio, Rodrigues? a carteira está em seu quarto de dormir, e elle quando sahe, leva sempre a chave: parece que esconde ali um grande thesouro.

— Não se engana; mas has de roubal-o.

— Esperemos.

Caláráo-se por alguns momentos os dous velhos: estiverão ambos pensando, e depois disse Rodrigues:

— Ora dize, João, não parecemos dous decididos inimigos do tal sujeito?

— A's vezes quer me parecer que sim: pelo menos praticamos como taes.



— Não... não... isso não : ouve ; se fosse preciso, eu dera o resto de minha vida para fazê-lo verdadeiramente feliz.

— A's vezes quasi que não merece nada. Foi, e será sempre desenfreado extravagante.

— O seu fundo porém é bom : succede de ordinario assim com todos os extravagantes.

— Póde ser que tenhas razão.

— Ultimamente não se tem portado tão loucamente, como d'antes.

— Descansa para recommear.

— Basta. E' tempo de nos irmos.

— Quando nos veremos outra vez ?

— A'manhã não póde ser : ha reunião extraordinaria no Céu côr de rosa ; faz annos a Bella Orphã.

— Seja depois d'amanhã.

— Pois bem : depois d'amanhã ; adeos.

Separarão-se os dous velhos : João sumio-se voltando o canto da rua da Ajuda : Rodrigues atravessou os mesmos largos e ruas, por onde tinha vindo, e entrou no alpendre do Céu côr de rosa.

Jacob, desesperado e furioso por não ter podido conseguir apanhar uma unica frase da longa conversação dos dous velhos, voltou para sua casa em um verdadeiro estado da ebullição.

— Então, exclamou Helena apenas o vio entrar ; que foi fazer o Coruja ?...

— Encontrar-se na portaria do convento da Ajuda com outro coruja, como elle, e com quem fallou mais de uma hora.

— Sobre que, meu caro Jacob ?...

— São dous monstros, dous sicarios, dous demônios...

— Então...



ieb

— En não pude ouvir nada; fallarão em segredo; respondeu Jacob desatando profundissimo suspiro.

— Oh! malvados!... exclamou Helena.

E n'aquella noite os vizinhos de Jacob e de Helena forão mais que nunca victimas da mordacidade, das calumnias d'esse par sem igual.



ieb



; res-

elena  
as ca

## XVIII

### A noite d'annos.

Era a noite dos annos da Bella Orpha; noite de festa no Céu côr de rosa, e que deveria ser de innocentes gozos para os numerosos convidados, que enchão aquella feliz habitação.

Além da casa, que estava toda brilhante de luzes, o jardim tão querido de Celina achava-se tambem illuminado, e patente áquelles, que quizessem ahí passear.

Não havia certamente no Céu côr de rosa o luxo deslumbrante das festas dos millionarios, que gastão; em compensação porém o bom gosto transpirava em tudo.

Marianna ostentava sua belleza tão especial, tão deslumbradora, tão perigosa.

Celina, que era como a princeza da festa, levava, sem querer, sem pensar, vantagem sobre a bella tia.



  
ieb

Uma simplicidade feiteira presidira, como sempre, o seu toucador : seus longos cabellos estavam atados com graça indizível, mas tão pouco trabalho pedia aquelle penteado, que adivinhava-se para logo, que era o resultado da destreza de suas mãosinhas ; agradava ainda mais por isso : um pouco para o lado esquerdo de sua cabeça, apparecia um botãozinho de rosa, como surgindo d'entre as tranças de madeixas.

Seu vestido era o unico, que lhe convinha.

Uma virgem pede um vestido branco : a côr branca exprime a alvura de sua alma, a innocencia de seu coração : qualquer outro vestido assenta mal n'uma virgem.

Além d'isto, uns sapatinhos de setim, e mais nada : para que quer enfeites a formosa donzella?... para que, se a natureza se incumba de enfeitá-la com os mais interessantes adornos?..

Tudo na Bella Orphã respirava encanto, graça, candura, e innocencia : era um anjo.

Não ha sacrilegio n'esta comparação.

Quando a mulher reúne ás graças physicas, virtudes christãs, pureza e bondade, pôde por um homem ser comparada a uma santa, ou a um anjo.

A uma santa, em qualquer tempo, em qualquer condição, que esteja essa mulher; mas com tanto que reúna os encantos de espirito, que ha pouco foram apontados.

A um anjo porém, sómente em quanto é virgem; porque só então na mulher transpira essa innocencia, que é por força vinda do céu; essa ineffavel pureza, que não pôde existir senão nos anjos, e na virgem.

Os anjos são as virgens do céu, como as virgens são os anjos da terra.

Mas Celina tinha n'aquella noite um não sei que de mais bello, de mais interessante em si, em seus modos,



em seus olhares : era um receio, que se não comprehendia, um pudor como nunca susceptivel...

Quando teve de receber os cumprimentos de Candido, cobrio-se seu rosto de uma onda de rubor... porque corava ?...

Forçada a responder, sua resposta foi o murmurar de algumas phrases tremulas, quasi imperceptiveis, que ella deixou passar por entre seus labios, hesitando e tremendo... porque tremia ?...

— Ah! D. Celina !... tinha exclamado Mariquinhas, correndo para ella logo que entrou na sala : D. Celina ! estás hoje bella, como nunca o foste tanto !

— Deverás ?... perguntou Celina alegremente.

D'antes não lhe importava tanto o parecer bonita, gostava de sê-lo, como todas as moças : desde porém os ultimos tres dias, a Bella Orphã desejava redobrar os seus encantos.

— Olha, tornou Mariquinhas, fallando-lhe ao ouvido ; estás tão galante, que, se eu pedesse, fazia-me moço durante esta noite.

— Mas para que ?...

— Para amar-te.

— Ora...

— Para pedir-te um beijo.

— Meu Deus ! respondeu Celina órando ; se tu fôras um moço não te atraverias a offender-me pedindo-m'o : o sendo moça como és, não m'o pedes, e eu t'o offereço.

Aquelle dous rostos tão novos, e tão lindos, aproximáram-se, e souo o ruido de um beijo.

— Não tem tanta graça como teria o outro, disse Mariquinhas sorrindo-se.

— Ah ! D. Mariquinhas ! vossê é mil vezes maliciosa.

Felicia, e muitas outras senhoras, moças e bellas tambem, vierão cercar a Bella Orphã.



A musica soou, convidando a dansar.

Os mancebos corrêrão ás senhoras ; todas as contradansas, e mais ainda do que aquellas que se poderião dansar n'essa noite, forão pedidas, e promettidas.

Insensivelmente a Bella Orphã correu com os olhos todos aquelles mancebos, como se algum procurasse entre elles... pareceu primeiro temer encontral-o, e depois entristecer-se por não vêl-o... realmente buscava ella algum ?

Candido não se apresentou para dansar.

Sem motivo algum plausivel, Celina negou a todos a segunda quadrilha ; ella mesma não sabia porque a negava.

No ultimo serão a Bella Orphã tinha dansado essa contradansa ao lado direito de Candido ; quereria a moça reprehendêl-o assim, pôr não vir pedil-a n'aquella noite de seus annos ?...

Ha na vida das moças, em que a educação e a innocencia podem mais, que as idéas livres e *desabusadas* de algumas sociedades que tudo pervertem, factos tão pequeninos, acções tão leves e ingenuas, pensamentos soltos ao acaso, mas que ás vezes envolvem tão importantes mysterios do coração, que é possivel que tudo quanto se estava passando interiormente em Celina, esses receios misturados de desejos, essas inconsequencias emfim, não fossem mais do que a voz da natureza, que a proprio pezar da Bella Orphã, ou sem que ella o sentisse, estivesse bradando-lhe no coração : — eu já amo !...

Tinhão por momentos cessado as quadrilhas e valsas : respiravão os pares : duas senhoras havião já, no intervallo d'aquellas, cantado ?...

— Então, Celina, disse o velho Anacleto, vindo direito á sua neta ; já esqueceste uma promessa que te fizerão?...



ieb

— Que promessa?...

— A de se deixar ouvir aquelle senhor, que como sempre lá está sentado no seu canto?...

— Ah! disse a Bella Orphã, como recordando-se.

— Vamos a isto, tornou o velho.

E indo direito a Candido, o trouxe para junto das senhoras.

— Eis o nosso novo cantor... teremos uma estrêa esta noite.

Houve um movimento de curiosidade.

— O que pretende deixar-nos ouvir?... perguntou uma senhora.

— Uma aria de Bellini certamente, disse outra.

— Não, minhas senhoras, ousarei cantar um romance.

— Em italiano?...

— Também não, senhora, em nossa propria lingua.

D. Mariquinhas fez com os labios um momo de desagrado : tinha razão.

O gosto estragado da época, que se faz excessivo em tudo, o é também na musica, e como tal deu ao canto italiano um triumpho, uma palma universal, lançou para fóra de nossas salas todos os cantos patrios, como desferrou das igrejas os hymnos sagrados. Rossini, Bellini, Donizetti e Auber, tem entre nós um triplice throno, no theatro, nas salas, e na igreja.

— Pois então faça-nos o obsequio de dirigir-se ao piano, disse uma senhora.

— Não tóco esse instrumento, respondeu o mancebo : costumava em outro tempo acompanhar-me de harpa.

— Harpa! murmurou Mariquinhas ao ouvido de Celina; harpa! o moço é romantico.

Appareceu um criado trazendo a harpa de Candido, que tomou lugar perto das senhoras.

Naturalmente acanhado, o mancebo afinou e instru-



mento com a cabeça baixa, medroso de encontrar todos aquelles olhos fitos n'elle.

Salustiano collocára-se defronte de Candido com decidida intenção de confundil-o com seu sorrir desdenhoso e sarcástico, e com sua lunetta firmada insolentemente.

Souo um har, ojo moderado, sonoro, e vibrante...

Candido ergueu a cabeça, e cantou... o rosto do mancebo estava muito pallido, sua voz tremula, commovida mas era uma d'essas vozes de tenor, que, sonora e penetrante, chegava ao coração dos que ouvião.

Elle cantava pois :

Iguaes são no fado, que tem a cumprir,  
Iguaes n'um mysterio a bella e a flôr ;  
Se a flôr tem perfume, que o prado embalsama,  
E' delio perfume da bella o amor.

E a flôr mais formosa, se não tem aromas,  
No valle esquecida desabre e fenecce ;  
E a virgem mais bella arrasta seus annos  
Tristonha, isolada, se amor não conhece.

Iguaes são no fado a bella e a flôr,  
Iguaes no mysterio, que vem revelar ;  
A flôr deve os campos de aromas encher,  
E a bella na vida amor cultivar.

E á rosa, que se abre fragrante, viçosa,  
Em gruta profunda de valle escondido,  
Por mais perfumada que seja, e se ostente,  
Que serve o perfume na gruta perdido ?...

E á virgem formosa, que o anjo dos risos,  
P'ra encanto de mundo, ao mundo mandou ;



ieb

Que serve o amor, se um ente obscuro,  
Que o não merecia, foi quem ella amou ?...

Faceiro favonio, que as flôres namôra,  
Na gruta profunda a rosa festeja ;  
Depois pelos prados, de volta, voando,  
Da rosa os perfumes no prado lenteja.

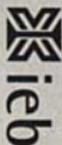
E o joven poeta, que em fogo se abraça,  
Se da bella virgem amor mereceu,  
Nos hymnos sagrados, que manda ao futuro,  
Eterna os encantos do amor, que valeu.

Iguaes são no fado, que tem a cumprir,  
Iguaes n'um mysterio a bella e a flôr ;  
A flôr quer favonio, que espalhe perfumes,  
E a bella um poeta, que eternise amor.

A voz de Candido, a principio tremula e abatida, bem depressa tornou-se firme, normal e sómente commovida, como lh'o estava pedindo o seu cantar mavioso e terno; desde logo o mancebo esqueceu-se do lugar onde estava, dos olhos que o cercavão, e dos ouvidos que o ouvião. Era um artista, e como o verdadeiro artista, indifferente a tudo mais, elle só via a bella que o inspirava; e todo, todo se entregava á inspiração: com olhares ardentes embebidos em Celina, modulava seu canto harmonioso, que parecia sahir da alma.

Em profundo silencio a assembléa mostrava-se suspensa e em extasis; quando o mancebo acabou, soárão freneticos applausos... a commoção era geral; por alguns momentos não se pôde fazer mais nada.

Celina tinha comprehendido aquelle cantar do mancebo: o rubor de suas faces, a agitação de seu seio a



trahia, e ainda mais seus olhos pregados na figura graciosa de Candido, parecião ahí presos por um encanto invencivel.

Salustiano o comprehendêra tambem; apezar seu, elle, rico e orgulhoso, sentia-se curvado ante a superioridade do talento : o genio não pede, impõe respeito, e desafia inveja.

O triumpho de seu rival desenhou-se na imaginação de Salustiano, prompto e inevitavel : a cólera, o despeito, todas as paixões, que do ciume se originão, fervião em seu peito; e como se uma idéa sinistra acabasse de luzir-lhe n'alma, elle deixou cahir sobre Celina um olhar feroz e terrivel, lançou a Candido uma risada medonha, e cheia de um sarcasmo infernal, e foi direito a Marianna, que conversava com outras senhoras.

— Passeemos! disse elle com desdenhosa simplicidade.

Marianna levantou os olhos, e teve medo do aspecto de Salustiano.

— Passeemos! repetio elle.

A viuva quiz ensaiar um gracejo, que disfarçasse a perturbação que começava a sentir, e disse sorrindo-se.

— Já se viu como é moda hoje em dia pedir-se um passeio a uma senhora!

— Passeemos!... tornou Salustiano.

Marianna ergueu-se, e ainda para disfarce da perturbação, que n'ella ia crescendo, disse a suas amigas :

— Não ha remedio... a escrava levanta-se para acompanhar o seu senhor.

Ao atravessar da sala, Marianna encontrou o olhar de Henrique descontente, cuidadoso, e como lhe dirigindo uma queixa.

— E disse bem, senhora, murmurou a seus ouvidos Salustiano com voz grave e terrivel; disse bem;



ieb



a escrava levantou-se para acompanhar a seu senhor.

— Como?! exclamou a viuva; pois n'este lugar, e a esta hora...

— N'este lugar, em toda parte, e a todas as horas eu hei de perseguil-a sempre!

— Oh! senhor!...

— Eu disse, que era minha vontade, que a esta casa não voltasse esse mancebo, que detesto; impuz-lhe a obrigação de fechar-lhe as portas; e hoje... eil-o ahi... devorando com os olhos a sua sobrinha...

— Mas é que meu pai....

— Sabe, senhora, que isso se chama abusar de minha paciencia, e desafiar-me?

— E' muito!... exclamou a mísera mulher.

— Ignora, que eu tenho em minhas mãos os meios de vingar-me; e que existe no seu coração um amor, que eu posso destruir?...

A figura do velho Anacleto, nobre, e respeitavel, appareceu aos olhos de Marianna.

— Piedade! balbuciu ella: eis ali meu pai.

Salustiano arrastou a infeliz viuva para uma outra sala, e proseguio:

— Eu vou ter d'aqui a pouco uma hora de pratica com o Sr. Henrique.

Marianna estava pallida como uma finada.

— No fim d'essa hora estarei vingado.

— Perdão!... murmurou a viuva ajuntando as mãos, como se quizesse orar.

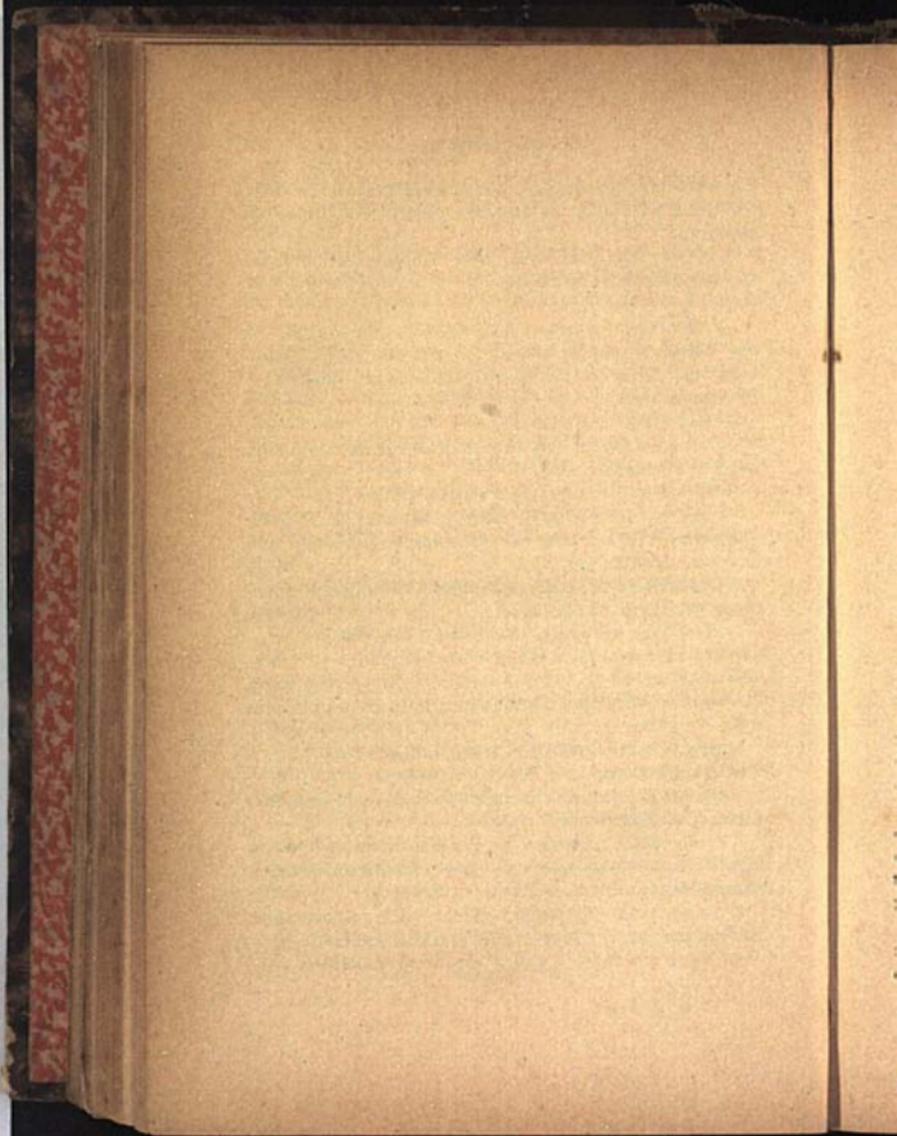
— Pois então... senhora, hoje mesmo, e antes que termine o saráo, esse mancebo deverá ter para sempre deixado esta casa.

E abandonando Marianna, que foi cahir quasi desanimada sobre uma cadeira, Salustiano voltou á sala.





ieB



XIX

Um pai que chora.

Fazia um calor abrasante; apesar d'elle porém as moças e moços continuavão a dansar.

Candido deixou a sala, e dirigio-se ao jardim: queria vêr aquelle lugar feliz, onde pela primeira vez vira Celina; era o theatro de seu primeiro e unico amor, devia ser-lhe grato.

Entrou como possuido de um santo respeito, devorou com os olhos todas aquellas innocentes fiôres, todos os dias regadas ao amanhecer, por um ente tão bello, e tão puro como ellas mesmas; dirigio-se depois ao caramanchão; mas força lhe foi parar diante d'elle...

Um velho com a cabeça coberta de cabellos brancos, ali estava sentado com o rosto cahido entre as mãos, e chorando como um menino.



  
ieb

Era Anacleto.

Portanto, n'aquella festa estava a historia do mundo : estava o prazer de mistura com a dôr, o riso de envolta com o pranto, e a felicidade com o infortunio.

Na sala uma musica alegre, viva, e estrepitosa animava os moços; e no jardim um misero velho desabridamente soluçava.

Candido em pé, diante de Anacleto, não podia comprehender uma tristeza tão grande em uma noite de festa, nem adivinhava o que lhe cumpria fazer n'aquelle caso.

Anacleto, occupado só com a sua dôr, não tinha sentido aproximar-se o mancebo, e chorava, e soluçava sempre.

O que querião dizer aquellas lagrimas do velho, que ainda ha pouco se mostrára na sala tão feliz?... tão contente?... que contradicção de sentimentos era essa?...

Era o segredo de um coração de pai.

Ha na vida do homem um grande amor, cuja benefica influencia se experimenta ainda nos mais apertados lances : um amor immenso, que, por assim dizer, enche toda a alma, que o dá; amor unico, sem interesse, porque ás vezes é mesmo a um ingrato, que arranca lagrimas, a quem se ama : é o amor, que um pai e uma mãe dão a seus filhos.

Porém n'esse ternissimo affecto, pôde-se talvez fazer uma distincção : um pai ama muito com o coração, mas ama tambem com a cabeça; uma mãe ama quasi sempre só com o coração.

A grande missão da mulher é a maternidade; e, desde que é mãe, a mulher tem Deos no céu, e seu filho no mundo.

Uma mãe, em regra geral, sabe amar muito, e só cura de seu amor; vive de beijar, de contemplar seu filho;



ella quasi que o acredita um ente especial, que todos devem bem querer, e ao qual nunca poderá tocar a mão pesada do infortunio : extremosa, complacente, fecha os olhos aos erros de seu filho, não ouve nunca aquelles, que notão em suas faltas ; e se seu filho é um desgraçado, ella é desgraçada com elle : e se seu filho é um criminoso, ella o adora no seio do crime, despreza o juizo do mundo ; e que lhe importa o mundo !... Deos está no céo, e é grande para perdoal-o ; e na terra está ella, que é grande para amal-o sempre.

Um pai não é tanto assim ; olha tambem para o mundo em que vive ; respeita seus prejuizos, e quer preparar seu filho para esse mundo, no qual tem de passar a vida. A opinião dos homens significa muito para elle, e portanto dobra-se a ella. Quando seu filho começa a representar um papel na sociedade, o pai segue-o constantemente com os olhos, anima-o com suas exhortações, corrige-o com suas admoestações, dirige-o com seus conselhos, e emfim corêa-se tambem com os seus triumphos, e humilha-se com suas derrotas : o desvario de seu filho o enlouquece ; a mancha, que vem nodoal-o, cabe-lhe no coração ; é com elle solidario na gloria, e na vergonha.

Por seu filho tem um pai os olhos no mundo, e uma mãe os olhos no céo.

E cousa notavel !... a natureza inspira sentimentos que quasi, chegam a parecer-se com a ingratição.

Um filho que deve tanto a seus pais ; que antes de nascer causou já tantas dôres, tantos tormentos a sua mãe, que depois de nascer bebe o leite de seus peitos , um filho, por cuja causa perdêrão seus pais tão longas noites, chorarão lagrimas tão amargosas ; um filho, ao pé do qual velão sempre por elles dous anjos, como duas Vestaes pelo fogo sagrado : que tem sido o objecto



ieb

de tão grande amor, de tão extremosos cuidados ; um filho tem na sua vida uma hora, que lhe é marcada pela natureza ; que é hora da natureza sim, mas que é hora também de ingratidão.

Se esse filho é um homem, encontra cedo ou tarde uma mulher ; e se é mulher, apparece-lhe um homem, pelo qual são deixados pai e mãe !... basta ás vezes o olhar de um mancebo elegante, para plantar-lhe no coração um sentimento, que vai depois na balança pesar mais que todos esses amores, que todos esses cuidados de vinte annos, e de mais annos ainda !...

A roda vai sempre girando : os que forão filhos chegam um dia a ser pais, e enfim, vem também o tempo, em que elles sentem por sua vez, o que fizerão outr'ora experimentar a seus pais.

Não sejam os homens accusados por isso... pois que todos serião réos, e ninguem poderia ser juiz : os homens não têm culpa ; a natureza é que é ingrata ; mas o facto é esse.

Solteiro, porém, ou casado, o filho continúa sempre a ser o pensamento da alma de seus pais : é a luz, que lhes brilha na vida : quem foi que pôde já consolar aquelles, que perdêrão um filho?... o tempo?... o tempo dá sómente resignação ; muda o nome, crisma a dôr ; em vez de afflicção, chama-a saudade, mas os pais não esquecem o filho, que lhes morreu, senão quando morrem.

Porém, nada pôde ser eterno : tudo tem um fim ; e esse amor deve acabar um dia... acaba na sepultura.

E' esta a mais ligeira idéa, que se pôde dar, muito de passagem, do amor paternal.

Se nem todos amão com a mesma força a seus filhos, amão-os sempre, e a natureza do affecto é a mesma.

Anacleto amava a Marianna, como os pais, que são mais extremosos e ternos.



Apenas sahindo do berço, Marianna perdêra sua mãe, e então seu extremoso pai, vendo-a tão pequenina já orphã, tão debilzinha, e já sem um de seus genlos protectores, vio tambem n'isso uma razão para amal-a em dobro.

Obrigado por sua viuvez a rodear sua filha d'aquelles ternos e miudos cuidados, de que especialmente se occupão as mãis, perdendo noites por ella, ás vezes embalando-a para fazê-la dormir, Anacleto tinha por sua filha reunido em si dous amores a um só tempo : o amor de pai e de mãe.

D'esse modo Anacleto pôde estudar a fundo o caracter de sua filha ; pôde lêr na leve contracção de um musculo de seu rosto o intimo sentimento de sua alma, e distinguir a verdade, e a mentira nos feitiços sorrisos de Marianna.

Mas o amor não dá sómente prazeres, faz soffrer tambem pezares acerbissimos : não será até possível decidir se estes são devidamente compensados por aquelles. Ha muitos amores, que se sorriem ; mas não ha um só, que não chore.

A belleza de Marianna encheu de orgulho o coração de um pai nos primeiros annos , pouco depois porém essa mesma belleza começou-lhe a ser origem de serios cuidados ; quando elle chegou a notar, que sua filha, vaidosa de seus encantos, embriagada com o incenso de mil lisonjas, procurava ganhar escravos em todas as sociedades onde apparecia, não desanimava nem preferia nenhum de seus numerosos admiradores, e, em uma palavra, amava perdidamente o galanteio... o galanteio, que é quasi sempre um obstaculo para a felicidade das moças, e uma recordação desagradavel, que ás vezes, já em muito nobre posição, as faz córar diante de um homem, que vem visitar seu marido.



Então Anacleto desamava a belleza de Marianna, quizera antes vê-la com vezes menos bella, com tanto que fosse com vezes mais discreta; porque emfim, uma filha nunca é feia para seu pai.

Quando Marianna casou, Anacleto sentio-se livre de uma responsabilidade immensa; mas cedo encheu-se de novos, e de mais importantes cuidados. Anacleto adivinhou o amor de sua filha, e do joven Henrique, e tremeu, e teve vontade de morrer; porque um pai faz-se por seu grande amor solidario na vergonha de seus filhos: e teve vontade de viver para velar por Marianna, para salva-la, e salvar-se d'aquelle abysmo.

Veio depois a viuvez de Marianna, e com ella novos tormentos para o pobre velho: um mancebo com quem elle antipathisava, parecia exercer sobre sua filha um imperio indizível: com seu olhar penetrante, com suas vistas de pai, Anacleto via Marianna tremor diante de Salustiano... uma vez comprehendeu, que entre elles dous devia haver um segredo terrível; estudou inutilmente as acções, e procedimento de ambos, daria metade dos poucos annos, que lhe restavão, para descortinar aquelle arcano; mas não descobrio nada.

Emfim, chega Henrique, e outra vez apparece diante de sua filha: o amor d'aquelles dous corações não se tinha deixado morrer na ausencia. Anacleto sorprende essa afeição ardente, e dá-se parabens, porque Henrique é um nobre mancebo, que merece sua filha, e porque, além d'isso, vem livral-o do espectro, que o assusta, vem lançar fóra do combate a Salustiano.

Todavia, a despeito da presença de Henrique, Salustiano prosegue com seus antigos modos; Marianna continúa, como d'antes, a hesitar a seus olhos; portanto, nem o talisman do amor a póde salvar; e o pobre pai,



ieb

que não conhece o abysmo que o assusta, não tem o poder de avaliar o seu fundo, e treme ainda.

Um sarão é dado... festejão-se os annos de Celina, e n'essa noite de prazer, na qual Anacleto adormecia suas magoas, o mancebo importuno e terrível vem despertá-las.

O triste velho vio Salustiano aproximar-se de sua filha, conheceu no semblante d'ella, que havia terror dentro de sua alma, e sem poder vencer-se, segue o par que passeia e conversa, apura o ouvido, e apanha algumas palavras.

— Ignora, que eu tenho em minhas mãos os meios de vingar-me, e que existe no seu coração um amor, que eu posso destruir?... — tinha dito Salustiano.

E Marianna tremêra e balbuciára uma phrase, que elle não pôde ouvir.

O terrível moço continuára :

— Eu vou ter d'aqui a pouco uma hora de pratica com o Sr. Henrique.

Marianna estava desfigurada pelo terror.

— No fim d'essa hora estarei vingado.

Anacleto não teve coragem para ouvir mais nada; juzio-lhe no animo a idéa de cahir sobre aquelle homem com suas mãos tremulas, e afogal-o ali mesmo... mas lembrou-se, de que elle podia gritar... fallar muito alto... e o pobre pai não sabia, o que é que toda a sociedade reunida em sua casa, chegaria a saber.

Com o coração despedaçado correu para o jardim, atirou-se ao banco de relva, e cobrindo o rosto com as mãos, começou a chorar e soluçar desesperadamente.

— Oh! meu Deos! meu Deos!... exclamava elle.

E depois pensava consigo mesmo: será possível, que aquella gente toda tenha os olhos fechados, que não observe e reprove o procedimento de minha filha?...



que não leia na horrivel pallidez de seu semblante a prova irrecusavel de um crime?... que não esteja olhando para mim com piedade de meus cabellos brancos ?

— Oh ! meu Deos !... meu Deos !... exclamava.

E depois, continuava a pensar comsigo mesmo : que crime terá praticado minha pobre filha?... porque, a submissão, com que ella se curva áquelle barbaro, não é amor... não... eu conheço minha filha, ella detesta esse indigno mancebo ; mas elle fallou em vingar-se... disse que tinha em suas mãos os meios da vingança : oh ! pois então a minha pobre Marianna é criminosa?... a filha do meu coração ha de ser desgraçada?... ousaria ella manchar as cãs de seu pai?... a minha pobre, a minha querida filha... o meu anjo!...

— Oh ! meu Deos !... meu Deos ! exclamava.

E depois, continuava ainda a pensar comsigo mesmo : ser pai é uma coisa muito triste ; ter filhos é abrir a alma aos pezares !... oh ! estes filhos, a quem damos a vida, nos matão !... estes filhos, a quem em pequeninos sustentamos pelas mãosinhas para fazêl-os andar, e carregamos aos nossos hombros, vem depois com as suas loucuras empurrar-nos para o tumulto !... oh ! n'este mundo não ha missão mais difficil, mais cheia de lagrimas, do que a missão de pai !... e então eu... tão velho ! com a cabeça coroada pela neve dos annos, tremulos, sem forças, com os pés na cova, nem ao menos morrer consolado !!! o que eu pedia ao céu era fazer minha filha venturosa, e depois morrer... E ha de agora a vergonha vir fechar-me os olhos?!... e morrendo, deixarei minha pobre filha do coração, só, desolada, desprezada pelos homens, e sem amparo no mundo !... isto e horrivel... é capaz de matar de repente ! !

— Oh ! meu Deos !... meu Deos !... exclamou chorando ainda com mais força o infeliz velho.



ieb

Candido tinha estado muito tempo em pé diante de Anacleto, não querendo, emfim, perturbar aquella dôr immensa, em que o via engolfado; ia retirar-se, quando ao ruído de suas pisadas na terra, o velho ergueu a cabeça.

— Quem é?... perguntou enxugando apressadamente as lagrimas.

— Sou eu, Sr. Anacleto, respondeu Candido: minha curiosidade trouxe-me n'este momento ao jardim; retirava-me porém já para não incommodal-o.

— Incomodar-me !... então eu...

O mancebo ficou em silencio.

— Chorava?... exclamou Anacleto soluçando de novo

— E' verdade.

Estiverão ambos por algum tempo sem dizer-se palavra: o velho chorando, e Candido tristemente observando-o.

— Sim, disse finalmente aquelle: tenho chorado... muito, minha cabeça arde... uma dôr despedaçadora parece querer rebentar as fracas paredes d'este velho craneo... o que eu soffro é isso... é uma dôr... eu estou doente.

— Oh! então porque não se apressa a medicar-se? eu vou chamar a senhora sua filha... sobre tudo este ar da noite, o sereno pôde fazer-lhe mal...

— Não... não quero... eu exijo, que não chame ninguém... nem mesmo minha filha: este ar da noite me faz bem... eu estou melhor, muito melhor: isto vai passar de todo. Basta que eu descance... vá dansar, preciso ficar só.

Candido ia retirar-se.

— Escute, tornou o velho; promette-me não dizer a pessoa alguma, que eu estava incommodado?... promette-me?... veja que eu o exijo.



— Pois bem, senhor, nada direi.  
— Sobre tudo, meu filho, não diga a pessoa alguma,  
que me vio chorando aqui.

Candido retirou-se.

O velho, sacudindo tristemente a cabeça, disse :

— Moço, se não comprehendeste a minha dôr, has  
de comprehendê-la um dia ; — és filho ; serás pai.



ieb



## Uma mulher que mente

Quando, de volta do jardim, Candido entrou na sala, Marianna e Henrique conversavam com fogo, e defronte d'elles Salustiano estava em pé de braços cruzados, como quem espera por alguma cousa.

Candido não acreditára nas palavras de Anacleto; comprehendêra, que as lagrimas do velho exprimião antes um grande soffrimento moral, do que uma dôr physica; por isso mesmo respeitava o segredo d'aquelle padecer; mas observava curioso, o que se passava então no Céu côr de rosa.

Estava-se ahí tecendo uma d'essas intrigas de salão... era uma mina que se abria; qual deveria ser a victima?...

Moço e inexperiente, Candido nada pôde concluir de

  
ieb

suas observações : a assembléa toda se mostrava, como desde o começo da noite, alegre e festiva; Marianna sorria-se meigamente para Henrique; Celina estava bella e contente, mesmo mais contente do que ordinariamente parecia.

No meio de tanto prazer, como achar a origem de uma grande tristeza?...

O velho Anacleto chegou pouco depois, e Candido ficou ainda admirado ao vê-lo prazenteiro dirigir-se a todos, gracejando com as senhoras, e animando a sociedade já um pouco fatigada.

Na alma de Candido appareceu este pensamento : « Quem sabe, se alguns dos que se estão aqui rindo alegremente, não terão ido chorar, ás occultas, como o velho Anacleto ? »

Pela primeira vez em sua vida elle sentio que, nas sociedades, o rosto se mascára com sorrisos... com olhares... e com palavras.

Henrique e Marianna separáram-se: Salustiano ia dirigindo-se ao primeiro, tendo porém os olhos fitos na filha de Anacleto, que, mal podendo conter um movimento de terror, foi direita ao lugar onde estava Candido.

Salustiano voltou immediatamente á sua primeira posição.

Marianna fallou a Candido : sua voz parecia commo-vida.

— Quer fazer-me obsequio de dar-me o braço?

— Oh! com summo prazer.

Um homem pobre agradece com tanto reconhecimento qualquer pequenina prova de consideração!...

— Para onde quer que a acompanhe, minha senhora?... prefere passear nas salas, ou ir ao jardim?...



ieb



— Vamos ao jardim.

Candido observou, que o braço de Marianna tremia  
Quando chegarão ao jardim, a viuva e o mancebo  
entrarão no caramanchão, e ella, sentando-se no banco  
da relva, disse :

— Sente-se ao pé de mim... conversemos.

Candido sentou-se curioso ; Marianna hesitava.

Aquella mulher, de character tão forte, ia cumprir as  
ordens de um homem, que não era seu pai, nem seu  
marido, nem seu irmão : agora fraca e humilde, desem-  
penhava o papel de escrava, obedecendo ao aceno de  
seu senhor.

Esteve em silencio por algum tempo a devorar seu  
calix de amargura ali, n'aquelle banco de torturas, onde  
pouco antes, seu pai havia tanto chorado por causa d'ella.

Emfim, com esforço indivizel tomou a mão de Candido,  
apertou-a entre as suas, e disse :

— Este mundo... este mundo, senhor, é um inferno !...

— Para os infelizes, senhora.

— Oh ! e onde estão os seus bemaventurados ?... nin-  
guem julgue da paz do coração pelo socego, e prazer do  
sembiante; quasi sempre quando a alma chora lagrimas  
de sangue, os labios se sorriem, e os olhos brilham !...

— Eu comprehendo que ás vezes succede assim.

— Este mundo, Sr. Candido, é um tyranno, um des-  
pota inexoravel, que todo ornado de prejuizos e de chi-  
meras, impõe-nos o dever de respeitar seus prejuizos,  
e de adorar suas chimeras ! e ai d'aquelle que resiste !...

— E' verdade... é verdade.

— Os homens curvão-se a idéas falsas e indignas  
d'elles, e as desenvolvem porque, emfim, força é ser es-  
cravo do mundo !

— Não, isso não, minha senhora ; o mundo não pensa,  
são os homens que, pervertidos e desmoralizados, conce-



bem essas idéas: o mundo não tem culpa de ser assim, os homens o vestem com essas roupas.

— E o remedio?...

— O remedio é instruir, e moralisar o povo.

— E enquanto elle não se instrue, nem se moralisa?...

— Deve-se bradar com força contra aquelles, a quem compete moralisal-o, e instrull-o.

— Sim, mas o primeiro que se erguer contra um prejuizo que reina, será victima, e ganhará em vez de palma de victoria, a corôa de martyrio.

— Embora: Socrates morreu, porém suas idéas vingáráo.

— E quem quereria ser Socrates?...

— Oh! minha senhora, perdô-me; mas julgo melhor fazer de outro modo a pergunta.

— Como?...

— Quem poderia ser Socrates?...

— Pois acceto: quem poderia sêl-o?...

— Um bom governo.

A viuva pensou alguns instantes; a conversação ia tomando caminho contrario ao que ella queria levar; finalmente, começou de novo:

— E enquanto a revolução moral não se faz, enquanto a sociedade não reforma os seus costumes, o que hão de fazer os homens, o que farão principalmente esses entes fracos, as mulheres, que desde que nascem até que morrem, precisão sempre de um apoio na vida; o que hão de fazer, senão curvar-se a esses erros, a esses prejuizos?...

— Uma grande mulher responde por mim, senhora; Mme de Staël, penso que foi ella; escreveu em um livro « Os homens devem arrostar a opinião publica, e as mulheres curvar-se a ella ». Eu digo o mesmo dos prejuizos de que falla.



— Oh ! mas é horrivel !

— Eu o sinto, minha senhora.

— A's vezes ter uma mulher, para respeitar essas indignas chimeras, de quebrar uma corda sonora de seu coração... ás vezes ir parecer má, sendo benigna... dizer uma mentira, tendo n'alma a verdade ; é muito... é horrivel !

— Mas não é tanto assim, minha senhora ; a mulher deve curvar-se diante do juizo dos homens só e unicamente até o ponto d'onde póde começar a ser offendido o juizo de Deos.

— Pobres mulheres ! ás vezes o dito de uma criança é de sobra para perdê-las na opinião do publico ; e depois o discurso de um sabio não basta para purificar seu nome d'essa nodoa imaginaria ! pobres mulheres, que precisão pesar suas palavras de cada vez que fallão, ter cuidado com seus olhos de cada vez que olhão... porque fazem de suas palavras e de seus olhos provas de erro, e até ás vezes de crime !

— Afeia de mais a posição do seu sexo na sociedade, minha senhora.

— Não, isto é assim ; eu, e todas, o temos experimentado : ha occasiões, em que um homem, que nos é indifferente ou só estimado, como amigo, que nos respeita, que só por amizade pura e sem interesse frequenta a nossa casa, põe, apezar d'isso, em duvida a innocencia de nossas afeições ; e, sem o pensar, abre caminho á mordacidade, e presta uma victima á calumnia !

Candido não respondeu : ficou olhando para Marianna como querendo apanhar-lhe algum pensamento occulto, que acabasse de ressumbrar em suas ultimas palavras.

Depois de hesitar tambem por algum tempo, a viuva continuou com voz muito commovida :

— O senhor mesmo não tem escapado á maledicencia.



— Eu ? exclamou Candido estremecendo.

— E' verdade.

— E como?... e porque ?

— Eu lh'o vou dizer... custa-me muito a fazê-lo, por que talvez o senhor se julgue offendido; mas cumpro o meu dever... o meu desgraçado destina de mulher.

— Falle sem receio, minha senhora.

Marianna hesitando sempre, e sempre commovida, começou, pobre escrava, a cumprir as ordens de seu senhor.

— Sabe, que mortos os pais de Celina, foi o meu, como avo d'ella, nomeado seu tutor, que elle e eu recebêmos a sagrada missão de velar por ella, e de fazer tudo por tornal-a feliz?...

— Sei, minha senhora; respondeu Candido que de novo estremecêra ouvindo pronunciar o nome da Bella Orphã.

Pois então, tornou Marianna, comprehende a immensa responsabilidade, que pesa sobre nós?... comprehende que sobre meu pai, e sobre mim recahirá a culpa de qualquer falta, que por minha sobrinha fôr praticada, ou da calunnia, que contra ella ousarem lançar?...

— Comprehendo, disse o mancebo recordando-se das lagrimas do velho Anacleto.

— Agora escute: esse povo insano, que não vive, senão quando murmura: essa gente indigna, que quando não acha um acção, de que murmurar, inventa-a para com ella alimentar-se; esse povo, essa gente quando vê um mancebo solteiro frequentando a casa em que existe uma senhora, que não é casada, não pergunta o motivo de suas visitas, não indaga a origem das relações que existem, brada, insulta, calunnia!

— Que quer dizer, minha senhora?...

— Quero dizer, que desde as primeiras visitas, que do



senhor recebemos, graças, eu me ufano de o declarar a todos, graças a nossos reiterados convites, minha sobrinha e o senhor tem sido victimas da aleivosia.

— E' possível?!!

— Ousão dizer que Celina e o senhor se amão e se correspondem, e que meu pai e eu protegemos esse amor...

— Mas é uma infame calúnia!... exclamou Candido.

— E que importa ao mundo que murmura, que o senhor e nós todos juremos que isso é falso?... que a sua presença n'esta casa é devida sómente a nossas repetidas instigações?... que o seu comportamento aqui é nobre, é leal, é digno de um homem de educação?... o mundo continúa a murmurar, como de facto tem continuado... vai de boca em boca passando a calúnia, e os ultimos que a escutão, já a recebem como verdade.

— Ah! senhora!...

Marianna hesitou, córando de si mesma, — Ousão dizer até... porque era horrivel mentira, o que ia avançar; Candido pensou, que ella córava de vergonha d'isso que ousavão dizer, e fallou a custo.

— Diga tudo, minha senhora, nada se deve esconder áquelle, que vai ser condemnado.

— Ousão dizer, que o senhor se gaba de merecer o amor de Celina a seus proprios amigos...

— Gabar-me a meus amigos?... eu sou pobre, minha senhora, muito pobre para ter amigos. Essa accusação é tão miseravel, que eu me rebaixaria se a combatesse.

— Hoje mesmo, e dentro de nossa propria casa a calúnia achou pasto para alimentar-se; ainda ha pouco, quando o senhor cantava, houve quem visse muito fogo nos seus olhos, e uma declaração de amor no seu canto. No fim d'elle as amigas de minha sobrinha forão cercal-a, zombar d'ella, e dar-lhe ironicos parabens pela sua futura felicidade.



ieb

Candido sentia-se possuido de desespero e de vergonha; anciado, faltava a seus pulmões ar para respirar; enxugava com o lenço suor copioso, que em bagas lhe descia pelo rosto: seu coração estava comprimido por um peso enorme: arquejava.

A viuva proseguio:

— Minha infeliz sobrinha correu para mim desolada, e escondida comigo no fundo de meu quarto, chorou tanto, e tanto, que me fez dó, e obrigou a um passo, que me causa realmente muita afflicção.

— Ella chorou, senhora,?... perguntou Candido torcendo as mãos com violencia.

— Oh! sim! mas ella tinha razão; perdôe-lhe pois: ella pesou as consequências d'esses boatos, e teve medo.

— E teve medo!... balbuciou automaticamente o mancebo.

— Porque, senhor, se esses boatos não forem desmentidos de algum modo muito positivo, qual será o resultado d'elles? uma barreira se levantará diante do futuro da pobre menina: nenhum homem de bem quererá pretender a mão, a posse da namorada de um outro, e, ou ella se casará com algum, que não tenha sentimentos elevados... ou ficará eternamente solteira... o que é na verdade uma desgraça, ou em fim, casar-se-ha com o senhor...

— Ou em fim... balbuciou outra vez Candido.

— Oh! mas eu tenho bastante conhecimento da genericidade de sua alma para acreditar que tudo isto lhe é tão doloroso, como a ella; eu vejo, que o senhor não se achando com forças, não podendo fazer a ventura de Cellina...

A viuva hesitou outra vez.

— Não podendo... repetio surdamente o mancebo.

A viuva respirou, animou-se, e proseguio.



ieb

— Porque o senhor é pobre... não tem bastante para si... e Celina está habituada a comodos e prazeres, que em fim o senhor não a poderia fazer feliz... é pobre... e...

— Sou pobre... disse o mancebo com voz sombria e sacudindo a cabeça; é isso mesmo; eu sou pobre...

— E quando mesmo os senhores se amassem realmente, e o amor, operando um milagre, que não seria o primeiro, fizesse com que Celina se julgasse feliz partilhando as privações da sua pobreza; essa felicidade duraria dous ou trez mezes, talvez mesmo um anno; mas passada a força da paixão... a realidade chegaria por sua vez, Celina choraria seus antigos prazeres, que o marido lhe não poderia dar em sua pobreza.

— A pobreza!!!

— E o senhor tambem se havia de arrepender de havê-lo desposado; porque talvez que um homem rico e feliz, um homem que occupasse na sociedade uma posição, que se visse...

— Que se visse!...

— A quizesse por mulher; e então é consequente, e eu creio que o senhor pensará comigo, que uma mulher no seio da riqueza, gozando os regalos que ella facilita, brilhando pela posição de seu marido, é mil vezes mais feliz, é sem comparação mais ditosa, do que nos braços de um pobre, que não teria para dar-lhe senão lagrimas de amor no principio... e no fim impertinencias e dissabores de indiferença...

— Tem razão.

— Oh! não sou eu que a tenho, é minha sobrinha que a tem; minha sobrinha, que o estima; mas que não pôde deixar de chorar a sua fama assim ultrajada por seu respeito... bem que o senhor não tenha para isso cooperado.

A viuva calou-se... Candido não podia dizer palavra; ambos porém soffrião muito: o mancebo tragava fel de



amargura, de vergonha, e de desespero, e Marianna sentia-se devorada por violentos remorsos.

Mas era escrava : tinha obedecido a seu senhor.

Estavão já em silencio ha alguns minutos, quando ouviu-se o toque da meia noite.

Marianna ergueu-se, e disse :

— Ah ! meu Deos ! que tempo estamos fóra da sala... não de ter reparado em minha ausencia... voltemos, Sr. Candido.

O mancebo que se tinha deixado ficar sentado no banco de relva, respondeu com voz sombria :

— Não : eu fico.

A viuva retirou-se a passos vagarosos e com a cabeça baixa ; desapparecendo pela portinha, que deitava para o jardim, ella encostou-se á parede do corredor e desatou a chorar.

Quando Marianna acabava de sahir do jardim, surgiu d'entre alguns arbustos um homem alto, e cuja cabeça alvejava de tão branca que era.

Chegou-se ao caramanchão, e dirigindo-se ao mancebo, disse :

— Aquella mulher, mentio.

— Não mentio ! exclamou Candido com violencia, não mentio ! é a verdade ! o mundo fallou em seus labios... tudo aquillo quer dizer — o homem pobre é um miseravel... o contacto do homem pobre mancha o rico... seu halito é pestifero... o seu aspecto hediondo... a pobreza é a morphéa !

E acabando de pronunciar essas palavras, sahio correndo pela portinha do jardim.

Ficou só o velho Rodrigues.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME



Jose' Sarau  
16-1-1939.

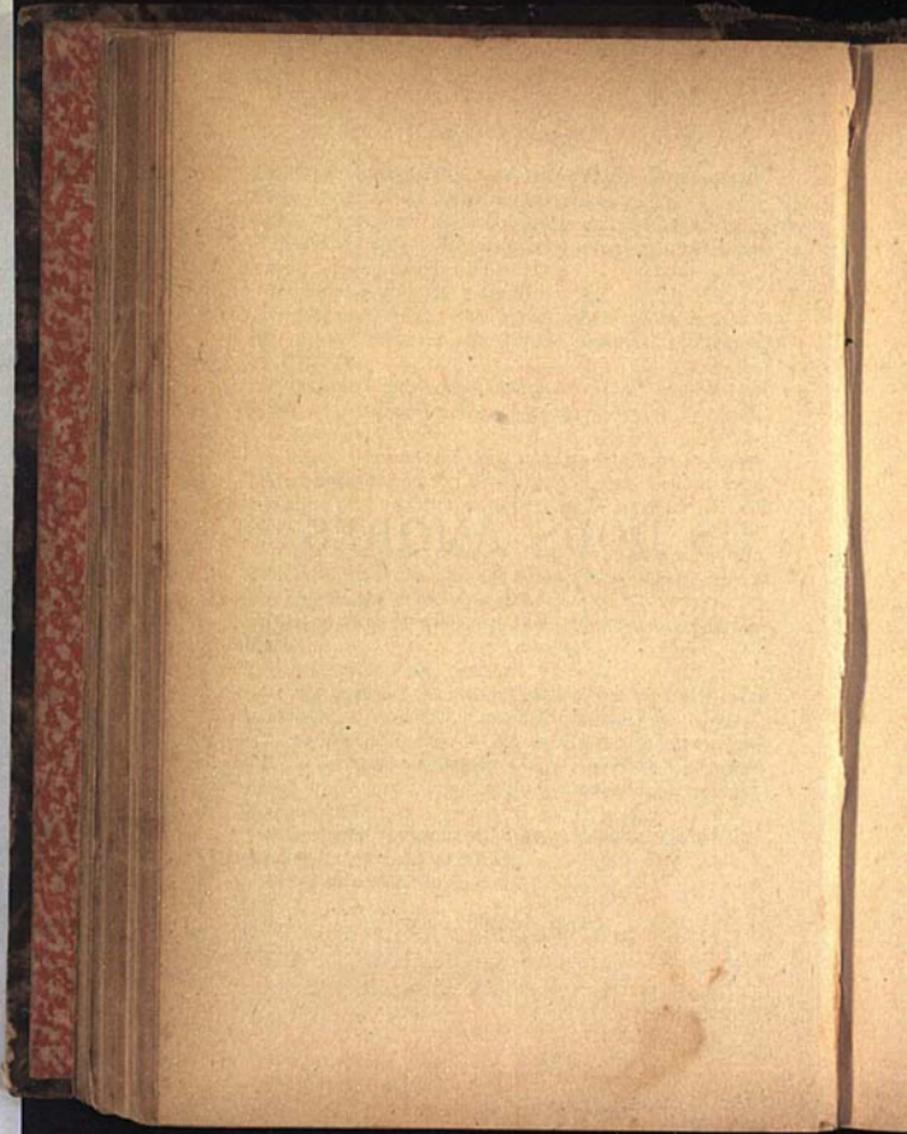
OS DOUS AMORES



ieb



 ieb







iebib

# OS DOUS AMORES

---

I

Henrique.

O amor é a paixão das inconsequencias e dos absurdos.

A impossibilidade de bem defini-lo provém da mesma natureza d'esse sentimento : tem-se escripto milhões de volumes sobre o amor, e a intelligencia humana ainda o não retratou com todas as suas côres, porque sempre elle se mostra com uma nova nuança.

Fizerão-no parente da amizade, derão-lhe até o gráo de seu irmão; mas se realmente tanto n'ella como n'elle ha sempre um pendor para o objecto que nos é grato, differem ambos em tudo que resta, tanto e tanto, que parecem mais inimigos do que devião ser dous parentes tão chegados.



  
ieb

Differem muito, differem nos principios e nos resultados.

O bello titulo de amigo adquire-se á custa de uma longa provação, que dura annos : agglomerão-se obsequios sobre obsequios ; é preciso que o tempo e o tracto mutuo de dous homens tenha feito conhecer a ambos sua tambem mutua dedicação, e o desinteresse e a paciencia, e até certo ponto conformidade de sentimentos, e de sentimentos que sejam nobres ; para que no fim de tudo isso sáhia o nome de — amigo, — não da flôr dos labios, mas do amago do coração.

O amor não é assim : ás vezes é a obra de um instante tão breve como um suspiro.

A's vezes não se estuda a nobreza dos sentimentos da pessoa a quem se vai, sempre involuntariamente, amar ; e nunca se espera por nenhuma prova de dedicação e paciencia, e não se pôde esperar por alguma de desinteresse ; porque o amor é terrivelmente interesseiro no seu genero.

A's vezes dous olhos pretos, dous labios de coral, e um instante para vê-los, resumem toda a historia de um grande amor.

Pois bem, ahi tendes um amor e uma amizade : o primeiro, filho do temperamento, ou da sympathy, ou do que quizerdes ; o filho, em summa, de um curto momento, em que não houve, nem reflexão, nem vontade ; a segunda, sentimento reflectido, criado pela dedicação, amamentado pela virtude, educado cuidadosamente durante muitos annos.

Ahi tendes a amizade, virgem encantadora cheia de pureza, de formosura, de graça e de castidade ; e o amor, menino impertinente, audacioso, exigente, importuno, teimoso... para dizer tudo, menino malcriado.

O que é que acontece no correr da vida de ambos ?...



Acontece que o filho do momento, que devia ser e mais fraco, é o mais forte; que o menino malcriado, que devia ser menos tolerado, é de quem se soffre muito mais.

A amizade para viver precisa que a ajudem : é a alampada do templo, cuja luz se extingue se lhe falta o oleo ; é necessario que a dedicação, o desinteresse, a paciencia, que já tanto se provárão, vão sempre de seu existir dando novas provas, para que a amizade subsista ; para que a virgem não fuja envergonhada.

E o amor?... amai, e vêde : aquillo mesmo que destruiria para logo a mais antiga e enraizada amizade, é quasi sempre um incentivo que dá mais vigor e mais fogo ao filho do momento.

Amai, e vêde : a mulher que vos plantou no coração esse sentimento, vos desafia com seus rigores ; vos faz escravo de seus caprichos ; com um desdem arranca lagrimas de vossos olhos, e com uma lagrima vos faz dobrar os joelhos.

Na amizade, a traição faz esquecer ; no amor, a traição faz enlouquecer.

As differenças que existem entre os dous sentimentos continuão ainda ; e, como devia acontecer, compensão finalmente os triumphos que sobre a amizade dão no principio ao amor.

O orgulhoso que de si mesmo tirava suas forças, que vivia de seus caprichos, de desdens e de lagrimas, devia por força cansar mais depressa do que a virgem modesta, que caminhava cuidadosamente á sombra de mil cuidados, e gulada pela virtude e pela dedicação.

O tempo é portanto a vida da amizade, e a morte do amor.

E assim como vimos ha pouco, que aquillo mesmo que podia instantaneamente matar a amizade, era para





o amor incentivo que lhe dava mais vigor, e lhe tornava mais intenso o fogo; veremos agora, em compensação também, que o principio que anima a primeira é causa do resfriamento e morte do segundo.

Queremos fallar do gozo, porque, embora de natureza distincta, tanto o amor como a amizade tem o seu.

Dous amigos gozão-se com a troca de seus sentimentos e de seus cuidados, gozão-se partilhando mutuamente os pezares e os prazeres um do outro, ajudando-se na prosperidade e nos trabalhos da vida; e esse gozo anima o fogo do sentimento que o dá, enraíza ainda mais a amizade que o promoveu.

Agora o que acontece com o amor, perguntai a todos os esposos: interrogai principalmente a todas essas bellas moças, a quem se jurou paixão eterna; interrogai a essas... um anno depois de casadas.

Ellas vos dirão o que desde muito tempo já foi dito — « o desejo é a medida do prazer ».

Ou, o que pouco mais ou menos exprime a mesma cousa — « a morte do amor está no gozo ».

Mas enquanto se não goza, flammeja um desejo immenso que accende a imaginação, e os menores encantos são perfeições angelicas, e tudo é engrandecido e divinizado no objecto que se ama: da mulher se faz um anjo.

Não ha mais nada de terrestre n'ella: houve uma metamorphose operada pela imaginação.

O desejo suspira ás vezes como um favonio que brinca com as flôres de manhã cedo; e logo depois brame como a tempestade, como o vento enraivado varrendo a floresta virgem.

Se ha um abysmo, o homem lança-se dentro d'elle; se lá dentro... se lá em baixo elle vio o rosto da mulher que ama...

Se ha um muro de bronze, o homem trabalha uma vida inteira para lançal-o por terra.

E nem os annos, e nem a ausencia podem fazer esquecer a mulher que se ama.

Porque não houve gozo.

E pôde a mulher ser caprichosa e ligeira; pôde zombar, pôde parecer inconstante, pôde desdenhar, podem mesmo asseverar que ella é falsa; o homem estará preso a seus pés como um misero escravo.

Porque não houve gozo.

É, com isto, e mercê d'estas considerações mil vezes já enunciadas de modo mil vezes melhor, que se explicava o amor extremoso e irresistivel de que o joven Henrique se achava possuido pela filha de Anacleto.

Henrique era um exemplo que se podia dar dos dous sentimentos que acabão de ser discutidos.

Laços de uma pura e virginal amizade o ligarão a Carlos: grilhões de um amor tyrannico e invencivel o prendião aos pés de Marianna.

A amizade porém dos dous mancebos era mais velha que o amor de um d'elles; e Carlos, com o zêlo de um amigo fiel, tinha acompanhado todo o correr d'esse amor, que durante muito tempo se lhe figurou em abysmo.

Com franqueza e lealdade combatêra esse sentimento de Henrique durante seus primeiros tempos; apoiára sua viagem á Europa, e, apesar de lêr o nome de Marianna em todas as cartas de seu amigo, só começára a fallar d'ella nas suas, quando começára tambem a viuvez da filha de Anacleto.

Depois da volta de Henrique á patria, acompanhava-o ao Céu côr de rosa, e observava...

Os dous amigos estavam juntos na manhã que se seguia depois da noite dos annos de Celina.



Henrique achava-se pensativo e profundamente melancólico.

— Preví que estimarias vêr-me hoje cedo : disse Carlos.

— Estimo vêr-te sempre ; que quer porém dizer a tua previsão ?

— Adivinhei que estarias pensativo e triste.

— Então adivinhaste também o motivo ?

— Também.

Henrique córou sem querer : ensaiou um sorriso, e perguntou :

— E qual é ?...

— Sou teu medico, Henrique, e vi que a noite de hontem deveria fazer-te mal.

— E fez-me.

— Portanto, fiz bem em vir conversar contigo : necessariamente tens muito que dizer-me.

— Não ; tenho ao contrario alguma cousa que perguntar.

— Vamos, pois.

— Que observaste hontem á noite, Carlos ?...

— Provavelmente menos do que tu, Henrique.

— Menos do que eu ?...

— Sim ; porque eu examinei tudo com o olhar frio do observador, e tu viste tudo com os olhos enganadores da paixão.

— E então ?...

— Então tu deixaste hontem o Céu côr de rosa com a convicção terrivel de que tinhas um rival poderoso no joven Salustiano.

— E tu ?...

— E eu vim com a certeza de que a bella viuva de testa esse homem mais do que tu mesmo.

— E' possível ? ! !



— Mas eu trouxe tambem a certeza de que entre ella e Salustiano existe um segredo, que é uma barreira que se levanta contra o teu amor.

— Oh!... mas esse fatal segredo...

— E' um segredo... não o saberás... não o sabermos.

— Mas eu daria meu sangue... metade de minha vida para poder arrasal-o.

— E nunca o saberás.

Henrique torceu as mãos com violencia, e depois exclamou com accento de dôr profunda:

— Que eu não possa esquecer essa mulher!!!

E começou a passear por toda a extensão da sala visivelmente alterado.

Carlos acompanhava-o em silencio e com os braços cruzados, até que enfim Henrique principiou a desabafar seus soffrimentos, fallando.

— E' incrível! exclamou elle: como se pôde explicar este sentimento que tem feito o constante padecer de minha vida?... como é que pôde em mim tanto essa mulher, que nem a razão, nem a ausencia, nem a amizade poderão conseguir fazer-me esquecê-la?... como é que eu me prendo assim a uma rosa que me espinha; que me offereço a um raio que me abraza?! Oh! Carlos! Carlos! este amor é fatal com a maldição de um pai!...

— Eu t'ô predisse: no seu começo fôra possível vendê-lo; agora é tarde.

— Possível vendê-lo?! se não fôras meu amigo, eu te desejaría um amor como este, para sentires como foi elle no seu começo; sabes o que é estar um homem devorado pela sêde, e preso a uma columna de ferro a dous passos de um rio de agoas limpidas?... pois foi assim que eu vivi enquanto Marianna esteve casada; a



minha sêde era de amor, minha columna de ferro era a honra, e essa mulher era para mim uma fonte de angelica pureza... oh!... foi muito horrivel a minha vida!... foi muito horrivel!!!

Carlos guardou silencio.

— E agora? prosegue o apaixonado mancebo; — agora que nenhuma consideração digna de respeitar-se oppõe-se ao meu amor; agora que eu não me envergonho declarando-o á mulher, que tanto pôde sobre mim; agora que eu a ouço todos os dias dizer que me ama, ha de vir um homem, que até hoje desprezei, ostentar a meus olhos o poder que exerce sobre ella?... isto não é uma tentação abominavel?... dize Carlos, dize, isto não é uma tentação capaz de perder-me para sempre?

Os olhos de Henrique flammejavão.

O que queres dizer?... exclamou Carlos.

— Quero dizer, respondeu Henrique tremendo, que hontem á noite eu vi a mulher que adoro, levada pelo braço d'esse homem, pallida, abatida, tremula como uma criminosa; e elle, arrogante, soberbo, terrivel e feroz como um algoz; quero dizer, que de então até agora eu tenho sonhado com um punhal... com a des-honra...

— Insensato! bradou Carlos.

— Mais do que isso!!!

— Comprehendes bem tudo o sentido das palavras que pronunciaste?...

— Perfeitamente.

— Serás capaz de repetil-as?...

— Sem duvida.

— Henrique, disse Carlos com voz triste e grave; fallas com o teu amigo, responde pois seriamente; pensaste já uma só vez em realizar esse pensamento abominavel?...



Henrique hesitou.

Esse pensamento é um crime, tornou Carlos, mas eu sou teu amigo para t'o perdoar; responde pois, pensaste já uma só vez em realisal-o ?...

Henrique empallideceu como um moribundo, e disse :

— Já... esta noite.

— Estás quasi perdido !! exclamou dolorosamente o amigo.

Henrique, escutando esse grito da amizade, atirou-se no sofá chorando desabridamente.

Carlos sentou-se, e reflectio durante muito tempo; o medico procurava um remedio para o seu doente; e o doente tinha medo d'aquelle medico, que sempre se havia opposto ao seu amor.

No fim de meia hora, Carlos chegou-se para junto do amigo, e tocando-lhe no hombro, disse :

— Sê homem.

Henrique levantou a cabeça.

— Tenho pensado bem, continuou aquelle; não vejo razão para tão grande dôr.

— Como ? perguntou Henrique.

— A bella viuva te ama.

O mancebo suspirou, e disse :

— E aquelle homem ?...

— E' um vil... despreza-o...

— Era só isso o que tinhas para me dizer ?...

— Não.

— Que mais então ?

— Cumpre que tudo isto tenha um termo; e quanto mais cedo, melhor.

— Que devo fazer ?... eu não sei nada... desvairo e choro.

— Pois bem : irás ao Céu côr de rosa.

— Quando ?...



— Hoje não ; estás agitado demais : irás ao primeiro serão.

— E depois ?...

— Terás uma conferencia com tua amada, et positivamente offerecer-lhe-has a tua mão.

— E finalmente ?... exclamou Henrique.

— Pedil-a-has em casamento ao velho Anacleto.

— Tu m'o aconselhas !... bradou o amante abraçando com força a Carlos ; tu m'o aconselhas ?...

— Sim ! sim ! respondeu este.

E depois continuou fallando comsigo mesmo :

— Dos males o menor.

---



eiro

iva-

ndo

## II

### Um serão sem elle.

Se o olhar do observador podesse chegar ao fundo do coração humano, esquadriñar todos os seus escaninhos, arrazar seus segredos mais occultos, lêr n'elle como em um livro; teria, é verdade, muito de que horrorisar-se, muito de que espantar-se com a hypocrisia e malvadeza da humanidade; em compensação porém acharia um encanto indizível, examinando o coração de uma moça, que começa a amar pela primeira vez.

Porque, se doçura immensa se goza já n'essas rapidas e passageiras traições-zinhas, que fazem ao pudor de uma virgem os suspiros que por entre os labios escapão, e os olhares que com mal comprimido fogo dardejão os olhos; em que mar de innocencia, de amor angelico, de candura e de graças se não banharia o



ieb

pensamento do observador, penetrando no coração da virgem christã?!!

Uma vida nova começa com o primeiro dia de amor : a aurora d'esse dia rubra com o pejo da moça, revela um mysterio, que ainda se não comprehendia a noite passada.

De então por diante todos os pensamentos, todos os desejos, os brilhantes arabescos da imaginação, os sonhos, que a alma sonha acordada, o futuro, os risos, o pranto e a vida da virgem estão presos por correntes de flôres ao mysterio que se revelou.

Foi o grito da natureza que souou, e que repercutio no coração da donzella.

Mas a virgem christã teve a educação da pureza, e tem o pudor da mulher : desde que concebeu a idéa do amor, desde que a sentio, ouvindo o grito da natureza, córou de si mesma.

Porque córa?... porque esconde um sentimento, que a natureza inspira?... porque córa?... perguntai-lhe : ella responderá com voz quasi sumida — não sei, — ha de córar mil vezes mais, respondendo.

E a virgem que não córresse por mais formosa que fosse, seria como uma flôr sem perfumes, ou uma alma sem pensamentos.

Mas a virgem pretende em vão esconder o amor que amanheceu no seu coração : ella o esconde, e elle se revela, como ainda o perfume que escapa da flôr, e ainda o pensamento que transpira d'alma.

Observai a moça que começa a amar : tudo é novo n'ella : uma revolução se operou em seu character, e em suas acções ; o seu physico mesmo se resente ; ella se torna mais encantadora.

Estudai a expressão de seus olhos ; seus olhares são vagos, rapidos, ás vezes langorosos... é bello vê-la olhar assim...



ieb



Melancólica e distraída, seus antigos prazeres a afdição; esqueceu-se d'elles... tem na mente um desejo novo...

Louquinha que amava as festas com seu ruido, e bulicio; que corria pelos prados; que brincava com as companheiras saltando, gritando, zombando; agora se esconde em seu quarto para chorar sem motivo, e depois, no jardim, fica uma hora parada defronte de uma flôr...

Isso, e ainda muito mais que não será possível descrever completamente nunca, é a historia da madrugada do amor, que todas as que forão moças gozárão, e que as que o não são, devem gozar ainda.

Celina começava a experimentar todos esses phenomenos: a noite de seus annos rasgára, emfim o véo da duvida... no fim do canto do mancebo pobre, ella tinha comprehendido que já o amava muito; que dentro do seu coração esse amor brotára, e crescêra, sem que fosse sentido... Candido era amado.

Mas porque se tinha elle retirado antes da terminação do baile? porque não apparecêra desde então no Céu côr de rosa?

O amor de Celina começava com tormentos: porque tambem é regra que no amor uma duvida é um tormento, uma suspeita é veneno.

Com anciedade esperou a Bella Orphã pela primeira noite de serão... devia vêl-o... Candido, se a amava, não podia faltar... havia de vir por força...

Gastou o dobro do tempo que costumava, em seu toucador: tinha vontade de parecer ao homem que amava, a mais bella de todas as mulheres.

Chegou a hora do serão: vierão pouco a pouco chegando todos aquelles que costumavão frequentar o Céu côr de rosa.



ieb

Celina não podia arrancar os olhos da porta da entrada; por tres vezes tinha já ido á janella sob diferentes pretextos.

Apresentou-se Henrique... algum tempo depois appareceu Salustiano.

Os sinos tocáráo nove horas da noite. Candido não havia chegado.

Celina não pôde conter um forte movimento de impaciencia, e desagrado.

— Meu Deos! D. Celina, exclamou Felicia, o que é que hoje você tem...

— Parece que esperava por alguém, que não chegou, disse Mariquinhas; ella não tem tirado os olhos da porta da sala.

— Oh! não! respondeu a Bella Orphã; é que hoje não estou boa... sinto um calor, que parece febre; preciso respirar ar puro e livre.

E dirigio-se de novo á janella... ninguem vinha: esperou cerca de dez minutos; mas sempre debalde.

A pobre moça sentio então uma dôr nova para ella; apertou-se-lhe o coração, como se uma mão de ferro a estivesse comprimindo com os dedos; e não podendo supportar o ruido que na sala reinava; parecendo-lhe as risadas que ouvia, os gracejos que se dizão, as musicas que se cantavão, e os olhares que lhe lançava Salustiano, um insulto feito á sua dôr, aproveitou um momento de distracção geral, e sahindo da sala sem ser sentida, subio para seu quarto, e atirando-se no leito, começou a chorar.

No emtanto, Henrique havia offerecido o braço a Marianna, e passeavão conversando.

Chegarão-se ambos para uma janella, e vendo-se a sós Henrique fallou á bella viuva:

— Minha senhora, eu precisava fallar-lhe a sós sobre



um objecto de grande importancia para nós ambos, julgará opportuno este momento?...

— Posso eu dar uma sentença sobre causa que não conheço? perguntou gracejando Marianna.

— Não haverá gracejo, nem puerilidade, no que eu devo dizer, tornou Henrique com tom sério.

— Mas é que eu não sei sobre o que devemos tratar.

— Oh!... senhora!... será possível, que não adivinhe qual será o objecto de que lhe quero fallar?... não lh'o diz o coração ha seis annos?...

— Para aquelles que se amão, disse Marianna abaixando a cabeça e a voz, todos os momentos e todos os lugares são opportunos e propícios.

— Então eu fallo; e depois que eu fallar, é que realmente ouvirei uma sentença.

Marianna levantou os olhos, e vio a expressão apaixonada e séria do semblante de Henrique.

— Eu não lembrarei o passado, disse o mancebo: é a historia de uma luta desesperada entre o dever e o amor, que eu não quero recordar, porque ainda me causa terribéis angustias...

— Oh! lembremol-o sempre!... a sua memoria é doce porque não desdoira... foi um amor do espirito.

— Embora... mas se quizer, eu o lembrarei sómente para dizer, que esse amor que resistio ao dever, que não morreu na ausencia, é um amor que deve ser bem caro, senhora!...

E tem elle sido mal pago, senhor?... n'essa luta entre o dever e o amor, soffreria menos a mulher, para quem o amor é sempre mais ardente, e o dever era dobradamente maior?...

— E agora, senhora?... agora, que não ha mais barreiras levantadas diante d'esse terno sentimento?...

— Agora?...



ieb

— Sim ; agora ?...

— Aceite como resposta, senhor, a mesma pergunta que acaba de fazer-me.

— Oh ! pois bem ; mas o que vemos na sociedade ?... quem é que se apressa a desejar prender-se por laços sagrados ?... é por ventura o homem, que póde esperar dez annos sem perder na opinião dos outros homens ?...

— Que quer dizer, senhor ?...

— Quero dizer, minha senhora, que acreditando em suas palavras, julgando-me feliz e amado, eu me espanto de que a mulher que me ama, e que tem a certeza de ser por mim idolatrada, livre, tão senhora de sua mão como de seus pensamentos, não se lembrasse uma só vez ainda de me estender essa mão ha tantos annos desejada, dizendo-me : — eil-a aqui !

— Ah ! senhor !...

— Quero dizer que tenho pensado comigo mesmo sobre a causa provavel d'essa frieza, e seguramente ha errou em todos os meus juizos : pensei, eu o confesso, senhora, que eu podia ter sido o objecto de uma zombaria de seis annos... que o amor, em que acreditava, era fingido...

— E teve duas vezes esse mesmo pensamento ?... perguntou Marianna, deixando cahir duas grossas lagrimas.

— Henrique não vio felizmente as lagrimas da viuva.

— Não... não... esse pensamento duas vezes concebido seria capaz de matar-me ; esse pensamento foi certamente uma loucura ; mas como essa, mil outras loucura me vierão á cabeça, e finalmente pára n'uma, que foi a peor de todas, que é horrivel !...

— Mas por felicidade nossa, senhor, não passará tambem de uma loucura.

— Pensei, disse Henrique voltando os olhos para a sala, que havia no mundo um homem que se oppunhá á



minha dita... e que a mulher que eu adoro, obedecia á sua voz, e tremia debaixo de seus olhos!

Henrique encarou Marianna como querendo apanhar-lhe no rosto, no tremer convulsivo de um musculo, ou no espanto do olhar um segredo que ella guardasse; mas, apenas vio raiar nos labios da interessante viuva o mais feiticeiro dos sorrisos.

Com serenidade, sangue frio e graça respondeu Marianna em tom alegre:

— Quando eu dizia que era ainda uma loucura!...

— Uma loucura sómente?... uma chimera, e mais nada.

— Sim... sim; sómente uma loucura; mas uma doce loucura, que me agrada, porque a sua origem me é grata.

— Deos permitta que eu fosse realmente um louco!

Apezar da serenidade que effectava, a viuva sentia-se terrivelmente combatida interiormente pelas suspeitas de Henrique; a todo transe quiz saber até onde tinham ellas chegado.

— Porém, disse ella; para que ficar assim apenas conhecido por metade o juizo que fez a meu respeito?... arrependo-me de o haver interrompido.

— Ao contrario, senhora, fez bem em dar apressada um copo d'agua ao homem morto de sede; tanto mais que o meu juizo parou ali... não pensei mais nada...

— Falla seriamente? não procurou conhecer esse homem, que podia tanto em mim, nem descobrira causa de sua admiravel influencia?...

— Não passei além do que disse.

— Oh! exclamou Marianna, Deos permitta que os seus votos de amor sejam mais verdadeiros do que as suas ultimas palavras,...

— Porque, minha senhora?...



ieb

— Porque agora não disse a verdade: o homem, do qual, quer fallar, está ali na sala... seus olhos o procurarão ainda ha pouco.

— E' verdade, murmurou Henrique.

Marianna córou, e disse com violencia mal comprida:

— E o senhor... o homem a quem eu distingui com o meu amor, o senhor que é um homem nobre; porque se o não fôra, eu o não amára, abaixou-se até o ponto de tomar para seu rival um miseravel que não tem espirito, nem belleza?... abaixou-me, dando-me por amante um moço sem merito, e que eu detesto !...

— E' possível !...

— Oh !... eu sei amar melhor do que sou amada !...

Henrique apertava com ardor uma das mãos de Marianna; cahiria a seus pés, se não podesse ser visto por tanta gente, que estava a alguns passos d'elles.

— Eu sei amar melhor, continuou a viuva: porque ao menos eu não rebaixaria o homem que amo, julgando-o capaz de esquecer-me por uma mulher que não se podesse comparar comigo !...

— Mas aquelle homem por toda a parte a segue... e eu... ah ! senhora, eu já disse que sou um louco.

O rosto de Marianna tomou ainda uma nova expressão physionomica; radiou n'elle outra vez o prazer, e com accento gracioso respondeu :

— Quando eu digo que amo, que me é grata uma loucura assim !...

— Que contradicção, meu Deos !

— Que quer ? ! a culpa não é minha; quando penso em levantar-me violenta e resentida contra essa loucura, vem logo desarmar-me a imagem do louco !...

Henrique torceu as mãos apaixonadamente, e disse :

— Ah ! senhora ! eu quizera sentar-me em um throno



para lhe dar metade d'elle... eu tremeria menos assim, porque o esplendor do meu diadema deslumbraria aquelles que ousassem erguer os olhos para aquella que se sentasse a meu lado!

— E eu, pelo contrario, respondeu a viuva com seu encantador sorriso, quizera vê-lo no fundo de um horrivel abysmo para descer até lá, e ir viver debaixo de seus olhos; eu então não tremeria nunca... porque nenhuma mulher quereria descer como eu, e esquecer o mundo pelo abysmo.

O piano tocou n'esse momento os primeiros compassos de uma valsa.

— Chamão-nos! disse Marianna.

— Sim... chamão-nos... mas com suas bellas palavras ficou esquecido o fim principal de nossa conversação! serêa encantadora que o homem não deve ouvir para se não perder!

— Ah! porém eu comprehendi tudo.

— Tudo?... talvez; porém não respondeu nada.

— Eis a minha resposta; disse a viuva.

E offerendo a Henrique sua mão direita, accrescentou, abaixando os olhos e com voz commovida:

— Eil-a aqui.

O mancebo apertou aquella mão delicada e bella com ardor e enthusiasmo, e com os olhos humidos de lagrimas de prazer, disse:

— A'manhã virei pedil-a a seu pai!

— Venha... eu o espero: respondeu a viuva.

Os dous entrãrão na sala ebrios de alegria e de amor. A musica viva e animadora de Straus tinha feito voltar á sala mais alguém, que d'ella estava ausente.

Pouco tempo depois que Celina havia subido para seu quarto, deu Mariquinhas por falta da amiga, e adevinhando onde a acharia, correu ao segundo andar.



Quando entrou no quarto da Bella Orphã não pôde reter um pequeno grito de susto :

Celina estava meio deitada em seu leito, e com o rosto coberto com um lenço chorava tristemente ; seus cabelos se haviam desatado, e cahião-lhe espalhados sobre o lindo collo.

Escutando o grito de Mariquinhas, tirou o lenço dos olhos, e sentando-se, perguntou agitada :

— Quem é?...

— Sou eu, D. Celina ; disse Mariquinhas aproximando-se ; sou eu, que te venho perguntar o que querem dizer essas lagrimas.

A Bella Orphã passou a mão pela fronte, e respondeu tristemente :

— Já te não disse, que não estava boa?... é a minha cabeça que soffre.

Mariquinhas olhou para a amiga por algum tempo, e depois tornou-lhe assim :

— Sou alegre, D. Celina, tu me chamas maliciosa. D. Felicia diz que eu sou ligeira, e que não tenho juizo ; mas olha, o que eu sei, é que sou tua amiga.

— Eu te creio, D. Mariquinhas.

— Pois bem, sabe que comprehendo alguma cousa de tua dôr... não adivinho tudo, mas alguma cousa eu sei.

— Que queres dizer ?

— Que não é a tua cabeça que está soffrendo.

— Então o que ?...

— E' o teu coração.

— D. Mariquinhas !

— Basta : por agora nem mais uma palavra : deixa-me arranjar teus cabellos... teremos tempo para conversar qualquer d'estes dias.

— Mas eu...

— Silencio : enxuga as tuas lagrimas : que precisão



há de que saibão lá em baixo que tu choraste?... sabes?...  
perguntar-te-ão, ou querirão adivinhar porque.

A Bella Orphã abaixou a cabeça, e Mariquinhas começou a endireitar-lhe o cabelo.

— Quando acabava esse interessante trabalho, soarão em baixo os primeiros compassos da valsa.

— Ouves?... disse Mariquinhas.

— Sim; ouço.

— Pois vamos descer.

— Para que?...

— Para dansar.

— Eu não dansarei hoje.

— Oh! tornou Mariquinhas; mas é necessario dansar, é necessario rir, é necessario fingir; porque a moça que não finge, sofre muito n'esto mundo que morde.

— Oh! que mundo!...

— Vamos.

— Espera: olha bem para mim: poderão descobrir nos meus olhos que eu estive chorando?...

Mariquinhas olhou de perto para Celina, foi aproximando o rosto, deu-lhe um beijo, e disse:

— Teus olhos brilhão... as lagrimas estão no coração. Descêrão as duas amigas.

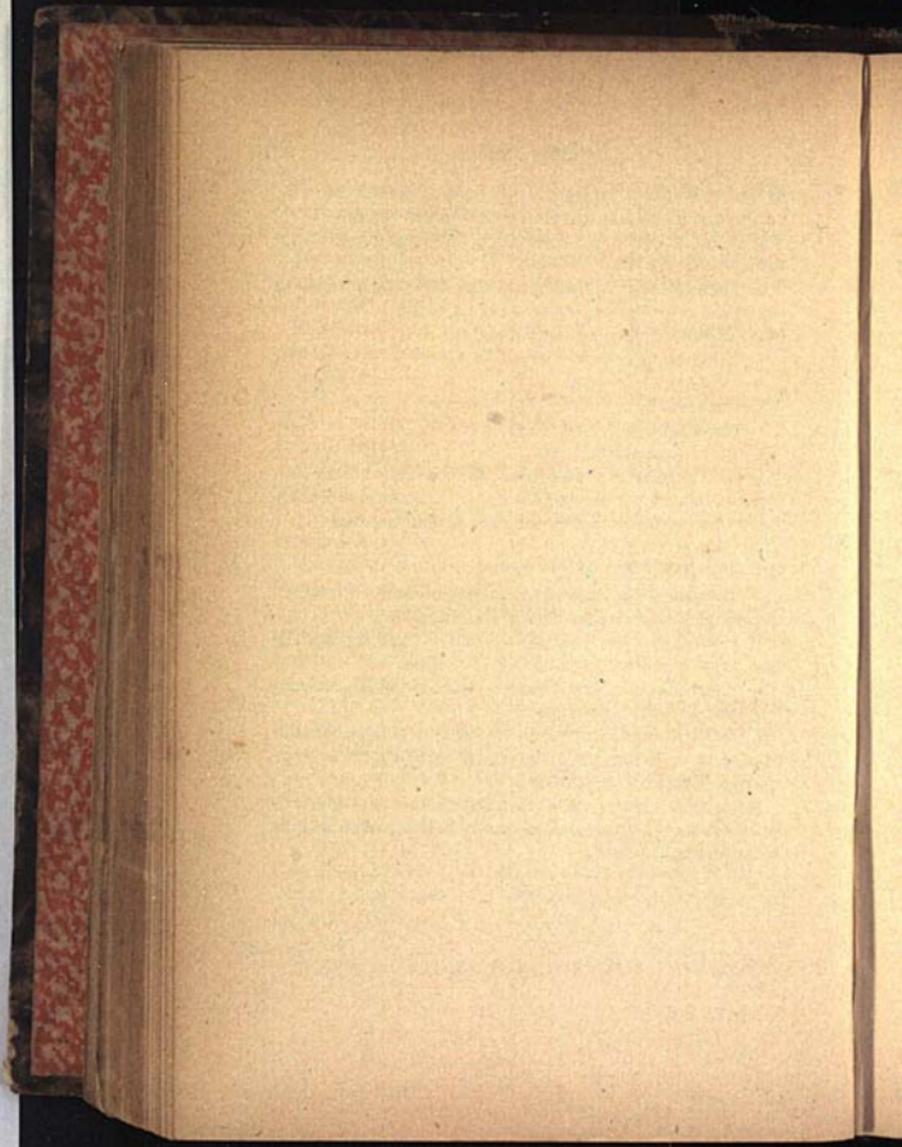
Quando, deixando a janella, em que havião conversado, Marianna e Henrique tornavão á sala, Celina e Mariquinhas apparecião tambem.

Erão dous amores que entravão ao mesmo tempo: o primeiro trazia a esperança nos olhos, e o segundo um tormento no coração.





ie b



### III

#### Candido

Na noite dos annos da Bella Orphã, foi a velha Irias uma das primeiras pessoas que reparou na ausencia de Candido.

Depois de esperar inutilmente vê-lo entrar de novo na sala, perguntou por elle, e soube com espanto que se havia retirado.

Receando que algum incommodo grande e imprevisto tivesse sobrevindo a seu filho adoptivo, despedio-se dos donos da casa, e deixando o Céu côr de rosa entrou no Purgatorio-trigueiro.

Subio ao velho sotão, a porta estava fechada : bateu em vão primeira, segunda e terceira vez.

Espantada d'aquelle silencio que no sotão reinava



iebh

desenhando-se em sua imaginação já um grande infortúnio, Irias gritou com força :

— Candido! meu filho!... Candido!...

Ouvio então os passos de alguém que da porta se aproximava, e Candido respondeu :

— Ide socegar, senhora; não tendes receio algum pelo meu estado... não estou doente.

A voz do mancebo tinha uma não sei que de assustador.

— Abre! disse a velha.

— A'manhã, senhora.

— Abre! eu quero que abras.

— Eu preciso de repouso.

— Abre!

— Perdoai-me... mas esta noite não posso obedecer-vos.

— Abre, Candido! exclamou a velha; abre em nome da mulher que te concebeu... abre em nome de tua mãe.

O mancebo pareceu hesitar ainda : mas logo depois deu volta á chave, e a porta abriu-se.

— Acertastes! disse elle; d'hoje ávante tudo por minha mãe... tudo... e só por ella.

Irias ficou extatica diante de Candido.

Não era mais aquelle moço pallido, melancolico, abatido e fraco : seus olhos brilhavam de ardentes, suas faces estavam rubras, seus labios ás vezes convulsos, havia em todo seu semblante fogo e vivacidade; mas de sua frente cahião gotas de suor, e em seu aspecto, e em seus modos notava-se a agitação, e esse excesso de vida que acompanha os febricitantes.

— Que é isto?... que tem?... bradou Irias agarrando-lhe no braço :

— Quereis dizer que nunca me vistes tão bello, não é assim, senhora?... respondeu o mancebo com um rir convulsivo, que fez estremecer a velha.



— Candido!...

— Pois então?... não é melhor assim?... não estou mil vezes mais bello com este meu rosto enrubescido, com meus olhares flammejantes, com este ardor e este fogo, em vez de todo aquelle gêlo antigo? oh! applaudi-me!... batei palmas?... eu triumpho!... sou feliz!...

Uma risada nervosa terminou a delirante exclamação de Candido.

A velha, que tinha entre as suas segura a mão do seu filho adoptivo, disse com força :

— Tu não estás bom... tens febre; eu vou chamar um medico.

De um salto collocou-se o moço diante da porta, e respondeu.

— Aqui não entrará mais ninguem esta noite : para que um medico?... o que é um medico?... é o homem da vida, é o homem que deve esforçar-se para prolongar o mais possivel a nossa existencia, é o inimigo da morte; pois então para longe!... a vida é sómente uma longa cadeia de tormentos : suas duas unicas realidades a definem com um gemido; porque o homem geme quando nasce, e geme quando morre; portanto aquelle que tem por officio estender esse longo aparelho de torturas, é um tyranno. O medico é um homem máo... nada de medico!

— Meu filho!...

— Não! não! eu não sou vosso filho, sabeis?... não quero que me chameis por esse nome... é um direito sagrado que usurpais! devo-vos muito, não é isso?... pois bem, tomai todo meu sangue... ou melhor, séde a senhora de meus dias : trabalharei emquanto viver para vos sustentar; serei vosso escravo, e ainda assim morrerei confessando que vos fico devendo muito; mas ah! não me chameis vosso filho! d'hoje ávante está isso decidido... não me chameis vosso filho!



A velha começou a chorar. Candido, que passeava a largos passos por toda a extensão de seu quarto, escutou enfim um soluço da pobre Irias; correu para ella, e achou-a sentada em seu leito, desfazendo-se em lagrimas.

— Vós chorais?... perguntou elle; que querem dizer essas lagrimas?... não confessei já que vos devia tudo?...

— Oh! não! não! vós não me deveis nada, respondeu a mísera velha.

A voz de Irias trazia o accento de tamanha dôr, que abriu o coração do mancebo a seus naturaes sentimentos: esquecendo de subito os tormentos que o fazião desarrazoar, cahio aos pés da velha, e de joelhos, abraçado com elles, exclamou:

— Perdão! mil vezes perdão, se vos offendi! amaldiçoada esteja a minha alma, fechadas lhe sejam as portas do céu, senhora, se uma só vez concebeu uma só idéa que podesse ser inspirada pela ingratição a vossos beneficios. Vós tendes sido tudo para mim! ahí n'esses vossos peitos eu bebi o leite da vida... fostes quem ganhou o meu primeiro sorriso infantil! vós ereis pobre, não tinheis senão um pão, e me destes metade d'esse pão! e me destes vosso coração todo inteiro!... perdoai-me! perdoai-me!... que hoje depois de tanto soffrer, seria demais para mim a convicção de ter movido vossas lagrimas! perdoai-me!...

A velha e o moço abraçárão-se apertadamente, misturando o pranto que derramavão ambos.

As lagrimas parecêrão abrandar um pouco a excitação de Candido: elle ficou, durante algum tempo, silencioso e pensativo diante de Irias, que não pronunciava uma só palavra, medrosa talvez de vêr renovar-se o desejo de seu filho adoptivo.

Finalmente foi Candido quem rompeu o silencio, dizendo tristemente:



— Eu me lembro do que disse : pedi que não me chamasseis vosso filho...

— Não fallemos mais n'isso.

— Ao contrario, devemos fallar; pois eu... eu que não quero deixar em vosso coração a mais leve duvida a respeito de meus sentimentos; pedi que me não chamasseis vosso filho... foi um desvario produzido por minha exaltação: eu vos offendi, porque não estava em mim; um remorso, que me tortura, fez-me delirar.

— Um remorso l...

— O remorso de uma grande falta que eu commetti, e da qual já comecei a receber o castigo.

— Como?... quando?... perguntou Irias.

— Desrespeitei um sentimento sagrado... quiz cultivar na minh'alma uma flôr estranha ao pé de outra flôr, que lá está plantada pela mão do Senhor Deos. Sabeis o que aconteceu?...

— O que?

— A flôr estranha está murcha... está morta, disse com voz tremula e dolorosa o mancebo; mas deixou para sempre na minh'alma o germen de um tormento horrivel... desesperado!

Os olhos e o rosto de Candido accendião-se de novo : a velha começou a recear que sobreviesse algum accidente mais grave, e ia fallar, quando o moço proseguiu com voz cada vez mais repassada de dôr.

— Plantei em um vaso sagrado uma flôr humana, quiz equiparar um sentimento, que me veio do céu, com outro que achei na terra : o resultado é este : o vaso foi profanado... a flôr humana fenecceu... um remorso é o que me resta d'ella.

— Candido!

— Quereis dizer que não me tendes comprehendido?... eu vos explico tudo; metade da culpa pertence-



vos tambem; mas mal não vos quero por isso. Ouvi-me  
A velha não achou uma só palavra para dizer a Candeido, que continuou a fallar.

— O amor dos pais vem do céu : é um sentimento tão grande, tão nobre, tão divino, que apezar de ser natural a todos os homens; de ás vezes achar-se um bom filho em um máo cidadão; o Senhor Deos desceu do céu, misturou-se com os homens, e quiz que esse sentimento fosse d'elle tambem, fazendo-se filho de uma mulher. O amor dos pais nos anima, nos consola, nos exalta, nos aproxima de Deos. Oh! eu nunca vi meus pais, e os amei com toda a força de minha alma : quando soube que no mundo só me restava mãe, concentrei todos os raios da minha faculdade de amar n'essa mulher, que eu tenho criado na minha imaginação tão bella como um anjo. Oh! minha mãe!... eu não tinha pensamento que não fosse d'ella; todos os meus desejos, todos os meus sonhos de venturas relacionavão-se com ella : oh!... eu pensava ser, mas não era desgraçado! porque no meio de meus dissabores, de minhas tristes vigílias, de meus soffrimentos e de minhas privações, a imagem de minha mãe me apparecia bella... amante... carinhosa; e, contemplando essa imagem, eu esquecia todos os meus infortunios : eu era pobre no mundo, mas com o meu coração rico d'este amor, eu gozei muitas vezes delicias indiziveis; porque, quando eu me engolfava em bellas phantasias a respeito de minha mãe, quando me sentia redobrar de amor por ella, &!... parecia-me vêr lá de cima, do céu, o Senhor Deos sorrindo-se para mim, mandar-me um anjo murmurar-me aos ouvidos — abençoado!...

— Abençoado!... repetio a velha enxugando com a face dorsal da mão, duas grossas lagrimas que dos olhos lhe cahirão.



ieb



— Não é verdade que eu deveria contentar-me com esta suprema felicidade que gozava; felicidade que não ha ouro que a compre!...

— Oh! sim! sim?...

— Pois o coração do homem é uma fonte de insaciavel ambição; o homem é tão ambicioso de riquezas, de honras, e de empregos, como de afeições: eu perdia-me, porque sou como todos os outros.

— Como? que queres tu dizer?...

Candido passou a mão pela frente e proseguio:

— Da fresta d'aquella janella vi uma mulher de quem eu não podia ser filho, e que eu amei tanto quanto amava e amo a imagem de minha mãe!...

— Que importa?...

— Que importa!! pois não é um sacrilegio igualar o sentimento da terra com um sentimento que foi digno de Deos?! oh!... pois não é uma ingratição inqualificavel amar a uma mulher, a quem nada devemos, que muitas vezes nós não paga o nosso amor, que outras vezes é mesmo indigna de ser amada: e ama-a tanto quanto amamos aquella que padeceu por nós horriveis trances, aquella, cujo sangue é o nosso sangue?! é sacrilegio, senhora, e é ingratição. Eu fui sacrilego e ingrato!

— Candido!...

— Esqueci tudo por uma criança de dezeseis annos, que ao romper de uma aurora descobri por entre as flores d'aquelle jardim: o momento que bastou para vê-la, começou a pesar em meu coração tanto quanto até então tinha pesado minha mãe. Esqueci minha pobreza, não me lembrei que ahí por esse mundo um pobre é um ente á parte, que não deve comer á mesa com os ricos, que não deve amar a quem tem mais do que elle... esqueci tudo... de minha mãe, comeci a lembrar-me menos; no altar da minha alma colloquei duas santas...



e quando orava, já não orava só por minha mãe!... fiz mais : deixei o silencio de meu quarto, fui tomar parte nas festas de gente que não era pobre como eu ; rirão-se talvez de mim mil vezes em cada noite!... eu diverti-os : cantei, para que me tolerassem ali... curvei-me... abaixei-me... e nem assim me tolerarão.

— Candido !...

— A culpa foi tambem vossa, exclamou Candido ; quem vos inspirou o fatal pensamento de ir patentear o estado do meu coração áquella criança?... porque viestes tirar d'aqui os versos que eu escrevia em minha loucura?... oh !... es-aqui a vossa e minha obra !... sabeis como elles me tratarão?... não sabeis?... tiverão piedade de mim : despedirão-me, e não me mandarão correr pelos escravos : oh ! forão piedosos ! respeitarão a linha com que, em seus tratos e modos, distinguem um pobre de um cão!...

— Candido !... é possível o que estais dizendo ?...

— Pensais que eu me lastimo!... continuou o mancebo ; pois já não confessei que era um castigo ? julgais que me resta algum resentimento?... não : é um remorso o que me resta !

— Oh ! não é isso, exclamou Irias ; não é isso o que te quero perguntar ; o que eu desejo é saber se tu zombas, se estais em ti, se não inventas ?...

O mancebo rio-se com um rir terrivel.

— Elles despedirão-te ?...

— Como a um pobre se despede.

— Elles?... ella ?!

— Porque vos admirais ?...

— Ella te ama.

Candido tornou a rir-se mais terrivelmente ainda do que ha pouco.


 ieb


— Ella te ama! repetio com accento de profunda convicção a velha Irias.

— Não! bradou o moço; não, e não! se é uma consolação que pretendes derramar na minha alma, minha alma rejeita uma consolação em que não póde acreditar.

— E' uma verdade, o que eu digo... uma verdade que o futuro te ha de demonstrar.

— Então vós vos enganais, senhora; estais ainda menos adiantada que eu no conhecimento d'este mundo, onde tendes vivido tres vezes mais do que o desgraçado que adoptastes.

A velha fez com a cabeça um movimento de impaciencia, e ia fallar.

— O que é, continuou Candido sem querer ouvir Irias, o que é, que vos prova o amor d'essa moça?... que?... não ordenar que me lançassem fóra de sua casa no momento mesmo em que tivestes a imprudencia de lhe declarar o meu amor?... soffrer que eu para ella algumas vezes olhasse, e algumas vezes tambem ter olhado para mim?... engano e illusão, senhora?... essa mulher é como as outras: a mulher se apraz de merecer o amor, a admiração da criança, do moço e do velho; todos elles incensão o amor proprio, a vaidade mesmo, que é a corda mais vibrante do coração da mulher! amai-me! admirai-me! diz ella; porém pagar esse sentimento que querem inspirar com outro sentimento igual, é mui diverso do que isso: quem confunde amor com vaidade dirá tambem, como vós dizois, que eu fui amado pela neta de Anacleto.

— Então esse amor entra por ventura na ordem dos impossiveis?...

— Dos impossiveis absolutos não; porém no pé em que se acha a sociedade, entra na ordem dos impossiveis moraes.



— Como?... meu querido Candido, que te falta para ser amado?...

— Falta-me aquillo que é hoje no mundo a primeira das virtudes; a *virtude* que encanta homens e mulheres; que abre-nos a porta dos empregos e das honras; que abre-nos corações ao amor... falta-me a *virtude* a quem se está rendendo um culto idolatra; falta-me a riqueza

— Oh!...

— Pois então?... aquella mulher não tem olhos para vêr que eu sou pobre, e vendo-o, não tem intelligencia para comprehender que amar um pobre é uma loucura?... ella fez o que devia.

— Desvairas...

— Não; estou calmo : fallo com a frieza da razão : a mulher é vaidosa sempre, quer ser amada, admirada por sua belleza e por seus vestidos : quer para seu marido um homem em alta posição para elevar-se ella tambem; quer estar de alto, coberta de sedas e de brilhantes, deslumbrando os homens, e sendo invejada, pelas outras mulheres : no casamento, isto é tudo, e o amor é quasi nada : e a mulher, que isto consegue, lá vai... incensada... feliz... deslumbradora... invejada... ainda que seu marido seja um ente abjecto e estúpido; que abjecto!... que estúpido!... não ha abjecção, nem estupidéz onde ha riqueza : os altos funcionarios, que nunca estão em casa para receber o artista de merito, o velho soldado, e o honrado servidor do paiz, o estão sempre para ir ajudar a descer da carruagem o millionario analphabeto. Que querieis que fizesse a mulher?... esqueceu a missão do céo; ornou-se com os prejuizos e as douradas vilezas da terra... embora... o mundo bate palmas!...

— Isso não é falso; mas é exagerado, respondeu tristemente a velha Irias.



— Oh! não... é a propria verdade, mal pintada ainda : perguntai a todos os que soffrem perguntai a vós mesma : a sociedade não tem pejo!... hoje despreza um moço humilde, sem educação, que vive em miseria, e que para viver se sujeita a trabalhar como um escravo, e que por isso mesmo é indignamente ridicularisado; bem... amanhã esse moço, que comprehendeu a época em que nasceu, enxergou... descobriu um meio que lhe offerece immensos... incalculaveis lucros; mas esse meio, sim, é que é deshonesto; é que desdoura, é que rebaixa o homem diante da moral e da propria consciencia... que importa?... o moço aproveitou-o... foi feliz : e depois d'amanhã, senhora, quando o moço sahe no seu bello carro, os grandes da terra, os nobres, os ministros e todos emfim o saúdam respeitosos, e vão depois festejal-o... curvar-se diante d'elle!... isto é mentira ou verdade?...

A velha guardou silencio.

— Não se zomba senão do pobre : não se ridicularisa senão a elle : dizei, porque é que sois o alvo de uma zombaria desprezivel?... porque foi que vos lançarão uma alcunha insultuosa?... porque é que quando passais, a gente que vos vê se sorri, e vos maltrata, lançando sobre vós um epitheto affrontoso?...

— Porque eu sou uma triste mulher velha ; respondeu Irias.

— Não, senhora ; é sómente porque vós sois uma triste mulher pobre.

— Embora... embora ; isso porém não me tira do meu pensar : a Bella Orphã te ama.

— Pois bem, ficai-vos com o vosso pensar.

— E eu hei de provar-te que tu te enganas com ella ; e serás tu o primeiro que me virás confessar a injustiça que lhe estás fazendo.

— Será difficil.



— Frequenta com mais assiduidade o Céu côr de rosa...

Candido, que já se achava mais socegado, tornou-se de novo rubro de despeito e vergonha.

— Eu não irei lá mais nunca!... exclamou.

— Mais nunca?...

— E se lá tornasse merecia que me lançassem longe da porta como a um cão.

— Candido!...

— Eu não irei lá mais nunca! repetio com vehemencia o mancebo.

.....  
E estava cumprindo á risca o seu proposito; dous serões haviam já tido lugar depois da noite dos annos de Celina, e Candido tinha faltado a ambos.

No começo da noite, que se seguiu á do segundo serão, achava-se Candido descansando no sotão do Purgatorio-trigueiro, quando a velha escrava de Irias lhe annunciou o Sr. Anacleto.

---



IV

A moça e o velho.

O viver da Bella Orphã estava soffrendo notaveis modificações.

Desde que Candido deixára de apparecer no Céu côr de rosa, tornou-se mais constante e profunda a melancolia da moça.

De ordinario escondida no seu quarto, Celina comparava seus curtos dias de um amor nascente, com aquelles que estava passando de anciedade e de duvida, e consequentemente misturava saudades com lagrimas.

Os pezares d'esta ordem são mil vezes mais fortes e cruéis na mulher, do que no homem : porque a sociedade impõe á mulher o dever de calar, e o homem pôde sem córar desabafar-se contando-os, derramando-os n'alma de um amigo : ella portanto concentra a sua dôr,



  
ieb

revolve-se n'ella, devora-a em silencio, o que dóe mais certamente.

Succedia isso a Celina : apezar da amizade com que sua tia a tratava, não podia a moça esquecer-se da differença da idade que havia entre ella e Marianna, e por isso, ainda quando pretendesse confiar a alguém os seus pezares, não se animaria nunca a escolher a viuva para confidente.

Em resultado a Bella Orphã fugia de tudo, e de todos para viver com seu segredo, para pensar sómente n'esse amor que tão sem sentir lhe nascêra no peito.

Todos os seus antigos e mais preferidos entretenimentos estavam esquecidos : o piano não mais se abria, as musicas descansavão, os livros tinhão sido aborrecidos ; porque tambem ás vezes a pobrezinha, pretendendo vencer-se, tomava um romance, lia uma pagina inteira, e no fim d'ella, conhecia que lhe era preciso lêr outra vez, porque sua attenção se distrahiu : mas a leitura se repetia uma e dez vezes e o resultado era sempre o mesmo : ella lia apenas com os olhos... com o pensamento não podia.

Era melhor não lêr.

Um unico de seus antigos costumes conservou intacto : ao romper da aurora ia sempre ao seu jardimzinho colher um botão de rosa... quem sabe se elle a observava occulta atrás da janella ?

Era sempre uma esperança... a de ser vista assim tão abatida e tão triste.

Até o velho Rodrigues perdera com as mudanças do viver da Bella Orphã ; as séstas não se renovárão mais . e elle nem ouvia a doce voz de Celina, nem podia, acompanhado por ella, entoar suas balladas e antigos romances.

Foi indo assim a moça admirada de que ninguem, nem

ieb

seu avô, nem seu tia, dissesse uma só palavra notando a ausencia de Candido, até que chegou a noite do segundo serão, depois da de seus annos.

O moço do Purgatorio-trigueiro faltou a esse, como tinha faltado ao primeiro.

A afflicção da Bella Orphã subio de ponto : ella conheceu que já tinha tantos pezares no coração, que poucas erão as lagrimas que derramava em segredo, para esvasial-o ; conheceu, que lhe era absolutamente preciso, para ser consolada, fallar a preço mesmo do que soffreria seu pudor de virgem.

Lembrou-se de uma sua amiga.

No fim do serão chamou Mariquinhas de parte, e disse-lhe :

— D. Mariquinhas, no ultimo serão vossê me havia dito que teriamos tempo de conversar sobre alguma cousa, em qualquer dos dias que se seguissem...

— Ah ! é verdade : respondeu a amiga.

— Então ?

— Eu pedirei a meu pai que me deixe vir passar um dia comtigo, D. Celina.

— Olha, depois d'amanhã é domingo.

— Pois sim.

— Queres que eu peça a teu pai ?...

— Não... elle me estima muito para me negar esse prazer.

— Então eu te espero...

— Depois d'amanhã.

As duas amigas separarão-se.

No dia seguinte, e na hora em que a Bella Orphã tinha por costume ir cantar, e ouvir o velho Rodrigues, estava Celina encerrada em seu quarto e toda entregue a suas meditações.

— E'-me preciso fallar, pensava ella : não se pód



viver assim em silencio com a alma cheia de angustias, e condemnada a não soltar um só gemido. Os homens tem o direito de chorar bem alto!... quando se diz o que se está padecendo, parece que o mal abranda um pouco...

Ella pensou alguns instantes, e proseguio :

— Seguramente aquelles que escrevem, os poetas em primeiro lugar, dovem achar bastante consolação escrevendo : esses sim, não tem necessidade de um seio, onde depositem os seus pensamentos, seus segredos, e suas dôres : elles tem uma amiga fiel e mais condescendente que nenhuma outra na sua penna; quando soffrem, escrevem, dizem o que tem no coração; exaltão-se, eternisão suas penas, suas desgraças, e n'essa mesma eternidade achão um grande lenitivo para sua dôr. Um poeta!... se elle ama, elle o diz nos seus livros, faz do que se passa em sua alma um romance; está dizendo que ama, e a quem ama á face do mundo inteiro, e ninguem comprehende o bello segredo que está derramado em todas as paginas de seu livro, senão a pessoa que elle quer que comprehenda!... oh!... se eu fóra poetisa!!!!

E proseguio ainda :

— Um poeta!!! um homem excepcional... o genio tem por força em si alguma cousa de divino; assim como o Oceano é no universo o que poderia dar a idéa do infinito, se a idéa do infinito se pudesse dar; o poeta arremedaria o poder da divindade, se esse poder thegasse a ser arremedado : porque o poeta cria tambem o seu mundo, o seu universo; levanta palacios, e abre cavernas; desprende as tempestades, e faz bellas auras... oh!... que riqueza ha ahí tão rica como a imaginação de um poeta!... oh! se eu fosse poetisa!...

Respirou alguns instantes, e continuou :



— Se eu fosse poetisa... não precisava tanto, se eu pudesse ao menos escrever algumas paginas, que eu mesma não me fatigasse, lendo-as, ao chegar ao fim da primeira... oh!... que felicidade!... eu havia de pintar o estado do meu coração... exhalar meus tormentos e minhas saudades nas paginas do meu livro... escreveria com lagrimas; porém depois, que consolação!... eu beijaria minh'alma nas minhas letras, beijaria meus olhos nas minhas lagrimas...

Celina hesitou um momento, e depois disse :

— Quem sabe ?...

Ficou pensando ainda :

— Não... não eu não escreveria nada, que merecesse ser lido... iria descorar o quadro, que existe traçado no meu pensamento... mas em summa, ninguem havia de lêr, o que eu escrevesse... era um livro, que depois de acabado, eu lançaria no fogo... oh!... se eu pudesse escrever...

Ella tornou a hesitar, e depois disse como da primeira vez :

— Quem sabe ? ! !

A moça pensou ainda... parecia lutar entre um grande, um nobre desejo, e um receio, que, apesar de pueril, podia muito no seu animo : emfim o nobre desejo triumphou.

A Bella Orphã ergueu-se do leito, onde estava recostada, foi primeiro observar se sua tia estava no visinho quarto... Marianna dormia.

Tomou então todas as disposições para escrever, e sentando-se junto de uma mesa, começou a trabalhar.

O fructo das inspirações d'aquella virgem de dezeseis annos devia ser cheio de pensamentos innocentes e puros : era talvez como uma flôr, que derrama na solidão perfumes agradaveis e leves.



Ao terminaer a primeira pagina, a Bella Orphã parou de repente ouvindo a voz do velho Rodrigues.

O guarda-portão do Céu còr de rosa cantava, sem duvida no fundo do alpendre, un romance já conhecido de Celina.

- « Era um dia um mancebo qu'ardente
- « Pobre vida esquecido vivia,
- « E uma virgem formosa, innocente,
- « Qu'outra igual não se vio, não se via.
- « Quem separa o ardo da belleza ?...
- « Um abysmo fatal : — a pobreza.

O velho Rodrigues parou no fim da primeira estrophe do romance.

Celina, que havia interrompido o seu bello trabalho para ouvir a voz do guarda-portão esperou debalde, que elle proseguisse, durante algum tempo.

Suppondo emfim, que o velho Rodrigues não proseguiria em seu canto, tomou outra vez a penna, quando a voz de novo se fez ouvir :

- « O mancebo a donzella adorava ?...
- « Quem o sabe ?... ninguem d'elle ouviu.
- « Em seu peito esse amor sepultava,
- « Se o amor em seu peito nutrio,
- « E se amava, era triste esse amar;
- « Era um mudo e terrivel penar.

O canto, como antes succedéra, parou no fim da estrophe.

— Que quererá isto dizer ? perguntou a si mesma a Bella Orphã ; porque é que o velho Rodrigues canta e se



suspende no fim de cada estrophe?... esta é a hora em que mutuamente nos faziamos ouvir: quererá elle assim lembrar-me, o que tenho esquecido?... mas porque escolheu para chamar-me, o romance que exprime um segredo do meu coração?...

A voz fez-se ouvir pela terceira vez: Celina ergueuse meio agitada.

O guarda-portão do Céu côr de rosa proseguindo no seu canto, saltou pela terceira estrophe do romance, e cantava a quarta:

- « O que é feito da virgem, do pobre?...  
 « Quando o dia voltar t'ó direi;  
 « Negro manto da noite nos cobre:  
 « Ella dorme... mas elle... não sei.  
 « E' na terra das trevas o véo;  
 « Vagão sonhos... mysterios do céu.

A voz parou como até então fizera, e a Bella Orphã, guardando apressadamente os seus papeis, sahio do quarto, desceu a escada, e entrou na sala.

Não havia ninguém ahi.

Celina sentou-se ao piano, e começou a tocar uma musica terna e melancolica.

O velho Rodrigues appareceu á porta da sala, e aproximou-se com seu andar vagaroso.

— Tinha-se esquecido de mim, senhora, disse elle.

A moça abaixou a cabeça, e respondeu:

— Tenho passado mal.

— Está doente?...

— Não estou boa.

— Acha-se hoje melhor?

— Não.



ieb

— Talvez que n'esse caso possa a musica incommodai-a.

— Ao contrario.

— Quer cantar ?...

— Não ; quero ouvir.

— Escolha o que quizer, senhora.

— A moça hesitou ; mas enfim respondeu com a cabeça baixa :

— O mesmo romance que estava cantando ha pouco. O velho Rodrigues começou de novo a cantar o « Sonho da virgem ».

Quando o canto terminou, a Bella Orphã deixou cahir a cabeça, e ficou pensativa.

Depois de algum tempo de silencio, o velho perguntou :

— Porque está triste assim ?

— Não sei ; respondeu a moça.

— Faz-lhe mal ouvir este romance ?

— Não ; faz-me bem.

— Mas essa tristeza deve ter forçosamente uma causa ?... qual é ella ?...

— Eu não sei ; tornou a moça enxugando uma lagrima.

O velho fingio não vêr essa lagrima, e proseguio dizendo :

— Parece que a melancolia é a molestia reinante da quadra actual.

— Porque ?...

— Tenho um bom amigo padecendo do mesmo mal.

A moça não disse nada.

— Um bom amigo, que a senhora tambem conhece.

— Quem é elle ?

— O Sr. Candido.

Celina olhou espantada para o guarda-portão, mas para logo abaixou os olhos rubra de pejo.



O velho deixou que a Bella Orphã serenasse, e depois continuou :

— E' um bom moço aquelle Sr. Candido.

A moça não respondeu.

— Não pensa como eu ? perguntou o velho.

— Penso : murmurou Celina.

— Pois o infeliz moço anda agora bem triste; e desgraçadamente com razão.

A Bella Orphã fez um leve movimento.

— Incommodo-a, senhora ?

— Não.

— Dizia pois que o Sr. Candido tinha bastante razão para andar triste... offendêrão-o gravemente...

— Sinto isso; balbucjou a moça.

— E ha de sentir mais, quando souber que se servirão do seu nome para offendê-lo...

— Do meu nome ?... disse a moça estremecendo, e levantando ao mesmo tempo a cabeça.

— Do seu nome : repetio o velho.

— E como? e porque? eu não sei, eu não suspeito cousa alguma...

— Estou certo d'isso, senhora; mas o facto é grave, e eu não sei se commetto uma imprudencia fallando-lhe d'esse assumpto.

— Não, não, falle; eu lhe peço que falle.

— Pois bem, eis aqui o que se passou : o Sr. Candido foj politica, mas formalmente despedido d'esta casa.

— Quando ?... exclamou com traidora commoção a Bella Orphã.

— Na noite de sous annos.

— E porque ?

— Por sua causa.

— Por minha causa ?... meu Deos !... disse a moça com lagrimas nos olhos.



iehb

— Sim, minha senhora : sua tia teve com o Sr. Candido uma entrevista no jardim ; quer saber o que ella disse ? que n'esta sala zombava-se da senhora, dizendo-se que a senhora e o pobre mancebo se amavão...

— E' falso ?... isso não é verdade.

— E que em consequencia d'essas zombarias fóra a senhora queixar-se a ella de que seu nome estava exposto ás calumnias e á maledicencia por causa do Sr. Candido.

— Meu Deos ! Meu Deos !...

— Que a senhora fizera notar que esse mancebo, apezar de suas boas qualidades, não estava pelo estado da pobreza em que se acha, na posição de pretendêl-a.

— Oh ! mas eu não disse nada.

— E finalmente, senhora, sua tia fez comprehender ao pobre moço que a presença d'elle no Céu côr de rosa tornava-se incommoda e prejudicial á senhora.

— E elle ?... perguntou Celina.

— Retirou-se, e não voltará mais nunca ao Céu côr de rosa.

— Acreditou em tudo ? ! !

— Como não acreditar, senhora ? !...

— Oh ! e me detesta !... e julga mal de mim !...

— Não ! não ; elle ainda não soltou uma só queixa.

— E como sabe o senhor de tudo isto ?...

— Eu estava no jardim, ou perto d'elle : estava em um logar onde podia e pude observar quanto se passou.

— Oh ! e então porque não jurou, porque não disse a esse mancebo que era falso tudo isso que avançáráo contra mim ?...

— Eu lh'o disse, senhora.

— E elle ?

— Não quiz crêr-me.

— Sim ! sim ! e tinha razão ; exclamou por entre la-



grimas a Bella Orphã; tinha muita razão!... quem poderia suspeitar que minha tia levantasse contra mim uma tão grande calúnia?! que quer dizer isto, meu Deus?... que mal tenho eu feito?... que significa esta intriga!... oh! e que juizo estará fazendo de mim esse sobre moço? como não terá elle amaldiçoado a hora em que pela primeira vez me vio?!!

— Não, tornou o velho; elle não ha de amaldiçoar-a nunca.

— Minha cabeça arde, disse a moça sem attender ao guarda-portão: eu me perco... eu não sei o que faça; mas é terrivel que eu deixe assim vingar uma intriga... uma calúnia que me desdoira!... não, não é possível.

E voltando-se para o velho tomou-lhe uma das mãos, e apertando-a proseguiu:

— Sr. Rodrigues, eu devo-lhe amizade; sei que me estima; não consinta pois que tão injustamente estejam talvez praguejando contra mim: eu sou uma pobre criança... devo fazer loucuras... mas nunca me lembrei de dizer o que disserão que eu disse: vá, escute; se não julga haver n'isso inconveniente, vá ter com esse moço, e diga-lhe da minha parte...

A virgem parou subitamente... cobrio-se-lhe o rosto de uma côr rubra, e ella estremeceu...

— Dizer-lhe o que?... perguntou o velho.

— Nada: não lhe diga nada; tornou a Bella Orphã com tristeza profunda.

O guarda-portão ficou olhando admirado para Celina.

— Desculpe-me, disse depois a moça: uma calúnia deve ter bastante força para exaltar sua victima, como eu ha pouco me exaltei.

— E aquelle pobre moço?...

— Saberá um dia a verdade: no emtanto não posso



iehb

esquecer-me do que devo á minha educação : uma cousa só tenho direito de fazer...

— O que ?...

— Queixar-me-hei a meu avô, mesmo na presença de minha tia.

O rosto de Celina tinha tomado um tal aspecto de nobreza, sua voz um timbre tão forte, o seu olhar tanto fogo, que o velho Rodrigues esteve durante muito tempo olhando para ella sem dizer palavra.

— Perdôe-me, senhora, disse elle enfim ; mas eu creio que não vai bém pelo caminho que pretende seguir.

— Porque ?... perguntou ella com voz firme.

— Porque, se ha intriga como suppõe, é um erro expôr-se a ella com essa franqueza que a caracteriza : os que intrigão trabalham sob o manto da noite, e para triumphar d'elles não basta a innocencia, é necessaria tambem a prudencia. Senhora, não diga cousa alguma a seu avô, nem se atraçãoe diante de sua tia.

— Que devo pois fazer ?... perguntou a moça olhando admirada para o velho.

— Guardar silencio, respondeu este.

— Silencio ?... e até quando ?...

— Eu lh'o direi. No entanto anime-se com a certeza de que tem amigos que velão por elle... pela senhora...

E o velho accrescentou com voz insinuante :

— E que velão sobretudo pelo seu amor.

— Senhor...

— E' inutil fingir comigo... eu sei tudo.

A moça cobrio o rosto com as mãos, envergonhada e sentida.

E o velho deixou a sala, cantarolando por entre os dentes o romance da — Virgem :

\* Era um dia um mancebo, que ardente...



A subita e imprevista retirada de Candido n'aquella fatal noite de annos, tinha sido um novo golpe para o coração do velho pai de Marianna.

Anacleto vira sahír da sala sua filha pelo braço do mancebo, apanhára um raio de colera dardejado contra ambos pelos olhos de Salustiano, e combinando estas observações com o desaparecimento de Candido, parecia-lhe, que sua filha, cedendo á inexplicavel influencia d'aquelle, tinha uma parte qualquer no triste acontecimento.

Muito occupado com os desgostos e temores que lhe causava Marianna, deixou passar a noite e os dous dias que lhe seguirão, sem desafiar explicação alguma.

Depois do primeiro serão, que teve lugar, passada a



noite de annos, um novo pensamento encheu a alma d'aquelle bom pai, que não teve mais tempo de lembrar-se de Candido.

Henrique viera pedir-lhe formalmente a mão de Marianna : o casamento ficára ajustado, e com geral assentimento determinou-se que se effectuaria antes de um mez.

Na noite do seguinte serião, Anacleto apresentou os noivos a seus amigos ; e então lembrou-se outra vez, que faltava na sala alguem a quem votava estima leal e bem merecida.

No outro dia chamou Marianna a seu quarto, e interrogou-a seriamente sobre a ausencia de Candido.

A viuva contava que mais cedo ou mais tarde se trataria d'isso no Céu côr de rosa, e tinha-se preparado para não atraiçoar-se deixando entrever a verdade.

Respondeu a seu pai com segurança e calma : ella não sabia nada que pudesse ter relação com esse facto ; sentia mesmo muito que um moço tão recommendavel assim se tivesse retirado do Céu côr de rosa.

O olhar penetrante e desconfiado do velho esteve, durante toda a conferencia, constantemente fito no rosto de Marianna, e não pôde apanhar o mais leve indício de fingimento : a verdade estava fechada no coração da viuva com uma porta de ferro.

— Estou determinado a ir ao Purgatorio-trigueiro ; disse Anacleto olhando sempre fixamente para sua filha.

— Crelo que é o melhor passo a dar, respondeu ella sem hesitar.

— Devo pedir uma explicação a esse moço.

— Sem duvida, tornou a viuva ; ninguém melhor do que elle pôde esclarecer este mysterio.

— Suppões que me cumpre esperar ainda alguns dias?... perguntou o velho observando.



— Ao contrario, disse Marianna, penso que meu pai deve ir fallar-lhe hoje mesmo.

— Bem... Irei esta noite.

A filha de Anacleto apreciava com justeza o character de Candido para temer que elle declarasse o que havia occorrido; e sobretudo jogava ainda com a probabilidade do silencio do mancebo, porque, quando mesmo fallasse, elle contava com o extremoso amor de seu pai para ser perdoada.

Ao comecar da noite Anacleto dirigio-se ao Purgatorio-trigueiro.

Começou por conversar com a velha Irias, a quem pediu explicações a respeito da ausencia de seu filho adoptivo.

A resposta da velha Irias foi uma e unica :

— Elle está lá em cima, e melhor do que eu poderá dizer se teve razões para retirar-se.

Anacleto fez-se annunciar a Candido.

Quando o moço vinha descendo a escada, Anacleto começou a subil-a dizendo :

— Sou sem cerimonia, meu caro, e quero antes ir conversar lá em cima.

O velho e o mancebo achárão-se a sós defronte um do outro.

— Adevinha certamente o motivo que me traz aqui ?.. perguntou Anacleto.

Candido não sabia fingir, e respondeu :

— Talvez.

— Pois então... ia dizendo o velho.

— Mas, é melhor que o exponha o senhor, interrompeu o mancebo; é possivel tambem que eu esteja enganado, e que nossos pensamentos, que supponho reunidos em uma só idéa, se achem pelo contrario bem afastados um do outro.



— Não; não estão.

— Enfim, sou eu quem deverá ouvir as causas de uma visita que, em todo o caso, muito me lisongeia.

— Meu caro, disse Anacleto, eu ponho as formalidades e as etiquetas para o lado, quando converso com aquelles de quem sou amigo; e nós o somos.

Candido abaixou a cabeça em signal de agradecimento.

— Ou pelo menos, tornou o velho, eu o sou seu.

O moço tornou a repetir com a cabeça o mesmo signal de ha pouco.

— Deixemo-nos pois de longos rodeios, e vamos já ferir de face a questão. O senhor retirou-se de minha casa do um modo singular: de duas uma, ou alguém lá o offendeu, ou o senhor nos offende; e, em todo caso uma explicação se faz necessaria.

Candido empallideceu a proprio pezar, e ficou pensando.

— Estuda para responder? perguntou o velho.

Com um sorriso fraco e triste respondeu o mancebo.

— Agradeço-lhe, senhor, a delicadeza com' que me trata, e o interesse que eu não mereço; mas que, apezar d'isso, mostra por mim.

— Não se trata de agradecimentos, nem de delicadezas, é nem de interesses: o caso é simples, meu caro; alguém o offendeu em minha casa?...

— Ninguem: disse o mancebo, rindo-se amargamente como a pouco.

— Então como devo eu explicar o que occorreu, e está ainda occorrendo?...

— Explique como quizer, senhor; explique pela minha má cabeça.

— Como é isso?...

Candido pensou alguns instantes, e começou depois a fallar.



— Eu errei em não ter agradecido, em não haver fugido de aceitar o offerecimento que V. S me fez da sua casa...

— Que!...

— Ah! senhor! eu direi tudo: invejar a ventura dos outros é um crime; mas forçar um infeliz a ter diante dos olhos e constantemente o quadro da felicidade alheia, é quasi rir de seus tormentos!

— Então...

— Sua casa é um céu de prazeres e... de virtudes; estar porém ali um desgraçado que não pôde fruir esses prazeres, e, que; se acaso tem uma ou outra virtude não a pôde mostrar para ser por ella estimado, é o martyrio de Tântalo... a causa creio que foi essa; eu me retirei por isso.

— Sr. Candido, ha nas suas palavras alguma cousa que se parece com a ironia: e ha no seu coração algum sentimento que quer sahir e não pôde, porque o senhor impede.

— Não... não... tudo se diz em uma palavra; eu sou infeliz, e tenho consciencia de o ser: além da realidade de meu infortunio, senhor, a natureza deu-me ambições, deu-me desejos que não posso realisar, e que por consequencia me atormentão.

— Devo fallar-lhe, com franqueza, Sr. Candido: entendendo que a sua posição na sociedade não é a melhor possível; que seus merecimentos lhe marcavão um logar mais alto n'ella: comprehendo mesmo que um moço pobre, que vê o mundo cheio de gozos e delicias que não lhe é dado gozar, tem até certo ponto razão para entristecer-se durante algumas horas; olhe porém á roda de si, Sr. Candido; que numero immenso de homens não está ahí diante de seus olhos com mil vezes mais razão para lastimar-se?... quantos tiverão como o



senhor a felicidade de receber uma educação proveitosa e acurada?... já não é alguma cousa a superioridade da luz do seu espirito?

O moço sacudiu a cabeça, e disse :

— Já confessei que sou ambicioso : e demais, a educação agiganta as privações : o mendigo contenta-se com um pedaço de pão velho para comer, e com um capote feito em pedaços, e com a porta de uma igreja para dormir; mas o mendigo não sonha com a felicidade como sonha o moço que estudou, e que tem imaginação e ardor. Não é ouro o que eu desejo senhor... a riqueza que eu peço a Deos não é de metal, nem de bilhetes do banco; a minha riqueza é a do coração : se muitas vezes fallo com amargor do poder do dinheiro, é porque me revolto quando vejo a cima do talento, da honra e do merito o ouro ! mas não é o ouro que eu ambiciono.

— Não o comprehendendo, disse Anacleto.

— O que me acanha, o que me obumbra, o que me faz nascer desejos de fugir para essas florestas virgens de minha patria, é a pobreza de affeições em que vivo : ah ! Sr. Anacleto !... eu sou o ultimo, o mais miseravel mendigo dos melhores amores ?...

— Que quer dizer ?

— Pois então ? como é que um homem como eu não ha de sentir apertar-se-lhe terrivelmente o coração, quando, comparando-se com os outros homens, se acha o somenos de todos elles ?... pois não ha de doer-me o aspecto da felicidade de uma familia, comparado com o meu isolamento ?... Em sua casa, em toda a parte onde ha homens e mulheres, eu vejo um moço brilhante de mocidade, de talento, de ardor e de ventura; pensa que é isso o que eu invejo ?... não ; tambem sou moço, tenho tambem alguma intelligencia, e tambem fogo no coração ; o que eu invejo é o olhar de genio bemfeitor, é o



olhar de bênção, senhor, com que um velho pai se vive n'aquelle moço; é o carinho, a doçura angelica com que uma terna mãe o festeja; é a doce amizade com que uma boa irmã o abraça; e então, senhor, quando eu penso que nunca cheguei a gozar, nem gozarei um olhar assim de um bom pai, nem um carinho de mãe, nem uma meiguice de irmã, não é verdade que tenho bastante razão para considerar-me desgraçado?... não é verdade o que eu digo? não sou eu o ultimo, o mais miseravel mendigo dos melhores amores?...

— E o remedio agora, meu pobre Candido?! disse Anacleto meio commovido.

— Remedio para curar radicalmente a minha dôr não ha nenhum; para minoral-a é a solidão, é o retiro: aqui, senhor, no fundo d'este quarto eu não vejo essas scenas de felicidade domestica, não tenho ao vivo diante dos olhos o quadro d'aquillo que em vão desejo: ficarei pois aqui, senhor, emquanto esta boa velha carecer de meu braço: desde o momento porém em que ella fechar os olhos, o meu destino é outro.

O moço respirou, e prosequio:

— Não conheci meus pais; minha mãe é a natureza; pois bem irei viver onde a natureza é mais bella, ire adoral-a nos seus mais vivos encantos: aborreço a sociedade dos homens: o campo... o valle... a montanha... os precipicios.. a floresta virgem... o rio caudaloso é um espectáculo bem bello!... ah! sim! o campo... o valle... os precipicios... a floresta virgem... e o rio caudaloso são meus irmãos; tem como eu por mãe sómente a natureza.

Candido tinha-se exaltado tanto, que Anacleto deixou-o socegar para continuar a conversação que havia encetado.

— Tem ainda muito fogo, Sr. Candido, disse o velho,



é muito moço, e sua imaginação avulta os seus pezares : respeito os porque são de nobre origem; mas tenho o direito dos annos para dizer-lhe que peccão por excessivos.

— Embora....

— Procurar ser feliz é ao mesmo tempo um dever do homem.

— Quando ha esperança.

— E quem a não tem?... quando foi que ella nos abandonou?... eis-me aqui velho e cansado... eis-me aqui á borda do tumulo com os olhos fitos em Deos, e uma esperança no coração.

O mancebo olhou para o velho.

— Sim! não se admire : uma grande esperança, e depois d'esta virão ainda outras : uma grande esperança, a de vêr feliz minha filha.

— Sua filha!!! repetio Candido.

— E então não á uma nobre esperança?

— Bem doce!!!

— E quem lhe diz que não terá ainda uma igual?...

— Eu não : eu hei de completar o meu destino : fui arrojado do mundo com desprezo... quando abri os olhos, abri-os entre os estranhos... não conheço os meus; eu sou — só; — comprehenda bem esta palavra, Sr. Anacleto; é uma palavra, um nome de duas letras que revela toda a minha historia, o meu passado, o meu presente, e o meu futuro — só! — completarei a minha sina : farei a viagem do mundo sem um companheiro do meu sangue — só!... sempre só!...

E como se essa palavra tivesse realmente a significação que lhe elle dava, como se ella fosse a sua divisa, Candido ainda uma vez repetio com voz sonora e profundamente melancolica :

— Só! — sempre só!



Mostrou-se Anacleto impaciente ; e, depois de coçar a cabeça por vezes, tornou :

— Não temos feito nada, meu caro : vim aqui saber a razão porque deixou de ir á minha casa de um modo tão singular ; e já temo bem retirar-me sem levar explicação alguma.

— Por ventura não tenho eu dito bastante? esse acto é filho de uma excentricidade minha.

— E no entanto o que pensarão de nós ambos os nossos amigos?...

— Os seus amigos podem pensar o que quiserem a meu respeito : para mim é isso indiferente.

— E para mim?...

— O senhor lhes dirá que eu sou um louco, que me condemnou a um inferno que eu mesmo tenho creado para atormentar-me : o senhor lhes dirá se quiser : « Aquelle miço tem uma cabeça desarranjada, deixa a nossa sociedade agradável... obsequiadora e feliz, pela solidão e pelo isolamento : elle quer estar só... sempre só ».

— E se eu lhe rogasse que de novo frequentasse a minha casa?... tomaste parte nos nossos prazeres?... fosse de novo um de nossos mais constantes companheiros dos serões?...

— Eu teria o immenso pezar de não poder servir-o ; respondeu com tristeza indizível o moço.

— Paciência, disse Anacleto ; resta-me ao menos a convicção de que nunca o offendi voluntariamente, e que fiz tudo o que estava de minha parte para provar-lhe a estima em que o tenho.

O velho ergueu-se pezaroso e quasi resentido.

Candido apertou-lhe a mão com ardor, e disse :

— Não me desestime por isto... creia que, o que faço, é o que devo fazer : creia que, o que eu disse, é o



  
ieb

que eu devia sómente dizer... e o senhor, que é um dos poucos homens, cuja mão me tem sido offerecida com lealdade e franqueza, sinta por mim antes piedade do que resentimento.

— Serei o mesmo sempre; respondeu o velho dispondo-se para sahir.

— Uma palavra ainda.

— O que?... perguntou Anacleto.

— E' um novo obsequio que lhe quero pedir. Provavelmente minha ausencia tem admirado tambem a sua familia.

— Sem duvida.

— Eu lhe rogo que em meu nome lhe offereça minhas desculpas, e em particular á senhora sua filha: quizera que ella tivesse conhecimento da obsequiosa visita que recebi; do que se passou entre nós, e do que enfim julguei dever responder, explicando o meu procedimento.

O velho olhou para Candido como desconfiado do motivo d'esta ultima recommendação.

— E a ella, e a todos, senhor, que possão mostrar-se curiosos das causas de minha irrevogavel resolução, poucas palavras bastão para explical-a; e para arredar de sua pessoa e de sua familia a menor suspeita de uma offensa ainda involuntaria feita a mim, é de sobra dizer: « elle completa a sua sina — só... sempre só — ».



um dos  
da com  
ade do  
dispon-

Prova-  
a sua

ça mi-  
filha :  
equiosa  
do que  
proce-

ado do

strar-se  
solução,  
arredar  
de uma  
a dizer :

## VI

### Duas amigas.

Era na tarde do domingo.

Anacleto e Marianna, obrigados a ir fazer uma visita de etiqueta, tinham acabado de sair para voltar antes de duas horas.

Celina e Mariquinhas subirão ao segundo andar, e entrarão no quarto da primeira.

Sentáram-se defronte uma da outra, junto da pequena mesa sobre a qual escrevera a Bella Orphã no dia antecedente.

Estavam ambas as moças vestidas de branco, e eram ambas muito bonitas; Celina porém mostrava-se ineio perturbada e confusa; apoiou o cotovello na mesa des-cansou o rosto na face palmar da mão, e fechou um pouco os olhos como se quizesse dormir.

Era Mariquinhas tres annos mais velha que a Bella



  
ieb

Orphã, tinha dezenove annos ; mas dera-lhe a natureza com um genio alegre e brincador, com uma tendencia para facieirice e ambição de agradar, tanto talento, tanta viveza e tão fino instincto para viver no mundo e conhecê-lo, que pouco mais de quatro annos de vida de assembléas, de theatros e de reuniões tinham sido de sobra para ella dissecar a sociedade, e sufficientemente apreciar-a no que na sociedade ha de relativo a uma moça bonita e solteira.

Mariquinhas tinha mesmo orgulho doque ella chamava — sua experiencia : discernia com summa habilidade a simples delicadeza do galanteio, o galanteio da paixão que se improvisa, e a paixão que se improvisa do verdadeiro amor.

Com sua experiencia pois ella adivinhára que Celina estava já pagando o seu tributo de coração ; e vindo n'esta tarde ouvil-a confidencialmente, não quiz esperar que sua amiga começasse a fallar.

Conheceu que a Bella Orphã achava-se perturbada e vergonhosa ; e, querendo antes leval-a sem sentir ao principal objecto que as reunia do que começar logo a tratar d'elle, dirigio-lhe a palavra em primeiro logar :

— Estamos aqui mais á vontade, D. Celina ; creio que ninguem nos virá perturbar...

— Ninguem...

— E' que as moças tem mais necessidade de conversar em segredo do que os homens ; creio mesmo que de cada vez que uma moça solteira falla á vista de muita gente não deixa de correr seu perigo.

— Mas porque ?...

— Ora... porque vivemos em um mundo notavel, principalmente por suas contradicções a respeito de nós outras ; dizem que somos fracas e frageis ; por consequencia não é verdade que deveria haver muita desculpa para nossos erros ?...

ieib

— Sim.

— Pois a nós é que se não perdoão tenues faltas; uma leviandade é quasi um crime: e ás vezes uma simples palavra dita com a maior innocencia d'este mundo desafia escarcéos taes, que é melhor não fallar, D. Celina.

— Oh! parece que é assim.

— Ah! os homens e as mulheres!... olha; as apparencias são em verdade todas em nosso favor: somos fiôres que se cultivão, bellas estatuas que se admirão, lindas santinhas que se adorão... nas apparencias, D. Celina.

— E a realidade?

— Oh!... isso é outra cousa: os Srs. homens entenderão lá a seu modo a theoria das compensações; bem vêes que nos não pedião dar tudo... guardarão, o bom para si: ninguem os chamará tolos por isso.

— E nós somos então...

— Ora... nós?... nós somos o que elles querem que nós sejamos; tambem!... olha, D. Celina, durmo todas as noites com um socego que não ha igual.

— E todavia ninguem dirá que isso se passa assim.

— Em parte nós temos a culpa.

— Como?

— Com systema, com arte, mesmo com esta nossa fraqueza, nós poderíamos, apezar de tudo, valer muito, e conservar um poder que fazemos por abandonar. Eu sou moça, mas observo; ás vezes quando me rio, estou pensando bem sériamente.

— E o que observas?... no que pensas?...

— Observo o systema de vida que seguem minhas camaradas logo que se casão, e penso que eu havia, que eu hei de seguir um outro bem diverso.

— E' um segredo que guardas para ti só?...



ieb

— Não, eu o quizera dizer a todas as do meu sexo ; ou me engano muito, ou fariamos uma revolução ; D. Celina, eu sou reformista... quero a reforma do systema domestico.

— Como é isso ?...

— Eu te vou dizer.

— Espera... disse a Bella Orphã erguendo-se ; não sentiste chegar alguém á porta do quarto ?...

— Não... mas vai vêr sempre.

— Celina chegou á porta, olhou para um e outro lado, não vio ninguem.

— Enganei-me, disse ella sentando-se de novo : falla agora, eu te escuto.

Mariquinhas começou a discorrer :

— D. Celina, eu não quero fallar de uma moça que vive pobremente em solteira, e vai pobremente viver depois de casada cercada de privações e de filhos : para essa, a misericordia de Deos e a virtude, e gratidão de seu marido : essa, coitadinha, já está por si mesma na posição em que mais se soffre physica e moralmente, por si e por seus filhos : eu quero sómente fallar n'aquellas que, podendo conservar-se de cima no seio da felicidade, lanção-se por terra aos pés do infortunio.

— Pois bem, disse Celina.

— Uma joven senhora, bonita, moça como tu, ou como eu, que não é rica, mas que também não é pobre, que teve educação, que se estima, que é delicada, e que deseja fazer-se amar : o que faz ella ?...

— O que faz ella ?... perguntou Celina repetindo a phrase de Mariquinhas.

— Encontrou um mancebo ardente, extremoso e bello ; sympatisão ambos ; fallemos agora a verdade, D. Celina, como procede a moça ? defronte de seu toucador empenha todos os esforços para se tornar mais bella, seus



cabellos estão sempre atados primorosamente... ha perfumes nos seus vestidos, fogo em seus olhos, graça em seus sorrisos, espirito em suas palavras, amor em toda ella, diante d'elle canta apaixonadamente; para agradar-lhe estuda com fervor a musica, o desenho, a litteratura, a dança, tudo; consegue o bello triumpho, faz de um namorado um escravo; seus pais applaudem a escolha de seu coração... esse homem é emfim seu marido.

— E depois?...

— Depois?... essa moça não se lembra mais que a paixão esfria... oh! é incrível!... ella mesma trabalha involuntariamente por esfrial-a. De manhã seu marido a vê com os cabellos desgrehados diante d'elle, erguendo-se do leito com os pés nús... o piano passa fechado mezes inteiros... o canto lhe desagrada... o desenho a aborrece, ella não lê mais, não se sorri, nem olha, nem falla, como se sorria, olhava e fallava d'antes. E, se alguém lhe lança em rosto esse metamorphose, ella responde: « Consegui o que queria, o passaro já está preso ». E a louca não pensa que o passaro que pretendeu foi o amor d'esse homem, passaro que vai fugir bem de pressa.

— E' assim, disse a Bella Orphã.

— Entretanto, continuou Mariquinhas, acontece o que devia acontecer: o coração do marido espanta-se d'aquella repentina mudança; procura vêr de novo a bella moça de lindos cabellos, de escolhidas vestes, de olhar de fogo, de espirituosas palavras, de gracioso sorriso; e achando pelo contrario uma menina descabellada, sem graça, sem espirito, sem arte mesmo, recúa... esfria, e ás vezes desanima; e então grita a mulher contra a inconstancia do homem: fallemos outra vez a verdade, D. Celina, o homem não tem culpa... a mulher que elle amava não é certamente essa, que então assim se lhe mostra.



- Oh ! tens razão ; é assim mesmo ; exclamou Celina
- E depois qual é a vida que vive d'ahi por diante a esposa?... uma vida de mentiras e de fingimento nas assembléas, e de frieza ou de indiferença em casa : em casa toma a posição de criada grave de seu marido ; por suas mãos a toma : tem por prazer a costura, e por officio determinar o almoço, o jantar e a ceia : quando o marido chega da rua ralha comme elle... quando o marido sahe ralha com os escravos : d'onde lhe veio esse máo humor?... do jejume?... acredita que já não é amada?... quem teve culpa d'isso?... ella mesma, que se fez outra.
- Continúa, D. Mariquinhas.
- Ora agora ; proseguio a moça, eu acho tão facil, tão bello, tão nobre seguir-se uma vida absolutamente opposta a essa!... uma vida que faria ao mesmo tempo o encanto do marido, e a felicidade da mulher.
- Dize... dize.
- Mesmo depois de casada, a moça não se enfeita com esmero para ir a uma assembléa?... quaes são os pensamentos, que a occupão quando ella está defronte do toucador?... dous, principalmente : primeiro, não ser sobrepujada, não parecer menos bella que ao outras senhoras, este sentimento nasceu connosco, e nos acompanhará em todas as epochas de nossa vida : o segundo, é o desejo de agradar ; porque, sem offender nem levemente sua pureza de esposa, uma senhora pôde querer, e quer agradar ; pois não é, D. Celina, uma contradicção indesculpavel, um erro que custa a defender, o esmerar-se uma senhora casada em agradar, em parecer bella aos outros, e esquecer-se, e não fazer um só esforço para mostrar-se bonita aos olhos de seu marido?...
- Sem duvida ; sem duvida.
- A moça que acaba de casar-se, não tem necessi-



dade de mudar muito em suas relações com o homem, que recebe por marido; seu melhor empenho, seu maior triumpho estaria em continuar a ser a namorada de seu esposo. Póde parecer que seja isso muito difficil; mas eu não o creio.

— Então como? falla.

— Porque não ha de a moça empenhar para prender seu marido, os mesmos meios de que ella se servio para encadeal-o, quando se amavão solteiros?... quando de manhã apparecer-lhe, appareçá-lhe penteada, vestida com simplicidade, mas sem negligencia, com seu vestido apertado, fresca, louçã e bella, que, ou eu me engano muito, ou ganhará um abraço de seu esposo; gostava elle de ouvir-a cantar?... pois cante ainda, e cada vez mais aprimore sua voz: dava-lhe prazer o piano? a harpa?... pois estude novas musicas, e em relação com o gosto do homem que ama; e converse com elle como d'antes, meiga e pudibunda, e ao mesmo tempo amorosa; e, finalmente, sem deixar-se cahir no ridiculo (que seria então muito peor), obrigue a seu marido a ser ainda seu namorado á força de namoral-o: seria isto um impossivel?...

— Eu não sei; mas, falla ainda.

— E sobretudo o pudor, D. Celina!... o pudor da senhora casada não deve differir muito do pudor de uma virgem; de cada vez que uma esposa se veste diante de seu marido, perde um anno do fogo de amor.

— Oh! deve ser assim!

— O amor vive de mysterios, de imaginação, de segredos, de véos, de difficuldades, de opposição e de fogo; a realidade é fria como o gélo, a realidade o mata; a esposa deve apparecer aos olhos do esposo sempre pudibunda e recatada: esse pudor, esse recato, esse rosto que córa, é uma espada cujo gume não se dobra nunca;



  
ieb



assim ella será sempre bella, sempre nova para seu marido, cuja imaginação lhe dirá que elle a não comprehendeu toda ainda, que o seu thesouro de innocencia é inesgotavel... e o amor não se ha de acabar nunca, se na mulher houver sempre esse pudor que arremeda o da virgem, e no esposo houver sempre esse respeito que jámais falta a um homem delicado. O rubor da face de uma moça é tudo; uma senhora que córa ouvindo votos de amor de seu marido, não póde recear nem frieza, nem indifferença.

— Oh! D. Mariquinhas, exclamou Celina muito seriamente, D. Mariquinhas, tu és sabia.

Escutando a ingenua exclamação de Celina, Mariquinhas desatou a rir.

— Então eu te faço rir?...

— Pois então?... não me chamaste sabia!

— Mas é que tu dizes cousas que devem ser bem verdadeiras.

— Estimo que te aproveitem.

— A mim?

— Sim, algum dia poderão aproveitar-te.

A Bella Orphã sacudiu tristemente a cabeça, e respondeu :

— A mim, não.

— E porque?...

— Porque eu não me hei de casar.

— Ah! queres ser freira? tens vocação para o claustro?

Celina abaixou a cabeça.

— Dizem os homens que as moças tem duas maneiras muito notaveis de responder affirmativamente; que quando abaixão a cabeça e guardão silencio, ou quando respondem simplesmente — não sei, — querem dizer que sim; mas eu sou capaz de jurar que d'esta vez tu, abaixando os olhos, D. Celina, quizeste dizer que — não.

— Começas a gracejar ?

— Não, Deos me livre ; a tarde deve acabar como principiou, séria e philosophica ; olha, D. Celina, ha pouco me chamaste — sabia ; — agora eu digo que somos duas philosophas : quem nos ouvisse teria de achar-nos bem modestas.

— D. Mariquinhas !

— Vamos ao que importa ; eu te fiz uma pergunta, e não quizeste responder-me ; hei de arrancar-te a resposta á força. Fizeste ha poucos dias dezeseis annos, D. Celina ; eu sou mais velha tres annos...

De repente começou Mariquinhas a rir-se muito.

— De que te estás rindo assim ?

— Ora... de uma coincidencia.

— Qual !...

— Tu has de ser toda tua vida uma pobre innocentinha, e em toda tua vida precisarás de uma mestra bem complacente.

— Começas outra vez ?

— Não, é verdade : lembra-te que na noite em que fizeste treze annos, aqui, n'este mesmo quarto, uma boa amiga foi tua mestra, e te explicou com bastante habilitade o que era certo sentimento, que ignoravas ; o que era amor.

— Oh ! que bom tempo ! disse Celina suspirando.

— E hoje, n'este mesmo quarto, uma outra boa amiga tua te está dando lições de philosophia amorosa.

— Acabaste já ?...

— De fallar sobre a coincidencia, acabei, mas agora vou tratar do que muito nos importa.

— Pois falla ; mas não gracejes.

— Tens dezeseis annos, D. Celina, continuou Mariquinhas ; és bonita, mesmo bem bonita, derão-te muitas



  
ieb

prendas, deves ser sensível, e por consequencia não te achas com vocação para o claustro.

— Porque?...

Porque já sabes o que é amar um homem, porque muitos cavalheiros sem duvida já se prostrarão diante de ti já te jurarão um amor immenso... desesperado... eterno.. que ha de passar além da morte; já te declararão muito positivamente que tua indiferença é capaz de mata-los..

— Oh ! basta... que quer dizer isso ?

— Quero dar-te um conselho de amiga.

— Qual ?...

— Que não tenhas medo de que esses senhores se deixem morrer por tua causa.

— Ora D. Mariquinhas...

— Que não acredites n'elles...

— Certamente, que não.

— Escuta : quando um homem se chegar a ti e começar a fazer o elogio de tua belleza, como se fosse um poeta que recitasse um cantico, e depois a jurar amor, constancia, paixão e ardor por toda a eternidade, desconfia d'elle ; os homens que mais fallão são os que mais mentem.

— E os que não fallão?... perguntou Celina.

— Esses não dizem nada : respondeu Mariquinhas com ingenuidade.

— Ora, tornou a Bella Orphã com um movimento de desgado, d'isso já eu sabia.

— Então o que é?...

— Dizes que não devemos acreditar n'aquelles que fallão muito e jurão sempre : bem : e n'aquelles que de longe nos olhão medrosos... tristes... modestos... mas que nos olhão com fogo, e que abaixão a cabeça quando suas vistas se encontrão com as nossas ?

— Esses, respondeu Mariquinhas, das duas uma, ou



amão devéras, e pela primeira vez na vida, ou são peiores que todos, são hypocritas.

Fez a Bella Orphã um novo movimento de impaciencia.

— E como distinguir?... perguntou ella.

— Estudando-os em seu proceder.

Celina calou-se.

— Tu tens uma historia para me contar, disse Mariquinhas abraçando-a.

— Historia?...

— Sim : a historia de um moço triste e modesto que te ama, que nunca te fallou de amor, mas que te olha com olhos de fogo.

A Bella Orphã córou.

— Somos duas amigas... quasi de mesma idade; que pejo é esse?...

— Eu não sei.

— Falla

— Não ouviste outra vez rumor á porta!

— Qual! é a tua imaginação.

— Vou vêr sempre.

— Celina foi de novo á porta do quarto; olhou para um e outro lado, e não viu ninguém.

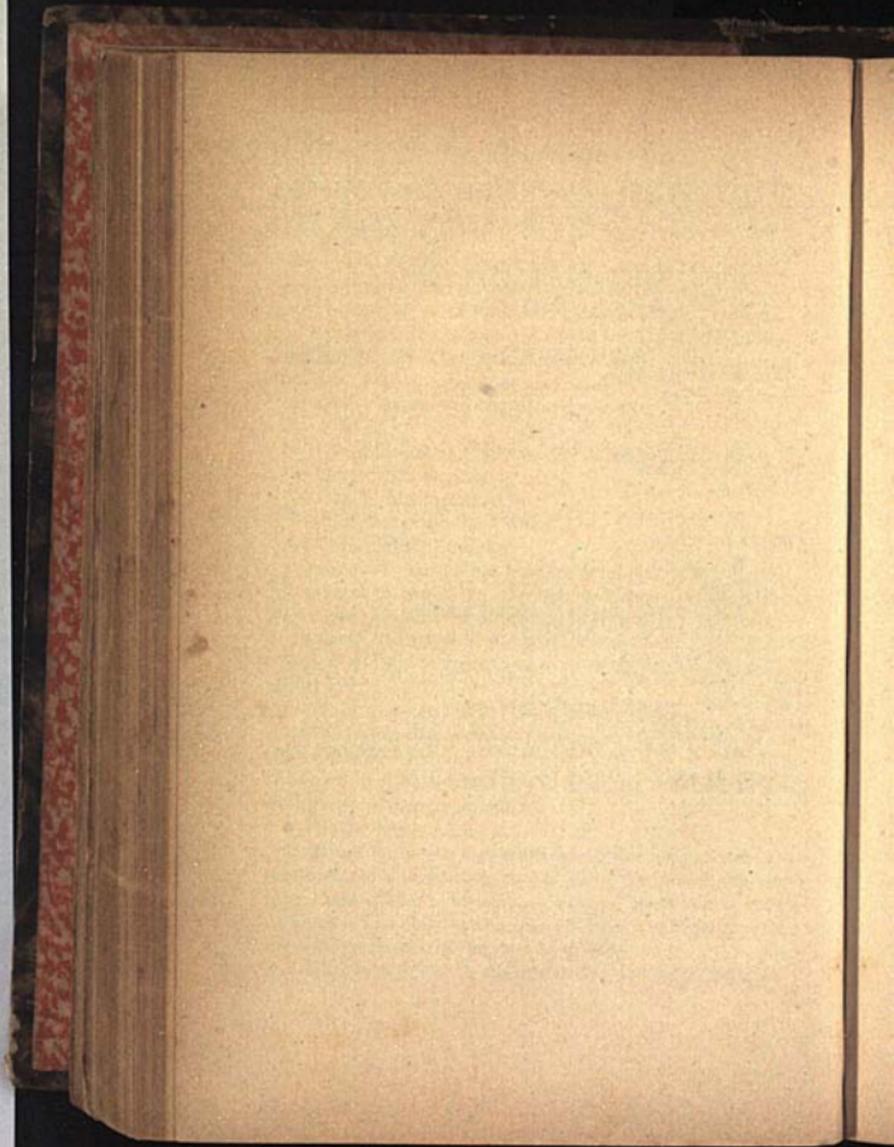
— Falla agora.

— Ah! D. Mariquinhas! exclamou Celina cahindo nos braços da amiga; eu sou bem infeliz!...





ie b



VII

Confissão de amor.

Celina estava muito commovida.

— Anima-te ! disse Mariquinhas.

— Tu já amaste ? perguntou aquella.

— Agradecida pelo cumprimento, respondeu-lhe a amiga : com que, tendo eu apenas dezenove annos, entendes que já não posso responder senão pelo passado ?

— Pois bem, D. Mariquinhas, tu amas ?

— Vamos mal : eu vim para perguntar, e não para responder.

— Mas tu amas já ?

— Desconfio que sim.

— Pois sómente desconfias ?...

— E's muito simples, D. Celina.

— Porque ?



  
ieb

— Porque ainda não sabes que entre nós, as moças, desconfiar, n'este assumpto, é saber de certo.

— Ah !...

— E tu ?

— Eu ?... então se tu amas deves ter soffrido muito.

— Sim... sim... sempre se soffre mais ou menos : e tu ?...

— Eu tambem.

— Conta-me isso.

— Não se pôde contar o que eu soffro.

— Mas porque ?

— Parece que não é nada, e é muito : é uma dôr... um desassocego... um abalo interno que se não pôde explicar.

— Pois basta que me contes a historia do teu amor : farei idéa de tuas penas pelas minhas.

— Eu penso que amo...

— Sim... comprehendo... desconfias que amas.

— Mas olha. D. Mariquinhas, eu não amei por minha vontade... foi sem sentir...

— Sim... succede a todas nós isso mesmo.

— Foi pouco a pouco que esse sentimento entrou no meu coração... eu não desconfiava d'isso, aliás saberia combatê-lo...

— Debalde !

— Quando me veio ao pensamento que eu poderia estar amando... quando caí em mim oh !... tudo foi em vão. era já muito tarde.

— Tal qual succedeu comigo.

— Chorei muito, D. Mariquinhas, chorei muito... uma noite inteira... e tu ?

— Eu ?

— Sim ; tu choraste tambem muito ?

— Eu não, D. Celina.



— Mas porque ?

— Por duas razões ; primeira, porque eu desejava amar.

— E' possível?!!

— Eu fazia uma idéa muito engraçada do amor ; ha porém muitas moças que pensão como eu : pensava que o amor era para uma moça o mesmo que a boneca para uma menina, um passatempo innocente, um brinquedo, que se deixa quando nos aborrece, e nada mais ; por isso eu desejava amar.

— Que louca !

— Depois, eu não devia tambem chorar ; não tinha de que ; o homem que eu amei era, e é digno de mim.

— Certamente não foi por pensar o contrario d'isso que eu chorei, respondeu Celina córando.

— Então porque foi ?

— Tambem não sei : ficava só n'este quarto pensando... phantasiando tantas cousas... tantas cousas... depois ia, sem saber porque, tornando-me triste... triste... até que desatava a chorar.

E depois ?

— Depois que chorava, eu me sentia um pouco mais alliviada de uma dôr, que não se pôde dizer como é ; continuava a pensar... a phantasiar outra vez... de novo me entristecia, e de novo chorava.

— Pobre D. Celina !...

— Olha ; e nem uma só vez me tenho rido...

— Mas essa tristeza ?

— E' a um tempo muito amarga e muito doce ; se me dêsem a escolher uma festa, um baile, um bello passeio, uma noite de theatro, ou uma hora de solidão, de isolamento com a minha querida tristeza, eu te juro. D. Mariquinhas, que preferiria essa hora de pranto a essas noites de prazer.



— Eu compreendo...

— Oh ! pensar n'elle, exclamou Celina, que se la exaltando pouco a pouco ; pensar n'elle !... ter sua imagem dentro do coração, e ao mesmo tempo diante dos olhos !... estar elle ausente, e eu vê-lo ao meu lado... ouvir a sua voz tão doce ! tão meiga ! tão melancolica ! sentir o toque de sua mão que me causa um abalo indizível ; o roçar de seu vestido com os meus em uma curta passagem, que me faz estremecer vivamente... vê-lo andando garboso e engraçado ouvindo-o a cantar um hymno de amor tão terno... não existir nada d'isso, e estarmos vendo e ouvindo tudo isso... oh ! é muito ! faz com que instinctivamente ergamos mãos ao céu, e clamemos : « bemdito seja Deus que nos deu a imaginação para, na ausencia, vêrmos e ouvirmos assim aquelle a quem tanto amamos !... »

— Tens razão, D. Celina !

— Oh ! é sublime ! proseguiu a moça ; isso é tão bello, tão encantador, tão magico, que eu fico ás vezes uma hora inteira, mais de uma hora, em contemplação, enlevada n'essas delicias, n'essas imagens, entre o céu e a terra, porque esse estar assim, esse gozo tem por força alguma cousa de celeste ; e por fim, D. Mariquinhas, sem querer, sem sentir, no meio d'esse sonho de vigilia, sem soffrer dôr alguma, não sei porque mesmo as lagrimas cahem em rios de meus olhos...

— E choras ?

— Pranto bem doce ! é bom quando se chora assim !...

— Meu Deus !

— Tu não choras nunca assim. D. Mariquinhas ?

— Nunca.

— Infeliz ! disse a Bella Orphã olhando com piedade para a amiga que a escutava admirada.

— Eu infeliz ? por não chorar ?


 ieb


— Oh! sim!... porque ha certas lagrimas que dão um prazer que está acima de todos os prazeres!

— Então tu és bem ditosa?

— Não.

— Como pois? esse prazer?

— Ah! não me sacia nunca.

— E então...

— Eu sou como aquelle que está devorado por ardente febre: com fervor leva aos labios um copo d'agua... esgota-o... e de novo mata-o a sede. Amor é tambem uma febre... não é?

— Eu já não digo palavra, respondeu Mariquinhas; estás mais adiantada do que eu.

— E' porque tu não amas.

— Mas nota que tenho observado muito.

— Engano! amor não se observa... sente-se?

— Todavia tu és contradictoria, D. Celina.

— Como?

— Começaste queixando-te de tuas lagrimas, e acabaste abençoando-as.

— E' porque nem todas são da mesma natureza: a imaginação, que não é nossa escrava, a imaginação, livre, independente, como as aves da floresta virgem, se ás vezes me oferece um quadro de esperança, de amor e de saudade, outras vezes, D. Mariquinhas, cria fantasmas que atemorisão, fantasmas horriveis que bradão a meus ouvidos... que entoão o hymno infernal, o hymno do desespero resumido em uma palavra fatal...

— Qual?

— Impossivel!...

— O som com que a Bella Orphã pronunciou essa palavra foi tal, que tanto ella, como Mariquinhas, se



deixarão ficar caladas durante algum tempo, tristes e pensativas.

No entanto serenou o ardor, que fizera Celina exprimir-se com tanta viveza, de modo que, quando Mariquinhas quiz continuar a conversação, já a achou perturbada e commovida como no principio.

— Mas, D. Celina, ainda me não disseste o que eu desejo principalmente saber.

— O que ?

— Quem é o venturoso mancebo que tanto merece de ti.

A Bella Orphã hesitou.

— Se eu não quizesse saber tambem tudo, quanto se tem passado entre elle e ti, continuou Mariquinhas, abster-me-la de fazer-te esta pergunta.

— Porque ?

— Porque não acho muita difficuldade em adivinhar o nome d'aquelle que amas.

— Já o adivinhaste, D. Mariquinhas ?

— Ora !...

— Desde quando ?

— Desde antes de teus annos.

— Foi na verdade bem cedo, respondeu Celina; porque então eu mesmo apenas o suspeitava.

— Não duvido ; isso acontece ; mas então não queres dizer-m'o ?

— Para que, se tu já sabes ?

— Seria possivel que eu estivesse em erro.

— E's muito viva para te enganares.

— Pois bem, dir-te-hei eu o nome, com uma condição porém.

— Qual ?

— Se eu acertar, has de confessal-o.

— Sim.



- Chama-se...
- Celina olhou para Mariquinhas.
- Candido.
- A Bella Orphã abaixou a cabeça.
- Adevinhei?
- Adevinhaste, murmurou a moça.
- Levanta a cabeça; conta-me o que tem havido ;  
não foi para isso que nos reunimos hoje ?
- Celina pensou um momento e disse :
- Sou uma louca.
- Tu ?...
- Sim ; mas ao menos a minha loucura poderá agora  
ser-me util.
- Como ?...
- Escrevi o que se tem passado comigo...
- A historia do teu amor ?...
- Sim...
- Um romance ? !!
- Não... uma verdade.
- Como não ?... pensas que os romances são men-  
tiras ?...
- Tenho certeza d'isso.
- N'este ponto estás muito atrazada, D. Celina; os  
romances tem sempre uma verdade por base : o maior  
trabalho dos romancistas consiste em desfigurar essa  
verdade de tal modo, que os contemporaneos não che-  
guem a dar os verdadeiros nomes de baptismo ás per-  
sonagens que ahí figurão.
- Pelo que ouço, D. Mariquinhas, tu já escreveste !
- Não, mas conversei já com um moço que escreve.  
Vamos porém ao nosso caso ; deixa vêr o teu romance.
- A minha historia ; tornou Celina, que abrindo a  
gaveta da mesa tirou algumas folhas de papel, e entre-  
gou-as com mão tremula a Mariquinhas.



— « Historia do meu amor », disse esta lendo; ah! eu tinha adivinhado o título.

— Peça-te que leias para ti só: eu me envergonharia muito se te ouvisse lêr alto.

Mariquinhas começou a leitura da historia do amor de Celina.

— A Bella Orphã acompanhava com os olhos todos os movimentos, todas as impressões que aquella leitura produzia em sua amiga, córando se esta se sorria, animando-se, tremendo, e confundindo-se segundo as expressões physionomicas da leitora.

Quando Celina vio que os olhos de Mariquinhas volvião-se correndo pelas ultimas linhas da derradeira pagina, abaixou de novo a cabeça, envergonhada e confusa.

— Bravo, D. Celina! estás em bom caminho para romancista; mas repara que não podes aproveitar muito no nosso paiz.

— Não zombes.

— Fallo séria; porém, dize que destino pretendes que tenham estes papeis?...

— Que destino?... o fogo.

— O fogo?!!

— Sim; queimal-os-hei, respondeu soltando um suspiro a Bella Orphã.

— Não; não commetterás um parricidio: quando tua mão se erguer para lançal-os ás chammas, tua alma, eu o juro, cantará os versos de Torquato:

« Ah! no saria possibile. »

— Pois então que poderia eu fazer d'elles?...

— Quem sabe?... estes papeis guardão-se: é possível que cheguem um dia ás mãos do feliz mancebo, que te moveu a escrevêl-os.


 ieb


— Oh! Deos me livre f...

As duas moças caláráo-se de repente, sentindo que  
alguem subia a escada: Celina guardou os papeis na  
 gaveta d'onde os tinha tirado.

Apareceu uma escrava á porta do quarto.

— O que é?... perguntou Celina.

— O Sr. Salustiano; respondeu a escrava.

— Dize-lhe que meu avô e minha tia sahirão; respon-  
deu a Bella Orphã.

— Mas que nós descemos já para recebêl-o; accres-  
centou Mariquinhas.

— Não!

— Sim! vai: dize-lhe que o vamos já receber. A es-  
crava desceu.

— Que queres fazer, D. Mariquinhas ?...

— Conversar, divertir-me.

— Oh! porém tu me compromettes; este homem é um  
maldido impertinente...

— Melhor.

— Requesta-me... diz-me loucuras.

— Optimo.

— Eu o aborreço.

— Por isso mesmo.

— Que queres pois ?...

— Rir-me.

— Então entendes que devo...

— Zombar d'elle.

— Como ?...

— Como te parecer.

— Mas eu não sei fingir.

— Pois desengana-o; isso tambem me diverte: ainda  
não vi como fica o rosto de um desenganado.

— Tu és louca.

— Vamos!



— Hei de arrepende-me d'este passo.

— Ao contrario prevejo que terás de agradecer-m'o : vamos ! não te lembras quo o Sr. Salustiano nos espera ?

Mariquinhas tomou a mão da Bella Orphã, e levou-a quasi á força para o andar inferior.

Quando as moças acabavão de descer a escada, correu-se a cortina que tapava a portinha do fundo, por onde se communicavão as camaras de Marianna e de Celina.

Um homem aproximou-se com precaução e cuidado da mesa, junto de qual tinhão as moças conversado.

A gaveta d'essa mesa estava fechada, mas Celina havia-se esquecido de tirar a chave.

O homem abriu a gaveta, tirou d'ella os papeis que continhão — a historia do amor da Bella Orphã -- e sahio com tanto cuidado e precaução como entrára.

Esse homem era o velho Rodrigues.

---



ieb



VIII

Ellas e elle.

Entrarão as duas moças na sala, e Salustiano, que se tinha recostado a uma janella, voltou-se para recebê-las.

Sentarão-se todos tres.

Era bem de estudar-se a expressão physionomica de cada uma d'aquellas tres personagens.

Celina, que havia sido trazida quasi á força para a sala, mostrava-se contrafeita e acanhada; sentou-se bem unida a Mariquinhas, cuja mão apertava como procurando uma defesa.

Salustiano esforçava-se para ostentar a impassibilidade de que se jactava; mas não podia esconder de todo a commoção que sentia na presença da moça que



  
ieb

amava, e o quanto o contrariava uma terceira pessoa, que elle não queria encontrar ali n'aquella occasião.

Mariquinhas completava o grupo : no meio dos dous *desapontados* apparecia risonho, bello e malicioso o rosto da interessante moça : seus olhos vivos e travesos confundião realmente Salustiano, que, apesar seu, já não tinha sarcasmos para suas palavras, nem para seus sorrisos.

— Sinto havê-la incommodado... tinha dito Salustiano muito desenxabidamente.

— Oh ! não, não nos incommodou, respondeu Mariquinhas ; deu-nos ao contrario muito prazer.

— Seria isso possível?... perguntou o moço, fitando os olhos em Celina.

— Pois ainda duvida?... tornou a primeira.

— Perdão, minha senhora ; mas considero tão subida essa felicidade que muito me custa acreditar n'ella.

— Ora esta !... eu achava a cousa muito simples !

— Talvez para V. Ex.

— Digo mesmo que a sua visita foi um verdadeiro obsequio que V. S. nos fez.

— Lhes fiz ?!! V. Ex. falla em nome de mais alguem?... perguntou sorrindo-se o moço.

— Certamente : fallo tambem em nome da minha amiga.

— Celina apertou com força a mão de Mariquinhas.

— Ai ! não me apertes a mão, D. Celina !...

— Ora, D. Mariquinhas, vossê está sempre brincando !

— Mas, como eu dizia, V. S. nos fez um verdadeiro obsequio apparecendo aqui.

— Bem... supponhamos que V. Ex. não está apenas dizendo palavras muito lisongeiras ; supponhamos que eu tenho a vaidade de acreditar, que fiz um verdadeiro



obsequio a VV. EEx. apparecendo aqui; devo por ventura concluir que eu era esperado e desejado?

Mariquinhas pensou um momento: sorrio-lhe a malicia nos labios, e depois respondeu:

— Esta D. Celina compromette as amigas terrivelmente! é capaz de conservar-se em silencio um dia inteiro!

— Tenha V. Ex. a bondade de responder por ella.

— Pois bem: digo que não era positivamente V. S. quem desejavamos vêr.

— Eis ahí o que eu não comprehendo.

— Queriamos a presença de um de certos cavalheiros, e V. S. serve-nos a mil maravilhas.

— Posso saber para que?...

— Para um estudo particular.

— Ora!... eis-me comprehendendo ainda menos do que ainda ha pouco.

— Trata-se de um segredo de moças.

— Bem... não perguntarei mais nada.

— Oh! pelo contrario, pergunte: eu sou como as outras; quando tenho um segredo, sou louca por contal-o a todos; na alma de nós outras, um pensamento que se não deve revelar, não é um segredo, é um martyrio.

— Então, o que é segredo?

— Para as moças?...

— Sim, minha senhora, o que é um segredo para as moças?

— E' uma cousa que se diz baixinho aos ouvidos de quasi todos.

— Pois, n'esse caso, minha senhora, peço a V. Ex. que, se me julgar digno d'isso, diga-me o seu segredo, ainda que seja baixinho.

— Oh! este pódo-se contar em voz alta.



- Se por tanto me suppõe digno...
- Sem duvida que o julgo ; até V. S. nos ha de servir de muito.
- Estou á espera, minha senhora.
- Trata-se de um romance...
- De um romance?!?!
- Sim, de um romance, que D. Celina e eu estamos compondo.
- Parabens, minhas senhoras ; mas eu não sei... VV. EEx. querem por ventura um terceiro collaborador?...
- Qual?...
- Eu. V. Ex. tinha fallado em mim.
- Deos nos livre : perderiamos a gloria de autoras.
- Porque ?
- Os senhores homens custão muito a julgar-nos capazes de escrever ; e portanto era V. S. quem ganharia todas as honra da obra.
- Mas esse romance...
- E' uma historia de todos os dias e de todos os salões.
- Já está completa ?
- A invenção completámos hoje : mas a execução nos está dando muito que fazer.
- O que falta ?
- Quasi tudo ; atrapalha-nos grandemente uma das principaes personagens.
- Porque !
- Pela difficuldade de descrevê-la ; mas V. S. chegou muito a tempo.
- E então ?
- Então, é que enquanto nós conversamos, D. Celina vai tomando nota.
- N'esse caso eu...
- V. S. ou outro qualquer... V. S. é como quasi todos...


 ieb


- Obrigado, minha senhora.
- Cortou-me a palavra; não tem que agradecer-me, pois não sabe o que eu ia dizer.
- Adivinhei.
- Dou-lhe parabens : veja se adivinha tambem o nosso romance.
- Não chego a tanto, minha senhora.
- Quer que lhe tracemos o esqueleto da nossa obra ?...
- Terei muito prazer em ouvir a V. Ex.
- Não poderá fazer uma justa idéa do que será, pela falta dos episodios e dos dialogos.
- Oh! mas eu comprehendo o que poderá fazer uma penna manejada por quem deve á natureza tanto espirito como V. Ex.
- Agradecida.
- Creia V. Ex. que faz um relevante serviço á tão atroz litteratura do paiz.
- Muito agradecida, respondeu Mariquinhas rindo se, e sem dar mostras de doer-se da ironia com que Salustiano tentava feril-a.
- Era uma necessidade que desde muito palpitava, tornou Salustiano; o céo devia ao Brazil uma Stael, uma George Sand.
- Mil vezes agradecida; mas então V. S. não quer ouvir o nosso romance ?
- Estou prompto, minha senhora.
- Trata-se de amor.
- Eu o previa.
- É uma joven senhora de cabellos castanhos quasi pretos, olhos de saphira, labios de coral, rosto pallido, emfim, uma joven senhora bella e muito parecida com D. Celina...
- D. Mariquinhas, basta!... isso é quasi demais! disse a Bella Orphã.



— Quem fez a pintura da moça fui eu, e portanto posso fallar : a respeito do protagonista fallará então vossê.

— Continue, minha senhora.

— Pois bem : essa moça, a quem eu ainda não dei nome, ama um joven modesto e bonito, e é por elle apaixonadamente amada ; mas o joven é pobre, e acredita que sua pobreza é um muro de bronze erguido entre elle e a bella de seus pensamentos.

Salustiano empallideceu sem querer, ouvindo as ultimas palavras de Mariquinhas : começava a comprehender o que queria dizer aquelle romance.

— Acha-se incommodado?... perguntou Mariquinhas encarando Salustiano.

— Oh ! não ! pelo contrario..

— Cheguei a pensal-o, Sr. Salustiano, porque V. S. mudou de côr.

O mancebo serenou, e respondeu sorrindo-se :

— Ah ! foi effeito da interessante narração de V. Ex. : sensibilizei-me... realmente o seu romance é muito sentimental... toca no coração.

— Sim... sim, tornou a moça ; eu creio bem que elle tocará o coração de V. S.

— Mas, concluiu-se ?..

— Certamente que não ; ficaria sem sentido, sem pés nem cabeça...

— Era mesmo assim excellente... estava na moda ; porém já que o romance não termina ahi, quererá V. Ex. ter a bondade de contar-me o resto !..

— Pois não ! com summo prazer ; temos, como eu dizia, uma moça bella e um joven pobre que se amão muito... romanescamente ; até ahi não ha senão um idyllo ; imaginámos pois, imaginámos não, foi D. Celina quem imaginou uma especie de tyranno de comedia, um



outro namorado da heroína, um mancebo rico, honrado, e vaidoso de sua fortuna, que se vem erguer como uma barreira terrível entre os dous amantes.

Celina apertava a mão de Mariquinhas de instante a instante; mas não se atrevia a dizer palavra.

— E depois?... perguntou Salustiano.

— Depois as scenas se succedem... deverão haver lutas domesticas, esperanças que morrem e revivem... jogo de affectos... e finalmente...

— Finalmente...

— Boa pergunta! por fim de contas triumpho o amor innocente e puro... triumpho a inspiração de Deos... o moço pobre alcança a mão da moça bella.

— E o outro!

— O outro!... exclamou Mariquinhas dando uma risada; o outro deve muito provavelmente ficar com cara de tolo.

Salustiano mordeu os beiços. Mariquinhas prosegue:

— Mas veja... estavamos em uma verdadeira difficuldade!

— Qual!...

— Não sabiamos como descrever o tal sujeito rico, ousado e vaidoso...

— Ora! que modestia a de V. Ex. l... com tanta imaginação... espirito tão atilado...

— Sim... sim... porém nós queremos seguir á risca a natureza... procuravamos pois um original, quando V. S. chegou.

O ultimo golpe acabava de ser dado tão directamente que Salustiano córou até á raiz dos cabellos.

— Comprehendo tudo, minhas senhoras!...

— Ora... pois o que comprehendeu?

Salustiano pensou alguns momentos, e depois respondeu:



  
ieb

- Que devo também escrever um romance.
- Ah! disse Mariquinhas, então isto é contagioso?!?
- Creio que sim, minha senhora.
- Tanto melhor, tornou a moça rindo-se; creia V. S. que faz um relevante serviço á tão atrazada litteratura do paiz.
- Agradecido.
- Eu estou pensando já no muito que poderá fazer uma penna manejada, por quem deve á natureza tanto espirito como V. S.
- Muito agradecido.
- Era uma necessidade que desde muito palpitava; o céo devia ao Brazil um Cooper, um Walter Scott, um Dumas.
- Mil vezes agradecido.
- Quando começa a escrever?...
- Ora... já está metade escripto.
- Já!... e então!...
- E' o mesmo de VV. EEx.
- O mesmo?... não... não... seria um triste roubo feito a duas pobrezinhas.
- Mas o meu romance, que se parece muito como o de VV. EEx. até o meio, differe completamente no fim.
- Como?
- No meu romance triumphha o moço rico, o ousado e vaidoso...
- Celina ergueu a cabeça nobremente, e fitou os olhos em Salustiano.
- Crê então, que isso chegue a ser verosimil?... perguntou Mariquinhas.
- Não será sómente verosimil, tornou Salustiano elevando a voz com incrível audacia; ha de ser também uma realidade.



— Bravo!... exclamou Mariquinhas; isto me está parecendo um desafio.

— Pois seja um desafio; veremos qual dos dous romances se realisa.

— Aceito, disse, levantando-se, a Bella Orphã.

O rosto de Celina estava acceso de rubor e de colera: em pé, ella encarava Salustiano com olhos cheios de fogo.

— Minha senhora... ia murmurando o moço.

— Eu lhe disse, que aceito o desafio, senhor!... exclamou Celina: não é bem claro isto?

Reinou então silencio por alguns instantes, até que Salustiano despedio-se com seu sorrir sarcastico nos labios, e sahio com o desespero e a raiva no coração.

— Bem bom! bem bom! disse Mariquinhas batendo palmas com uma alegria infantil.

— Fizeste mal, D. Mariquinhas.

— Pois sim... concedo, fiz mal; porém tu, D. Celina, fizeste muito bem.

— E agora?... quem sabe o que me espera?...

— Que nos importa o futuro? o futuro é de Deos.

— Mas eu preciso que me animem; eu sou fraca e sou só.

— Vem portanto animar-te... subamos ao segundo andar.

— Para que?...

— Vamos lêr de novo a historia do teu amor.

— Oh!... sim!... tu es louca como eu, D. Mariquinhas; mas o que acabas de dizer deve ser verdade.

— Vamos pois...

— Vamos.

As moças subirão a escada correndo, como duas crianças travessas; entrárão no quarto de Celina... abrio-se a gaveta, onde deveria estar a historia do amor da Bella Orphã...



- Os meus papeis !... exclamou esta.  
— Que ha então ?... perguntou Mariquinhas.  
— Eu os tinha posto aqui.  
— E' certo...  
— Oh !... furtarão-m'os !...  
— Meu Deos !...  
— Os meus papeis !... a minha historia !... exclamou dolorosamente a Bella Orphã.  
— Como pódo ser isto ?...  
— Onde estarão elles ?...  
— Quem entraria aqui ?... perguntou Mariquinhas.  
— Eu não sei... eu não podia vê-l... o que eu sei, o que eu vejo, é, que estou perdida. Oh ! isto foi uma desgraça !...  
— Quem sabe ?... disse Mariquinhas com ar pensativo : tambem pódo ser que seja uma felicidade.
- 



## O velho Rodrigues e Candido.

O velho Rodrigues appareceu á porta do sotão do Purgatorio-trigueiro, e ficou ali parado alguns instantes.

Candido estava só, e tinha os olhos fitos na porta; mas não dizia palavra.

Era porque o moço estava olhando, porém não estava vendo.

Ha alguns homens no mundo, que tem frequentemente horas inteiras passadas assim; horas em que, concentrados em um mundo interior, nada vêem, nada ouvem, nada sentem do que se está passando ao redor d'elles.

Serão pobres loucos ou entes privilegiados esses homens ?



Ha muitos que d'elles se riem, ou que d'elles tem piedade : deixal-os rir... deixal-os ter piedade.

O velho Rodrigues fallou :

— Sr. Candido !

— Quem é ? perguntou o moço erguendo-se, e como despertando de um somno afadigado.

— Sou eu... um velho amigo.

— O Sr. Rodrigues... ah ! entre, sente-se.

— Não ; preciso voltar já : é pouco o que tenho a dizer-lhe.

— Como quizer... eu lhe escuto.

— Sr. Candido, foi bem triste a ultima vez que nos vimos ; foi em uma noite de prazer e de dôr ; noite em que na mesma casa e ao mesmo tempo soavão cantos alegres, e corrião lagrimas amargas.

— Já passou tudo isso... esqueçamos.

— Não ; lembremos antes, mancebo.

— N'essa noite uma intriga foi forjada, e a calumnia venceu então a verdade.

— Senhor... para que fallar n'isso ?

— Uma mulher calumniou a outra mulher : as portas do Céu còr de rosa lhe forão fechadas em nome da Bella Orphã... a mulher que intrigava, depois de lançar mortal veneno em seu coração, deixou-o só no jardim, e eu appareci então... e o que lhe disse ? lembra-se ?

— Não ; tudo esqueci... o theatro, o drama, as personagens... tudo está esquecido ; nem quero outra vez lembrar-me.

— Oh ! mas é preciso lembrar-se ! ouça pois : eu appareci então, e disse : « aquella mulher mentio ! ».

— Não mentio : respondeu com força o mancebo.

— Foi isso mesmo o que me disse, Sr. Candido ; mas eu jurei a mim mesmo provar-lhe que a Bella Orphã fôra calumniada, e que o senhor offendia a pureza, a vir-



tude de uma innocente moça sustentando uma calumnia.

— Ah ! Sr. Rodrigues... murmurou meio commovido o moço.

— Eu jurei que havia de confundil-o com a verdade, e de castigal-o com o arrependimento...

— Mas para que...

— Para que ? para que justiça fosse feita a uma interessante virgem ; para que balsamo consolador fosse derramado no coração de um desgraçado.

— E quem é esse desgraçado ?

— E' o senhor.

— Tem razão ; eu o sou.

— Eu quero que a esperança amanheça de novo em sua alma... que arrependida sua alma se ajoelhe ante a imagem da mulher que amava tanto...

— Senhor... basta.

— Que o seu arrependimento e a sua esperança fação de novo fallar a sua alma ; que outra vez de joelhos ante a imagem da bella virgem a sua alma exclame com ardor... — eu te amo ! —

— Senhor, senhor, é preciso que eu lhe diga que considero meu inimigo aquelle, que me fa.lla de amor...

— E' uma loucura.

— Que o fogo da vergonha ainda queima meu rosto, quando me lembro do que comigo se passou n'essa horrivel noite !

— Mas o bafo da virgem ha de apagar esse fogo.

— Senhor ! nem mais uma palavra sobre ella.

— E as provas de sua innocencia ?

— Eu não as quero.

— Para condemnal-a sempre ?

— Não a condemno.

— E o amor que lhe tinha ?...

— Eu amo a minha mãe.



- E o amor d'essa pobre virgem ?...
- Senhor !
- Esse amor angelico ?!! esse perfume de flôr que se desabrocha ?... esse amor...
- Basta... é demais...
- Não quer ouvir-me então ?...
- Dispense-me d'isso, Sr. Rodrigues.
- Não me acredita ?...
- Não.
- E se eu provar o que digo ?...
- E' inutil.
- Embora, eu o provarei.
- Mas com que fim ?... que lhe importa a minha desgraça, ou a minha felicidade !..
- O velho olhou fixamente para Candido, e disse com voz grave e pausada :
- Póde ser que me importe mais do que pensa : quem sabe se o seu passado, que é tão escuro para todos, não é bem claro para mim ?...
- Oh !... exclamou Candido : falle pois !... eu lhe escuto...
- E' tarde : eu já devia ter voltado.
- Mas...
- Eu lhe deixo estes papéis, Sr. Candido ; peço que os leia... e que os guarde.
- O velho Rodrigues tirou então do bolso algumas folhas de papel, e as deitou sobre a mesa.
- O que contém estes papéis ?... perguntou Candido com viva curiosidade.
- Uma historia.
- A minha historia ?...
- Tambem é sua.


 ieb


— O velho retirou-se vagarosamente, e Candido foi buscar uma luz, e abrindo a primeira pagina d'aquelles papeis, leu.

## HISTORIA DO MEU AMOR

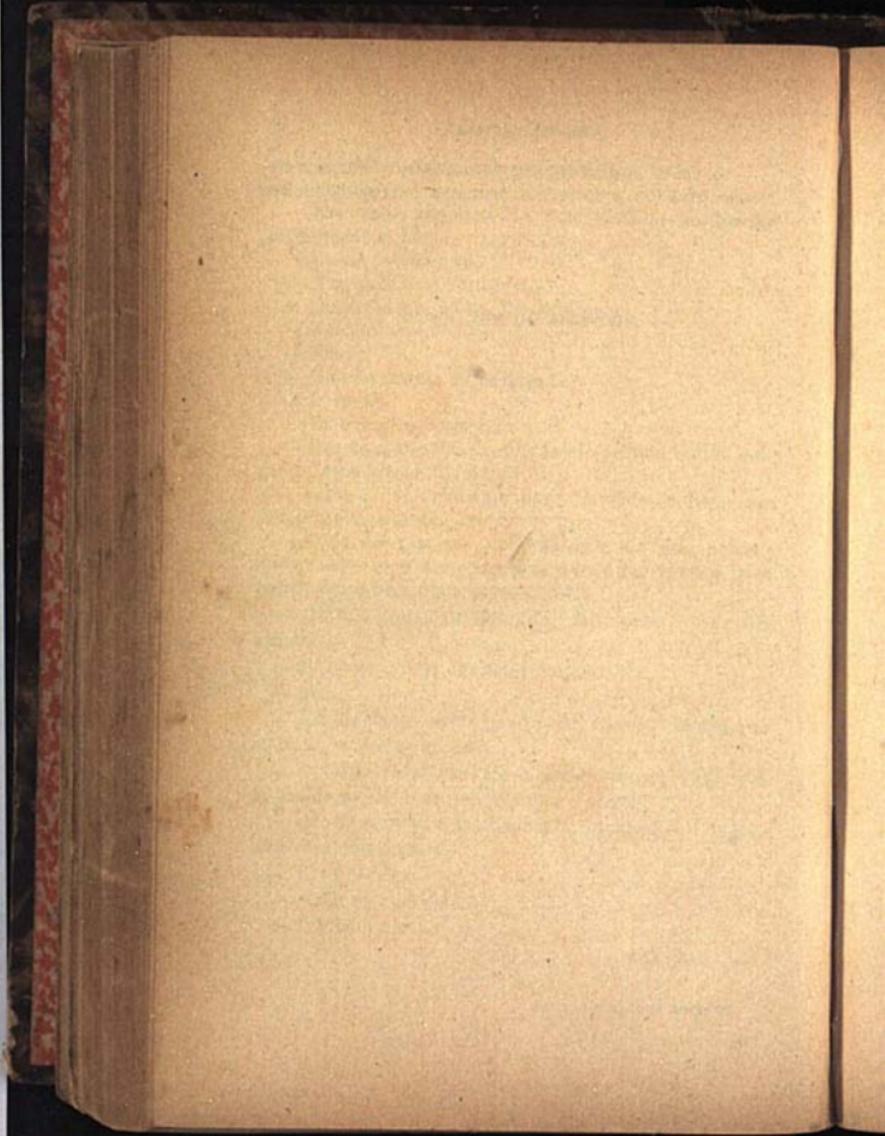
---



iehb



ieib



## Uma hora de leitura.

— Deverei eu lêr estes papeis!... fallou Candido comsigo mesmo; não haverá ahí veneno espalhado n'essas paginas!... não será fraqueza ceder a um desejo, que não passa de pueril curiosidade!... não: estou determinado; podem rolar um seculo sobre essa mesa não os hei de lêr nunca.

Mas elle não podia arrancar os olhos dos papeis que lhe deixára o velho, e passados alguns minutos pensou já de outro modo; pensou assim:

— E' que tambem, se eu os não lêr, podem julgar que desconfio de mim mesmo... que tenho medo de amar ainda,... que não sei triumphar de uma paixão de dous dias... é isso; podem julgal-o: pois eu lerei... mas hoje; não: mostrarei a minha indiferença não lendo hoje;



ieb

provarei que nada receio lendo amanhã; estou determinado.

E passado ainda um certo espaço, o mancebo mudou outra vez de resolução, e disse consigo :

— Mas isto, sim, é que é puerilidade ! lêr amanhã ou hoje, é sempre acabar por lêr ; e que tem isso ?... que impressão me pôde causar esta leitura ?... e que me importa o juizo que de mim quizerem fazer ?... eu sou pobre... eu sou só... eu sou portanto bem livre.

E abrindo a primeira pagina começou a lêr.

## HISTORIA DO MEU AMOR

### I

Eu já fui como uma flôr que se desabotôa ; sou agora como uma pomba, que geme solitaria.

Quem sabe o que eu virei a ser ainda ?... pobre orphã que sou, o meu porvir está tão escuro !...

Até a idade de quinze annos eu fui como uma flôr que se desabotôa.

Meus pais vivião ainda, e eu passava uma vida tão feliz !... eu era a flôrzinha de meus pais ; o jardim que eu perfumava era o coração d'elles.

Meu pai me chamava o seu anjo : minha mãi dizia que eu era a sua alma ; e eu via bem que elles sentião isso que dizião.

As palavras de meu pai erão tão ternas !... os carinhos de minha mãi erão tão doces !... oh ! palavras e carinhos, como esses... oh !... mais nunca.

Eu era tão feliz... de manhã erguia-me, dava gra-



ças a Deos, meu pai e minha mãe me beijavam, e depois eu ia brincar.

Como eu fui travessa! ás vezes, quando me tornava por demais traquinas, meu pai se fingia enfadado, e me dizia: « Celina... aquieta-te... tu estás ficando feia ».

E minha mãe me defendia dizendo: « deixa-a brincar; ainda é feliz!... quem sabe se ha de ser sempre como hoje!... »

Oh! minha mãe adivinhava com o coração! o amor dos pais é assim... prophetiza.

E meu pai se tornava melancolico; abraçava-me, beijava-me, e com os olhos humidos de lagrimas me dizia: — vai brincar.

Oh! sim! bem feliz!... bem feliz!... a minha vida era um laço de cem amores: eu amava a Deos, amava a meus pais, amava a meus parentes, amava os pobres, e amava as flores.

## II

Amava as flores!...

Como e quando foi que começou esse amor, não sei bem explicar: quando pensei... já as amava.

No berço brinquei com flores... ensaiei meus primeiros passos para ganhar uma flôr que minha mãe de longe me mostrava; quando pude correr, meu pai me deu um jardim.

Desde então, quando a aurora apparecia, já me encontrava no jardim: eu gostava do primeiro raio do sol.

Os primeiros raios do sol e as flores forão as camaradas que brincarão comigo na infancia.

Eu amava as flores; gostava de acompanhar a vida de um botãozinho de rosa, que se ia desabrochando pouco



a pouco, como um pensamento de amor na alma de uma criança.

Depois eu fiz treze annos, e na noite em que eu fiz treze annos, tive um sonho de flôres : sonhei com um botão de rosa.

Que sonho !... é uma das doces recordações do meu passado ; eis-aqui como foi o meu soaho.

.....  
 .....

### III

Eu pois acabava de fazer treze annos : era ainda como a flôr que se desabotôa.

Mas quando completei o terceiro lustro, a morte esvoaçou ao redor de mim, e não me ferio, nem me matou : oh ! eu minto : matou-me duas vezes, porque de um só golpe me arrancou pai e mãe.

Porque não fui eu que morri, meu Deos?... eu, que nada era, nada sou, que nada serei no mundo ?

Eu, que n'esse tempo tinha sómente sorrisos para a vida, e que, apezar d'isso, morreria sorrindo-me também ; porque creio em Deos que me ha de salvar !

Oh ! que hora tremenda foi essa, em que eu tive de receber duas solemnes bençãos de despedida, lançadas pelas mãos já frias de meu pai e de minha mãe !

Oh ! que hora tremenda foi essa, em que eu tive de partir em dous pedaços um adeos de agonia !

Não se morre de dôr.

Eu vi morrer ambos elles... a meu pai e minha mãe : eu vi... e não morri então ; eu os estou vendo... e não morro ainda.

Eu estava... tinham-me posto de joelhos junto ao leito de meu pai : era a hora terrivel.



Meu pai voltou o semblante para mim, e fitou os olhos no meu rosto...

Seus olhos brilhantes e pasmos parecião querer saltar das orbitas sobre mim... oh! se elle não fôra meu pai eu teria tido medo d'aquelle olhar.

Sua boca se entre-abria... seus labios se movião; mas ah! o desgraçado não podia fallar.

Olhou... esteve assim olhando muito tempo... muito tempo, até que... oh! meu Deos!...

Duas lagrimas limpidas e brilhantes ficarão pependentes de suas palpebras... sua mão direita apertou o peito no lugar do coração, e... sempre me olhando... sempre me olhando, meu bom pai expirou.

A vida... a alma lhe sahio pelos olhos: oh! sim! porque elle morreu olhando para sua filha

Lancei-me sobre o cadaver de meu pai: arrancarão-me d'ahi; e sabeis para que?... para vêr morrer minha mãe.

Pobre de minha infeliz mãe!... não estava em si quando eu meu ajoelhei junto d'ella; delirava.

Começou a brincar com os meus cabellos; passou depois os dedos sobre meus olhos, e, sentindo-os molhados de minhas lagrimas, levou-os aos labios, sorveu as lagrimas de sua filha, dizendo:

— E' bem doce!... é bem doce!...

Depois entrou a rir-se e a cantar: que rir! que cantar aquelle!... até então eu não sabia que a morte tinha tambem seus risos e seus cantos.

Continuou a rir-se e a cantar; a brincar com os meus cabellos, e a beber minhas lagrimas.

Houve um momento terrivel! um tremor subito e desesperado agitou convulsivamente todo seu corpo...

Cessou de rir-se e de cantar. olhou-me... que olhar!... era um adeos que se dizia por mil modos nos seus olhos



Tinha talvez desaparecido o delirio, mas ella já não podia fallar.

Ouvi alguém, a poucos passos, dizer baixinho — é chegada a hora : — oh ! comprehendi tudo... soltei um grito.

Escutando esse grito, que me sahio do coração, minha mãe agarrou com suas duas mãos a minha cabeça, e com força indizível levantou-me, aproximou meu rosto ao rosto d'ella, unio meus labios aos seus, deu-me um longo e ardente beijo, e expirou.

A vida... a alma lhe sahio pelos labios : oh ! sim, porque ella morreu beijando sua filha.

As almas de meus pais, antes de subir ao céu, tinham passado por mim ; a alma de meu pai pelos meus olhos, a de minha mãe pelos meus labios.

Como eu fiquei então !!!... não se diz.

Não se morre de dôr.

E estava orphã.

Deixei de ser como uma flôr que se desabotôa

#### IV

Eu era uma pobre orphã.

Tinha começado a ser como a pomba que geme solitaria.

Chorei ! chorei muito ! quando não tive nos olhos mais lagrimas para chorar, chorei saudades no coração ; choro-as ainda : mas resisti, e resisto, graças á educação que me derão meus pais.

Elles me ensinárão a ter fé e esperança em Deos : ensinárão-me, na prosperidade, a ser christã : sou christã na desgraça.

Quem cré em Deos, chora, mas resiste.



Eu chorei, e resisti.

Tenho esperança de vêr ainda meus pais aos pés do Senhor Deus... não sei quando será; mas espero.

Esta esperança me anima: no entanto meu coração está sempre cheio de saudades, que não hão de acabar nunca.

Eu pois sou agora como uma pomba que geme solitaria.

Passou-se um anno.

Um anno de lagrimas é muito tempo: é um seculo.

Passou-se mais tempo ainda: chegou o dia de finados.

Fui rezar no tumuio de meus pais.

Rezavão lá...

Oh! se soubessem como um coração de filha agradece uma oração que se reza por seus pais!...

Rezavão lá!... uma mulher e um homem.

A mulher era uma velha que eu conhecia: o homem não... eu o via então pela primeira vez.

Mas esse homem... a velha ergueu-se, e eu laucei-me de joelhos no mesmo lugar, que ella tinha occupado.

Fiquei junto d'esse homem que rezava por meus pais...

Oh! pela primeira vez, que nos encontravamos na vida, nossos pensamentos se união, se misturavão, e subião juntos ao céu tão iguaes... tão parecidos, como dous irmãos-zinhos gêmeos!...

Oh!... nós não nos havíamos visto nunca, não nos tínhamos olhado ainda, e nossas almas se correspondião já, fallando a linguagem do Senhor... rezando...

Elle ergueu-se emfim... e fugio. Eu senti que elle chorava e soluçava.



Eu não sabia se elle era moço ou velho, bonito ou feio, rico ou pobre... o contudo desde esse momento eu amei esse homem.

Amei esse coração generoso, que se fôra ajoelhar junto ao tumulto de meus pais!

Esse homem amava portanto meus pais!

Era pois meu irmão no amor, meu irmão nas lagrimas e nas orações; quero... devo amal-o : o mais sagrado dos laços unio-nos aos olhos de Deos á face de um tunulo.

Eu o amo.

Quem é elle?...

## VI

Emfim, já pude vê-lo de perto : veio visitar-nos, acompanhando a velha Irias.

Elle é moço e pallido, é triste e modesto; é bello.

Parece que esconde no coração um grande tormento, que ninguém comprehende, e que elle abafa.

Pallido, triste e silencioso, sua figura tem um não sei que de gracioso e phantastico, que toca n'alma e faz arder a imaginação.

Se elle passa por diante de vós, sem querer vós vos lembrais da sombra de um ramo de palmeira, quando um ramo de palmeira, em noite de claro luar é impellido por brandos favonios.

A's vezes fica pensativo horas inteiras; torna-se alhelo a quanto se passa em torno d'elle...

E' bello vê-lo assim: parece que transportado contempla uma visão: ninguém lhe falla, e elle se sorri... se entristece... se espanta... e murmura phrases inintelligiveis como se estivesse conversando com algum ser invizivel.



Será um louco?... não : elle é um poeta ; eu já sonhei que os poetas erão assim.

Eu gósto dos poetas.

Os poetas são homens que mal vivem n'este nosso mundo, e que são senhores de mil mundos ; habitão um espaço entre o céo e a terra, e fallão a lingua das aves e das flôres, das montanhas e dos mares, dos phantasmas e dos anjos.

Os poetas são homens que sabem amar ; os que onã são poetas amão como todos, amão com esse amor commum que se vê todos os dias, que não tem nada de novo, que tem bem pouco de bello.

O amor dos poetas é de um fogo que se não accende na terra, é um fogo como o do sol.

Os poetas são irmãos do sol ; elles são os astros que illuminão o mundo como o sol illumina o espaço.

A luz que dardejão os poetas e o sol, vem da mesma fonte, é a mesma luz santa e pura ; veio-lhes do céo, sahida dos olhos do Senhor Deos.

Eu amo os poetas.

## VII

Elle se chama Candido.

Tem continuado a visitar-nos ; frequenta os serões do Céo cõr de rosa ; meu avô o estima e minha tia tambem.

Eu tenho por elle um sentimento tão doce... tão socegado, que me parece que assim é que se ha de amar um irmão.

Quasi nunca se dirige a mim... não conversa comigo... parece que se esconde, que foge de todos os olhos ; porque ?...



Parece infeliz; gósto ainda mais d'elle por isso; a melancolia póde tanto na minha alma!...

Um homem melancolico vale mil vez mais do que aquelle que vive rindo-se constantemente.

Eu tenho pena d'essa gente que anda rindo-se de continuo.

Esses homens que vemos sempre a rir, a zombar, a dizer sarcasmos, a ridicularisar tudo, são como insultos que a natureza faz á terra.

A tristeza d'aquelle mancebo tem alguma cousa de solemne; elle está triste porque soffre.

A's vezes de relance me olha... o seu olhar é então bem terno, e seus olhos quasi sempre amortecidos tem n'essas occasiões um fogo...

Desde que pela primeira vez o apanhei olhando-me assim, eu senti alguma cousa de novo em mim... eu córei; porque?... não será puerilidade córar por isso?...

## VIII

Preciso conversar com o meu coração; dentro de mim se estão passando muitas cousas, que ainda não compreendo; é uma serie de contradicções... um desejar sem querer, o que eu estou experimentando.

Como foi que eu comecei a amar este moço, que se chama Candido, não é por certo um mysterio; vi-o de joelhos junto do tumulo de meus pais, e amei-o por gratidão: amei-o como se eu fóra irmã d'elle.

Disse o todos que o amava assim; rião-se de me ouvir, e eu não córava.

Nos primeiros dias, quando elle me olhava, seu olhar passava por sobre meu coração, tão suave, tão doce,



ieb



como o sopro do favonio sobre a rosa que acaba de desabrochar.

Depois... as sensações forão outras : seu olhar não foi mais para o meu coração como o favonio para a rosa, é como a aurora para o céu ; porque o céu se avermelha quando o dia amanhece, e meu rosto se enche do rubor do pejo quando elle me olha.

Porque ?...

Agora, quando elle está ausente, eu me afflijo, desejo ardentemente vê-lo chegar ; quando elle se annuncia, meu coração palpita ; quando elle entra na sala, minhas faces corão ; quando elle se chega a mim, meus olhos se abaixão ; quando elle me comprimenta, eu não posso responder-lhe.

Porque ?...

Eu gósto de ouvir fallar d'elle ; mas não pronuncio nunca o seu nome ; sua imagem apparece nos pensamentos todos de minhas vigillas, e nas bellas imaginações de meus sonhos ; parece que a imagem d'esse mancebo é dona de minha alma.

Porque ?...

Oh ! eu o estimo, e estando a seu lado, tremo ; acho-o bonito, e tenho receio de olhar para elle : gósto de ouvir-o fallar, e nunca me animo a conversar com elle.

Porque ?...

Ah ! porque ? porque, meu pobre coração ? porque é que eu sinto que já não amo esse mancebo como se fóra sua irmã ? como é então que o amo agora ?..

## IX

Oh ! que revolução se operou em toda minha vida, em todo meu ser !



Eu já sei que se ama a alguém que não é nosso pai, nem nosso irmão, e que não é nosso amigo : eu sei em fim o que é amor : quem m'o ensinou?... foi o coração, foi a natureza, foi Deos.

O amor é uma flôr que existe em botão na alma da virgem ; o homem a quem se tem de amar é o sol que faz desabrochar essa flôr.

E' uma flôr que Deos plantou dentro de nós, porque, quando a virgem nasce, já comsigo a tem no coração.

Oh ! eu já despertei a um bello grito ; gritarão-me — elle te ama !... — pois eu deveria têl-o adivinhado.

Sim ! oh ! sim !... eu devo crêr que me ama : porque tambem elle córa quando encontra meus olhos ? porque tambem treme quando me falla ?

Eu revolve na minha alma quanto se tem passado entre elle e mim, como a mão de uma menina revolve holiçosa uma cêsta cheia de flôres.

Recordemos...

Uma noite... que noite ! dansámos juntos... fui o seu par... nossas mãos tremêrão... quizemos fallar e não dissemos nada... ah ! parece que fazendo assim é que nós dissemos tudo !...

Depois fui com duas amigas para meu quarto ; contei-lhes a historia do sonho do — botão de rosa : — ninguém me devia ouvir senão ellas.

Em uma das tardes seguintes veio o velho guarda-portão dar-me a sua hora de musica : cantou um romance ; esse romance era a historia do meu sonho... a historia do botão de rosa. Quem escreveu estes versos ? perguntei eu ; foi o Sr. Candido ; respondeu o velho Rodrigues.

Cheguei a crêr que um genio invizível velava em prol d'esse terno sentimento que nascia...

Fomos ao Passeio-publico : passeavamos juntos e sós




eu e elle : estavamos ambos tão perturbados !... eramos como dous criminosos ; ouvi que alguém dizia — são dous namorados : — quasi que morri de vergonha.

Oh ! não é possível encobrir mais... não é possível... não... a verdade deve-se dizer.

A flôr que existia em botão dentro de minha alma abriu-se ao terno sopro d'esse mancebo ; eu o amo !

Ainda não lhe disse, não serei capaz de dizer-lhe que o amo ; já porém jurei a mim mesma, que hei de amal-o toda a minha vida.

Oh ! sim ! eu o confesso... eu amo.

Abençoem lá da eternidade meus pais o amor d'estes dous corações, que a primeira vez que se encontráram n'esta vida foi de joelhos ao pé de seu tumulo.

Abençoem !...

Proteja o Senhor Deos estes dous corações que, antes de se acharem unidos pelos laços de um amor puro e santo, já se havião identificado em oração, e cahido juntos aos pés do Omnipotente ligados pela mesma fé, pela mesma esperança, e pelo mesmo pensamento.

Oh ! sim ! proteja.

Mas por que motivo elle, a quem eu amo, elle que me ama, foge de meu lado ?... porque me não falla?... porque continúa a mostrar-se tão triste como d'antes ?...

Eu devo então ser bem infeliz, pois que elle não pôde mais ignorar que eu o amo, e todavia sua tristeza é sempre a mesma, sempre incuravel.

E no emtanto esse outro que me desagrada tanto, quanto elle me é grato, esse outro impertinente e ousado não me deixa um instante, e ousa fallar-me de amor mesmo diante d'aquelle que amo.

Que differença entre ambos !

Um é a modestia, que receosa se afasta e se esconde, e que por isso mesmo é mil vezes mais bella.



O outro é a presumpção que se ostenta, que se impõe e que depois de aborrecer-nos muito, retira-se pensando que nos deixa em extasis.

Um é a palavra da virtude, que sóa unicamente para louvar o merito; é a gravidade do homem nobre, a pureza das almas candidas

O outro é a loquacidade do vicio, não sabendo fallar senão a linguagem venenosa do sarcasmo; lançando a calunnia, a satyra, e o epigramma no meio da conversação mais séria e delicada: é, quando não falla, o aspecto de um bufo ou de um malvado com seu rir constante, rir maledicente... rir venenoso... ou rir estúpido.

Um crê na eternidade e em Deos, e crê na honra dos homens; o outro zomba dos mysterios e não acredita na honra de ninguém. Um é o nectar da virtude... o outro é a peçonha da vibora!...

Que differença entre ambos!...

## XI

Já lá vai a noite de meus annos: contradictoria, inconsequente, como tudó mais que hoje comigo se passa, ella encheu a minha alma de prazeres e de pezares.

Pela primeira vez *elle* tinha de cantar no Céu côr de rosa: chegou a hora de seu canto... *elle* veio melancolico e gracioso, e sentou-se defronte de mim.

Trouxerão-lhe uma harpa

Aquelle mancebo pallido e triste, com cabellos tão negros e mãos tão brancas, causou-me uma impressão que eu não posso bem definir; julguei estar vendo um d'esses quadros amorosos dos tempos romanescos da idade media.



Sua voz soou... que voz! seu canto sahia-lhe d'alma; era um canto de amor.

Seus olhos embebidos no meu rosto me estiverão repetindo o mesmo, que no apaixonado canto dizia; eu era tão feliz!...

Estava orgulhosa do amor d'esse homem!

Estava suspensa... — não me achava na terra — aquelle canto me erguia em suas azas harmonicas levando-me para a região phantastica, onde mora a imaginação do bardo que cantava.

Terminou o canto... mas eu fiquei ouvindo sempre aquellas doces harmonias, como se um anjo m'as estivesse repetido aos ouvidos; era talvez o anjo de amor que cantava, e o coração amante que ouvia.

Depois *elle* sahio da sala; procurei-o todo o resto da noite com os olhos, com o coração e com o pensamento: não appareceu.

Porque se retirou *elle*?... eu tremo.

Oh! o meu amor é tão novo, tão innocente, tão anjo como uma criancinha recém-nascida e uma flôr que acaba de desabotoar-se.

Ah! pobre mãe! como é facil, apesar de tuas lagrimas, vêr morrer ali no berço a criancinha de tua alma; ah! triste arbusto!... basta um instante de tempestade para que a tua flôr caia por terra.

E o meu amor é como a criancinha, ou como a flôr; eu tremo.

## XII

Eu sou como a pomba que geme solitaria; eu o sou... é bem verdade!...

Desde a noite de meus annos que nunca mais tornei a vê-lo; não será isso uma crueldade de sua parte?...



Que lhe fiz eu?... amal-o?... só se foi esse o meu crime; mais ah! não merecia tão forte castigo.

Tenho chorado muito... já se me acabáão as lagrimas; agora escrevo, e agora comprehendo que muitas vezes escrever é chorar com o coração.

Ai de mim! nem tenho quem me console: a ninguem ouso dizer porque choro; ninguem saberá a causa de meus tormentos; zombarião de minhas lagrimas.

Oh! é bem triste; todos devem ter padecido o que eu padeço; todos tem coração: todos devem ter amado; como é pois que se ousa ridicularisar as penas de amor?... não zombão de si mesmo aquelles, que zombão d'ellas?...

E comtudo elles se riem sempre!...

Paciencia; soffrerei tudo em silencio; e se isto não é um tormento passageiro; se o meu amor tão novo, tão puro, tão extremoso foi morto por um ingrato, guardarei os restos d'elle no coração, chorarei com a minha alma de joelhos ao pé d'esse coração, que foi a um tempo o berço e a sepultura d'esse amor, como uma mãe extrema chora abraçada com a urna onde guarda os ossinhos de seu primeiro filho.

Tenho a cabeça perdida... falta-me ás vezes o ar... ás vezes os cabellos me pesão...

A sociedade me aborrece... que tenho eu com os prazeres de toda essa gente?... ninguem me comprehende lá. Desejo estar só... muito só, conversando com as minhas saudades.

Agora a minha amiga é a noite; quando a lua é cheia e o tempo está sereno, eu passo horas inteiras reflectindo á janella de meu quarto.

Nunca me acho só n'essas horas; em baixo, no jardim, os favonios conversão com as flôres ao mesmo tempo que eu fallo com o meu coração.



ieb



As flôres respondem aos favonios com a exhalação de seus perfumes, como o coração me responde com as suas saudades.

E' assim que passo as noites; os dias são muito tristes, porque já perdi meus antigos prazeres.

Nem fmesmo a musica me agrada... se vou tocar, páro no meio de uma harmonia para embeber-me toda em um pensamento, que ella desafia.

Não posso cantar... quasi sempre choro. Agora, por exemplo, seria occasião de ir ouvir o velho Rodrigues cantar suas velhas balladas; era a hora da sésta. Não irei.

Mas... lá sóa a sua voz; elle canta...

E' o romance do botão de rosa...

Eu vou...

## XIII

Já comprehendi tudo.

A intriga me sepára do homem que amo; a calumnia me nodôa... tudo está revelado.

Minha tia fez crêr ao modesto mancebo que o seu amor me affligia; que eu suppunha a minha reputação em perigo; que *elle* era pobre, e por isso indigno de mim.

Fecharão em meu nome as portas do Céu, côr de rosa no rosto do nobre mancebo. Oh! como não terá elle amaldiçoado a primeira hora em que me vio!

Todavia... antes assim...

Não sei quaes sejam os designios de minha tia; agora porém sinto-me com forças de assoberbar a tempestade.

Sequem as minhas lagrimas.





Calunhão-me?... querem separar-me d'elle por meio da intriga?... pois bem; direi bem alto que o amo, quero que todos ouçam — eu o amo!

Amo-o tanto como amei já as meiguices de minha mãe, e a benção de meu pai, e como amo ainda agora a memoria de ambos.

E' um amor puro e santo, que sahe do amago do coração, como um pensamento sahe dos seios d'alma.

E' um amor puro e santo que embelleza a minha vida, como a aurora que se vai sorrindo no céo, como um sorriso, que se vai abrindo nos labios!...

Oh! volta, meu amado, volta!

Volta, para que eu seja outra vez como uma flôr que se desabotôa...

Volta para que eu não seja por mais tempo como a pomba, que geme solitaria.

Volta!... eu te amo.

Quando o mancebo terminou a leitura da historia do amor da Bella Orphã, sentio que uma revolução profunda e completa se havia operado em todos os seus sentimentos.

A paixão prorompia de novo, o fogo mal amortecido pela intriga flammejava com dobrado impeto.

Os olhos de Candido brilhavam, suas faces pallidas estavam enrubecidas, e seus labios se dilatavam e sorrião-se ante o aspecto da felicidade.

Beijou mil vezes aquellas paginas, que guardavam os pensamentos, e por onde haviam-se deslisado os delicados dedos da Bella Orphã; apertou-as contra o coração exclamando:

— E sou feliz!... eu venço meu destino!..

Lancou mão da penna, e começou a escrever com o ardor e o interesse de um poeta apaixonado.

O que escrevia elle?

Ao romper do dia Candido achava-se adormecido junto da mesa onde escrevera.

Despertou de repente ao zunido do vento.

Começava a bramir uma tempestade... o céu estava escuro ; a chuva prestes a cair.

Candido vio então os seus papeis desordenadamente espalhados pelo chão; alguns rolavão já pela escadilha do velho sotão; correu a apanhal-os, e a pôl-os em ordem.

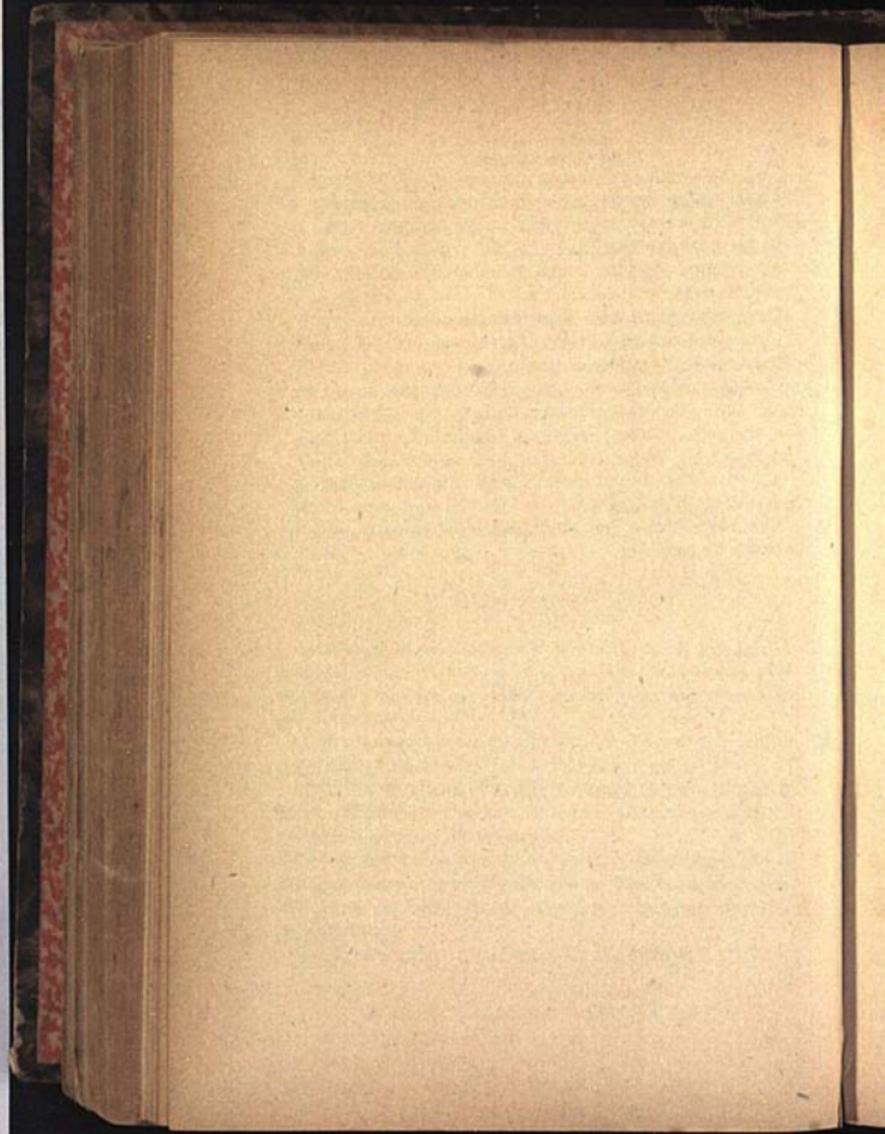
Achou todos, achou mesmo toda completa a historia do amor da Bella Orphã.

Mas não achou o que elle havia escripto na noite que acabava de terminar.





ieB



XI

Eu o exijo! — senão...

Ao tempo que o amor de Candido e da Bella Orphã vacillava entre duvidas, e ia vivendo a vida de todos os primeiros amores, ora animando-se com um sorrir de esperança, ora estremecendo diante de uma chimera, de um receio, ou de um fraco contratempo, caminhava o amor de Henrique e de Marianna ao seu desejado termo.

Poucos dias faltavão para que viesse o hymeneu co-roar aquella constancia, com que se havião sabido amar os dous.

Aproximava-se a noite do dia em que o joven do Purgatorio-trigueiro despertára ao bramir da tempestade.

Succedêra a uma manhã feia e borrascosa uma tarde



 ieb



amena, fresca e bella : o céu estava claro, a atmosphera leve, a natureza em horas de magia.

Marianna achava-se só na sala do Céu côr do rosa ; Anacleto sahira ; Celina tinha ido despedir-se do dia entre as flôres do seu jardim.

Meio deitada no sophá, em voluptuosa abandono, com os olhos quasi completamente cerrados, com os labios levemente dilatados pelo mais gracioso dos sorrisos, a interessante viuva contemplava em sua imaginação, o quadro da ardente felicidade que a esperava ; frua de antemão todos os prazeres, todas as delicias com que durante tão longos annos de balde sonhára.

Seu mundo estava ali... dentro d'ella ; dentro d'ella, em sua imaginação, reunia em bello grupo todos os entes que amava ; conversava com elles, sorria-se para seu pai, recostada ao seio de Henrique.

Nem uma só nuvemzinha escura n'aquelle immenso céu bello e sereno que estava creando ; era uma d'essas horas magicas, que em vão se procura nos dias que se passa na terra, horas que se vive meio-dormindo, meio-acordado, quando se está só, e se está sonhando...

Era uma d'essas viagens encantadas, viagens longas, de dezenas de annos, e de milhares de legoas, que se faz com os olhos fechados, com o sorriso nos labios, sem mudar de posição, e ás vezes em uma só hora, em cinco minutos, ou mesmo em rapidos instantes.

Estava pois Marianna embebida n'aquelle mar de gozos immensos, n'aquelle mundo de abstracções deleitosas, quando...

Talvez mesmo passava n'esse momento por diante de seus olhos a mais cara de suas imagens ; porque ella apertou as mãos com indizível ardor contra o coração, e exhalou um anhelante suspiro : quando souo o rodar de uma carruagem, que parou á porta do Céu côr de rosa.

A viuva soltou um pequeno grito, e ergueu-se inopinadamente.

O mundo abstracto acabava de esvaecer-se; a realidade fria e pesada chegava.

O rosto expansivo e bello de Marianna contrahia-se dolorosamente.

Tinha reconhecido o rodar d'aquella carruagem : aquella carruagem trazia-lhe um tormento sempre que parava junto do alpendre do Céu côr de rosa.

— A porta da sala abriu-se.

— O. Sr. Salustiano ; disserão.

— Que entre ; murmurou a viuva.

E o rosto de Marianna tomou uma nova expressão ; tornou-se frio, mas sosegado.

Salustiano entrou, e veio sentar-se junto da viuva,

Encontravão-se ainda uma vez a sós esse homem, e essa mulher que se aborrecião tanto.

— Parece que um anjo bem-fazejo me protege, disse Salustiano : sempre que desejo fallar a V. Ex. sem testemunhas, uma occasião propria se me offerece.

— Hoje então...

— V. Ex. se admirava talvez de me não vêr ha muito tempo, não é assim ?... perguntou sorrindo-se o manco.

— Oh ! não ; respondeu seccamente Marianna ; V. S. deu-nos o prazer de passar connosco o ultimo serão ; foi ainda ha dous dias...

— A resposta não parece das mais lisongeiras ; mas tambem é porque me não fiz comprehender ; eu dizia que V. Ex. talvez já se admirasse de me não vêr procurar alguns momentos em que podesse fallar-lhe a sós.

— Tambem não : pensava ao contrario que V. S. já tinha exigido de mim tudo quanto exigir podia, e que



pela minha parte eu já me havia mostrado obediente de mais.

— Demos que assim fosse ; não quereria porem V. Ex. pedir-me a entrega de alguma cousa, que julgasse pertencer-lhe ?...

— Confesso que não pensava em tal : confiava na sua honra, e julgava que não seria preciso pedir-lhe o que o dever ordenava a V. S. que me entregasse.

— Oh ! mil vezes agradecido ; V. Ex. pela primeira vez em sua vida parece acreditar na honra do mais humilde de seus escravos.

— Senhor... de que serve aqui a ironia ?

— Já vejo, minha senhora, que conserva todas as suas antigas disposições ; ama a verdade, e a singeleza sobretudo.

— Entendamo-nos, senhor, disse Marianna com sangue frio : devo crêr que não simplesmente para zombar de mim, que teve a complacencia de vir hoje a esta casa.

— Oh ! não, por certo.

— Pois então fará o obsequio de explicar-se : estamos sós : o que quer de mim ainda ?...

— Primeiramente eu vinha depositar aos pés de V. Ex. os mais sinceros parabens pelo seu proximo casamento.

— Agradecida.

— Oh ! eu tenho uma inveja desesperada de um noivo de moça bonita : acreditará V. Ex. ? . estou louco por casar-me.

— Felizmente para V. S. o remedio é facil.

— Então aconselha-me ?...

— Que se case.

— Esse é o meu desejo, certamente ; e como em V. Ex. se concentra toda a minha esperanza, eu não hesitei em correr a seus pés.


 ieb


— Senhor...

— Fallemos com clareza : não ignora, que amo a sua sobrinha.

— Sei ao mesmo tempo que minha sobrinha não o ama.

— E' verdade : disse com sangue frio immenso Salustiano : e se eu tivesse podido agradar á Bella Orphã, acredite V. Ex. que dispensava completamente a sua intervenção.

— E não tendo podido agradar-lhe, senhor, a minha intervenção será sempre improficua.

— Tenho a certeza do contrario.

— Estou hoje convencida de uma verdade que V. S. adivinhou antes de todos ; minha sobrinha ama já.

— E' uma difficuldade, convento ; mas...

— Queria por acaso ligar-se a uma senhora que amasse a outro ?...

— Sua digna sobrinha, minha senhora, tem a educação da virtude.

— Oh ! mas a educação da virtude, abafa, porém não mata nunca o amor ! a mais nobre, a mais pura das virgens, que se desposasse com um homem, amando ao mesmo tempo a outro, sem querer, a despeito de esforços inauditos, seria infiel na alma a seu esposo.

— Mas uma virgem christã...

— Uma virgem christã não desposa o homem, que não ama. Deos prohibe esses laços sem nobreza : são laços illegitimos : em tal caso, ou não ha verdadeiro casamento, ou o casamento é um sacrilegio.

— Quantos sacrilegios tem portanto havido n'este mundo ?... disse Salustiano.

— Não é uma razão para que continuem a havê-os.

— Póde ser que V. Ex. tenha toda razão ; tornou o moço descansando uma perna sobre outra : mas o peor



é que, ou eu me engano muito, ou me acho desesperadamente apaixonado; e consequentemente surdo á voz da razão, cego á luz da verdade, vinha dizer a V. Ex. que eu teria o maior prazer d'este mundo, se no dia do seu casamento se assignassem as escriptas do meu.

— Creio que não conseguirá o que pretende: minha sobrinha é mais forte e decidida do que parece, e meu pai ama-a muito para querer sacrificá-la.

— V. Ex. nada fará por mim!...

— Eu não posso fazer nada.

— Sejamos francos, minha senhora: pela ultima vez, sejamos francos; demos cartas para jogarmos a ultima partida.

A voz de Salustiano tinha mudado de tom, como seu rosto tomára uma expressão physionomica toda nova; era o senhor que se erguia diante da escrava.

No semblante de Marianna apenas uma ligeira contracção dos musculos labiaes atraçou seus padecimentos interiores.

— Sejamos francos, disse Salustiano; eu sei que a minha presença n'esta casa é incommoda a todos; sei que seu pai me aborrece, que sua sobrinha me despreza e que a senhora me odeia, como a victima odeia o algoz.

Marianna não pronunciou uma só palavra, não fez mesmo o menor signal, o mais leve movimento para desmentir Salustiano.

O mancebo prosegueio:

— E no entanto, senhora, tudo parece ser disposto por um poder superior para que eu me ligue a esta casa.

— Poderes superiores, senhor, concebem-se de diversas naturezas; observou Marianna.

— Um feliz acaso, já o tenho dito muitas vezes, conti-



ieb



nuou Salustiano, pôz a mais soberba e orgulhosa das mulheres sob a dependencia do mais fraco e humilde dos homens.

— Que humildade!...

— Mas tudo devia ser compensado; e assim como esse feliz acaso me deu aqui o caracter de senhor, o meu coração e o meu amor me faz curvar a cabeça como um escravo.

— E o que mais? o que mais?...

— Eu vim mesmo encontrar n'esta casa recordações da minha infancia: ha alguns mezes um velho occupa aqui o lugar de guarda-portão, e esse velho, senhora, vio-me nascer, vio-me crescer, e apenas depois da morte de meu pai deixou a minha casa.

— E' possível?! exclamou Marianna: um traidor! um espião!..

— Não; nada de injustiças, respondeu Salustiano; eu e esse homem não fomos nunca amigos; e, além d'isso, acho-me hoje no caso de poder dizê-lo; porque tenho sabido velar por meu amor; o velho Rodrigues é protector do joven Candido; elle entra todos os dias no Purgatorio-trigueiro, e, ou o ciume não sabe adivinhar segredos, ou esse maldido velho tem concebido o pensamento de ligar o seu protegido á Bella Orphã.

— Emfim, senhor...

— Emfim, senhora, estamos hoje dependendo um do outro: somos dous furiosos inimigos, que uma dependencia mutua pôde tornar amigos devotados. Uma palavra diz tudo: um documento por uma mulher, senhora!...

— Que audacia!...

— Trocaremos, no mesmo dia, a mão de uma joven bella por meia folha de papel de peso.

— Que sarcasmo!...



— Oh !... mas não é simplesmente meia folha de papel de peso ! é um nome que se póde atirar ao meio da rua... é uma reputação que se pode nodoar para sempre...

— Senhor !...

— Escolha.

— E' uma infamia !...

— Embora ; fará com que sua sobrinha seja minha esposa ?..

— Nunca.

— Bem : vingar-me-hei.

— Embora ! exclamou Marianna com ardor ; já me tenho curvado de mais, já tenho arrastado meu rosto pela terra muitas vezes, já tenho comprometido a salvação de minh'alma : minh'alma que se purgue de seus erros, que expie suas culpas na humilhação e nos tormentos que me esperão !

— Oh ! como lhe parecer.

— Já tenho sido fraca de mais ! minha reputação... não tem sido ella quasi que nodoadá já ? não consenti por ventura, que se persuadissem que eu amava um homem que aborreço, eu, mulher casada, não passei por namorada de um moço sem nobreza ? não se lembra senhor, d'essa terrível noite em que um cravo rajado passou de meu peito para seu seio ?... que disserão todos ? disserão uma calúnia ; mas quem teve culpa d'essa calúnia foi a minha fraqueza.

Salustiano levantou os hombros e sorrio-se.

— Ainda ha poucos dias, senhor, para não revolver mais o passado, ainda ha poucos dias não pratiquei uma indignidade ?... não caluniei minha innocente sobrinha fazendo um honrado mancebo acreditar, que ella o desprezava por ser pobre ? não bati com a porta de minha casa no rosto d'esse mancebo ?... oh ! o que quer mais ?... o que pretende ainda ?... devo eu ser

ieib

miseravel toda a minha vida? não repara que uma vida assim é pesada como um fardo enorme? não! não! e não!... faça o que lhe parecer: perca-me, mas pela minha parte basta de humilhar-me ante um homem sem generosidade.

— Bem, disse com frieza Salustiano; posso então fazer da carta que pára em minhas mãos o uso que me parecer?...

— Que indignidade!..

— Não responde?

— Faça o que quizer.

— Oh! vê-se bem que a senhora não se lembra do que escreveu ha vinte e um annos passados!

— Senhor!

— Cuida que n'esse papel existe apenas a confissão de uma falta que ás vezes o mundo desculpa?... não, senhora! ali se confessa um erro e um crime!

— Senhor!...

— Um crime que horrorisa a natureza... um crime pelo qual a justiça de Deos ha de condemnal-a a penas terríveis, e a justiça dos homens pôde arrastal-a ao banco dos condemnados, ao carcere, ao patibulo mesmo!

— Senhor...

— Oh! quem diria que esta mulher orgulhosa e insolente, que se apresenta em toda a parte com a cabeça tão levantada, carrega sobre a cabeça o mais horrivel dos crimes?...

— Miseravel!

— Sim... sim... miseravel embora; mas este miseravel pôde apparecer com o rosto descoberto!... senhora, tudo está decidido: eu rompo o seu casamento, eu mato a sua ventura, eu vingo-me!

Marianna arquejava.



— Primeiro irei ter com o homem, que loucamente lhe ama, e mostrar-lhe-hei a sua carta... ou... se não... ah!... que idéa!...

O mancebo soltou uma risada: Marianna não achou em seu furor uma palavra para dizer-lhe.

— Tudo pôde acabar em paz, minha senhora, disse com fingida amabilidade Salustiano: não haverá nem banco de condemnados, nem carcere, e muito menos patíbulo; a senhora casarse-ha com aquelle que ama, e eu desposarei a joven que adoro.

Marianna ficou olhando, e o terrível moço proseguio:

— Dispensio tambem a sua intervenção; achei um bello meio... que estupidez a minha!... deveria tê-lo ha mais tempo lembrado: apparece apenas um inconveniente: ha um velho que talvez morra de desgosto... paciencia.

Marianna estremeceu.

— A' manhã, senhora, terei uma hora de conferencia com o honrado, austéro e amoroso Sr. Anacleto: quando eu o daixar só levarei a certeza de ser o esposo de Celine, e elle ficará mudo e terrível, pallido como um cadaver, e se fallar, fallará para amaldiçoar sua filha.

— Oh!...

— Porque elle ha de saber (ha de saber pela propria letra da senhora), que a filha de seu coração, que a orgulhosa e bella Marianna, no meio das mil loucuras de seus primeiros annos, amou um homem... e amou tanto... tanto... tanto... que perdeu-se por elle!...

Marianna escondeu o rosto entre as mãos.

— Ha de saber mais, que depois de commettida a primeira falta, commetteu ainda um crime abominavel; ha de saber que sua filha, em resultado de um momento de embriaguez, tinha de ser mãe; que inspirada pelo demonio, não o foi não; foi mãe... porque... porque...



ieb



— Oh !... bradou Marianna.

— Porque matou seu filho.

Sucedêrão a essas terríveis palavras alguns momentos de silencio : Marianna estava convulsa, tinha os labios pallidos, o rosto cadaverico, as mãos estendidas para diante, e tremulas como se quizesse defender-se de algum objecto ; e com os olhos pasmos e terríveis parecia talvez estar vendo diante d'ella a imagem do filho que havia assassinado.

Depois de algum tempo ella murmurou fracamente,

— Infanticidio... infanticidio...

Soltou um grito, e desatou a chorar.

Salustiano, insensível e silencioso, esperou muito tempo que Marianna socegasse un pouco. Quando a viu menos sobresaltada, disse-lhe :

— Então, senhora ?...

— Perdão, senhor ; balbuciou a desgraçada pondo-se de joelhos.

Salustiano ergueu-a, fêz-a sentar e continuou :

— Nada do que ouvirá será sabido : no dia em que eu me casar com sua sobrinha, queimaremos juntos a carta fatal.

— Mas o que é que eu devo fazer ?... perguntou a misera viuva.

— Primeiramente fazer com que esse mancebo que mora no Purgatorio-trigueiro, desapareça d'estes logares ; conseguir d'elle uma carta para sua sobrinha ; carta em que se apague toda a esperanza de amor.

— Oh ! mas isso é impossivel.

— Nada é impossivel, senhora.

— Porém de que modo conseguir isso ?...

— Uma mulher que se ajoelha e chora aos pés de um homem, consegue tudo, principalmente quando esse homem é um moço.



Marianna abaixou a cabeça.

— Depois, proseguio Salustiano, convirá que seu pai se interesse a meu favor, convirá que a Bella Orphã ouça os seus conselhos, e até os seus rogos; e, em ultimo caso, é preciso que se imponha.

— E se ella resistir?...

— E' uma criança; resistirá ao principio, chorará depois, e cederá no fim.

— Está bem.

— Não voltarei a esta casa, concludo Salustiano levantando-se, senão na vespera de seu casamento, e então... ou se hão de assignar as escripturas do meu, ou... a senhora o sabe...

Salustiano sahio.

— Meu Deos!... meu Deos!... exclamou Marianna dolorosamente; eu não pensava que a minha desgraça fosse tão grande!... eu não me lembrava de ter escripto a confissão do ultimo crime!... Oh!... isso foi loucura... e a loucura que me fez escrever tal, é o primeiro castigo da Providencia!...

.....  
Quando Salustiano deixou o Céu côr de rosa, o velho Rodrigues estava socegradamente sentado na porta do alpendre... mas não cantava como de costume

---



XII

No jardim.

N'essa mesma tarde, em que Marianna fôra perturbada, e arrancada do seu bello sonhar de alegres phantasias pelo rodar de uma carruagem, e ao mesmo tempo que na sala tinha lugar uma scena dolorosa e terrivel, no jardim do Céu côr de rosa outra se apresentava mais doce, mais terna, mais cheia de esperanças.

Celina, fiel aos innocentes amores de sua infancia, pois que, como ella dizia, tinha amado n'essa idade feliz o primeiro raio do sol e as flôres, estava sentada no banco de relevo do caramachão, melancolica e pensativa.

Tinha na mão direita um botão de rosa, que acabava de colher; ás vezes olhava para elle e suspirava; ás vezes deixava cabir a cabeça e meditava; ás vezes em-



fim, córando de si mesma, erguia a cabeça e lançava os olhos para o lado esquerdo...

Ao lado esquerdo, e dominando o caramanchão, estava uma pequena janella do sotão do Purgatorio-trigueiro.

Celina era uma d'essas jovens de imaginação viva e ardente, que a natureza cria como para serem estrellas do céu dos poetas. Essa viveza, esse ardor de imaginação transpirava em tudo...

Aquelle sonho do botão de rosa... aquelle coração que se escondia em um envoltorio tão innocente e tão puro... aquelle amor começado por uma oração; aquelles laços que se tinham apertado aos olhos de Deos e á face de um tumulo; aquelle historia que ella mesma escrevera em uma hora de feliz melancolia, tudo emfim demonstrava, que na alma d'essa moça havia o quer que seja de poesia, de amor do bello, *de modo de vér* de artista.

Mas se essa viveza, se esse ardor de imaginação era ainda um encanto de mais na Bella Orphã; encanto que a tornava dobradamente encantadora, era ao mesmo tempo uma lente magica, que agigantava seus infortunios e seus pezares.

A imaginação faz do poeta o mais feliz, e ao mesmo tempo o mais desgraçado dos homens; porque na fruição de prazeres, e no soffrimento dos desgostos o poeta goza mais do que há, e soffre o dobro do que em realidade existe.

Celina achava-se n'este caso.

E ella n'essa tarde, como em todas as dos ultimos dias, estava sentada no banco de relva do caramanchão meditando tristemente, quando a passos vagarosos e com semblante prazenteiro se aproximou do lugar, onde se achava a moça, o velho guarda-portão.



Celina olhou para elle com doçura, e quasi com esperança : aquelle homem de ordinario acertava de lhe fallar sobre o joven do Purgatorio-trigueiro.

— Sempre triste!... disse o velho.

— Pois então... murmurou a moça, devo acaso estar alegre?...

— Digo que não ha razão... para tão longas melancolias.

— Quando talvez julgão mal de mim... disse córando a Bella Orphã.

— Elle já conhece toda a verdade.

— Quem lh'a expoz?...

— Não fui eu.

— Mas quem foi?...

— Senhora, abusarão de um segredo... roubarão-lhe uns papeis... uma historia de amor...

— Meu Deos!...

— N'essa historia do seu amor a sua justificação estava completa...

— E então...

— Aquelle que lh'a roubou levou-a ao Purgatorio-trigueiro, e entregou-a ao Sr. Candido...

— Oh!...

— Elle portanto não pôde mais julgar-a ingrata e má : a sua historia contou-lhe tudo.

A Bella Orphã levantou a cabeça, e com o rosto todo rubor de vergonha, exclamou ajuntando as mãos :

— Porém de hoje em diante julgar-me-ha leviana... sem nobreza de sentimentos... sem modestia... talvez mesmo sem este pudor, que agora me está queimando o rosto!!!

— Não, não, respondeu o velho ; o Sr. Candido tambem sabe, que se pôde furtar papeis.

— Como?...



— Depois que elle acabou de lêr a sua historia escreveu quasi toda a noite, e adormeceu sobre a mesa onde escrevia : a tempestade d'esta manhã o despertou, e quando o pobre moço foi pôr em ordem os seus papeis, achou de menos um...

— Qual ?

— O que elle tinha escripto depois de lêr a sua historia.

— E quem o furtou ?...

— A velha Irias, senhora.

— Oh ! mas com que fim ?...

— Para pagar-me o trabalho de lhe haver furtado a sua historia.

— Ah ! Sr. Rodrigues...

— Nada de reprehensões ! disse o velho interrompendo Celina ; a senhora e aquelle mancebo são meus filhos... eu amo a ambos, e quero que ambos se amem.

A voz do velho Rodrigues teve n'aquelle momento um não sei que de tão doce e tão solemne, que a Bella Orphã abaixou a cabeça, e ficou em silencio por algum tempo.

Finalmente, não se achando com animo de reprehender o guarda-portão, Celina contentou-se com dizer em voz muito baixa :

— Mas agora... a minha historia... eu a quero.

— Eis o que pude obter... disse o velho tirando uma folha de papel do bolso, e entregando-a a Celina.

A moça recebeu automaticamente o que lhe dava Rodrigues, e viu que logo depois o bom velho se retirava como chegára, com passos vagarosos, mas com semblante socegado e prazenteiro.

— Os meus papeis !... a minha historia !... exclamou Celina logo que se vio só.

E abrindo o que lhe deixára o velho Rodrigues, de



ieb



repente soltou um pequeno e abafado grito de admiração.

Ficou muito tempo hesitando : còrou e empallideceu, e hesitou de novo muito tempo ; mas, finalmente, leu.

A imaginação ardente de Candido tinha produzida um canto arrebatado, e cheio de fogo : a historia do amor da Bella Orphã havia arrancado o coração do mancebo do abysmo de profunda tristeza, onde arquejava, e feito raiar em sua alma o bello sol da esperança com esses raios puros e brilhantes, mercê dos quaes a vida do homem parece nadar em mar de luz, de magia, e de supremos gozos.

Os entes privilegiados em quem a natureza accendeu essa chamma sagrada, a que se dá o nome de poesia, amão, cultivão o objecto de seus amores, aborrecem, e demonstrão o seu aborrecimento de um modo especial, de um modo que é só d'elles, e de seus irmãos no engenho. Os artistas e os poetas amão, e vingão-se como nenhuns outros no mundo : amão e vingão-se com a penna, com o pincel, no papel e no marmore... immortalisão seu amor, e sua vingança.

A's vezes uma hora de fogo para esses homens é mais proficua do que um seculo para os outros.

Candido tinha tido uma d'essas horas felizes ; derramava enchentes de poesia no canticco da esperança, e convertêra em hymnos de amor seu coração agradecido.

Celina havia começado a lêr receosa e tremula ; pouco depois o fogo que animára o poeta, foi ardendo tambem na alma da virgem, que finalmente cedendo aos impulsos da natureza, acabou por lêr com paixão e enthusiasmo, os juramentos de amor d'aquelle, que ella amava tanto.

Quando a Bella Orphã chegou no fim da ultima pagina, era já a hora do crepusculo, hora voluptuosa e phantas-tica, em que não é dia nem noite, hora de sonhos e de chi



meras certamente; sonhos e chimeras porém, que todas as realidades d'esta vida não podem pagar nunca.

Celina docemente recostada no banco de relva do caramanchão ficou meditando muito tempo : não via mais os arbustos cobertos de flôres, que tinha diante de si; não ouvia mais o ruído que fazia o favonio brincando com as flôres; estava vivendo no mundo encantado da imaginação; estava vendo a figura graciosa de Candido, vibrando as cordas de sua harpa, e ouvindo sua voz harmoniosa e terna entoar o canto do poeta amoroso, como na noite de seus annos :

- « Iguaes são no fado que tem a cumprir,
- « Iguaes n'um mysterio a bella e a flôr;
- « Se a flôr tem perfume, que o prado embalsama.
- « E' delio perfume da bella o amor.

Os olhos da bella moça ora se fitavão sobre um objecto, que ella então nem via, ora vagavão indifferentes e incertos... até que uma vez...

Celina fez um movimento e lançou os olhos sobre a janelleta do Purgatorio-trigueiro... a janella estava aberta, e junto d'ella um joven bello e gracioso embestia suas vistas na encantadora figura da moça... era elle.. era Candido.

O filho adoptivo de Irias havia chegado á fresta da janella, vira a Bella Orphã lendo, conhecêra os seus papeis, e arrebatado de prazer e de enthusiasmo abria a janella, e tinha ficado em terno extasis, devorando com olhares ardentes os encantos d'aquella que adorava.

Celina ergueu-se um pouco... não mostrou nem pejo nem espanto : Candido lhe apparecia em um momento de fogo immenso de imaginação : nem ella nem elle estavam em si : o poeta e a bella acima do mundo... acima


 ieb


dos homens, vivião n'essa hora, no espaço encantador que as almas habitão em completa independência da matéria.

Com os olhos fitos um no outro, como dous magnetizados, com os labios dilatados por doce e terno sorriso, elles ficãrão olhando-se muito tempo... muito tempo... vivendo, amando-se, gozando-se pelos olhos!

Nem uma palavra de seus labios... nem um movimento de seus braços... para que?... o que poderião dizer e significar elles?...

As almas de ambos patenteavão-se, conversavão, juravão de mil modos um amor puro e celeste n'aquelle olhar fixo e ardente, com que os dous amantes se estavam devorando.

O magnetismo de amor os dominava.

A' face do céu e á luz do crepusculo celebrava-se ali um hymeneu encantado.

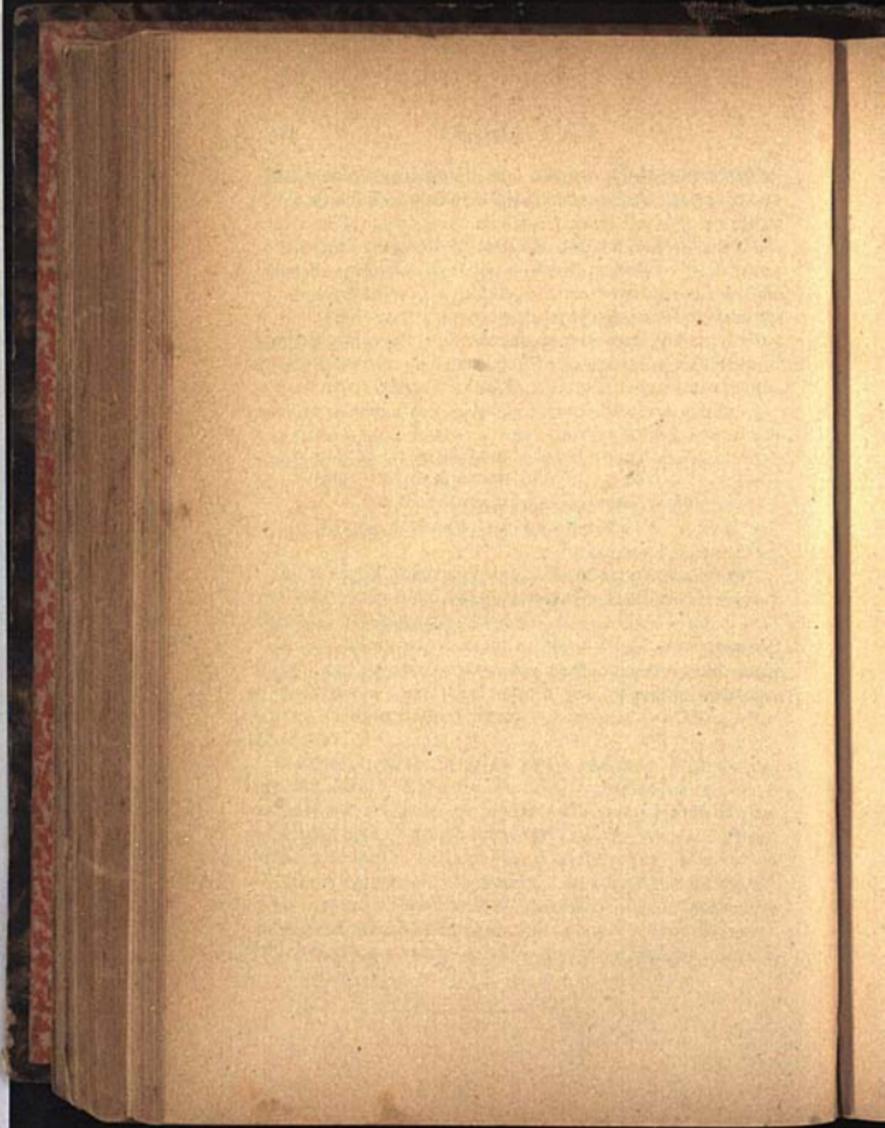
O templo era o jardim : amor era o sacerdote, as testemunhas erão os favonios e as flôres.

Os noivos erão aquelles dous corações; desde esse momento Candido e Celina ficavão sendo esposos na alma : não se havião dado as mãos; mas tinhão-se enlacado pelos olhos.





ie b



XIII

O anniversario.

A'quelle dia tão cheio de acontecimentos de immensa importancia para os amores de Marianna e Celina, tinha de seguir uma noite não menos fertil ainda.

Erão oito horas.

A voz da velha Irias acabava de chamar a Candido para cear.

O mancebo, alegre como nunca o estivera em toda sua vida, desceu as escadas do velho sotão, e entrando na saleta do Purgatorio-trigueiro, encontrou sua mãe adoptiva risonha e prazenteira, como em nenhuma outra noite se mostrára a seus olhos.

Era talvez uma noite de festa aquella que se estava passando na pobre casa; sobre a mesa havião dous pratos de mais; contra todos os antigos habitos uma garafa de



 ieb

vinho, e dous copos se apresentavão aos olhos de Candido; e para que nada faltasse, um vaso de flôres natu-raes a mesa.

— O que é isto, minha mãe?... perguntou Candido sorrindo-se.

— E' uma noite de prazer, meu filho, respondeu a velha; e graças a Deos que o teu rosto se está parecendo com o meu coração; sorriem-se ambos. Estás alegre hoje?...

— Oh! muito! muito!... tanto que tenho medo do meu prazer.

— Porque?...

— Porque receio sentir-me dobradamente infeliz ao depois.

— E qual é o motivo de tua inesperada alegria hoje?...

— Minha mãe, eu vos peço perdão; mas é um segredo do meu coração.

— Pois bem... eu o respeito.

— E será igualmente um segredo do vosso, o prazer que vos transpira no rosto, e que em tudo mais se demonstra em nossa velha casa?...

— Segredo ou não... eu t'ò direi.

— Quando?...

— Mais tarde.

— Bem... esperarei; mas dir-me-heis hoje?

— Sim; depois de cearmos.

— Pois celemos.

A velha e o moço sentárão-se, e começárão a comer com a melhor vontade.

— Minha mãe, disse Candido, nunca me senti tão feliz!...

— Nem eu tão alegre, meu filho; bemdito seja Deos?..

— Qual de nós terá razão?

— Nós ambos.



ieb



Acabado o primeiro prato, a velha encheu os copos, e disse :

— Candido, bebamos este copo de vinho pela causa do meu prazer e pela tua ventura.

— Oh ! sim ! minha mãe !...

— A' saude d'esta feliz noite ! exclamou a velha com as lagrimas nos olhos.

— Sim... sim ; e tambem á felicidade da tarde que passou !

Os copos esvasiárão-se.

A cêa prolongou-se até ás nove horas : a velha e o manco conversavão alegremente : nunca uma noite igual se havia passado no Purgatorio-trigueiro.

Quando terminada a cêa, a velha escrava de Irias acabava de retirar-se, Candido lembrou á sua mãe adoptiva a promessa, que lhe tinha feito.

— Já ceámos, minha mãe ; e eu estou ancioso por conhecer o vosso segredo.

— Ainda não... creio que ainda é cedo : que horas serão ?...

— Mais de nove.

— Pois espera até ás onze.

— Porque então ?

— E' uma puerlidade... quero começar a fallar ás mesmas horas, em que me batêrão á porta.

— Em que vos batêrão á porta ?...

— Sim.

— E para que ? perguntou Candido curioso.

— E' a minha historia... é o meu segredo.

— Vós aguçais a minha curiosidade, minha mãe !

— Tanto melhor.

— Fallai por quem sois !

— A's onze horas da noite.

— E até lá o que faremos ?



— Eu, respondeu a velha, pensarei no presente que me trouxerão a essa hora.

— E eu ?...

— Tu... ora... tu podes muito bem pensar na tua ventura da tarde que passou.

— Dizeis bem, senhora !... exclamou o mancebo.

E fechando os olhos, com os labios dilatados pelo mais gracioso dos sorrisos... pensou em Celina, até...

Até ás onze horas da noite.

Quando os sinos derão o signal d'essa hora, Candido, como despertando de um sonho feliz, exhalou um profundo suspiro, e, abrindo os olhos, vio Irias sentada diante d'elle :

— Onze horas ! disse o mancebo.

— Sim, é tempo, respondeu a velha ; eu vou fallar...

Irias e Candido respirarão e arranjáráo-se em suas cadeiras, como se aquella tivesse de contar, e este de ouvir uma d'essas longas historias, que se contão nas noites de inverno : e a velha fallou :

— Ha vinte e um annos...

— Ha vinte e um annos ? !! exclamou o mancebo interrompendo Irias ; ha vinte e um annos ? !! não é essa a minha idade ?

— Crelo que sim.

— A vossa historia tem pois relação..

— Saberás, se me quizeres ouvir.

— Fallai, disse Candido torcendo os mãos com vivos signaes de impaciente curiosidade.

A velha continuou ;

— Era noite ; mas não como esta, que vai indo fresca e bella com seu magestoso e claro luar : era uma noite de tempestade : a chuva cahia a cantaros... os fuzis acendião com intermittencia cheia de temores um fogoc

ieb



infernal, que cegava; os trovões fazião estremecer os moveis, e as casas...

— Má noite !... murmurou pensativo o mancebo; má noite !... que presagio !...

— Que é isso ? disse Irias; fazes te melancolico ?

— Não é nada; continuai.

— Eu estava de joelhos diante da imagem de Nossa Senhora das Dores... rezava tremendo pelos navegantes... e por mim : nossa escrava respondia ás minhas orações... a tempestade... a trovoada continuava cada vez mais horrivel, quando ás onze horas...

— A's onze horas...

— Uma mão pesada e forte bateu á porta de nossa velha casa... corremos ambas, eu e a escrava : « quem é ?... » perguntei.

— Abra pelo amor de Deos; disserão da rua.

Abri.

Recuei espantada diante de um vulto que entrou : era um homem alto e envolvido em longa capa negra.

— Nada receie, disse elle sem se desembuçar.

— Quem é o senhor ? e o que quer de mim ?... perguntei.

Em vez de responder-me, o homem fechou a porta or onde acabava de entrar, e ao som dos trovões... perguntou-me :

— A senhora é christã ?

— Eu rezava quando o senhor bateu, respondi.

— Póde-se rezar e não crêr, tornou-me : pergunto se é christã, se sabe sê-lo.

Por unica resposta mostrei-lhe a imagem de Nossa Senhora das Dores, a cujos pés tinha eu estado ha pouco.

— Nossa Senhora das Dores ! exclamou o homem desconhecido ; o symbolo da maternidade ! a mãe de todos os homens !... de joelhos pois, senhora.



Eu me ajoelhei de novo diante da imagem ; e o desconhecido proseguio :

— Em nome da mãe de Deos, que é tambem, e principalmente, a mãe dos orphãos e dos pobres, acceita, mulher, como teu filho esta infeliz criança recém-nascida, que não tem por si no mundo senão o olhar piedoso, que do alto de céo está sem duvida lançando sobre elle a virgem...

— E tem tudo portanto ! accrescentei eu com o coração cheio de fé.

O desconhecido lançou para trás a capa, e entregou-me uma innocente criancinha recém-nascida, que acabava de fazer o seu passeio no mundo ao clarão dos relampagos, e ao som dos trovões.

Recebi-a de joelhos como estava ; era tão galante essa criança ! jurei amal-a como se tivesse sahido de minhas entranhas ; jurei pela Santa Virgem, que seria sua mãe.

A criança dormia tão sosegada !

Olhei para a imagem da Senhora... pareceu-me que se sorria... que me estava animando com um olhar protector...

A chuva tinha parado... os trovões não se ouvião mais ; era sem duvida um milagre de Nossa Senhora.

Examinei a criança... era um menino.

— Como se chama este menino ? perguntei.

— Ainda não tem nome.

— Que nome lhe darei ?

— O que quizer.

— Sua familia ?

— Pois não está vendo que é um engeitado ?

— Bem, eu o adopto ; é meu filho.

— Deos lh'o ha de pagar, disse o desconhecido : mas a senhora é pobre... eis-aqui com que pagar-lhe a ama : depois... se elle viver, uma mão mysteriosa cuidará em


 ieb


sua educação ; como um amigo incognito velará por elle.  
E deixando sobre a mesa uma bolsa cheia de ouro, o desconhecido envolveu-se de novo em sua capa, abriu a porta e desapareceu.

A noite já estava bella e clara ; bella e clara como o dia.  
Fiquei só com o menino.

— E esse menino, disse tristemente Candido, esse menino era eu.

— Examinei-o todo, continuou a velha ; e nem uma letra em suas roupinhas para designar sua familia, e nem um signal em seu corpo para fazê-lo conhecido de seus pais.

— Oh !... e minha mãe, senhora ? perguntou Candido.

— Abençoada seja essa noite, exclamou a velha sem attender a seu filho adoptivo : tu, Candido, foste crescendo ao pé de mim sempre bello, feliz e engraçado : de anno em anno, á mesma noite, ás mesmas horas, o homem desconhecido, embuçado em sua capa negra, vinha agradecer-me os cuidados que o meu amor gastava contigo, e deixar-me ora uma bolsa repleta de ouro, ora uma carteira contendo somma consideravel em relação ás pequenas despezas, que me obrigavas a fazer.

— E esse homem nunca fallou ?... nunca disse nada a respeito de meus pais ?...

— Nunca : e tu eras tão pequeno, que jámais me veio á lembrança contar-te a historia d'essa noite : depois, quando chegaste aos treze annos de idade, esse homem te veio arrancar do meus braços... e sabes quanto tempo estivemos separados !

— Oh ! eu o vi então ! esse homem de vestidos negros... eu me hei de lembrar sempre...

— Voltaste, continuou Irias, e é esta a primeira noite de teus annos, que passamos juntos depois da tua volta. Quiz referir-te o que se passou n'essa noite, que começando em tempestade, acabou tão bonançosa : oh ! foi uma bella noite ! bem feliz !... bem ditosa para mim.



— A noite em que me enjeitáram !!! balbuciou o mancebo.  
 — Todos os dias agradeço a Deos a felicidade de me ter feito tua mãe, porque tu és a consolação e amparo da minha velhice.

— Obrigado, senhora.

— Porque tu me amas como eu te amo.

— E' certo.

— Porque tu me fazes ditosa, e has de ser ditoso tambem.

— Ah ! quem sabe ?!

— Has de sê-lo ; a Senhora das Dores presidio á hora feliz em que te eu adoptei ; tu és seu filho tambem... confia n'ella.

— E minha mãe !... exclamou o mancebo.

— E que outra melhor mãe do que ella ?...

— Oh ! nenhuma ; mas aquella que me concebeu tem direito ao amor do meu coração !... oh ! minha mãe !... minha mãe !... para que eu enxugue suas lagrimas se ella chora...

— Espera.

— Tanto tempo !!!

— Espera ; confia na Santa Virgem, a quem te recomendei quando te recebi em meus braços ; a Santa Virgem te mostrará tua mãe...

— Oh ! que eu a veja !...

Batêram na porta.

— Batem... disse a velha.

— Quando eu pedia minha mãe !...

Batêram de novo.

— E' talvez elle...

— Quem ?

— O desconhecido.

Candido lançou-se para a porta, que se abriu immediatamente.

— Entrou um vulto preto.

— E' elle ! exclamou a velha.

— Não, respondeu Candido ; é uma senhora de mantilha.



XIV

A mulher de mantilha.

A mulher de mantilha que tinha acabado de entrar, ficára em pé e silenciosa junto da porta.

Trazia tão fechada a mantilha, que apenas se podia descobrir os olhos, que erão negros e brilhantes.

— Minha senhora, disse Candido, aqui está umacadeira.

A desconhecida estendeu fóra da mantilha um braço perfeitamente torneado pela natureza, e com uma mão delicada e fina tomando a de Candido, puxou para si o mancebo, com voz muito baixa disse :

— Eu preciso fallar a sós com o senhor.

— Comigo ? a sós ?... ---

— Sim.

— Prefere conversar aqui mesmo, ou quer antes subir ao meu quarto ?...

— Prefiro o lugar onde mais livremente poder fallar-lhe.

A voz da desconhecida estava tremula : Candido pretendia de balde lembrar-se em que occasião, e onde tinha já ouvido uma voz, que se parecia com aquella : sentia ao mesmo tempo uma curiosidade immensa de conhecer essa mulher, que a taes horas e por tal modo o viera procurar.

— Minha mãe, disse elle voltando-se para Irias, a



ieb

senhora quer fallar-me sem testemunhas ; eu vos peço licença para subir com ella ao sótão.

— Meu filho, respondeu a velha, a casa é tua ; dá a mão á senhora.

Candido offereceu a mão á desconhecida, e a guiou pelo corredor á escadinha do sótão.

A velha acompanhou a ambos com um olhar curioso, que se podia traduzir assim : que mulher será esta ?.. que relação haverá entre ella e Candido ?...

Uma unica e fraca luz estava accesa no sótão do Purgatorio-trigueiro ; e logo que ali entráram os dous, Candido ia accender outra vela, mas a desconhecida o susteve, e disse :

— Basta a que existe.

O mancebo comprehendeu que aquella mulher contrafazia a voz : pretenderia ella não se dar a conhecer ?...

— Perdoai, senhora, a desordem d'este quarto, disse Candido.

A desconhecida, sem responder á desculpa que lhe dava o moço, tomou uma de suas mãos entre as d'ella, e apertando-a fortemente, perguntou :

— O senhor é sensível ?

— Prêzo-me de o ser, senhora.

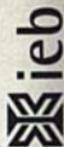
— Oh ! sim ; eu o sabia ; mas ha na natureza humana horas de inexplicaveis inconsequencias ; horas em que um coração de malvado se dobra como a cêra ; e em que tambem, um coração sempre cheio de piedade, se mostra duro como a rocha.

— E o que pretende significar então com o que acaba de dizer ?...

— Quero saber que hora é esta para o seu coração ; porque eu preciso de toda a caridade de uma alma christã..

— Senhora... uma palavra diz tudo : eu chorava quando lhe ouvi bater á porta.

— Chorava ?



ieb



- Oh ! chorava lagrimas de amor.
- Senhor, seria uma indiscreção perguntar-lhe porque?
- Não, não; antes eu quereria dizê-lo a todos; eu chorava por minha mãe.
- Pois... eu pensava... o senhor...
- E' certo, exclamou Candido; é verdade ! eu sou um misero engeitado !
- Mas então...
- Oh ! é que, apesar de ser engeitado, houve forçosamente um homem, que foi meu pai, e uma mulher me concebeu ! esse homem, senhora, é já morto... disserão-m'o : eu sou orphão de pai ; mas minha mãe !... essa, diz-me o coração que ainda vive... e eu amo a com todo este fogo de amor, que Deos accendeu na minha alma !...
- Sem conhecê-la !...
- Que importa ? este amor não se gasta, não se esgota ; este amor é como o fogo do sol, sempre o mesmo, ou cada vez mais ardente ; quando eu encontrar minha mãe... oh ! que amar esse de então ! ! !
- E' assim... é assim... tem razão ; murmurou com voz commovida a senhora de mantilha.
- Uma mãe !... disse Candido ternamente ; uma mãe !... um ventre de mulher abençoado por Deos ! . oh ! senhora, a maternidade é tão sublime, é tão sagrada, que foi por ella que Jesus-Christo se pôz em contacto com homens ; foi pela maternidade que Deos salvou-nos !... amaldiçoado seja aquelle, que não ama a sua mãe.
- E chora ?... perguntou a desconhecida chorando também.
- Oh ! sim ! eu choro... sempre, e muito
- Porque, senhor ?...
- Porque eu me lembro que minha mãe pôde ser desgraçada... porque talvez ella precise de um braço, a que se arrime para fazer a perigosa viagem d'este mundo,



e eu não a conheço, não lhe posso estender meu braço... enxugar-lhe as lagrimas... ou chorar com ella !

— E' assim !!...

— Quando, senhora, eu encontro por essas ruas uma pobre mulher doente... mendicante... exposta aos insultos da gente desmoralizada... sendo talvez o objecto do desprezo de muitos... quando de noite, aproveitando as trevas, eu vejo passar junto de mim uma mulher envolta, como a senhora, em negra mantilha, estendendo, vergonhosa, uma mão emmagrecida e tremula para receber a mais chorada esmola... e eu me lembro que tenho no mundo uma mãe, que é por força uma mulher, que não é impossível que seja uma d'essas, que eu encontro ; senhora !... eu não sei n'esses momentos o que desejo... eu tóco quasi ao desespero... desejo morrer... e não me mato, sómente porque sou christão.

Ficáráo ambos em silencio por alguns instantes ; ambos chorando ; até que Candido levantou a cabeça, e enxugando as lagrimas, disse :

— Desculpe-me, era a senhora quem devia fallar, e eu a tenho occupado fallando-lhe de mim : eu escuto.

— Não, respondeu a desconhecida ; eu precisava ouvir-o para animar-me.

— Pois bem ; agora cabe-lhe dizer em que lhe posso ser util.

— Senhor, disse a desconhecida, o amor de sua mãe é o unico que existe em seu coração ?...

— O unico não ; eu amo a minha mãe adoptiva ; devo gratidão a algumas pessoas ; e mesmo... amo mais alguem.

— Mas qual de todos esses amores será o maior, o mais poderoso ?

O mancebo hesitou ; mas depois respondeu com força :

— O de minha mãe.

— Seria capaz de sacrificartudo por esse ?...



ieb



— Tudo.

— E se alguém lhe viesse pedir um obsequio tão grande, que importasse um sacrificio, pelo menos, temporario, e lh'o pedisse em nome de sua mãe?...

— Senhora...

— Se esse serviço, que lhe viessem pedir não o pedesse o senhor fazer sem ferir-se no coração, sem sentir doer-lhe a corda mais sensível d'elle; mas se, apesar d'isso, lh'o pedissem em nome de sua mãe...

— Eu não comprehendo...

— Mas se no cumprimento de tal favor estivesse a salvação de uma mulher, que tem talvez idade de ser sua mãe...

— Senhora! falle...

— Oh! é o senhor quem deve fallar agora: o que faria?

— Eu não sei de que se trata.

— E' um favor immenso, que lhe venho pedir em nome de sua mãe...

— Eu o farei; se a minha honra, se a delicadeza não...

— Nada de condições.

— E' impossivel obrigar-me de outro modo.

— Em nome de sua mãe...

— Por minha mãe já eu jurei ser honrado, e ser honesto...

— O quem eu peço, senhor, não se oppõe á sua honra.

— Servil-a hei.

— Basta por alguns dias enganar um coração, martyrisando o seu... eis-aqui o sacrificio.

Candido sentio um calafrio terrível coar-lhe por todo corpo; pareceu adivinhar o que d'elle querião, e exclamou:

— Mentir?!?!



— Por breves dias... mas d'essa mentira depende a vida de uma infeliz mulher.

— Mentir!!! isso não, senhora.

A desconhecida abafou um grito doloroso, que lhe sahia do peito.

— De que se trata, senhora? perguntou o mancebo com voz alterada.

A desconhecida, mostrando tomar uma resolução, ergueu-se e perguntou :

— Senhor, já aborreceu alguem em sua vida?...

— Não.

— Nem conserva a lembrança de nenhuma offensa? nem se apraz de vingar-se quando lhe offendem?

— Não, não.

— Sabe perdoar?

— Sou christão.

— Oh! perdoar deve ás vezes custar muito.

— Deve ser bem doce.

— Em uma palavra, senhor, tem piedade de uma mulher infeliz?

— Senhora... senhora... sou filho, filho amante, e não conheço minha mãe.

— Basta.

A desconhecida tomou o braço do mancebo, aproximou-se da mesa onde estava a luz, e arrancando de sobre si a mantilha, cahio de joelhos.

Candido soltou um grito de espanto : acabava de reconhecer a filha de Anacleto.

— Senhora! erga-se...

— Não! não! pelo amor de Deos deixe-me ficar de joelhos.

— E' impossivel... eu não devo...

— Mas eu quero... e não direi nada... e vêr-me-ha sahir como uma miseravel condemnada, se quizer obrigá-me a levantar-me.



— Senhora..

— Não .... não !... em nome de sua mãe, por todos os seus amores juntos, outra vez pelo amor de Deus deixe-me fallar de joelhos.

O mancebo cruzou os braços, e ficou ali em pé, com a cabeça cahida para baixo olhando para aquella mulher, que de joelhos, com os braços apertados em cruz contra o peito, e com os olhos cravados no chão, começou a fallar:

— Senhor, senhor, o que eu lhe venho dizer e pedir não se diz, não se pede senão a um homem de honra, de piedade e de religião.

— Falle, senhora.

— Eu devo parecer-lhe uma mulher má e intrigante; e todavia eu sou apenas muito desgraçada; ouça-me como um padre ouve no confissionario.

— Falle sem receio, minha senhora.

— Senhor... ia dizendo Marianna.

— Espere, disse Candido interrompendo-a.

A viuva levantou a cabeça, e por entre suas lagrimas vio-o mancebo dirigir-se á escada, e examinar se alguem os escutava: abaixou de novo a cabeça quando Candido voltava para ouvil-a.

— Estamos sós: pode fallar.

Marianna principiou então a dizer com voz tremula:

— Na primavera de minha vida, senhor, eu fui tida por formosa, e conhecia-me por sensível: amei... a historia do meu amor começa como todas as do mesmo genero; mas acaba como as mais desgraçadas: seduzi-rão-me, senhor... e abandonarão-me!!! oh! mas o meu infortunio se tornou mais doloroso hoje; porque sei que uma de minhas cartas, exactamente uma, em que eu lançava em rosto ao meu seductor o estado em que me deixava, cahio nas mãos de um homem sem generosidade e sem nobreza, que com ella joga contra mim.



— Oh ! esse miseravel...

— O senhor o conhece ; é um mancobo que frequenta nossa casa ; é...

— Salustiano...

— Esse mesmo : oh ! senhor que procedimento abominavel o d'esse presumido joven !... eu esqueço tudo quanto se tem passado entre nós dous, para dizer sómente o que tem relação com o senhor, e que veio completar a minha desgraça.

— Relação comigo ? exclamou Candido.

— Salustiano, desde muito tempo que ama minha sobrinha, e que debalde trabalha por se fazer amado : ultimamente, com seus olhos de amante zelozo, descobrio, que Celina já amava... oh ! adivinhou a verdade : o senhor sabe a quem minha sobrinha amava.

— Ah ! senhora.

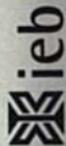
— Não o increpo : ella e o senhor são dignos um do outro ; mas o amante infeliz jurou levantar uma barreira entre os dous... e essa barreira... a pezar meu... a despeito de todos os esforços, essa barreira sou eu.

— E' possível !...

— Com a carta em que eu confesso meu crime, elle me governa como senhor ; com o poder que lhe dá essa carta, elle me disse uma noite : « eu quero que as portas d'esta casa se fechem ao Sr. Candido ! » e eu fui pedir-lhe que me levasse ao jardim, e lá menti, senhor, calumniei minha sobrinha, calumniei meu proprio coração... ousei significar-lhe que a sua presença nos incommodava... despedi-o de nossa casa, e depois fui chorar atrás de uma porta como uma louca !... oh ! senhor ! perdão ! perdão ! em nome de sua mãe !...

— A senhora não é criminosa, disse Candido triste-mente ; é infeliz... muito infeliz.

— Mas o plano do monstro falhou : apezar da sua ausencia Celina o aborrecia como d'antes, quando hoje...



ieb



— Hoje... repetio Candido.

— E' preciso que eu diga tudo: eu caso-me, senhor, ou pelo menos deverei casar-me antes de oito dias: pois hoje Salustiano se apresenta em minha casa, e diz-me: « o meu casamento com sua sobrinha seguirá de perto ao seu: eu o exijo! se não... » oh! com estas palavras é que elle termina sempre.

— E' incrível!... exclamou Candido.

— Minhas observações, minhas supplicas, minhas lagrimas o não commovêrão; e formalmente ordenou-me que eu viesse aqui pôr-me de joelhos a seus pés, e pedir-lhe, senhor, como lhe peço, que salve a meu pai, e que me salve!

— Salval-a? e como?...

— Oh! é preciso ter muita coragem para pedir o que eu peço! é um sacrificio... mas estou de joelhos...

— Diga, senhora.

— O seu amor é que me mata! exclamou Marianna: Celina e o senhor me perdem...

— Ah! meu Deos!! bradou Candido apertando a cabeça com as mãos, porque acabava de adivinhar o que se lhe ia pedir.

— A carta fatal será minha, prosequio Marianna se o senhor quizer deixar de apparecer a Celina por um mez ao menos, e escrever-lhe um bilhete mentindo, senhor!... mentindo... matando-se...

— Diz bem... matando-me...

— Oh! por piedade! exclamou a viuva abraçando-se com as pernas do mancebo; por compaixão! pelo amor de sua mãe!... não me deixe assim morrer deshonrada...

— Senhora... mas eu ei de dizer que não amo a esse anjo de belleza e candura... a essa pomba celeste...

— Senhor... senhor... eu tenho arrastado meu rosto pela terra, que pisão os seus pés.. eu peço misericordia!



— Sacrificar... cooperar para que se sacrifique uma virgem cheia de encantos e virtudes a um monstro... oh! é um crime!

— E eu? e eu então!...

— E' um castigo! a Providencia pune de mil maneiras n'este mundo: se eu pudesse soffrer só, senhora, para dar-lhe todo socego, toda ventura que deseja, eu soffreria sem hesitar; mas uma moça innocente! enganada, e enganada, quando apenas foi hoje que comecei a acreditar na possibilidade de um futuro, que seria a vida do paraizo?!?!

— Oh! pois bem, disse com voz concentrada e terrivel a viuva; nada de piedade... nada de misericordia para mim... eu sei bem que as não mereço; porém meu pobre pai!!!

— O Sr. Anacleto?...

— A'manhã... depois de amanhã... d'aqui a tres ou quatro dias, ao muito, o meu terrivel inimigo se apresentará diante do cansado e amoroso velho: eu o estou vendo, senhor, magro... pallido... melancolico... com a cabeça branca, embranquecida pelos cuidados que comigo teve, e pelos desgostos que lhe eu tenho dado; elle estêde temeroso a mão para receber uma carta, que o monstro lhe vai entregar... oh! elle a lê... é a deshonra de sua filha... é a mão da maior desgraça que o empurra para a cova... oh! o pobre velho não póde mais com a vida... vê-me chorando, e perdôa-me!... mas chora, por sua vez! o resto da vida que ainda tinha elle o desfaz em lagrimas! chora e morre!...

— Ah! senhora!!! que imagem!!!

— No entanto, senhor, nós ficamos no mundo; proseguio com ironia desesperadora a viuva; Cellina é sua... o amor os liga... a religião soldou os laços; mas quando ao anoitecer o Sr. Candido voltar para casa no meio d'essas mulheres doentes... andrajosas... trazend



no rosto a côr amarellenta da miseria, ou melhor  
 senhor, a côr de todas as miserias; magras, abatidas,  
 mendicantes; apparecerá um vulto mais tocante que  
 todos aquelles vultos... ao menos para o Sr. Candido:  
 serei eu, senhor! estenderei a minha mão para receber  
 um vintem... e depois... vagarosa... desvairada... louca,  
 eu me irei retirando e balbuciando duas palavras, que  
 resumirão toda a minha historia!... crime e miseria!...

— Basta, senhora!

— E de noite, senhor, no leito de amor, mesmo junto  
 de Celina, a hedionda figura da mendiga ha de appare-  
 cer na sua imaginação, e ainda mais... a mendiga ha de  
 estar apontando para um sepulchro... o sepulchro ha de  
 se ir abrindo... e de dentro d'elle irá sahindo branca...  
 branca a cabeça de um velho... e o rosto d'este velho ha  
 de ir apparecendo horrivelmente contrahido diante da  
 miseria da mendiga!... serão dous espectros... um pai e  
 uma filha! um pai morto de desgostos... uma filha per-  
 dida pelo crime e pelos remorsos! serão dous espectros,  
 senhor, Anacleto e Marianna.

— Basta, senhora!... exclamou de novo Candido,  
 cuja imaginação ardente dava côres ainda mais vivas  
 ao horrivel quadro, que lhe traçava a viuva.

— Piedade!... misericordia!... dizia esta sem cessar,  
 abraçando-se com as pernas do mancebo.

— Oh! meu Deos! meu Deos!...

Um pensamento novo e atrevido, uma d'essas idéas  
 rapidas, brilhantes, felizes, dignas sómente de uma  
 imaginação de mulher, brilhou nos olhos de Marianna.

Ella ergueu-se, enxugou as lagrimas, e com voz se-  
 gura perguntou a Candido:

— Que idade tem, senhor?

— Vinte e um annos.

— E eu tenho trinta e seis, disse ella.

— Que quer dizer?...



Marianna, com os olhos em fogo, e um sorrir nervoso, murmurou com voz tremula e vagarosa :

— Mancebo, sabes tu, se eu sou tua mãe ?!!

Candido soltou um grito surdo, que lhe sahio dos seios da alma.

— Senhora, pela vida de seu pai, exclamou elle depois de vencer a primeira e profundissima impressão, que as palavras de Marianna lhe produzirão: diga-me a verdade; de que idade commetteu essa falta, de que se accusa ?...

— Aos quinze annos, respondeu Marianna com tom grave.

— Quinze para trinta e seis... vinte e um !... é a minha idade !...

— Sem duvida : teria vinte e um annos !! balbuciou lugubrememente e a tremer a viuva.

— Oh !... é certo !... a senhora deveria ter um filho ?..

— Deveria !!! respondeu Marianna; e tremia convulsivamente : deveria !!!

E a idéa do maior dos seus crimes dava mil punhaladas no coração da infeliz mulher.

— Meu Deus !... meu Deus !... quem sabe ? quem me arranca d'esta duvida ?...

— Senhor, disse a viuva, não procurará apparecer a Celina ?...

— Não !... não !...

— Está prompto a escrever o bilhete ?

— Sim... estou prompto.

— Sente-se e escreva ; eu dicto.

Candido sentou-se ; tomou papel e penna, e escreveu o que lhe dictou Marianna.

« Senhora. Eu parto ; eu fujo para sempre de vossos olhos ; tenho remorsos... fingia amar-vos... illudia uma innocente moça ; os remorsos abríão-me os olhos : perdoai áquelle, que antes quer parecer ingrato do que continuar a ser um monstro. — Candido. »



O moço escreveu sem hesitar; assignou com a mão firme, fechou o bilhete, e voltando-se para a viuva entregou-o, e disse :

— Eis-aí a morte do mais puro dos amores : mas agora, em treco do que acabo de fazer, protesta dizer-me a verdade a respeito do que lhe vou perguntar?

— E primeiro o senhor jura que cumprirá o que me prometeu, qualquer que seja a resposta que lhe eu der?...

— Juro.

— Pela alma de seu pai?

— Pela alma de meu pai.

— Pelo amor de sua mãe?...

— Pelo amor de minha mãe.

— Bem : póde perguntar.

— Senhora, diga-me, em nome do céo, é verdade tudo quanto dizia ha pouco?...

— E' verdade.

— Senhora! exclamou Candido cahindo aos pés de Marianna, vós sois minha mãe!...

— Oh!... pobre moço!... balbuciu a viuva.

— Vós sois minha mãe!... continuou elle beijando a barra do vestido de Marianna; vós sois minha mãe! desde muito o coração dentro do peito m'o dizia; sem saber porque, eu vos amava com um amor candido e bello, como sómente é o amor filial; eu vos olhava com santo respeito; a vossa voz soava dentro de minha alma; vossos sorrisos me animavão!! quando eu pensava em minha mãe, vossa graciosa figura se desenhava diante de mim!... em meus sonhos de filho vinha um anjo, e apontava para uma mulher, cujo rosto estava coberto com um véo, e me dizia « eis ahí tua mãe » : eu corria para essa mulher, arrancava-lhe o véo, e o rosto que eu via era o vosso : ah! vós sois minha mãe!... bem-dito seja Deos! vós sois minha mãe!...



  
ieb

Marianna sacudio tristemente a cabeça, e respondeu :

— Não sou sua mãe.

— Onde está pois vosso filho ?...

A viuva tornou a tremer da cabeça até os pés, e, apontando para cima, disse :

— Está no céu.

— Morto !...

— Sim, morreu...

Marianna deveria ter dito — matei-o; por isso sua resposta foi como um surdo gemido.

Candido ficou petrificado.

A viuva envolveu-se de novo em sua mantilha, e despedio-se dizendo :

— Eu o deixo ; um dia Deus lhe pagará o que vai fazer por mim.

E partio.

---



XV

Salustiano.

A casa em que morava Salustiano, e que elle havia herdado de seu pai, rico e honrado negociante, estava situada em uma das mais frequentadas e commerciaes ruas da cidade do Rio de Janeiro.

Importa tão pouco saber o nome d'essa rua como descrever essa casa : é de sobra dizer que elle era de dous andares, e que no segundo andar tinha Salustiano estabelecido o seu gabinete particular, com o qual se communicava o quarto em que dormia.

No dia que seguio a noite amarga, em que Marianna tanto tempo se deixára ficar ajoelhada aos pés de Candido, estava Salustiano em seu gabinete occupado em examinar diversos papeis e livros mercantis, trabalho em que o ajudava um velho alto, de rosto vermelho e de cabeça calva.

Esse velho chamava-se João, e era o agente principal da casa de Salustiano.

João era um homem de poucas palavras, de olhar atrevido, de genio de fogo, de coração bom, e de tempera de ferro.

Pela volta das onze horas appareceu um caixeiro á porta do gabinete, e disse :

— Está ahí o Sr. Jacob



  
ieb

— Que entre para aqui, respondeu Salustiano.

O caixeiro retirou-se.

— Sr. João, continuou Salustiano, suspendamos este trabalho : tenho que fallar a sós com o homem, que acaba de ser annuciado : desça ao primeiro andar e logo que se retirar aquelle que nos veio interromper, suba de novo para continuarmos a trabalhar.

O velho, sem dizer palavra, limpou a penna com que estava tomando notas, prendeu-a atrás da orelha, e sahio.

Quando ia descendo a escada, vinha subindo o homem que se annunciára.

O caixeiro que acompanhava o homem reparou que, contra todos os seus habitos, o velho João tratou aquelle sujeito com familiaridade e vivas demonstrações de estima.

Os dous apertáram forte mente as mãos, disserão firmezas, e mostrarão-se mutuamente amigos.

Era um facto admiravel na vida de João.

Finalmente o recém-chegado foi introduzido no gabinete de Salustiano, e o caixeiro deixou os dous a sós.

O homem sentou-se na cadeira em que antes estivera sentado João.

Era elle baixo, um pouco gordo, e um pouco calvo; tinha olhos vivos, e mostrava-se alegre : vinha vestido de fraque rôxao botoado até em cima, e de calças pretas : calçava botins de cordovão de lustro, e chamava-se Jacob.

Já não pôde haver duvida nenhuma; era o escrivão, que morava na rua de... exactamente defronte do Céu côr de rosa.

Travou-se entre Jacob e Salustiano a seguinte conversação :

— Muito bem, senhor Jacob : o senhor é sempre pontual.

— E' um habito da vida passada ; quando eu era escrivão, chegava á casa dos juizes sempre dez minutos antes da hora das audiencias.



— Não é esse o seu unico merito : o senhor é capaz de descobrir o maior segredo d'este mundo.

— A ellas, meu caro.

— Poucas, porém boas.

— Vamos pois ; que noticias me dá ?

— A vida passada! a vida passada! o tino, a pratica dos interrogatorios...

— Hontem, depois das onze horas da noite, a lua estava clara como o dia...

— Dispensó todos os segredos, que o senhor possa ter descoberto na lua.

— Habitó da vida passada! nos corpos de delicto o luar é uma circumstancia, que sempre se faz notar... ás vezes importa muito.

— Adiante.

— Bem : pouco depois das onze horas da noite sahio do alpendre do Céu côr de rosa um vulto de mulher...

— Oh !

— Envolvia-se em uma mantilha : era com effeito uma mulher.

— Está bem certo d'isso ?

— Sim ; o andar era magestoso e engraçado... aquella mulher nunca tinha usado de mantilha.

— Porque ?

— Porque envolvia-se n'ella como em um chale : mas o andar, que era magestoso e engraçado, era ao mesmo tempo tão delicado, as passadas tão curtas e ligeiras, que não podia deixar de ser o andar de uma mulher.

— Bem ; e depois ?

— Foi direitinha á porta do Purgatorio-trigueiro.

— Ah !

— Tirou debaixo da mantilha e estendeu para fóra um lindo braço, e com formosa mão...

— Então vio tambem que o braço era lindo, e a mão formosa ?



— Sem duvida ; porque em um dos dedos d'essa bella mão havia um annel de brilhantes.

— Oh ! que homen admiravel ; até n'isso repara ! como pôde vêr esse annel ?

— Brilhou, como só brilha uma pedra de alto preço.

— Está bom... deixemos o annel.

— Ao contrario : o annel é uma circumstancia muito importante : elle só vale um provará no libello accusatorio.

— Porque ?

— Porque a viuvinha recebeu ha tres dias da mão de seu noivo um annel de brilhantes, e não o tirou mais do dedo.

— Como soube d'isso ?

— Uma escrava da viuvinha o contou lá á senhora.

— Por consequencia ?

— Por consequencia recahem todas as suspeitas sobre a viuva.

— E que mais ?

— A mulher de mantilha bateu á porta do Purgatorio-trigueiro, abriu-o-lh'a, ella entrou, e esteve lá mais de uma hora.

— E depois ?

— Voltou para o Céu côr de rosa.

— Não sabe mais nada ?

— Sei que a tal senhora tirou a mantilha dentro do Purgatorio-trigueiro.

— Isso importa pouco ; mas como o soube ?...

— Porque, quando ella pará lá foi, a mantilha arrastava pelo lado esquerdo, e quando voltou, estava muito mais curta d'esse lado, e ia varrendo a rua pelo outro.

— Sabe só isso ?

— Não : sei ainda mais alguma cousa.

— Vá dizendo.



— O velho coruja vai todos os dias conversar com a velha bruxa.

— Hontem ?

— Esteve lá ao anoitecer.

— Hoje ?

— Para lá foi ao romper do dia.

— De que tratão ?

— Sempre do amor do enfeitado e da orphã.

— De que tratarão hoje? o que disserão ?

— Não pude saber : o diabo da velha, quando o coruja entrou, mandou a negra fazer as compras para o almoço.

— Tem ainda alguma cousa a esse respeito para dizer ?

— Por hoje mais nada.

— Então póde voltar depois d'amanhã ás mesmas horas.

— Serei prompto : nunca me esqueço o quanto convém ter em lembrança os dias de apparecer nos casos de appellação.

— Estamos justos.

As ultimas palavras de Salustiano significavão uma despedida ; mas Jacob ficou firme em sua cadeira com o semblante prazenteiro, e os olhinhos vivos como sempre. Salustiano pareceu incommodar-se com a demora de Jacob, e disse :

— Quer mais alguma cousa ?

— E' provavel.

— Diga.

— Quero que me dê cem mil réis.

— Oh ! ha tres dias que lhe dei igual quantia.

— Sim, respondeu o ex-escrivão soltando uma risada ; mas V. S. esquece-se de que agora temos dous negocios.

— Dous ? como é isso ?

— Pois então ?... agora tem V. S. de pagar-me o trabalho de ser o espião de policia dos seus amores.



  
ieb

— Convenho.

— E depois... aquelles papeis...

— Oh! o senhor é exigente de mais! por aquelles papeis, disse Salustiano empallidecendo, deu-lhe meu defunto pai por uma só vez quatro contos de réis.

— Sim... sim... mais por causa d'aquelles papeis estive eu na cadeia oito mezes, e perdi o meu querido officio.

— E faltou á sua palavra!

— Como é lá isso?...

— O senhor havia recebido quatro contos de réis para queimar o processo.

— Assim era eu tolo! aquelles papeis são verdadeiras letras de dinheiro, que eu tenho a juros.

— E nem ao menos se lembra de que já não poucas vezes o tenho liberalmente soccorrido?

— Sim; mas V. S. tem obrigação restricta de pagar-me perdas e damnos.

— Em uma palavra, e para acabar de todo com estas questões, o senhor quanto quer receber de uma vez por esse processo?...

— Cedendo-lhe todo o direito que tenho a elle?

— Por certo.

— Chamá-se a isso queimar a minha fortuna, disse socegradamente o ex-escrivão.

— Emfim...

— Emfim... dar-lhe-hei esses papeis com a mão direita, exactamente no momento em que V. S. me depositar na esquerda uma quantia igual á que me deu o senhor seu pai.

— Quatro contos de réis! é muito!

— Então não temos feito nada: conservarei o processo.

— Oh! mas é preciso acabar com isto; quando volta o senhor aqui?

— Já disse que dou grande importancia aos dias de



apparecer : depois d'amanhã virei receber as suas ordens.

— Traga-me o processo.

— Dar-me-ha os quatro contos?

— Sim.

— Palavra de honra?

— Sim.

— Bem. A's ordens de V. S.

— Até depois d'amanhã.

— Mas ah! disse Jacob suspendendo-se, pois que já ia sahindo; falta ainda alguma cousa.

— O que, perguntou Salustiano.

— Os cem mil réis.

— Ainda!

— São juro vencidos; a satisfação do principal é conta á parte.

— Depois d'amanhã...

— Perdõe-me V. S., mas eu precisava muito hoje d'essa quantia.

Salustiano arremessou-se para dentro do seu quarto; Jacob estendeu o pescoço, e vio o mancebo abrir uma carteira de jacarandá já meio usada, e tirar d'ella alguns bilhetes.

Salustiano, na agitação, em que estava, deixou a chave na carteira, e voltou ao gabinete com o dinheiro.

— Eis-aqui os cem mil réis, disse elle entregando os bilhetes a Jacob.

O ex-escrivão, apenas recebeu o dinheiro, tomou o chapéu, fez uma profunda cortezia ao moço, e foi sahindo.

Salustiano o seguiu de perto, e desceu com elle as escadas.

Pouco depois de haverem os dous deixado o gabinete, entrou João.

O velho ia sentar-se na cadeira que pouco antes havia



  
ieb

occupado, quando notou que a porta do quarto de Salustiano estava aberta.

Dirigio-se immediatamente para o quarto, e apenas chegou ao lumiar da porta, soltou uma exclamação :

— Emfim !

E lançou-se para a carteira : abriu-a, apertou com o dedo pollegar uma mola que havia do lado esquerdo, e no fundo da gaveta d'esse lado abriu-se um escaninho.

Com promptidão e destreza tirou o velho alguns papeis, que ahí se achavão: erão pela maior parte cartas.

João as foi examinando, e passando por ellas sem abrir, até que parou em uma que não tinha sobrescripto.

— 12<sup>a</sup> exclamou o velho ; emfim !

Abriu a carta e leu :

« Senhor, maldita seja a hora em que nos vimos : esse amor fatal com que eu vos amava, e que fingistes votar-me para que eu me perdesse, se já desapareceu para nós ambos, a nós ambos deve ter deixado o tormento dos remorsos : vós me fizestes a mais desgraçada, e eu me fiz a mais criminosa das mulheres : vós me perdestes, e eu ia ser mãe, e não quizestes ser diante dos homens o pai de vosso filho : pois bem ; sabeis o que eu fiz ? tremei... horrorisai-vos : eu matei meu filho ; dentro de meu ventre caveil-he a sepultura. Agora... preparemo-nos ambos : teremos de dar contas a Deos, vós da honra, da innocencia de uma mulher, e eu da vida de um innocente. Senhor... somos dignos um do outro ; nascêrão para se encontrar no mundo vós, e

« Marianna. »

— Emfim, repetio o velho guardando a carta no bolso.

— Emfim !... bradou Salustiano lançando-se sobre João...

O velho recuou dous passos.



- Que veio fazer aqui ? perguntou o moço.
- Vim realisar o que desde muito premeditava, respondeu friamente o velho.
- Que tirou d'aquella carteira ?
- O que lhe não pertencia.
- Uma carta !
- Sim.
- Restitúa-m'a.
- Não.
- Oh ! Sr. João !...
- Não, já disse.
- E' porque não sabe que essa carta é tudo para mim.
- E' por essa mesma razão.
- Por bem, ou por mal, sennor, eu hei de reconquistar essa carta.
- Veremos.
- O senhor abusa do respeito que sempre lhe consagrei.
- E o senhor deshonra o nome de seu pai.
- A carta !
- Nunca.
- Salustiano atirou-se sobre o velho ; os braços de ambos se entrelaçarão ; lutarão ambos.
- Longa foi a luta, e por fim triumphou o mancebo.
- Com um joelho sóbre o peito de João, Salustiano bra-dou-lhe :
- A carta !
- Nunca ! respondeu o velho com voz suffocada.
- O moço, apezar de todos os esforços de João, lançou a mão no bolso do vestido d'este, e apoderou-se da carta.
- Deixou então livre o seu adversario, e erguendo-se estendeu o braço, e mostrou-lhe com o dedo tremulo a porta :





— Para sempre fóra de minha casa! disse em desordem, e a raiva no coração : o velho respondeu :

— Sim; mas não para sempre; porque hei de voltar para vingar-me.

E sahio.

---

XVI

Os dous irmãos.

Rodrigues estava no seu posto, no alpendre.

Achava-se sentado, e meditando em um canto d'elle : á sua mão esquerda via-se meio cerrada a porta de seu quarto.

De repente entrou no alpendre, apressado e arquejando de fadiga um homem, que trazia os vestidos em desordem, e pintada no semblante a mais viva agitação.

O velho Rodrigues ergueu-se sorprendido, e dando dous passos para o recém-chegado, exclamou :

— João !

A personagem que acabava de entrar atirou com o chapéu a um canto, e sentou-se na cadeira, da qual se tinha levantado Rodrigues.

Esses dous homens erão os mesmos, que em certa noite Jacob vira sentados, e conversando á portaria do convento d'Ajuda.

Vistos agora á luz do dia e ao pé um do outro, admiraria a similitude de seus semblantes : a única differença, que se podia notar, era ser João muito mais sanguineo.

João e Rodrigues erão irmãos gêmeos.

— João ! exclamou de novo o velho guarda-portão ; que é isso ?... o que tens ?...



ieb

— O que tenho?... respondeu o antigo agente da casa de Salustiano; tu me perguntas o que tenho? é a raiva dentro do coração; é a vingança inspirando projectos infernaes.

— Mas como?... falla!...

— Disse tudo.

— Porém vingança contra quem?

— Contra o falsario... o ladrão! murmurou surdamente João.

— Oh!...

— Sim... contra elle.

— E' filho d'elle! disse com voz reprehendedora Rodrigues.

— E tamhem filho d'ella!... accrescentou lugubremmente João.

— Embora! tornou o primeiro: jurámos protegê-lo: lembra-te.

— Sim... sim... disse o outro com terrivel accentto: protegê-lo... amal-o... ainda que elle te pise com suas botas, e te cuspa no rosto! não?!!

— Como é isso?

— E' assim mesmo,

— Pois elle ousou...

— Tudo, respondeu João com voz surda.

— E tu?

— Tenho sessenta annos... já não sou o mesmo; antigamente atacava cara a cara, e vencedor ou vencido, tudo estava acabado, acabada a luta. Hoje não: estou velho... minhas juntas se achão enferrujadas... lutei com um mancebo, e elle ganhou a partida; mas agora tambem o caso é outro... não esqueço como d'antes. O forte pôde bater-se braço a braço: o fraco espera atrás de uma esquina!

— João!

O irmão de Rodrigues soltou uma gargalhada ner-



vosa e horrivel ; uma d'essas gargalhadas filhas do furor e do desespero.

— João ! queres ser um vil assassino no fim de teus dias ?

— Não ! bradou o outro, não !... pois é só atrás das esquinas e com a faca, com a arma da traição que se vingão os fracos ?... outra vez não ! eu quero estar livre... quero passear á minha vontade pelas ruas !... oh ! quem sabe se eu não terrei de complimentar um galé ?...

— João !...

— Sim ; já o disse : vél-o-hei com prazer arrastando as cadéas dos criminosos publicos !... não pertence elle de direito ao seu numero ?... sim ; pertence... commetteu um crime vergonhoso.

— Graças a Deos, João ; o fogo consumio as provas d'essa loucura.

— Graças a Deos, Rodrigues, as provas existem ainda, e eu hei de apoderar-me d'ellas.

— Que estás dizendo ?... é verdade o que acabas de dizer !...

— Sem duvida.

— Como chegaste a saber d'isso ?... como has de conseguir...

— E' o segredo da minha vingança.

— Nada de vingança, irmão.

— Fui offendido demais.

— Conta-me o que houve : eu te escuto.

— Para que ?...

— Quero aconselhar-te, João.

— Eu não vim pedir-te conselhos.

O velho Rodrigues deixou cahir a cabeça tristemente, effecto alguns instantes, e depois perguntou :

— Com que fim pois vieste vér-me ?

— Tenho que dizer-te.

— Falla.



— Meu irmão, até hoje de manhã um só pensamento nos occupava: d'ora avante nossos designios são distinctos. Até hoje pensavamos sómente em fazer bem: tu continúas sempre com a mesma idéa; eu porém estou determinado agora a fazer mal.

— Adiante: disse Rodrigues.

— Vim pois dizer-te o que descobri, o que sei, o que pretendi, e não pude fazer, para que tu fiques trabalhando para completar a obra, que começámos juntos, e que pela minha parte, não posso levar ao cabo.

— Então o que ha?

— Salustiano está com effeito de posse da decima segunda carta...

— De certo?

— Eu a vi.

— Tu?...

— Eu a li... tive-a em minhar mãos!

— Oh!...

— Trabalhavamos eu e elle em seu gabinete particular: annunciou-se um homem que tu conheces bem, e elle quiz ficar a sós com esse homem: desci: meia hora depois os dous descêrão por sua vez, e eu subi de novo... a porta do quarto de Salustiano estava aberta, entrei... a carteira velha tinha a chave na fechadura, abri-a... toquei no segredo da primeira gaveta do lado esquerdo, e a decima segunda estava lá!...

— Bravo! bravo!... exclamou o velho Rodrigues, sem lembrar-se do que antecedentemente lhe dissera seu irmão.

— Emfim!... exclamei eu, continuava João; e abrindo essa carta fatal, li-a do novo; mas quando já guardava-a no bolso... uma voz terrivel sou a meus ouvidos, e um braço forte veio deter meus passos...

— Ah!...

— Era elle, Rodrigues; e durante algum tempo lutá-



mos ambos desabridamente... emfim a mocidade venceu...

- A carta?
- Ficou outra vez em suas mãos!
- Oh!...
- Os pés do mancebo pisarão o rosto do velho!...
- E a carta?... a carta?... exclamou Rodrigues.
- Está lá.
- Insolente moço!... e elle não tremeu?
- Tem ouro.
- Oh! desgraçado!...
- Sim... desgraçado... imprudente!... elle ha de tremer, porque eu me hei de vingar.

O velho Rodrigues deixou cahir de novo a cabeça, e pareceu abysmado em profundas reflexões.

João ficou olhando para elle, e reflectindo tambem.

Ambos aquelles velhos meditavão; o primeiro pensava nos meios de chegar a uma completa harmonia; o segundo sonhava com a vingança.

Levantarão a cabeça ao mesmo tempo: Rodrigues exhalando um longo suspiro. João desprendendo um surdo gemido.

Era o acordar da paz e da guerra.

— João, disse Rodrigues sabes de quem me estava lembrando?

- Não; de quem?
- D'elle.
- Do insolente?
- De seu pai, João.
- É eu de sua mãe, Rodrigues.
- João, perdemos aquelles, que estão na eternidade.
- Sim; mas castigemos os mãos que pesão n'este mundo.

O velho Rodrigues sacudiu a cabeça, suspirou de novo, e depois cruzando as mãos sobre o peito, disse com voz terna e commovida



ieib

— João, pela memoria do nosso bom amigo perdôa a injuria, que recebeste de seu filho.

João conservou-se muito tempo em silencio olhando para seu irmão, que, melancolico e piedoso, tinha ainda as mãos cruzadas sobre o peito, como se estivesse orando.

— Rodrigues, murmurou enfim o velho; esse atrevido mancebo calcou o pé sobre o meu ventre!

Por unica resposta duas grossas lagrimas corrêrão pelas faces enrugadas do velho guarda-portão.

— Que é isso, homem?... perguntou João.

— Não é nada, respondeu Rodrigues; isto não é nada... choro... ha bem tempo que o não faço.

E depois balbuciou dolorosamente:

— Pobre amigo!... está morto!... não póde valer a seu filho...

E as lagrimas começarão a cair-lhe de quatro em quatro.

Alguns momentos depois os dous velhos choravão juntos e abraçados um com o outro.

— Perdôas-lhe, João? perguntou finalmente Rodrigues.

— E esse pobre Candido, irmão?!?!

— Devemos fazê-lo feliz, é verdade.

— Mas aquella carta...

— Podíamos prescindir d'ella; porém n'esse caso teríamos uma mulher desgraçada... e criminosa.

— Que nos importa... é um castigo.

— Não, de modo nenhum, João; eu espero ainda tudo da Providencia.

— Bem: crês então que devemos cruzar os braços.

— Tambem não; escuta: eu vou fallar a esse presumido moço, que te insultou.

— E para que fim?... que lhe irás dizer?

— Contar-lhe-hei ainda uma vez a nossa historia.

— Rir-se-ha d'ella.

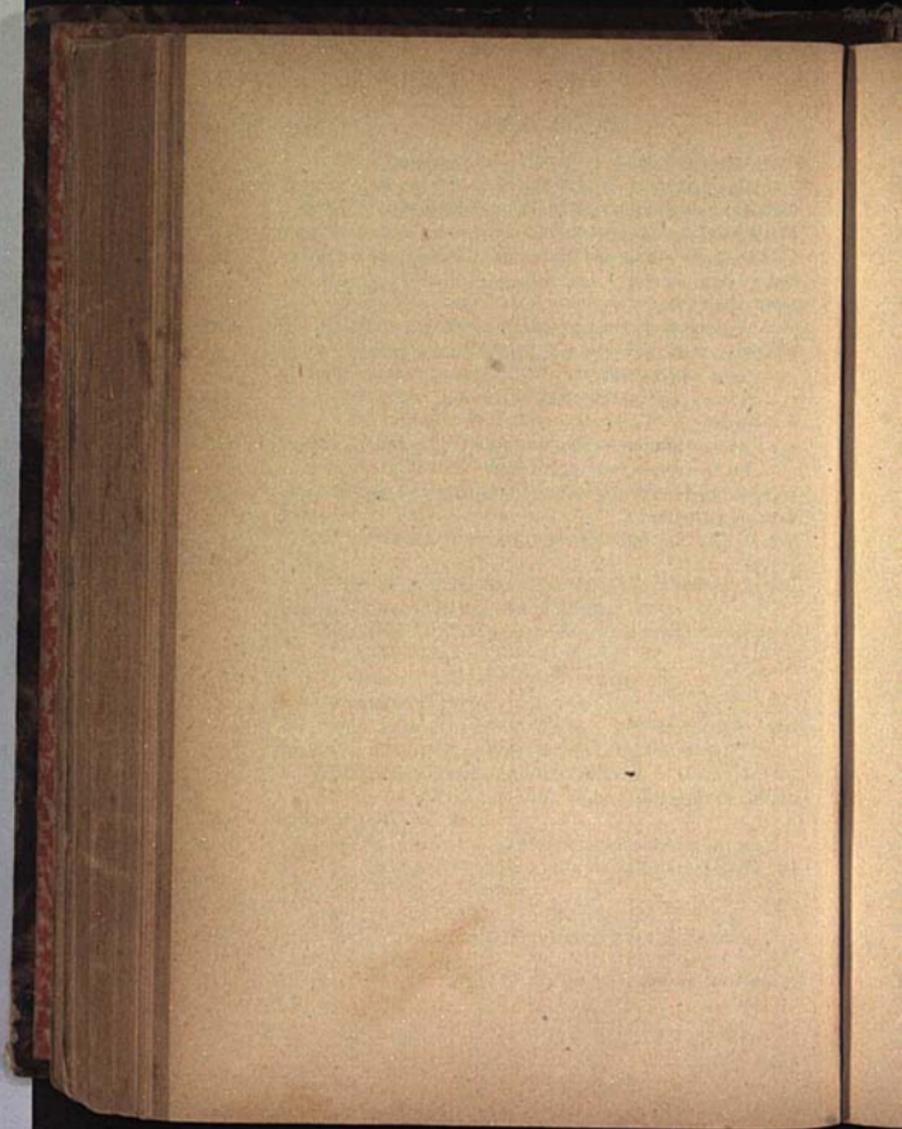


- Lembrar-lhe-hei o crime que commetteu...  
— Zombará de ti, Rodrigues.  
— Hei de assustal-o com teus projectos de vingança.  
— Rir-se-ha de novo.  
— Exigirei por preço de nosso silencio, e como condição para vencer o teu resentimento, a entrega da carta fatal.  
— Mandar-te-ha lançar na rua pelos seus escravos.  
— Não, João ; elle ha de entregar-me a carta.  
— Nada conseguirás.  
— N'esse caso justiça será feita.  
— Bem.  
— Adeos, João ; dentro de duas horas estou de volta.  
— Eu te espero, respondeu João.  
O velho Rodrigues tomou o chapéo, e dirigio-se á casa de Salustiano.
- 





 ieb



XVII

Tia e sobrinha

Pouco mais ou menos, á mesma hora em que o velho Rodrigues se dirigia á casa de Salustiano, uma escrava desceu do segundo andar do Céu côr de rosa, e entrando na sala do primeiro, onde se achava Celina, disse-lhe que sua tia lhe pedia quizesse subir ao seu quarto para dar-lhe uma palavra.

— Diga-lhe que já vou; respondeu a Bella Orpha.

E, pouco depois, subio a escada vagarosamente, e pensando no que poderia ter dado motivo para tal conferencia.

Celina não podia aborrecer a ninguem; mas, desde que soubera da scena, que no jardim tivera lugar entre Marianna e Candido, começára tambem a desconfiar muito de sua tia.

Marianna estava em seu quarto, pallida, abatida e pensativa, sentada em uma cadeira de braços: o franzimento de sua fronte, seus olhares ás vezes amortecidos, ás vezes pasmos, e sempre cravados no chão, e finalmente um não sei que descuido em seu penteado e em seus vestidos, parecia revelar que uma dôr profunda e transidóra a atormentava.

Tambem as ricas e grandessenhoras padecem no fundo



ieb

d'alma! por detrás d'esses brilhantes adereços e custosas joias, que lhes ornão e cobrem o collo, está ás vezes aberta uma ferida, que lhes vai até o amago do coração; e esses labios que se sorriem tão graciosos, estão mil vezes a ponto de ser desmentidos pelo pranto dos olhos; e essas palavras de prazer et felicidade, que se dizem nas assembleas, fazem ás pobres miseras que as pronunciação, uma acerba e terrivel ironia! ellas rindo-se tanto e tão á força, e sendo tão desgraçadas n'alma!!! Doirado vaso, que enchêrão de fel, cofre aprimorado, que esconde perigoso arcano... ah! tendes a imagem de todas essas, que são como Marianna.

Escravas sempre da vaidade, as mulheres achão sempre na vaidade os seus tormentos e o seu castigo. Lutão annos inteiros umas com as outras, e tem por armas os vestidos e as joias, os sorrisos e os olhos: e uma dóe-se recebe um golpe cruel sómente porque o vestido da outra é mais bello; e não dorme uma noite inteira porque apparecêrão uns olhos pretos que valem o dobro dos seus!... mas isto é nada; o que é tudo é a vaidade dos sentimentos, que obriga a rir com o céo nos labios, tendo o inferno dentro do coração; que obriga a fingir-se venturosa, quando-se é desgraçada!... Estar em torturas, e dizer — sou feliz! — enganar o mundo por causa do mundo, e para ser invejada e não parecer vencida, nem mesmo nos mimos da fortuna!... tanta riqueza vestindo tão grande miseria!...

Deve ser bem amargosa vida!...

Porém Marianna sentio que subião a escada, e conheceu as pisadas de sua sobrinha: immediatamente uma revolução completa se operou n'ella; sua fronte desenrugou-se, seus olhos erguêrão-se e brilharão: em um momento, e com toda essa habilidade que caracteriza as senhoras, fez desapparecer todos os descuidos de seu *toilette*, e enfeitou os labios com um sorriso angelico.



Era, embora sua sobrinha, uma moça bella, e portanto uma rival que chegava. A mulher infeliz e abatida cedeu o lugar á senhora das festas e dos prazeres; a verdade foi abafada; a mentira ergueu-se.

Celina entrou; Marianna mostrou-lhe com o dedo, e com graça indizível, uma cadeira defronte d'ella; e, vendo-a assentada, esteve por alguns momentos contemplando-a com expressão de enlevamento e prazer, até que a Bella Orphã, como para escapar áquelle olhar, perguntou:

— Porque me está olhando assim, minha tia?...

— Oh! porque tu és a minha vaidade, Celina! olha, quando te contemplo... lembro-me do que fui... parece-me que ainda estou nos dezeseis annos defronte do meu toucador, rindo-me vaidosa e louquinha, contente de mim mesma, e namorada de meus proprios encantos.

— Senhora...

— Não é verdade que dizem por ahí que eu fui bem formosa?

— Dizem que minha tia inda o é.

— Lisongeiral!... oh! mas enfim, eu conheço que não devo assustar a ninguém.

— Então...

— Todavia os dezeseis annos! os dezeseis annos! n'esse tempo se está na flôr da vida, e no viço das graças! ninguém é feio aos dezeseis annos!

Depois de alguns instantes de silencio a viuva proseguiu dizendo:

— Para mim a vida de prazer e de encantos está em vesperas de acabar; para ti é agora que começa. A primavera da idade com esse rosto tão bello, com esse olhar tão puro, Celina, faz sempre as delicias da mulher. Ainda não sentiste que para ti são guardadas todas as attentões?... ainda não notaste como te olhão ardentes, como te fallão tremendo, como te escutão em extasis? Celina, ahí está a prova solemne de tua formosura. A



  
ieb

moça bella é o delirio do mundo : ah ! que se aos dezois annos tivesse a mulher a experiencia dos trinta, então com a belleza conseguiria tudo... honra... fortuna... posição... tudo l...

— Ainda bem, minha tia, que as moças não são ambiciosas.

— Não, não o são : o amor as occupa demais para que ellas o fossem. Embragadas com os deleitosos perfumes que vêm arder a seus pés ; cheios os ouvidos de verdades e de lisonjas ; a cada passo que dão ouvindo uma exclamação de agradável sorpresa ; no theatro sentindo cem oculos lançados sobre seus rostos ; em toda parte vendo adoradores escravos ; e em breve tendo mesmo já no coração uma sympathia que vai crescendo e acaba por amor ; ellas não tem, ellas não podem ter outra idéa que não seja a de ser bellas, outro desejo que não seja o de ser amadas, e outro futuro que não seja tudo esperado de um amor com que ellas sonhão de dia e de noite, e que, desgraçadamente, não se realisa nunca.

— Nunca ?...

— Nunca, Celina.

A Bella Orphã suspirou involuntariamente.

— Já suspiras, Celina ?... quem sabe se eu não estive fazendo o teu retrato ?... pois bem ; sou tua tia... quasi tua tutora, e portanto devo aconselhar-te ; mas para bem fazê-lo preciso é antes ganhar uma confiança de que ainda me não julgaste merecedora, entrar no teu coração, vér o que n'elle se passa, para depois dizer o que convém.

Marianna, fingindo ignorar o segredo de amor de sua sobrinha, queria leval-a pouco a pouco a um fim que tinha no pensamento, e pelo qual promovêra aquella conferencia.

Porém Celina desconfiava de sua tia ; guardou mais que nunca o seu segredo, e nada respondeu.

— Então ficas muda ?... perguntou a viuva ; será possível que penses em fazer-me crêr que ainda não sonhas bel-



los sonhos de amor, tendo já dezeseis annos de idade ?...

— Muito moça ainda, não é assim.

— Por certo que não és nenhuma velha ; e comtudo estás em idade de casar.

— Tão cedo !...

— Não no nosso paiz, Celina, onde tudo é rapido e precoce. Emfim, eu sou tua tia, meu pai é teu tutor, e por dever santo e respeitavel devo procurar para ti um estado... uma posição.

— Obrigado, minha tia.

— Temos entendido que é tempo de te casar não só para fazer a tua ventura, como para completar a nossa missão, e conseguir o nosso socego.

— Para o vosso socego... eu creio ; mas para minha ventura !...

— Para tua ventura tambem, sim ; e graças a Deos, meu pai e eu não somos duas crianças como tu és, Celina.

— Porque, minha tia ?

— Porque, na questão da escolha de um marido, tu cortarias todas as difficuldades com o coração, e nós decidiremos tudo com o juizo.

— Ah ! sim !..

— Um marido é o homem que deve acompanhar-nos toda a vida...

— Provavelmente, minha tia.

— O homem de quem tomamos o nome, a posição, e as amizades.

— Eu o pensava já.

— E portanto, quando se trata de uma escolha d'essa natureza, toda a prudencia se faz necessaria.

— Sem duvida.

— Nós queriamos para teu marido um moço bonito, de boas qualidades, de bom nome, e de boa fortuna.

— A's vezes é difficil achar-se tanta cousa junta.

— Tivemos a felicidade de encontrar um, que preenche nossos desejos...



ieb

— Ah ! então já, minha tia ?... sem que eu ao menos o suspeitasse ?

— E' verdade ; um interessante mancebo veio pedir-nos a tua mão.

— Realmente foi um pouco apressado... nem ao menos procurou conhecer a minha opinião.

— Já sabes quem é ?...

— Não, senhora.

— Vê se adivinhas.

— Não pretendo incomodar-me com isso.

— Porque ?... perguntou Marianna, que se ia impacientando um pouco.

— Por nada, minha tia ; respondeu seccamente a Bella Orphã.

— Estás zombando comigo, Celina ?...

— Não, minha tia.

— Queres que te diga o nome d'esse moço ?...

— Se lhe parecer conveniente.

— E' o Sr. Salustiano.

— Ah !

— Tens que dizer alguma cousa ?

— Nada... eu, nada : minha tia é que um dia me disse que aborrecia o Sr. Salustiano como se aborrece um malvado.

Escapou aos olhos de Celina um movimento rapido de Marianna.

— Eu estava em erro, disse esta sem hesitar.

— Apezar d'isso, minha tia, e apezar de todas as grandes e nobres qualidades que ornão esse mancebo, sou obrigada a declarar, desde já, que não serei sua mulher.

— Porque ?... perguntou a viuva.

— Porque amo a outro ; respondeu sem hesitação nem temor a Bella Orphã.

Marianna ficou por alguns momentos olhando para aquella fraca e modesta menina, que pela primeira vez a surpreñdia com um signal de character decidido e forte.



— Amas já?... perguntou enfim a viuva.

— Já o declarei, senhora.

— E a quem amas, minha pobre Celina ?

— Ao Sr. Candido.

— E elle ?...

— Ama-me tambem.

— Infeliz !... tu foste enganada !...

Celina não demonstrou nem surpresa, nem receio, nem desgosto : desconfiava de tudo quanto lhe dizia Marianna ; deixou-se ficar em silencio, olhando e sorrindo-se para sua tia.

— Duvidas do que eu digo ?...

— Muito, senhora.

— E se eu te der uma prova ?...

Celina continuou a sorrir-se meigamente. Marianna lançou a mão ao bolso de seu vestido, tirou d'elle uma pequena carta, e entregou-a á Bella Orphã.

Celina abriu a carta e leu-a : seu rosto cobrio-se de mortal pallidez. Era a carta que a mulher de mantilha havia conseguido de Candido.

— E agora?... perguntou cruelmente Marianna.

— Agora?... não sei... duvido ainda, respondeu a custo, e erguendo-se a Bella Orphã.

— Onde vai, Celina ?

— Preciso recolher-me e ficar só, senhora.

Celina já estava na porta.

— E o Sr. Salustiano ?

A moça voltou-se e respondeu quasi com altivez :

— Ainda quando isto não seja effeito d'uma nova camunhia, senhora, eu nunca serei esposa d'esse homem por quem se mostra interessada.

E sahio.

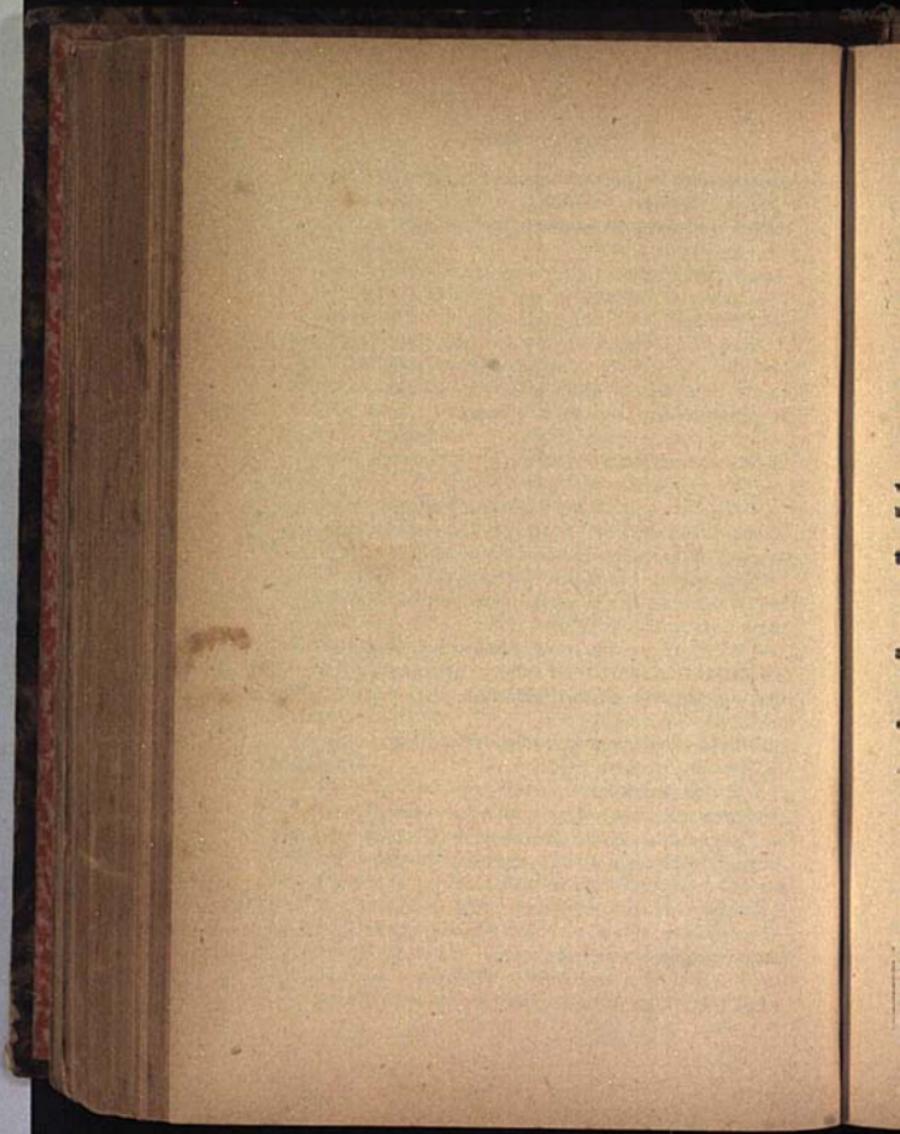
Por sua vez Marianna empallideceu, e ficou de novo muda, pensativa e abatida.



  
ieb



ieB



## XVIII

### Historia dos dous velhos.

No mesmo gabinete em que, poucas horas antes, escreveu João e Salustiano, foi que Rodrigues achou este ultimo ainda agitado pela scena que tivera lugar.

O velho entrou com ar solemne e grave, e cumprimentou o mancebo com um simples movimento de cabeça.

— Póde sentar-se, disse seccamente Salustiano.

— Obrigado, disse Rodrigues, estou bem de pé.

— Como lhe parecer. Dirá então o motivo que me deu a honra de sua visita.

— A visita de um pobre velho não honra... incommoda.

— Deixemo-nos d'isso, disse o moço; tenho que fazer; diga o que quer.

O velho guarda-portão sorriu-se amargamente d'aquelle modo incrível, e d'aquelle arduo desprezo com que era tratado por Salustiano.

— Então?! tornou este.

— Venho contar-te uma historia, mancebo.

— Crê o senhor que tenho tempo de sobra para gastar ouvindo suas historias?...

— Oh! que sim! rico senhor! baixando á sepultura, teu pai te repetio com voz já sumida as mesmas palavras, que mil vezes te havia dito nos tempos da vida: — ouve, meu filho, ouve e obedece a João e a Rodrigues, como se fôsse a mim que obedecesses.



ieb

— E a que vem isso?

— E' preciso portanto que ouças a historia d'esses dous velhos, e a de teu pai tambem; porque emfim... o moço val de novo indo no máo caminho!

— Senhor!

— Mancebo! escuta: não é por mim, é por ti que eu aqui venho. O raio está levantado sobre tua cabeça, e prestes a desfechar-se... eu quero mostrar-te o meio de vencer a tempestade: escuta.

A voz do velho tinha um não sei que de lugubre e terrível, que causou impressão profunda em Salustiano, o qual, como para esconder a commoção que ella acabava de produzir em seu animo, sorriu-se á força, e disse:

— Portanto, escutemos o propheta.

Rodrigues fingio não ter ouvido a zombaria do moço, e, cruzando os braços sobre o peito, em pé, defronte de Salustiano, começou a historia assim:

— N'outro tempo, mancebo (bastantes annos já são passados), havião n'esta mesma provincia do Rio de Janeiro, e em um dos seus municipios de serra acima, dous jovens bellos, ardentes, e generosos: tinhão ambos a mesma idade, vinte e cinco annos; seus pais havião morrido, e lhes deixado ricas heranças: Pedro e Paulo se chamavão elles: não erão parentes; achavão-se no mundo sós e com um destino em tudo semelhante; Paulo tinha apenas um tio que d'elle não gostava; Pedro não conhecia parente algum. Esses dous moços encontráram-se pois no mundo tão iguaes, tão semelhantes, que se abraçáram um com o outro, juráram amizade eterna, amárão-se como irmãos gêmeos, misturáram seus prazeres e seus pezares; de modo que aquelle que offendesse Paulo teria offendido Pedro, e o que fôsse amigo d'este seria por força tambem amigo d'aquelle.

— Até ahi nada de novo, meu caro, disse Salustiano; e, para poupar-lhe palavras, declaro que já sei que esse



Paulo era meu bisavô, e esse Pedro o respeitavel avô do Sr. Rodrigues.

Sem dar attenção ao que acabavz. de dizer Salustiano, o velho continuou :

— Esses dous amigos amirão ao mesmo tempo duas interessantes jovens; casarão-se no mesmo dia, e cedendo ao ardor da idade, e ás instigações de falsos amigos, votarão-se ambos a uma vida de prazeres e de loucuras, que elles não pensavão de acabar um dia. Os banquetes erão succedidos por outros banquetes, e sómente interrompidos pelas caçadas, pelas pescarias, e por mil outros prazeres. Levirão muito tempo assim, até que chegou um dia em que Pedro foi ter com o seu amigo, edisse-lhe :

— Paulo, temos andado mal; os meus bens chegão apenas para os meus credores.

— Pedro, disse o outro; acordamos tarde; eu devo tambem tudo quando possuo.

— Que faremos agora ?

— Primeiro que tudo pagar a quem devemos

— Os dous amigos chamarão os seus credores, satisfizerão suas obrigações como homens honrados que erão, e acharão-se com uma simples e pobre casinha para ambos, com uma mulher e um filho cada um d'elles, com duas espingardas, dous cães de caça, uma canóa, uma rede, e mais nada.

« Sorrirão-se ambos, olhando um para o outro, quando inventariarão os restos de sua antiga riqueza.

« Os antigos companheiros de festas e de seus prazeres desprezarão os dous amigos : elles rirão-se ainda.

« Erão dous homens de grande coração, de muito orgulho, e de immenso valor.

« Pedro nada tinha que esperar; Paulo nunca se lembrou que lhe restava um tio.

« Unidos sempre, esses homens embarcavão-se na leve canóa, e os fertéis rios do Brasil lhes davão peixe para suas mulheres e seus filhos.



ieb

« Outras vezes, seguidos dos dous unicos amigos que tinham ficado sempre fieis, de seus dous cães, Pedro e Paulo embrenhavam-se n'essas matas verde-negras, que cobrem numerosas legoas sem interrupção ; ali, ao lado um do outro, com seus cães ao pé e suas espingardas no hombro, impavidos e frios, elles esperavam a hora, em que começariam a combater com o tigre e o javali.

« Cem vezes Pedro salvou a vida de Paulo ; cem vezes Paulo livrou da morte a Pedro ; e depois, rotos, feridos, cobertos de manchas de sangue, elles voltavam á sua pobre casinha curvados sob o peso das victimas de seu valor e de sua dextreza.

« Mas um dia, no meio d'essa vida de trabalhos e de perigos, chega a noticia da morte do tio de Paulo, e outra vez a riqueza para este.

« Paulo era o herdeiro de seu tio.

— Somos ricos outra vez, disse este ao seu amigo ; vamos para nossa casa : e agora saberemos ajuntar para nossos filhos.

— Vamos, respondeu Pedro sem vexame.

« Começarão de novo os dous amigos a gozar vida de abundancia e de socego ; porém nada mais de banquetes, nem de festas.

« E quando elles morrerão deixarão seus dous filhos unidos como se fôsem dous irmãos gêmeos.

« O filho de Paulo tinha ficado rico, e o seu amigo era apenas senhor de mediocres teres ; mas essa differença da fortuna não mudou nada á amizade, que os ligava.

« Amárão-se constantemente como seus pais ; como seus pais casarão-se no mesmo dia. Um d'elles teve um fructo de seu hymeneu ; foi um bello menino que se chamou Leandro ! foi o filho do rico.

— Meu pai, murmurou Salustiano.

— O outro teve dous filhos gêmeos e uma filha que se chamavam João, Rodrigues, e Emilia. Fomos nós, Sr. Salustiano.



— Eu o sei.

— Quando nossos pais morrerão, bem cedo!... ficámos no mundo, herdeiros d'essa amizade pura, e sagrada, que era a honra de nossas famílias, e que fazia admiração das outras.

Salustiano não disse nada.

— Com orgulho, com a consciencia cheia de prazer, de verdade, e de socego, nós dizíamos: — seremos como nossos pais! — oh! não desmentimos nunca!... fomos os derradeiros, é certo... porque minha irmã morreu, e meu irmão e eu não temos filhos; e porque o Sr. Leandro teve um filho que se não parece com seus antepassados.

— Senhor!

— Silêncio, mancebo!... eu tenho o direito de te reprehender! fui o irmão d'alma de teu pai... sou um dos ultimos herdeiros da amizade de cem annos!... abaixa os olhos diante de mim; porque tu não serás nunca como forão os teus e os meus, e como somos ainda, meu irmão e eu. Silêncio, mancebo; quem falla aqui não é o pobre velho Rodrigues, é a voz da amizade de cem annos.

O moço, apezar seu, abaixou a cabeça.

O velho proseguio:

— Sim... honra a nós; nós fomos como os nossos: Leandro, João e Rodrigues erão um só homem, e Emilia, dez annos mais moça do que nós e seis do que Leandro, era a menina dos olhos de todos tres, era o brilhante que se preparava para a corôa de alguém que fosse digno de ajuntar-se connosco. Emilia era bella, pura, ingenua como um anjo, com seus olhos pretos, suas faces pallidas, e seu corpinho debil... pobre Emilia!..

O velho enxugou com a face dorsal da mão direita duas grossas lagrimas, que estavam pendendo de suas palpebras. Depois continuou:

— Leandro apaixonou-se de uma joven senhora, tão linda como vaidosa, tão rica como pouco nobre: tarde



conhecêmos esses defeitos; aliás, o nosso amigo não teria sido esposo de Mathilde.

— Falla de minha mãe, senhor? disse Salustiano erguendo a cabeça.

— Bem o sei, tornou o velho proseguindo: depois de casar-se Leandro, pediu-nos que consentissemos que Emilia fosse morar com sua mulher: nossa irmã tinha então dezesseis annos. Consentimos. Passarão os primeiros mezes sem que suspeitassemos, sem que cousa alguma podessemos reear. Cêdo porém começou Leandro a experimentar os excessos e effeitos da vaidade de sua mulher: sua casa se tornou em um inferno; sua vida foi um martyrio constante. O unico lenitivo, que achava para minorar seus soffrimentos o nosso pobre amigo, era vir depositar suas magoas em nossos corações, e ir choral-as ao pé de minha irmã.

O velho respirou, e depois disse ainda:

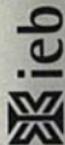
— Tua mãe, mancebo, aborreceu os amigos de teu pai: ciumenta e louca, vio uma rival em minha irmã, e inspirada pelo demonio, esquecida de tudo quanto é nobre e generoso, concebeu um pensamento infame!...

— Senhor!

— Na manhã de um domingo, depois do sacrificio da missa, que se celebrava na capella da fazenda de Leandro, estando a casa cheia, diante de meu irmão e de mim, mesmo á vista de seu marido, ella enxotou de sua casa a minha irmã, cobrindo-a de improperios e de maldições, dizendo contra ella calumnias que a nodoavão! oh! sim, mancebo, a lingua de tua mãe deshonrou a minha irmã! disse que uma virgem era uma mulher impura!.. disse que seu marido a desprezava por minha irmã... disse tudo... tudo... disse tanto, que Emilia cahio desmaiada nos meus braços.

Salustiano não pronunciou uma só palavra em defesa de sua mãe. O velho continuou:

— Levámos a pobre moça desmaiada como estava



para nossa casa: mancebo! quando minha irmã tornou a si, estava doida. Infeliz! vagava horas inteiras e sem cessar, interrompendo-se apenas para levantar a voz bradando — é falso!... — e vagava de novo, corria ajoelhando-se, erguia as mãos ao céu, e bradava — é falso! — lançava-se em nossos braços, chorava, soluçava, e por entre seus soluços deixava escapar o seu grito de innocencia — é falso. — Ah! mancebo! mancebo!... um mez inteiro se passou d'esse modo, e no fim d'esse mez ella expirou em nossos braços murmurando ainda a triste phrase — é falso! — Mancebo! mancebo! quem fez enlouquecer, quem fez morrer nossa irmã?...

Salustiano não respondeu nada.

— Foi tua mãe. Pois bem: a Providencia tomou o cuidado de vingar-nos; Mathilde não gozou o doce prazer de beijar seu filho. Mancebo, tu custaste a vida de tua mãe; ella morreu alguns momentos depois de te haver dado a luz.

— Infeliz! balbuciu Salustiano.

— E em nossos corações, proseguio o velho, a santa e immaculada amizade de cem annos teve força bastante para fazer com que João e Rodrigues carregassem ao collo o filho da assassina de Emilia: sim! porque o filho de Mathilde o era tambem de Leandro. Mas o nosso amigo tinha recebido terriveis golpes; a lembrança de Emilia o atormentava; a morte de sua mulher, que apesar de tudo elle amára extremosamente, veio augmentar seus pezares; lembrou-se da côrte, sempre cheia de ruido, de festas e de prazeres, e enfim, resolveu-se a deixar a vida do campo. Vendemos quanto possuíamos, e viemos estabelecer-nos aqui. Mancebo, o resto de nossa vida tu sabes... é uma historia de vinte e cinco annos de cuidados gastos comtigo, pois que tinhas apenas um anno quando deixaste os campos onde nasceste. Dize pois, não te lembras nunca do amor com que te tratavão os dous amigos de teu pai?..



— Senhor...

— Eras um menino indocil... passaste a ser um moço extravagante e altivo: dize pois, mancebo, já te esqueceste de que uma nodoa... a deshonra te ia manchar, e de que fomos nós os que te arrancámos, te salvámos da infâmia ?!

— Basta! exclamou Salustiano córando.

— Ninguém nos ouve aqui, tornou o velho; podemos fallar sem receio: para alimentar teus vícios ousaste furtar uma firma... teu nome foi escripto no rol dos criminosos... e quem te valeu então?... quem comprou um escriptão sem honra, que prestou-se a queimar o processo?... quem pagou ao homem cuja firma tinhas imitado?... lembra-te, mancebo, que fomos nós, João e Rodrigues; porque teu pai queria que o filho indigno soffresse a pena merecida... lembra-te que fomos nós, que suspendémos a maldição que dos labios de um pai austéro ia cahir sobre o filho pervertido.

— Senhor! senhor!...

— Sim... conseguimos o teu perdão; e quando a morte veio arrebatat-nos o nosso amigo, as ultimas palavras que te dirigio, forão essas, que já m'as ouviste hoje: « ouve, meu filho, ouve e obedece a João e Rodrigues, como se fôsse a mim que obedecesses.

— E' preciso concluir, senhor!

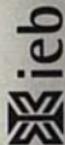
— Morto teu pai, uma nobre missão chamou-me longe d'esta casa: meu irmão porem ficou velando por ti. Mancebo, como pagaste ao amigo de teu pai os extremos, que gastou contigo?... dize.

— Respeitei-o, disse Salustiano: respeitei-o até hon-  
tom.

— E hoje?

— Hoje o offendido fui eu.

— E qual a offensa?... pretender meu irmão arrancar de teu poder um papel, que te não pertence?... que direito tens sobre aquella carta?... que uso queres fazer



d'ella?... ah! mancebo, o amigo de teu pai vem dizer-te, que isso que tens no pensamento, e que cuidas realisar, mercê d'essa carta, é uma infamia.

— Senhor!

— Mas ainda é tempo de voltar atrás; os olhos da amizade dos cem annos ainda te olhão com piedade: em nome; de teu pai João te perdôa: em nome de seu pai eu te venho chamar para o caminho da honra. Mancebo, dá-me a carta da filha de Anacleto.

— Oh!... eu tinha adivinhado o motivo da sua visita, Sr. Rodrigues.

— E então?

— E' impossivel conseguir de mim o que pretende: reconheço os serviços que lhe devo; respeito os velhos amigos de meu pai, mas não posso abandonar assim a unica esperança...

— A esperança, de que?

— De alcançar a posse da mulher que adoro.

— Não a alcançarás nunca.

— E essa carta, senhor?!!!

— Essa carta fará a desgraça de uma mulher, e mais nada.

— Mas essa mulher terá meios de fazer-me esposo de Celina.

— Não, não; porque haverá quem se levante entre a virgem pura e nobre, e o mancebo pervertido...

— E quem ousará?...

— Eu.

— Bem, Sr. Rodrigues, veremos.

— E a carta, infeliz moço?...

— Nunca.

— Mas quando a vingança do offendido vier cahir sobre tua cabeça?...

— Nada receio.

— Pensa bem, mancebo: d'aquí a uma hora na poderá salvar-te... pensa...



  
ieb

- Estou decidido, senhor.
  - Então toda a esperança de conciliação está perdida;
  - Toda.
  - E as consequencias?...
  - Embora.
  - Fiz quanto pude, disse o velho com voz lugubre ;  
agora nada mais ha que esperar.
- Salustiano sorrio-se.
- Rodrigues ergueu o braço direito como apontando para o céo, e sahio dizendo :
- Justiça será feita.
- 



rdida;

ubre ;

tando

## XIX

### No alpendre

Logo que Rodrigues sahio, João entrou para o quarto d'este, cerrou a porta e esperou a volta de seu irmão, meditando sobre os meios de realisar um projecto, que desde muitos dias, e então mais que nunca, o occupava.

Chegou Rodrigues, e adivinhando onde se recolhêra o irmão, abriu a porta e entrou.

O velho guarda-portão estava triste e abatido.

— Então?... perguntou João.

— Nada.

— Não te havia eu prevenido de que serão inuteis todos os teus esforços?

— Paciência; mas fiz o que devia.

— E agora ainda quererás suspender-me?

— Não, convém que aquelle moço seja abatido.

— Bem : tomo isso á minha conta.

Ficarão os dous velhos pensando durante algum tempo, e depois João perguntou :

— E a respeito do outro, que novidades ha?

— Hontem á noite fez elle vinte e um annos.

— Eu o sei.

— A' meia noite bateu á porta do Purgatorio-trigueiro uma mulher de mantilha, que o foi procurar.

— E essa mulher...

— Era Marianna.

— O que queria d'elle?



ieb

— Não sei bem, mas parece que conseguio muito, porque ao romper do dia de hoje cheguei ao Purgatorio-trigueiro muito a tempo...

— A tempo de que?

— De desmanchar um projecto de viagem a mais extravagante do mundo. Candido ia partir.

— Para onde?

— Elle mesmo não sabia dizer.

— Rodrigues, aquella mulher é o diabo em pessoa.

— E' muito desgraçada, João.

— Por culpa d'ella : tu foste sempre mais piedoso do que eu.

— Não, tu és que te finges máo.

— Está bem; e então não conseguiste saber o motivo d'essa viagem?

— O nosso pequeno teimou em occulta-o.

— Mas por fim, cedeu e ficou.

— Sim; porém custou-me muito : foi-me preciso tocar-lhe na corda mais sonora de seu coração.

— Ah! já sei; fallaste-lhe em sua mãe.

— E' verdade.

— Pobre rapaz!... e como vai elle de amores?

— Olha, João, eu não o entendo : até hontem á meia noite era todo ardor, paixão e esperança.

— E hoje?

— Não quer ouvir o nome da Bella Orphã.

— E está!...

— A mulher de mantilha dobrou muito á sua vontade aquelle coração.

— Quando eu digo que ella é o diabo!

— Infeliz! treme diante do mundo : Salustiano é um aspecto que a assombra ; obedece-lhe como a um senhor.

— Cedo eu a livrarei d'esse phantasma.

— Como?

João ficou olhando por algum tempo para Rodrigues, e depois disse : Está bem... era um segredo que eu queria guardar para mim só ; mas vou dizer-t'o.



Rodrigues escutou curioso.

— Tens um bello vizinho ali defronte, disse João.

— Sim, é o celebre Jacob... aquelle nosso escrivão do processo.

— Pois sabe que é muito meu amigo.

— Teu amigo?...tu apertas a mão de similhante homem?

— Aperto.

— João!

— Nada de reprehensões; escuta : observei que o tal Jacob ia de vez em quando ter com Salustiano; ficavão a sós por algum tempo, e depois o escrivão retirava-se muito alegrezinho, e o outro ficava por algumas horas de máo humor.

— E a razão?

— Um dia consegui ficar em posição de ouvil-os, e apanhei-lhes o segredo. O escrivão é duas vezes infame.

— Como?... explica-te.

— Infame, porque recebeu dinheiro para queimar um processo, e por isso perdeu o officio; e infame outra vez, porque o processo não está queimado.

— E então?...

— Elle o guarda.

— Oh! mas isso é o diabo.

— Pelo contrario, eu julgo que é excellente. Já te disse que tenho estreita amizade com Jacob.

— E que pretendes fazer?

— Ir morar com elle.

— E esperas conseguir isso?

— Com dinheiro tudo se consegue d'aquelle homem : vou alugar-lhe um quarto em sua propria casa.

— E depois?

— Depois os papeis estão lá, e hão de ser meus, custe o que custar.

— Fallar-lhe-has n'isso?

— Deos me defenda : Salustiano deve têl-os pago bem, para que elle m'os quizesse ceder!

— Olha, João, se te vás metter n'alguma...

— Deixa o caso por minha conta ; mas que é isto?...



  
ieb

Ouvio-se uma voz terna e melancolica, que começava a cantar o romance do Sonho da Virgem.

« Era um dia um mancebo, qu'ardente,  
 « Pobre vida esquecido vivia;  
 « E uma virgem...

O velho Rodrigues sorrio-se.

— De que te ris?... perguntou João.

— E' que este canto me está chamando. A Bella Orphã tem que me conftar.

— Pois vai; adeos.

— Não, espera; pôde ser que convenha que saibas o que ella tem para me dizer.

João ficou outra vez só no quarto de Rodrigues.

Uma hora depois voltou o velho guarda-portão.

— Que novidades ha? perguntou João.

— O caso vai-se complicando.

— Então que temos?

— A tal mulherzinha de mantilha obteve do nosso pequeno uma carta para Celina.

— Bravo! provavelmente o rapaz desmanchou-se todo em juramentos de amor.

— Ao contrario, declara á nossa Bella Orphã que a não ama, e que não quer illudil-a por mais tempo.

— E esta!... que dizes a isto?

— Fiquei com a cara á banda, João!

— Que disseste á pobre menina?

— Que desconfiasse, e que esperasse.

— Realmente foi boa resposta.

— Agora vamos sahír, João.

— Para onde?

— Tu para casa de Jácob, e eu para o Purgatorio-trigueiro.

— Vamos.

Os dous velhos separárão-se á porta do alpendre. João entrou na casa de Jacob, e Rodrigues foi conversar com a velha Irias.



## O coração de Jacob

Estava correndo a segunda noite depois d'aquelle dia, em que João tinha sido lançado fóra da casa de Salustiano, Erão cerca de dez horas.

Na acanhada saleta de jantar da cozinha, que ficava fronteira ao Céu côr de rosa, estavam tres personagens ceando alegremente, sentadas ao redor de uma pequena mesa: erão Jacob, Helena e João.

O antigo agente da casa de Salustiano tinha calculado bem com o genio interesseiro do ex-escrivão; logo que se separou de Rodrigues apresentou-se na casa de Jacob com a bolsa na mão, e foi immediatamente recebido e installado no melhor quarto da casa.

Logo na primeira noite João offereceu a seus hospedes uma excellente ceia: Jacob era amigo de bom vinho, e Helena, ou por condescendencia, ou por que quer que fósse, gostava de tudo de que seu marido gostava: portanto comeu-se e bebeu-se até alta noite.

Na que se estava seguindo, repetio-se a mesma scena. No entretanto conversavão.

— Mas, como ia fazendo notar, disse João, parece que o destino foi quem decidio que nos ajuntassemos; eu fui um dos que cooperei para sua desgraça, e portanto era justo que viesse ajudal-o a soffrê-la.

— Não nos lembremos d'isso, disse Helena.



— Sim, affoguemos os pezares com vinho.

— Vá feito ! exclamou Jacob ; á saude da boa amizade. E apenas esvaziados os copos, João os encheu de novo, porém com vinho differente.

— Esta mistura de vinhos é que hontem me fez mal, observou Helena.

— Ora, saude... um dia não é todos os dias...

— Apoiado ! bradou Jacob.

— Comamos um pouco d'este bólo inglez para fazer lastro

— Vamos a elle, que está excellente !

— Eu já pedi a uma comadre minha a receita dos bólos inglezes ; mas a maldita egoista deu-me uma como a cara d'ella.

— Perdemos uma duzia de ovos, meu caro João.

— Deixe estar, Sra. Helena, que eu lhe hei de trazer a verdadeira receita dos bólos inglezes.

— Oh ! Sr. João, não faz idéa do gosto que me dará.

— Sr. Jacob, lá vai a saude da sua boa senhora !...

— A razão da mesma !

Jacob e Helena, pouco habituados a beber vinhos de diversas qualidades, começavam a demonstrar uma alegria e vivacidade muito significativa.

— Que vinho delicioso ! disse o escrívão.

— Tem vinte e cinco annos de sepultado.

— Ah !... eu logo vi...

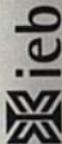
— Mals um copo.

Os dous não se fizeram rogar.

— A proposito, disse João ; hontem o Sr. Jacob começou a contar-me uma historia que infelizmente não pôde concluir.

— Qual ?

— A historia de uma grande trovoada domestica : uma briga entre marido e mulher, a consequente separação dos sujeitinhos, e depois a sua recente conciliação... que diabo ! eu fiquei espantado de o ouvir contar as cousas, como se as tivesse testemunhado, e ainda mais me,



espantei quando disse que tinha documentos d'isso no coração.

— Quando m'!... ah!...

Helena soltou tambem a sua risada.

— Elle não entende o que é o meu coração!...

— E' verdade... confesso que não posso adivinhar semelhante charada.

— E' segredo de familia, e portanto...

— Basta... já não quero saber. Vá um copo de vinho aos segredos de familia.

— Vá!

João, que desde a noite anterior concebia as melhores esperanças de realizar o plano, que trouxera em mente quando viera morar em casa de Jacob, deixou passar cerca de um quarto de hora, durante o qual fez com que o ex-escrivão e sua mulher esvasiassem ainda mais dous calices de vinho, e depois disse:

— Mas, tornando, como lá se diz, á vacca fria, devo notar que não são muito concordes em um'ponto da tal historia.

— Em qual?

— O Sr. Jacob diz que o casal brigado e separado reconciliou-se em consequencia de uma carta muito cheia de lamurias e de tolices, escrita por um d'elles.

— E' certo!

— Foi tal qual.

— Sim; mas hontem o Sr. Jacob sustentou que a carta estava assignada pela mulher, e a Sra. D. Helena jurou que era do proprio punho do marido.

— E' da mulher.

— E' do marido.

— Então em que ficamos?

Não faltava mais nada?... uma mulher abaixar a cabeça a um homem!...

— Pois digo-lhe eu que a carta é da mulher! exclamou Jacob, dando na mesa um forte murro.

— E' mentira, Sr. João!



O velho soltou uma gargalhada estrepitosa.

Jacob e Helena, extremamente *espiritualizados*, teimavam um com o outro com desespero e furor: João, em vez de apasigual-os, os desafiava cada vez mais com suas gargalhadas.

— Ferve-me o sangue quando esta mulher do diabo teima comigo!

— Este homem, Sr. João, não abre a boca que não minta! é um inimigo das mulheres...

— Pois se a carta é da mulher!...

— E' do marido!

— Oh! senhora,, não teime...

— Tenho dito: é do marido

— A senhora não sabe que eu tenho a carta no meu coração?...

João fez um movimento

— Pois, se lhe parece... eu não tenho medo...

Jacob olhou para João com ar ainda meio temeroso. Deixemo-nos d'isto, disse este; acabemos com esta contenda; vá á saude dos bons esposos!

Os copos esvasiárão-se de novo; d'ahi a algum tempo João tornou:

— Mas vamos: a carta era da mulher ou do marido? A embriaguez de Jacob e Helena já então era completa; gaguejavão ambos, fallando ao mesmo tempo.

— E' da mu... lher...

— E' do ma... ri... do...

— Quem falla verdade? decidamos.

— Eu...

— Eu...

Os dous disputantes ficárão desesperados outra vez.

— Eu... vou... bus... car... o co... ra... ção!... exclamou Jacob.

Helena respondeu-lhe com um insulto, e o escrívão, cambaleando e segurando-se pelas paredes, dirigio-se ao seu quarto.



No, entretanto, e para que Jacob não se deixasse ficar no quarto, pois que tudo se podia esperar do estado de embriaguez em que se achava, João, instigando Helena, fazia com que a mulher injuriasse em alta voz a seu marido.

Jacob appareceu de novo á porta da pequena saleta. João lançou um olhar cheio de curiosidade, de duvida e de esperança sobre aquelle homem.

O ex-escrivão vinha abraçado com uma caixa de jacarandá, que se mostrava sob a fórma de um coração.

Era de facto aquillo que ardentemente desejava vêr o antigo agente de Salustiano: era o coração de Jacob.

— Até que, emfim! murmurou João por entre os dentes.

E ergueu-se para ir ajudar a Jacob que vinha cambaleando.

O ex-escrivão chegou finalmente á mesa, e indo depositar ahi a caixa que trazia, debruçou-se sobre ella olhando meio risonho, e ainda meio desconfiado para João.

— Vamos decidir a questão, disse este.

— E' do ma... ri., do, balbuciu Helena.

Com um movimento de desespero o ex-escrivão desabotoou o seu infallivel fraque roxo, abriu a camisa, e deixando vêr um peito vermelho e cabelludo, foi com mão mal segura tirar um cordão preto, a que estava presa uma pequena chave.

— Vejamos... vejamos... disse João todo desejos e esperanças.

Jacob trabalhou por muito tempo para introduzir a chavinha na fechadura; porém, conhecendo que o não podia fazer, sentou-se de novo risonho, e disse gaguejando:

— Que... di... a... bo... não pos... so... pa... re... ce... me que... es... tou be... ba... do.

— Dé-me a chave, que eu abro...

O ex-escrivão soltou uma gargalhada, sacudiu a cabeça e tornou a enfiar o cordão no pescoço.



— Também não vale a pena perder tanto tempo por isso, tornou João; acabemos o prazer d'esta noite com um ultimo copo de vinho.

E encheu os copos. Jacob bedeu metade, e entornou sobre a mesa e sobre si mesmo a outra metade.

Helena não bebeu, porque já dormia a somno solto.

O antigo agente de Salustiano deixou cahir a cabeça, e pareceu adormecido.

D'ahi a pouco Jacob roncava como um endemoninhado.

No fim de um quarto de hora João ergueu-se, observou cuidadoso os dous esposos; abriu a camisa do ex-escrivão tirou-lhe o cordão do pescoço, e introduzindo a chavinha na fechadura da mysteriosa caixa, deu uma volta, e o coração de Jacob ficou por dentro patente a seus olhos.

A caixa estava cheia de papeis de todos os tamanhos e de toda natureza.

Cartas de familia, escriptos de amor, originaes de antigos impressos, tiras de papel com algumas linhas escriptas, mas cujo sentido era quasi impossivel decifrar, antigos processos... papeis judiciaes... e uma multidão immensa de outros objectos enchão o coração de Jacob.

O ex-escrivão tinha realmente dado um nome muito significativo áquella caixa: era o seu coração.

Era o coração do homem máo, intrigante, mal licente. Dentro d'elle estavam os materiaes, com que elle podia accender a guerra entre familias.

Jacob era um malvado, ou para melhor dizer, um miseravel malvado.

João não se demorou em fazer observações sobre o que tinha diante dos olhos; foi passando um por um todos aquelles papeis, até que chegou a um processo.

— Ah! eil-o aqui!... eil-o aqui!... exclamou sem poder suster-se.

E folheando o processo chegou a um lugar, em que havia um documento:

— Alettra falsa!... disse.



E como se mais nada lhe importasse do resto ; como se houvera completado a sua missão n'aquella casa, guardou o processo no largo bolso de sua sobrecasaca, fechou o coração do máo, poz de novo o cordão no pescoço de Jacob, e indo ao corredor da casa despertou a escrava, mandou que lhe abrisse a porta da rua e tomando o chapéo, sahio.

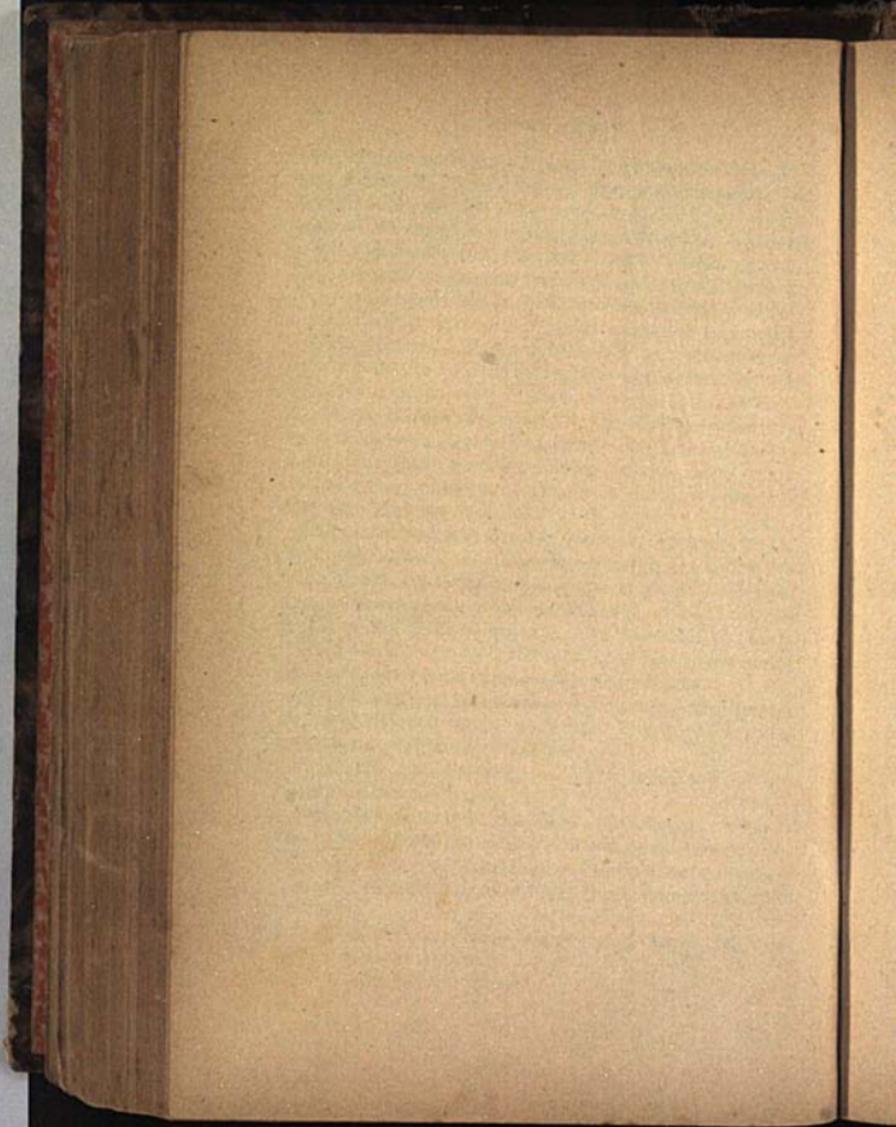
Era mais de meia noite.



  
ieb



ieb



XXI

Marianna

Uma verdadeira guerra de emboscadas era a que estava declarada : cada um dos combatentes tinha seu segredo, e por elle velava ; alguns tinham dous segredos tambem ; um que fazia alentar, e outro que fazia córar : outros vivião suspensos e temerosos, victimas innocentes da intriga que fumegava.

João e Rodrigues, senhores das pontas d'aquella meada embaraçada velavão, tendo os olhos fitos em Salustiano e Marianna ; mas parecião guardar ainda para si o — seu segredo querido, — que era talvez a historia de Candido.

Salustiano e Marianna esperavão e tremião : tinham ambos que esperar : ambos porém tinham ao mesmo tempo de córar.

A velha Irias ignorava por ventura tudo ? parece ao menos que sim.

Anacleto, Candido e Celina erão aquelles que vivião suspensos e temerosos erão elles as victimas innocentes que se preparavão, porque o primeiro deveria chorar por sua filha, e os dous ultimos por seu amor.

Henrique nada temia, e tudo esperava : estava quasi a brilhar o dia de seu casamento.

Os acontecimentos se ião precipitando, e deixavão adivinhar que o drama corria para um proximo desfecho. O dia que succedeu á noite de embriaguez de Ja-



cob e de Helena, embriaguez que havia deixado cahir o coração do ex-escrivão nas mãos do antigo agente da casa de Salustiano, foi de terríveis surpresas para o primeiro e para Marianna.

Salustiano soube na manhã d'esse dia que um documento importante, que o tornava criminoso publico, havia cahido nas mãos do homem, que dous dias antes se declarára seu inimigo.

Concebe-se qual deveria ser o effeito d'essa horrivel noticia: era um raio que acabava de levantar-se sobre a cabeça do misero mancebo.

A Providencia castiga o crime por todas as maneiras: castiga-o mil vezes por seus descuidos e imprevidencias; aquelles que tinham comprado Jacob, poderião e deverião tê-lo visto queimar o processo e a lettra falsa: a falta d'esse cuidado era agora um castigo que vinha sobre o crime, que não deveria ficar impune.

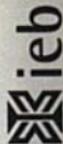
Salustiano mandou deitar fóra de sua casa o ex-escrivão, que acabava de lhe trazer a fatal nova, e ficou só... perdido em um mar de reflexões torturadoras... aterrado e furioso.

Depois lançou-se sobre sua secretaria, e escreveu uma carta com rapidez e desesperação.

.....  
Por sua parte Marianna tinha apparecido n'aquelle dia mais abatida que de ordinario. Um sonho terrivel a atormentára toda a noite; acordára tres vezes aos gritos de uma criancinha recém-nascida que lhe bradava; — minha mãe!

Depo.<sup>to</sup> do almoço retirou-se para o seu quarto, e ficou dolorosamente pensando... no futuro que a esperava.

Era um futuro portanto bem duvidoso!... de um lado estava Celina, que não daria nunca sua mão a Salustiano; do outro lado estava esse mancebo abominavel prompto para fallar, e com uma folha de papel na mão: e sua primeira palavra era a deshonra, e esse papel era o corpo de



delicto da desgraçada viuva!... e para completar o quadro, via-se no fundo um misero velho curvado pelos annos e pelos pezares, chorando com os olhos em sua filha, e descendo para dentro de uma cova funda como um abysmo!

E depois de tudo isso a imagem de um mancebo pallido e melancolico... a imagem de Henrique tão bello, tão cheio do mais puro amor, tão capaz de fazer a ventura de Marianna!...

Pensava n'isso, via tudo isso a infeliz mulher, continuava sempre a pensar e a vêr, até que ás onze horas da manhã uma escrava entrou em seu quarto, e entregou-lhe uma carta que acabava de chegar.

Marianna abriu a carta e estremeceu ao lêr a assignatura.

Era a carta de Salustiano.

Retirou-se a escrava a um aceno da viuva, que, apenas se achou só, leu a carta: « Senhora, um acontecimento, que pouco lhe importará saber qual seja, porque sómente a mim diz respeito, acaba de obrigar-me a modificar minhas disposições: a escriptura de meu casamento com a senhora sua sobrinha deverá impreterivelmente ser hoje assignada. A's cinco horas da tarde terei o prazer de ir ao Céu côr de rosa, levando comigo a escriptura de que fallo, e a carta, que com toda probabilidade espero deixar hoje em suas mãos. Tenho a honra de assignar-me, etc. — Salustiano. »

Marianna ficou petrificada, pallida e immovel como um cadaver ao principio; depois com o rosto contrahido, os olhos espantados e o corpo convulso, causaria piedade ao coração mais duro.

Era a sentença final que a misera acabava de lêr... o que lhe restava?... o que lhe cumpria fazer?...

Mas passada uma hora a graciosa cabeça d'aquella encantadora mulher ergueu-se bella e orgulhosa; brilháram seus olhos com ardor immenso, suas faces se animáram com o rubor da vida, e um sorriso que se não



podia bem traduzir, que tinha alguma cousa do rir rível do desespero, e do rir socegado de um martyr christão, raou em seus labios grossos e voluptuosos, deixando alvejar seus lindissimos dentes.

Animava-a a idéa de um novo crime: ella se exaltava com um pensamento sinistro.

— Vencerei...a meu modo!... murmurou ella.

— E depois, por entre uma risada nervosa, e como filha da loucura, accrescentou :

E' um tigre!... é um tigre que pretende devorar-me!... livrarei a minh'alma de suas garras...deixar-lhe-hei o meu corpo... ah! sim!... o tigre que se farte no meu cadaver!...

A infanticida meditava no suicidio!...

Porém ella sentio rumor : ouviu os passos compassados de alguém que vinha subindo a escada : erão os passos de um velho.

Marianna correu a receber seu pai.

— Meu pai!... exclamou ella.

O velho recuou dous passos, como sobresaltado, depois cruzou as mãos e disse :

— Graças a Deos!

— Porque, senhor?...

— Porque enfim te vejo alegre, Marianna.

Foi com tão viva expressão de prazer que aquelle bom velho agradeceu ao céo a alegria, que estava brilhando no rosto de sua filha, que ella mesma não pôde resistir á dôr que lhe causava a mentira que illudia seu pai.

Os olhos de Marianna arrasárão-se de agua : a misera começou a soluçar desabridamente, de joelhos, abraçada com as pernas do sensível velho.

— Minha filha! minha querida filha!... que é isto?... bradou então elle; por acaso enganei-me eu?... és sempre incompreensivelmente desgraçada?...

Marianna chorava mais ainda.

— Filha da minh'alma, continuou Anacleto chorando tambem, falla! derrama no meu coração os teus pezares...



falla pelo amor de Deos! se tens um segredo, onde acharás para esse arcanó mais bem cerrado tumulo, do que o coração de teu pai?... oh! falla!... a alma de um pai se abre piedosa ás penas que te dilacerão; falla! se um tal silencio continúa, e continúa essas lagrimas e esse constante soffrer, cuja causa me escondes, eu não posso resistir mais... eu morro, de certo!

— Senhor... balbuciou a misera.

— Ah! é porque tu não sabes o que é ser pai Marianna; é porque ignoras que não ha punhal, que rasgue mais dolorosamente as entranhas de um pai, do que as lagrimas de uma querida filha!... falla, meu anjo, falla, meu amor, falla, minha filha!... porque choras?... tens por ventura commettido uma falta?... a alma de teu pai é grande para t'a perdoar!... offendêrão-te?... falla, e meu tremulo braço readquirirá as perdidas forças para vingar-te... o que tens? vê que o teu silencio faz mal a ti mesma... lembra-te que esse mysterio, em que envolve a tua dôr, pôde dar lugar a que alguém suspeite...

— Com a rapidez do relampago desapparecerão todos os signaes de dôr ou de enternecimento, que em Marianna acabavão de mostrar-se. Tinha despertado a vaidade... a mentira.

A viuva ergueu-sê.

— Então, minha filha?

— Nada soffro, meu pai.

— Mas que contradicção é essa?... chego e acho-te risonha; dou graças a Deos pelo teu contentamento, e cahes a meus pés desfazendo-te em pranto; chorando tambem por minha vez, peço-te que falles; e tu te ergues altiva, com as olhos enxutos, e me dizes que nada soffres?! como explica isto?

A viuva pensou um momento, e depois respondeu tão socegradamente como se fôra a propria verdade, que nos seus labios fallasse:



  
ieb

— Meu pai, disse ella, tenho-lhe causado immensos pezares...

— Não nos lembremos das dôres passadas : o que eu quero saber é simples : o que te atormenta hoje ?

— Remorsos.

— Remorsos?! exclamou Anacleto.

— Sim, meu pai ; remorsos dos desgostos, que lhe tenho causado.

O velho fitou por alguns instantes os olhos no rosto de sua filha ; depois, sacudindo tristemente a cabeça, disse :

— Não é isso.

— Oh ! é isso, meu pai, é isso mesmo. Fui desde criança uma louca, cheia de presumpção e vaidade, e mais pequena contrariedade offendia meu orgulho ; um homem, que deixasse de queimar incenso a meus pés me levava ao desespero ; e depois, envergonhada de meus sentimentos, de minhas puerilidades, eu escondia a causa de minhas penas a meu pai, que chorava julgando-me desgraçada, quando eu era sómente uma pobre louca.

— E mais nada ? perguntou Anacleto.

— Muito mais, meu pai, muito mais ; porém tudo se reduz pouco mais ou menos a isso.

— E ultimamente ?

— Ultimamente eu era, eu sou louca como d'antes ; eu sou criança ainda hoje, meu pai.

E com um sorrir gracioso Marianna continuou :

— Devo confessal-o?... pois bem : eu sou ciumenta, meu pai, perdidamente ciumenta : estou para casar-me, e se Henrique olha duas vezes para uma senhora, faz-me estar triste un dia inteiro ; se conversa com prazer com outra, sou capaz de chorar duas horas. E não disse já que era louca ?

— E mais nada ? perguntou Anacleto de novo.

— Pois o que mais, meu pai ?

— Minha filha, tu não queres ainda confiar-me os teus pezares ; não tens piedade d'este pobre velho, que tanto te ama!... paciencia!



Outra vez se enchêrão de lagrimas os olhos de Marianna.

— Choras ainda?... eis ahi...

— Meu pai! eu lhe tenho feito soffrer muito; ainda hoje, ainda agora acaba de chorar por minha causa; pois bem; eu lhe prometto que amanhã, e que mais nunca me ha de ver pezarosa.

Anacleto estremeceu todo, e disse:

— Marianna!...

— O que tem, meu pai?

— O que acabas de dizer pôde-se entender de dous modos: é um pensamento que pertence tanto á vida como á morte, e talvez que ainda mais a esta ultima.

— Morte!... disse a viuva rindo-se; pensar em morte uma moça, que está em vespéras de casar-se?

— Ah! Marianna, quem te poderá comprehender sufficientemente?!!

A viuva apertou a mão de seu pai entre as suas, e perguntou:

— Meu pai, encommendeu as flôres?

— Encommendei, respondeu o velho suspirando.

— Eu quero que o meu vestido de casamento esteja prompto amanhã.

— Está bem.

— Meu adereço de brilhantes?

— Também amanhã o terás.

— Como meu pai me ama!!! exclamou Marianna abraçando o velho.

Anacleto apertou sua filha contra o coração sem dizer palavra.

O velho soffria muito; apesar de todos os esforços que fazia a viuva, o olhar penetrante de seu pai lia-lhe a mentira no rosto.

Ahi!...se elle podesse lêr também o pensamento sinistro e infernal, que pairava no animo de Marianna; se elle adivinhasse que debaixo d'aquelle rosto tão bello e tão risinho, d'aquelles olhos tão ardentes, e dentro d'aquella cabeça, tão graciosa estava a idéa da morte... o suicidio!..



— Mas, disse Marianna, agora é que eu reparo... meu pai está vestido para sahir.

— Sim; lembrei-me apenas ha uma hora, que faz hoje annos um de meus velhos amigos, e vou jantar com elle; vinha por isso dizer-te adeos.

— Não pretende voltar cedo?

— De ordinario a gente se demora mais n'estes dias...

— Então a que horas?

— A's dez da noite, pouco mais ou menos.

Apezar seu, Marianna sentio que lhe ião faltar as forças... tornou-se pallida, e segurou-se a uma cadeira.

Infelizmente escapou isso aos olhos de Anacleto, que se dispunha já a sahir.

— Meu pai, disse a viuva com voz muito commovida e suspendendo o velho, que já se achava na porta: meu pai, prometti-lhe que nunca mais me havia de ver pezarosa... pois bem; abençõe de coração a sua filha.

— Anacleto voltou-se com os olhos humidos, e abençoou Marianna. Depois sahio.

— Abençoou-me pela ultima vez! murmurou surdamente a viuva.

E ficou estatica..., pasma... aterrada. Tinha a morte n'alma.

---



XXII

Os remorsos

O crime mesmo, quando parece triumphar ou poder fugir ao castigo dos homens, envolto nas sombras dos mysterios, é ainda assim mil vezes mais desgraçado do que a innocencia, que succumbe.

A innocencia é sempre bella, sempre pura, sempre anjo aos olhos de Deos, que vê tudo, que vê o bem e o mal. A innocencia espinhada pelos homens, ou com nobreza os despreza, ou chora doida de suas injustiças; mas seu coração se volta para o céo, e suas esperanças voão para a eternidade: lá em cima o juizo dos homens é nada.

A innocencia é a virgem encantadora amada por Deos: Elle lhe paga cada lagrima com um triumpho: a gloria que a espera é tanto mais subida, quanto mais doloroso foi o seu martyrio cá em baixo.

E o crime?...

O crime é sempre duas vezes formidavelmente castigado, sem contar com as penas e tormentos a que o podem condemnar os homens.

E' castigado uma vez cá em baixo, e outras lá em cima: a sentença não tem appellação, nem na terra nem



  
ieb

na eternidade; porque, quem sentença é o juizo seguro, justo e severo de Deos.

Os castigos inventados pelos homens são nada. A que se reduzem esses castigos?... aos tormentos phisicos, á dôr: tornão-se inefficazes, ou por momentaneos, ou porque o habito de os soffrer os nullifica.

O que é a forcá ou a guilhotina?... uma hora de terror, e um momento de dôr. O que é a prisão com trabalhos?... perguntai aos galés se no fim de um anno lhes pesão os ferros como no primeiro dia; se no fim de dez annos os seus soffrimentos são os do primeiro anno?...

E depois, contra a policia e vigilancia dos homens tem o crime os ermos, e as noites; e tem mil vezes, para vergonha da humanidade, uma protecção escandalosa, que o torna impune; embora em casos taes essa protecção deva ser considerada um outro crime... igual talvez ao primeiro.

Mas, graças a Deos, ahí está sobre os homens, vigilante sempre, o olhar luminoso da Providencia.

Não ha ermos para esse olhar; os bosques sombrios, as cavernas, as altas penedias apparecem diante d'elle lisos todos como a superficie de um quieto lago.

Não ha noite, não ha trevas, não ha mysterio: esse olhar é o sol.

Não ha protecção possivel; perante o alto juizo, quem protege um delinquente é o delinquente mesmo com o arrependimento sincero e profundo; com a pratica de nobres e puras accões.

E esse juiz severo e justo castiga duas vezes: cá... e lá: e os tormentos não são destinados ao corpo: o pó fica desprezado: quem soffre é a alma.

O juiz severo, justo e omnipotente castiga lá... em sua infinita sabedoria — elle sabe como; — nós, miseros insectos diante d'elle, não podemos comprehender esse castigar da omnipotencia.

E cá, elle creou na alma do homem a consciencia. A consciencia é terrivel... a sabedoria de Deos fez cada



ieb



homem juiz de si mesmo, e cada criminoso algoz de si proprio.

A consciencia castiga com os remorsos. O corpo continúa sempre desprezado: os tormentos são ainda e sempre votados ao principio, que pecca.

O ladrão não dorme o somno, que regenera as forças; dorme um somno que fatiga; porque elle desperta com vezes ouvindo o tinar do ouro, que roubou; e outras tantas vezes vendo diante de si a imagem do carrasco.

O assassino inda mais: esse homem que, mercê da morte e da solidão, matou impunemente o seu semelhante, que enterrou seu cadaver ás escondidas no deserto, e que vos parece viver socegado e impune, porque a justiça humana ignora o seu crime; esse homem... soffre mais do que soffreu sua victima no momento terrível, em que vio erguido sobre o seu peito o punhal mortifero: esse homem véla sempre... de dia e de noite um phantasma o persegue e maldiz; sua sombra tornou-se um espectro: elle vê a cada passo a sepultura que abriu; vê o radaver que enterrou; escuta o som do soquete com que calçou a terra... e vê erguendo-se da cova vingativo e formidavel o esqueleto do morto.

Sabes quem é o pintor que prepara esse quadro formidavel?... é a imaginação escravizada pelos remorsos. Os remorsos não são outra cousa mais do que o castigo, que Deos impõe ao crime cá na terra.

A infinita sabedoria de Deos quiz que o homem se punisse a si mesmo; e o homem, com effeito, a si proprio se atormenta com esse apparelho de horribéis torturas, a que se dá o nome de remorsos.

A desgraçada filha de Anacleto estava sendo a prova viva d'esta verdade eterna.

Marianna era uma mulher enormemente criminosa: não tinha ainda comparecido como ré diante de nenhum tribunal da terra; mas o castigo de Deos torturava a misera.

Elle tinha remorsos.



  
ieb

Como havia essa mulher sido levada a perpetração de um crime horrroso? ella, filha de um homem bom, irmã de um homem virtuoso, tendo diante dos olhos constantes exemplos de piedade e religião?... como?...ah: não precisais ir pedir uma resposta ao pessimo da natureza humana, com que erradamente pretendeis explicar os effeitos das paixões, que não forão combatidos desde o berço.

Quereis saber porque Marianna ousou tanto?... perguntai á vaidade.

A filha de Anacleto, lindo anjinho na infancia, encantadora moça depois, bella senhora inda então, cheia de graças e de espirito, havia sido creada sempre no meio de uma atmosphera de fataes lisonjas: respirou um ar de mentiras desde o principio: com esse ar habituárão-se os seus pulmões; a verdade que fôsse um pouco menos lisonjeira seria capaz de suffocal-a: objecto de um amor extremoso e cego da parte de seus parentes; objecto de culto e de adoração dos estranhos, Marianna julgou-se a princeza da formosura, empunhou orgulhosa o sceptro da belleza; ergueu a cabeça acima de todas as suas contemporaneas, e, cheia de vaidade, queria fitos em si todos os olhos, absortos diante d'ella todos os homens, e curvos a seus pés to dos os amores.

Perder essa posição seria morrer.

Mas ella amou: amou, e foi fraca: amou, e um dia viu que o seu throno ia ser despedaçado; que o sceptro ia escapar de suas mãos; que os cultos e as adorações tinhão de desaparecer para ella; que ao muito ella seria d'ahi por diante objecto de commiserção e piedade; porque enfim, ella tinha amado e sido fraca: tinha murchado em seu rosto a mais bella das flôres, a flôr da innocencia, e a natureza fallava em voz alta dentro de seu seio...

A misera lembrou-se então d'esse mundo encantador, que a adorava como rainha, e que bem depressa se ergueria rebellado e furioso para arrancar-lhe o sceptro de flôres...


 ieb


Que partido havia a tomar ?

Um meio lhe suggeria o espirito; um meio que a livrava das humiliações: era um meio extremo.. e desesperado ; era o suicidio: mas o mundo se mostrava a seus olhos tão bello... tão feiticcio !... e ella tinha apenas quinze annos de idade!... qual é a moça de quinze annos, que não ama loucamente um mundo, que se sorri de joelhos a seus pés? morrer, não: aos quinze annos Marianna não se achou com bastante força para matar-se.

Que outro partido restava?... a resignação.

Ainda ha pouco, tinha fallado o amor do mundo para repellir a idéa da morte: agora, contra a idéa da resignação, ergueu-se o amor de si mesma levado a excesso, ergueu-se a vaidade. Resignar-se a que?... a passar de rainha a vassalla?... não ganhar mais nunca um só d'esses olhares ardentes e puros, que corações anhelantes dardejão sobre o rosto da innocencia?... resignar-se-la, quando passasse pallida e dolorosa, ouvir dizer — coitada! — quando ella estava acostumada a escutar — formosa !... — oh! era muito para Marianna. A mulher vaidosa escolheria antes a morte que a resignação.

E com effeito, a filha de Anacleto não se quiz resignar ao triste papel, que lhe marcavão as consequências do seu erro. Primeiro esperou que o homem que a illudira a salvasse; quando não pôde mais esperar nada d'esse homem, esperou do tempo... ella mesma não sabia o que; mas esperava sempre.

Quando porém o tempo correu tanto, que tinha já corrido assás... Marianna despertou assombrada ante o aspecto sinistro de uma desgraça eminente.

Fallou outra vez a morte... fallou outra vez a vaidade... a resignação ficou sempre vencida: as paixões triumpharão sempre.

A mísera teve um dia de desespero, de febre... um dos mais fataes demonios, que tentão perdem e o



coração humano, a vaidade, soprou um pensamento horroroso... abominavel na alma da desgraçada mulher; esse pensamento era uma infâmia... era um crime... mais realisou-se.

Foi um infanticidio.

.....  
Marianna era sempre rainha.

O segredo de sua honra tinha escapado aos olhos do mundo. Os homens não podião jugal-a criminosa...

Mas o olhar de Deos estava sobre ella terrivel e severo. Mas a lei eterna da Omnipotencia se estava cumprindo á risca : a delinquente se punia a si mesma ; a mãe desaturada era o algoz de si propria.

Marianna tinha remorsos.

No movimento bello, encantado, estrepitoso de um baile, quando tudo era prazer, perfumes e flôres ; ao som dos instrumentos, que executavão a musica viva de uma valsa ; ao som das doces lisonjas que dez cavalheiros murmuravão a seus ouvidos, Marianna via a imagem de uma criança recém-nascida, que jazia morta no meio da sala : ouvia a natureza exhalando um gemido pungente... e ouvia maldições e pragas, que mil bocas invisiveis estavam proferindo contra ella...

Depois vinha um menino loiro, travêso e bello brincar a seu lado... então ella se lembrava !... e essa lembrança era terrivel ; era um punhal de lamina envenenada.. era o castigo de Deos.

A sua vida foi sempre assim, sempre triste e fria dentro do coração, embora os labios se sorrissem obedecendo ainda á vaidade, que os mandava sorrir. Era uma vida partida em duas bem distinctes uma da outra : uma, a vida exterior, que era a mentira, que lhe brincava no rosto : outra, a vida interior, que era a verdade, que lhe roía o coração. Resumidas e combinadas ambas essas vidas, davão em resultado a peor de todas : a vida de desgosto de si mesma



Ao menos, porém, estava no meio de tudo isso, triumphando, a sua vaidade.

Ella era sempre rainha.

Mas uma noite... em uma d'essas noites de festa, de ardor, de prazeres fugitivos, um mancebo se apresentou junto d'ella, deu-lhe o braço, e aproveitando um passeio, pronunciou a seus ouvidos duas palavras sómente.

O terrivel mancebo sabia tudo!...

A rainha cahio do seu throno... uma palavra só d'aquelle mancebo a podia tornar objecto de sarcasmos e de maldições...

E a vaidade ainda triumphou : Marianna ainda se não quiz resignar : e para continuar a ser incensada n'aquelle mundo, que era tudo para ella, sujeitou-se a representar d'ahi por diante o triste papel de escrava de Salustiano.

O resultado de tudo isto já não se ignora. Marianna estava soffrendo tambem o castigo de seu crime, imposto pelo poder de um homem.

E o seu destino tocava um terrivel extremo : a hora fatal batia.

A desgraçada filha de Anacleto havia ficado em seu quarto pasma e aterrada logo depois que seu pai a deixou só.

Agora é o começo da tarde.

Marianna havia descido, e achava-se sentada no sofá, na sala de visitas do Céu côr de rosa.

Tinha vindo esperar Salustiano : no entretanto meditava.

O aspecto da triste viuva trazia em si um não sei que de sinistro : seus supercilios, bastos e negros, estavam dolorosamente enrugados de modo que quasi se confundião um como o outro : no entretanto, e apezar d'isso, seus olhos brilhavão, mas não com o fogo da vida... todas as suas feições se achavão contrahidas, e quando ella fallava, notava-se em sua voz alguma cousa, que se



ieb

não podia explicar, mas que produzia uma impressão sobre-modo desagradavel.

Estava toda vestida de branco, mais trazia cingindo-lhe a cintura uma fita negra, cujas pontas cahião até o chão. Essa fita era lugubre.

Conservou-se muito tempo na mesma posição, immovel, e indifferente a tudo : parecia haver medido perfectamente o fundo do abysmo, aberto debaixo de seus pés, e como que penetrada da certeza de não poder salvar-se d'elle. Não estava socegada, estava inerte.

Marianna tinha tomado todas as medidas para não ser incommodada por testemunhas importunas n'aquellas horas : seu pai deveria voltar bem tarde; e a rogos d'ella, Cellina promettera não descer ao primeiro andar senão quando fósse chamada.

E portanto, ella esperava sómente uma pessoa; esperava Salustiano... a morte.

Depois de algum tempo de sinistra immobilidade e mudez, a viuva levantou a cabeça que tinha um pouco inclinada, e, como se fallasse a alguem, murmurou com voz pausada :

— Eu-lhe disse um dia, que elle se não lembrava de que, se os homens sabem matar, as mulheres sabem morrer.

Sorrio-se terrivelmente, e disse :

— Provar-lh'o-hei.

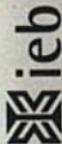
Sorrio-se de novo, e ainda mais terrivelmente; depois tirou do seio um pequeno embrulho de papel; abriu-o com mão firme, e olhou; o que havia dentro era pó branco.

— Arsenico!... balbuciou a misera com ironia amarga e despedaçadora; arsenico!... o unico amigo, que n'esta crise me acompanha e me salva, é um pouco de arsenico!...

Guardou de novo o embrulho no seio, e depois proseguiu :

— Vejamos se ainda me lembro do que li.

Ella pareceu recordar-se de alguma cousa, e foi repetindo compassadamente.



ieb



— Sabor acerbo e metalico... constricção de garganta... soluços... syncopes... resfriamento do corpo... sêde... vomitos... prostração... delirio... convulsões... mortel!...

Passado um instante perguntou a si mesma :

— E depois ?!!!

E respondeu a si mesma com um tom horrivelmente lugubre :

— Depois, a eternidade.

E estremeceu da cabeça até aos pés.

Ficou por algum tempo muda, e como que aterrada; mas enfim começou a dar um livre curso a seus pensamentos.

— O suicidio!... o suicidio!... que quer dizer o suicidio! quer dizer que um homem ou uma mulher tem horror de si mesmo, julga-se de mais na terra, accusa-se perante si proprio, sentenciam-se, condemna-se, e executa-se!... Oh! tenho eu o direito de matar-me?... dizem que não : mas o mundo não tem tambem o direito de cuspir-me no rosto?

« Mas a religião proscreeve o suicidio... e o que faço eu?... tróco um martyrio horrivel por outros mais horrivel ainda... tróco os martyrios da carne pelos tormentos da alma... tróco o mundo pelo inferno!!!

A misera soltou uma risada nervosa.

— Ainda bem! prosequio; ainda bem que o sei... o inferno me pertence...

O rosto de Marianna tomou uma expressão medonha... ella murmurou no meio de uma dilatação de labios, que não era riso, que era quasi uma convulsão horrorosa :

— Eu sou um demonio... eu matei meu filho!...

Respirou dolorosamente e continuou :

— O suicidio ! oh ! sim ! este é o meu segundo suicidio ; pois então ! não matei eu a carne de minha carne ?... não derramei o sangue do meu sangue ?... sim ; esta é a segunda vez que eu mato ; inda bem que é a derradeira.

« E eu devo realmente desaparecer do mundo ; onde me havia esconder ámanhã ? entre os homens ?... quem ?...



eu?... a infanticida?... oh! os homens lançarão sobre mim os cães... eu não sou da sua especie... eu não tenho alma, ou então tenho alma negra!... deveria ir occultarme nas brenhas?... oh! também não... lá os tigres amão seus filhos; eu sou mais feroz que os tigres.

« O que me resta é bem claro; n'este mundo restame um sepulchro... no outro espera-me o inferno.

« Este mundo dar-me-ha mais do que devia; porque o cadaver da mãe que mata seu filho ha de tornar esteril a terra, onde se enterrar. O outro mundo dar-me-ha o mais que pôde... o que eu mereço.

« Ah! eu me amaldiço a mim mesma!

« E' preciso que eu morra; sim... esta mão, que deveria estar mirrada, ia tocar a dextra de Henrique... a mão pura de um mancebo honesto e honrado; oh! o crime é contagioso... eu ia infectal-o... o meu amor é hediondo; eu sou para as feras mais sanguinarias o que as feras mais sanguinarias são para os homens.

« E' preciso que eu morra.

« E meu pai?! »

A misera arrancou das entranhas um gemido pungentissimo; desenhava-se a seus olhos a figura dolorosa do pobre velho, morrendo, a chorar ajoelhado sobre sua cova.

— Meu Deos! meu Deos! exclamou ella de joelhos e com as mãos levantadas: meus Deos! não me perdoeis embora os horribéis peccados, que tenho em minha nefanda vida commettido; mas perdoai-me, senhor da minha alma, perdoai-me as lagrimas que meu pai tem chorado e vai ainda chorar por mim; perdoai-me meu Deos, os desgostos de que tenho enchido aquelle amoroso coração! meu Deos! meu Senhor! valei a meu pai na dôr immensa, que elle vai soffrer!

Depois ella ergueu-se, e como se devesse estar vagando de tormento em tormento, como se tivesse antes de chegar o termo fatal, a morte, de passar por mil torturas, Marianna apertou as mãos contra o seio, e murmurou chorando:



— E meu filho !...

E proseguio por entre soluções :

— Meu filho, que hoje deveria ser um bello mancebo, que me levaria pelo braço á igreja e aos passeios, que me consolaria em minhas afflicções, que me defenderia... que daria a vida por sua mãe !... oh ! para que fui eu fazer-meia mais malvada e mais infeliz de todas as creaturas ?!!

• Meu filho ! meu querido innocente !... meu bello anjinho ! ah ! se elle vivesse, vêr-me-ia eu hoje reduzida a tanto miseria?... louca... criminosa que fui ? troquei a vida de meu filho por um pouco de arsenico ! crime duas vezes... demonio sempre !

E apertando a cabeça com as mãos, a misera, tendo os cabellos já cahidos desordenadamente, começou a vagar a largos passos pela sala exclamando de um modo horroroso :

— Eu o matei ! eu o matei !

Finalmente pareceu serenar : veio sentar-se do novo no sofá ; mas quem lhe visse o riso estúpido, que lhe enfiava os labios, quem lhe notasse os movimentos successivos, rapidos e inconsequentes, comprehenderia que um excesso de dôr punha em desarranjo as idéas d'aquella infeliz mulher.

Ella sentou-se, pois, e d'ahi a pouco com uma especie de alegria que era capaz de fazer chorar, disse baixinho :

— Ninguem o sabe... ninguem o sabe ; só elle... o máo ; porém elle me verá morrer, e guardará segredo ; ainda bem... ainda bem... ninguem o sabe.

— Eu o sei, senhora ! disse uma voz rouca.

Marianna ergueu-se convulsa, lançou-se sobre a porta da sala, e perguntou desesperada :

— Quem está ahí ?

A porta da sala abriu-se.

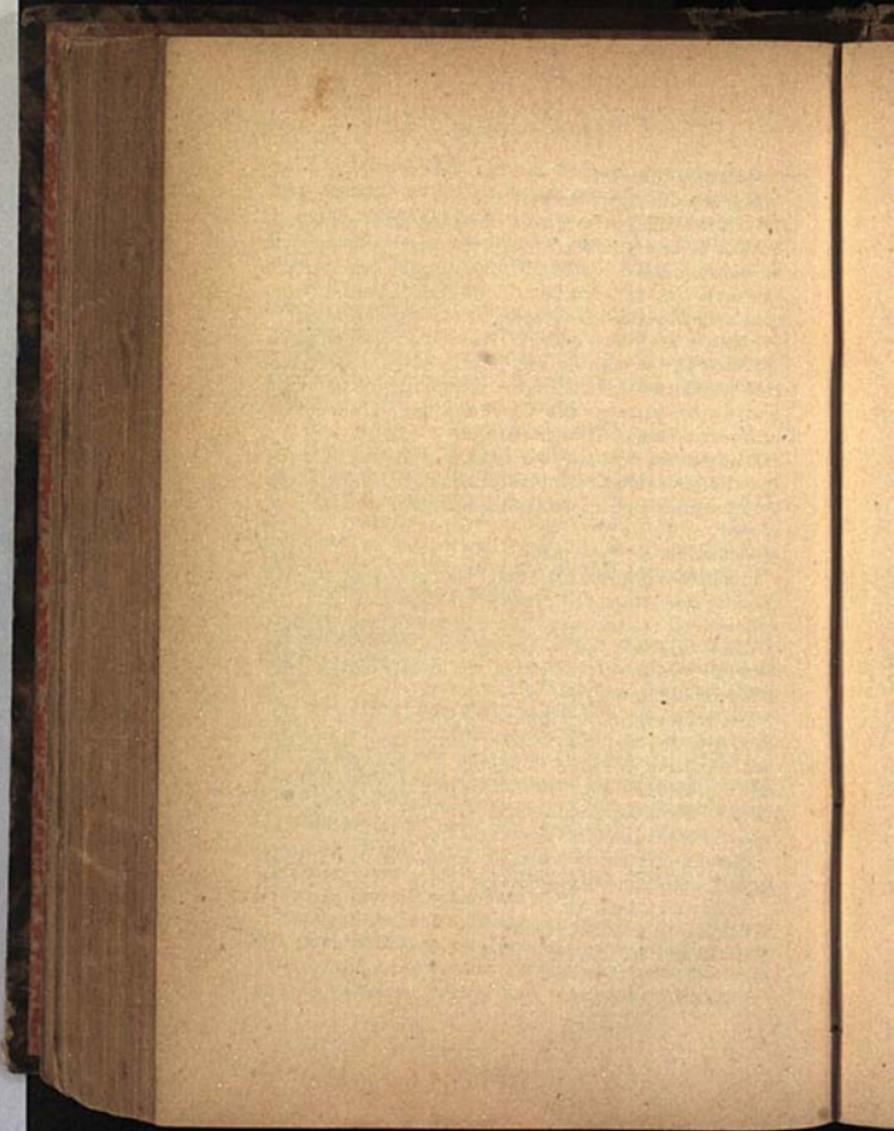
Appareceu o velho Rodriguez.



  
ieb



ieb



XXIII

Marianna e Rodrigues.

Marianna, com os cabellos eriçados e os braços estendidos para diante, recuou espavorida, como se lhe tivesse apparecido um espectro.

O velho Rodrigues entrou vagaroso e socegado.

— Quem é?... perguntou a viuva aterrada : quem é o senhor?

— Sou o guarda-portão do Céu côr de rosa, senhora.

— E ouviu tudo?... balbuciou a misera.

— Não, respondeu o velho : eu não precisava ouvir nada : desde vinte e um annos que eu sei tudo.

Marianna deixou-se cahir quasi desfallecida sobre o sofá.

Rodrigues vivamente commovido approximou-se da infeliz mulher, e repetio :

— Eu sei tudo.

A viuva sacudio dolorosamente a cabeça, e murmurou :

— Não... não... é impossivel !

O velho, em pé diante de Marianna, descansou a mão sobre o encosto da cadeira, e disse :

— Mulher ! tens soffrido muito.



  
ieb

- Oh! sim!...
- Vaidosa, tu és ferida na tua vaidade.
- Oh!... sim!...
- Rainha, tu te tornaste escrava.
- Oh!... sim!...
- Character forte, intrepido, e até insolente, tu te rebaixas hoje, tu te revolves no pó, tu tremes de palavras, que se dizem em segredo.
- E' verdade!
- Mulher destemida, tu és hoje a mais covarde entre todas.
- E' certo.
- Tão covarde, que te queres despojar da vida!..
- Oh!...
- Christã, tu olvidas as leis de Christo!
- Oh!..
- Ahi, no teu seio, tu escondes um instrumento de morte.
- Senhor!...
- Eu tinha os olhos sobre ti, mulher; eu vi tudo. E sabes o que te acovarda?... sabes o que te leva ao desespero? sabes o que te empurra para o tumulo? oh! tu o sabes, tu o sentes... é a consciencia do crime.
- Meu Deos!...
- Não ha véo bastante denso para esconder de todo os delictos: tarde ou cedo... tudo se descobre; e muitas vezes, um homem que commetteu um crime abominavel, e que se julga impune, porque acredita que todas ignorão a acção nefanda, que praticou; vai passando pela multidão com a cabeça levantada, sem saber que outro está apontando para elle e dizendo:
- « Ali vai um malvado!
- Oh! é verdade!
- Mulher, desde muito que eu sei a tua historia: eu a sei mesmo muito melhor do que tu; rou repetir-t'a... escuta.



— Não... não...

— E' preciso que me ouças; quem sabe se dentro em pouco não estarás de joelhos a meus pés? escuta.

Marianna escutou com o rosto abrigado entre suas duas mãos.

O velho Rodrigues começou :

— No fim do anno de 1822, a cidade do Rio de Janeiro vivia a vida do enthusiasmo e das festas; a independencia estava proclamada, os ferros coloniaes tinham sido quebrados com desprezo; o congresso nacional, a assembléa constituinte ia em breve reunir-se, e trabalhar na execução da grande obra; levantar o magestoso monumento. O povo entusiasta da liberdade festejava a liberdade; os sardos seguião-se uns aos outros; o prazer estava em toda a parte.

Marianna exhalou, involuntariamente talvez, um suspiro de saudade.

— E no meio de mil formosas donzellas, que davão vida e essas festas, havia uma joven senhora, uma moça que acabava de sahir da infancia, e que fazia o orgulho das sociedades, e martyrio das outras moças.

Marianna sentio apertar-se-lhe o coração.

— Era uma joven extrema e perigosamente encantadora; era morena, tinha os cabellos e os olhos negros e brilhantes, o rosto cheio de viveza e malicia, o pescoço garboso como o de um cysne: e toda ella era bemfeita; formosa e bemfeita, que arrebatava; e tinha um olhar magnifico, fixo e ardente como o do tigre, um sorrir meigo e carrinhoso que enfeitiçava; uma voz harmoniosa e tocante, e, finalmente, um andar que provocava: era uma mulher perigosa e terrivel... era capaz de ser o anjo da salvação, ou o demonio da perdição de um homem. Essa mulher immensamente encantadora chamava-se Marianna.

E Marianda suspirou de novo.

— Objecto de todas as atenções, os mancebos a ro-



deavão e festejavão de mil modos ; os pais davão parabens ao pai da feliz moça ; e as moças, a invejavão ; e as casadas tinham os olhos fitos em seus maridos por causa d'ella ; e as mãis a malquerião por causa de suas filhas ; porém Marianna, orgulhosa de seus encantos, passeava por entre aquellas senhoras, e por entre todos aquelles homens, como o sol que faz o seu giro no espaço, escurecendo as estrellas, e espalhando sua luz por toda a parte.

E a viuva suspirou ainda uma vez.

— Idolo de tantos, idolo de todos os homens, pelo menos, a indiferença de um era um insulto para essa moça tão bella, como vaidosa ; era um insulto de que ella sabia vingar-se, trabalhando por prender maneatado ao seu carro o insolente, que se esquecêra de vir queimar incenso aos pés da princeza das festas. Essa moça queria escravos adoradores, e presumpçosa aceitava todos esses cultos, concedendo ás vezes um olhar a este um sorriso áquelle, uma palavra meiga áquelle outro, mas não dando o seu amor a nenhum.

— Foi assim ; murmurou a infeliz.

— Todavia appareceu nas sociedades um homem, que não se lembrou de correr aos pés de Marianna, não era uma criança, nem um velho ; ninguém lhe daria menos de vinte seis annos, nem mais de trinta ; estava livre, tinha coração ; e portanto devia pretender agradar á bella moça ; esse homem não curou d'isso : melancolico e abatido, sempre vestido de luto, parecia tão occupado com suas magoas passadas, que não tinha tempo de admirar a belleza do dia. Esse foi a principio julgado uma fera bravia por Marianna, e portanto indigno de suas costumadas vinganças ; depois, ella mudou de opinião entendeu que era um montanhez mal educado ; depois acreditou-o insolente e orgulhoso ; e depois....

— Provoquei-o !... balbuciou Marianna.

— Provocou-o, repetio o velho : Leandro (era o nome



d'esse homem) despertou ás provocações da bella moça; vio... vio então, e observou pela vez primeira esse dilu-  
vio de encantos e de graças, que a natureza tinha accu-  
mulado n'essa mulher, e não pôde resistir á necessidade  
de admiral-a: o amor tinha algum tempo antes aberto  
no coração de Leandro profundas feridas, que ainda não  
havião cicatrizado; e pois, elle fugio de Marianna, como  
de um perigo, de uma tentação, de um encanto, insidioso.

— Offendeu a minha vaidade!

— Sim: offendeu a vaidade da mulher altiva; e ella  
jurou ser, a tudo o custo, dona d'aquelle coração: desde  
o momento em que 'concebeu um tal proposito, Marianna  
esqueceu todos os seus antigos adoradores, e, sem o pen-  
sar, queimou incenso por sua vez aos pés de um homem...

— Amel-o!

— Sim; a vaidade de Marianna fêl-a amar a Leandro  
Todos os meios de seducção de que ella podia dispôr  
forão postos em campo... o homem não resistio; Marian-  
na e Leandro amárão-se.

— Oh! foi assim mesmo!

— A' primeira hora de declaração do amor, seguirão-se  
dias de embriaguez e de felicidade inconcebivel, e seguiu-  
se uma noite de paixão delirante... de prazer feroz...

— Oh! basta.

— Teve lugar em um dos arrabaldes da côrte uma  
brilhante festa campestre; havia um sarão no meio das  
flôres... um jardim illuminado... um lago cercado de  
luzes... um bosque de arbustos floridos adiante... encanto  
em toda a parte. Leandro e Marianna achárão-se pre-  
sentes á festá: dançarão juntos, e fôrão juntos passear  
pelo jardim. Esquecerão o mundo e os homens... lembra-  
vão-se unicamente de seu amor... e primeiro vagárão por  
entre as flôres... depois conversárão espelhando-se nas  
aguas socegadas do lago... e depois entrárão no bosque...

— Oh!

— O interior do bosque era sombrio; fôra soava a



ieb

musica terna e maviosa; dentro exhalavão-se embriagadores perfumes; mas...outra vez o bosque era sombrio... senhora! Leandro e Marianna perdêrão-se no bosque.

— Perdêrão-se!... balbuciou dolorosamente a viuva.

— Quando voltárão, para de novo tomar parte na festa, Marianna estava pallida, e Leandro mais que nunca apaixonado.

— Elle sabe tudo! disse a pobre mulher.

— No dia seguinte, proseguio o velho, Leandro foi visitar o pai de Marianna, e pedio-lhe a mão da bella moça; o casamento foi ajustado; deveria celebrar-se d'ahi a um mez: no eutretanto Leandro e Anacleto ligárão-se, como bons amigos.

— Ah!... por bem pouco tempo!...

— E' verdade; a intolerancia politica veio logo separal-os; com effeito, o ministerio da independencia, o gabinete Andrada acabava de cahir; homens accusados de sympathia pelo antigo systema subirão ao poder; a população dividio-se em dous campos inimigos, e a exaltação dominou em ambos. Anacleto extremava-se defendendo as velhas idéas; Leandro representava as novas, que pouco antes havião triumphado. Um dia o elho e o moço encontrárão-se defronte um do outro em completo antagonismo; o exaltamento de ambos inspirou-lhes palavras desabridas, e o pai de Marianna, estendendo o braço, mostrou ao noivo de sua filha a porta por onde devia sahir, para não tornar mais nunca á sua casa; ficárão inimigos irreconcillaveis.

— Oh! foi assim!

— Anacleto ordenou a sua filha que esquecesse para sempre o *feroz republicano*; e a desgraçada, que já não tinha o direito de esquecer-lhe, não teve animo de cahir aos pés de seu pai e de confessar-lhe, que havia commettido um erro, e que sentia fortemente as consequencias d'esse erro. Mais ainda; Anacleto fez-se perseguidor de Leandro, que vio-se obrigado a viver occulto durante



alguns mezes d'essa época tão calamitosa. No entretanto, senhora, tinham chegado do campo dois amigos de Leandro dois amigos, que não hesitáram em dar a vida por elle; o infeliz abrio-lhes o seu coração... contou-lhes tudo; e João e Rodrigues, os dois amigos, tomáram sobre seus hombros o encargo de observar Marianna, de velar por ella...

Marianna levantou um pouco a cabeça.

— Como lamentavas tu, mulher, vaidosa, a desgraça, do homem que te amava?... como choravas tu, mulher imprevidente e louca, a tua propria desgraça?... alegre e festiva tu te embriagavas de novo com os prazeres da côrte... os sarãos... os passeios... a vida de loucuras continuava sempre!... parecias até esquecida de ti mesma: ah! sim! mulher, a tua cabeça não se lembrava de teu seio.

Marianna tornou a esconder o rosto entre as mãos.

— O teu viver exasperava o infeliz Leandro, que não podia estar a teu lado, e que, escondido, via-te apenas pelos olhos de seus dois amigos. Elle comprehendeu, que não serias nunca uma esposa extremosa e devotada em corpo e alma a seu marido; e todavia o pensamento unico que o occupava, a idéa que lhe roubava o somno, era a divida immensa, que te ficára devendo: suspirava pela liberdade para salvar-te; sabendo que te sorrias no mundo, que te sorrias, mulher, tu que devias chorar, o infeliz chorava em dobro... chorava por ti... e por si.

Marianna não disse nada; conhecia-se porém que estava soffrendo muito.

— No entretanto, proseguio o velho Rodrigues, o tempo corria... as perseguições continuavam, a assembléa constituinte tinha sido dissolvida... os mais extremos patriotas deportados: Leandro não podia ainda apparecer. Foi então que soubemos, que Marianna havia deixado a côrte para passar algum tempo com uma velha parenta estabelecida na roça. Comprehendemos o fim da viagem, e um dos amigos de Leandro, eu, senhora, fui encarregado de seguir Marianna. Compenetrei-me da



delicadeza de minha missão, e, decidido a tudo arrostar, tive uma conferencia particular com a velha parenta da amante de Leandro.

— Basta ! balluciou Marianna ; vejo que nada ignora... nem do que falta... mas basta.

Sorriu-se tristemente o velho, e proseguio :

— Rodrigues e a velha parenta derão-se as mãos, e velirão de commum accordo ; e queres saber, mulher, qual foi o primeiro resultado d'essa vigilancia?... foi descobrir-se que havia em uma das gavetas do toucador de Marianna um frasquinho cheio de um liquido sinistro... a decima parte d'esse liquido contido no frasquinho sobejava para afogar uma criança... e a mãe d'essa criança tambem.

— Oh !...

— Pois, passado um mez, Marianna fez asua primeira experiencia ; bebeu a decima parte d'aquelle liquido, e, contra sua expectativa, passou ás mil maravilhas.

— Senhor...

— Passado outro mez... segunda tentativa ; e o mesmo resultado ainda...

— Então...

— Ah ! o outro mez era realmente para temer-se : a mulher louca e vaidosa empunhou o frasquinho, levou-o aos labios, e esvasiou-o todo : devia ser a morte o que ella tinha bebido.

— Meu Deos !...

— Ao anoitecer... dôres... ancias horribéis... no fim de algumas horas perda completa de sentidos... ficou como morta.

— Oh !... porque não morri, meu Deos !

— Senhora, quando aquella mulher abriu outra vez os olhos, a natureza fallou antes da vaidade : ella abriu os olhos e exclamou com dôr immensa : — meu filho !...

— e a velha parenta, que a pouca distancia o observava tristemente, respondeu : — nasceu morto.

Ah !...



— Porém no dia seguinte, ás onze horas da noite, senhora, a borrasca ribombava... a chuva cahia... os elementos estavam desenfreados... e um homem envolvido em longa capa negra, foi bater á porta de uma pobre casa na cidade do Rio de Janeiro. Dentro d'essa casa estavam rezando aos pés do Nossa Senhora das Dóres uma mulher velha, e uma escrava : a porta foi aberta ; o homem entrou, lançou a capa fóra de seus hombros, e em nome da Santissima Virgem Mãe de Deos, aquella mulher recebeu e adaptou uma criança recém-nascida.

— E essa criança ?... exclamou Marianna com um grito desesperado.

— Era teu filho, Marianna !

A viuva soltou um brado arrancado do amago do coração, e cahiu aos pés do velho Rodrigues.

— O licor do sinistro frasquinho havia sido trocado.

— Meu filho!... meu filho!... bradava a pobre senhora.

— Mas desde que Leandro soube que a alma de Marianna concebêra o horrivel pensamento de um infanticidio, e tratára de realisá-lo, aborreceu-a tanto quanto a havia amado.

— E meu filho?... onde está meu filho?... perguntava Marianna desesperadamente.

— Essa criança foi criada com desvelo e ternura ; nada lhe faltou nunca... ao sahir da infancia partio para a Europa... Educava-se lá quando seu pai morreu...

— E meu filho !

— Na vespera do dia de sua morte, Leandro fez sahir todos de seu quarto, e ficou só com seus dous amigos. « João, Rodrigues, eu vou deixar-vos o meu mais caro thesouro, disse-nos o triste pai ; deixo-vos meu filho. Eu podia fazer testamento, e reconhecer por meu filho esse pobre innocente, que ambos conheceis : mas elle pôde morrer antes de chegar á idade em que deverá receber a herança que lhe compete, e eu teria infructivamente publicado um erro de minha mocidade, e dado



  
ieb

assim a conhecer a uma mãe desnaturada o filho, que ella pensa ter assassinado. Pensei melhor, quanto a mim.

« Leandro mandou-nos abrir na gaveta e tirar d'ella um papel que designou, uma carta que estava fechada.

« Eis aqui, continuou elle, uma carta que fareis chegar cautelosamente ás mãos da filha de Anacleto: vai ahi dentro toda a nossa correspondência do tempo de amor e de esperança. Agora este papel, meus amigos, é a ultima prova, que vos dou da minha amizade. Este papel é o escripto de reconhecimento de meu filho, que vós ides assignar como testemunhas, guardar para depositar em suas mãos, quando elle fizer vinte e um annos.

— João e eu assignámos e guardámos então o escripto de reconhecimento de teu filho, mulher.

— Oh! exclamou Marianna; mas que me importa isso?... que tenho eu com essa historia? ouviu, senhor, eu quero meu filho?

— Leandro morreu, senhora, continuou Rodrigues sem attender a Marianna; e ficarão seus dous amigos velando sempre sobre o pobre moço. Elle voltou da Europa, e eu tive o pensamento de trazê-lo ao tecto em que morava a sua mãe.

— Oh! sim!... sim!... disse a viuva com as mãos postas.

— Para conseguil-o vim aqui pedir, como um pobre velho sem meios, o lugar de guarda-portão do Céu côr de rosa. D'ali, d'aquelle alpendre velei por teu filho, mulher! d'ali, d'aquelle alpendre concebi o projecto de trazê-lo para junto de sua mãe, fazendo-o esposo da mais bella das virgens, esposo de Celina...

— Oh!... bradou Marianna, em cujo espirito tinha brilhado um raio de luz.

— E agora, mulher, teu filho? teu filho tem já vinte e um annos... ama a Celina; e tu, mulher, queres matar a mãe do misero mancebo, porque não podeste conseguir roubar-lhe o coração da amada! sim, queres suicidar-te!...

— Meu filho!... meu filho!... meu filho!... bradava Marianna andando como louca pela sala.



ieb



— Tu o enxotaste já uma vez para longe d'esta casa!

— Meu filho!...

O movimento que havia, e o ruído que se fazia na sala, impedio que Rodrigues e Marianna ouvissem os soluços de alguém que se achava escutando junto da porta.

— Mas enfim, mulher, continuou o velho, tu tens sido já bem castigada!... agora...

— Eu quero meu filho!

Marianna fallava por entre lagrimas; seus cabellos estavam soltos, seu olhar brilhante, seu rosto enrubescido, e sua voz alterada.

— Escuta, disse o velho.

— Ouvi de mais, exclamou ella com força: não escuto nada... não quero... não posso: eu quero vêr meu filho... quero abraçal-o... quero beijal-o... quero... oh! meu filho é o anjo que me salva! meu filho é o perdão de meus peccados, que eu não merecia, e que Deos me concede!... ah!... não preciso que me guiem... eu conheço, eu sei quem é: eu sei onde está meu filho! vou vê-lo, vou buscal-o!... meu filho!...

E, quasi delirante, atirou-se para a porta.

Batião n'esse momento desesperadamente.

Rodrigues, com os olhos lavados em lagrimas, e soluçando com força, deu volta á chave.

A porta abriu-se, e elle entrou...

Mãe e filho cahirão ambos de joelhos, e abraçarão-se um com o outro chorando, e exclamando ao mesmo tempo:

— Minha mãe!...

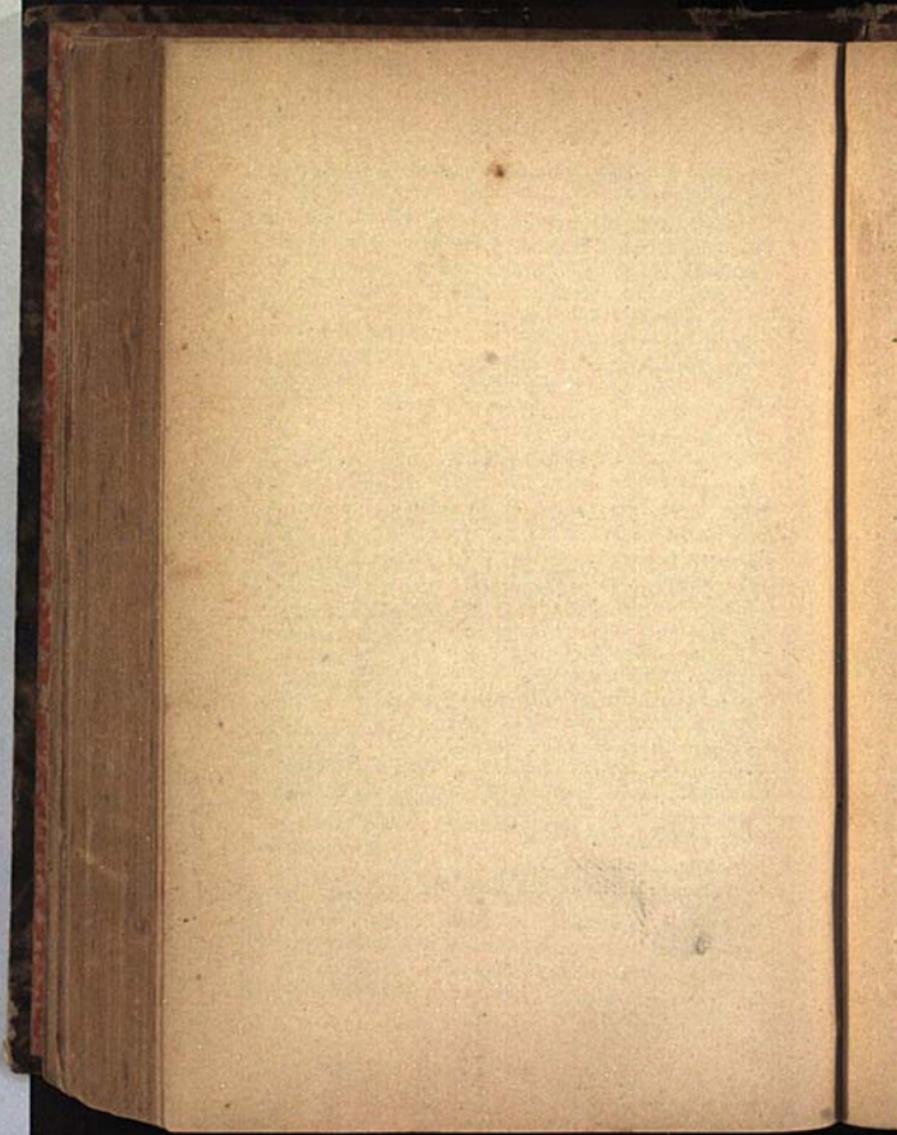
— Meu filho!...

O filho de Marianna era Candido





ieb

The logo is a stylized, symmetrical emblem with a central vertical element and four curved, wing-like extensions on either side, resembling a cross or a fleur-de-lis variant.

## XXIV

### Filho e irmão.

Elles continuavão abraçados misturando suas lagrimas e seus carinhos

Era um thesouro insondavel, uma riqueza enormissima, que ambos acabavão de obter do céo.

Candido achava finalmente o objecto d'aquelle amor santo de seu coração; abraçava sua mãe.

Marianna encontrava inesperadamente no mundo uma creatura, que suppunha ter ella mesma feito desaparecer do mundo: abraçava seu filho.

Não havia mais vacuo no coração do mancebo; nem phantasma na imaginação da mulher.

Choravão ambos; suas lagrimas porém erão bem doces; erão lagrimas de uma felicidade que se não mede: felicidade tão grande que não lhe bastão os labios por onde sahe em sorrisos, que lhe são precisos tambem os olhos por onde em lagrimas se derrama.

Completava o quadro a figura nobre do velho Rodrigues.

Aquelle moço e aquella senhora abraçados, e de joelhos junto d'aquelle velho alto e respeitavel, parecião talvez dous amantes trocando votos do mais terno e puro amor, á sombra de uma arvore secular e magestosa.



  
ieb

De repente, e com um movimento rapido e forte, Marianna desenlaçou-se dos braços de seu filho, e recuou dous passos.

— Minha mãe!... exclamou o mancebo com os braços estendidos para ella.

Marianna lançou a mão ao seio, e tirou de dentro o embrulho de arsenico.

— Era a mortel!... disse ella, lançando o papel no chão e pisando-o com força: entre meu filho e meu peito estava ainda um crime de permeio! agora sim... estou livre... estou bella... estou pura!... o amor de meu filho lava todas as minhas culpas.

E atirou-se de novo nos braços de Candido.

Aquelle prazer, a felicidade era tão grande em ambos, que Marianna esquecia Henrique, e Candido não se lembrava de Colina.

Mas ouviu-se o rodar de uma carruagem que parou junto ao alpendre do Céu côr de rosa.

— E' elle! disse o velho Rodrigues.

— E' elle! disse erguendo-se Candido, que já sabia tudo.

— Agora pôde chegar, disse por sua vez Marianna erguendo-se tambem.

Com effeito pouco depois entrou na sala Salustiano, que pareceu admirar-se de achar Marianna acompanhada de duas pessoas.

O irmão de Candido estava mais pallido que nunca.

— Pensava enconral-a só, senhora, disse elle.

— Enganou-se: eu quiz que duas pessoas testemunhassem o que se vai passar entre nós dous, respondeu a viuva levantando nobremente a cabeça.

Salustiano chegou-se para uma janella.

— Se é uma traição o que se me prepara, tornou elle, lembre-se, minha senhora, que ainda não é noite fechada, que muita gente está passando por baixo d'esta janella, e que ao primeiro signal de emprego de força, eu farei presente de uma folha de papel ao primeiro que passar.



Sorrio-se Marianna, e disse :

— Descance, meu caro senhor, tudo se concluirá em perfeita paz; vejo porém que me lembrou a tempo do que me devia ter já lembrado : a noite começa, e estamos quasi ás escuras.

Deu dous passos para a porta do corredor, e disse :

— Luzes! tragaõ luzes!

Candido de um lado e Rodrigues do outro, observavão a scena de braços cruzados.

A sala achou-se bem de pressa illuminada.

— Nada de ceremonias : sentemo-nos. Vejamos, meu nobre senhor, apresente-nos o seu ultimatum.

— Senhoral...

— Nada de interjeições : sobretudo, eu tenho pressa.

— Pois bem, senhora; eis-aqui um contracto de casamento, ao qual só falta a assignatura de sua sobrinha.

Marianna recebeu o contracto, e depois de seriamente examinal-o, disse :

— Pouco entendo de direito; todavia, creio que o tabellião e as testemunhas deverião ter-se achado aqui.

— E' possível que o desejasse?

— Certamente; e como faltou essa formalidade, que me dizem ser de modo mui positivo recommendada pela lei, peço-lhe licença para, em nome de minha sobrinha, rejeitar este papel.

Salustiano mordeu os beiços, e disse :

— E terei eu tambem licença para mostrar aqui, e em toda a parte um outro papel, que trago no meu bolso?

— Aqui é desnecessario, respondeu Marianna sem hesitar; porque sabemos ambos que o Sr. Rodrigues tem inteiro conhecimento d'esse papel, e o Sr. Candido já não ignora sobre que elle trata.

— E lá fóra! perguntou Salustiano elevando a voz.

— Lá fóra, senhor, poderá mostral-o a quem bem lhe parecer: mas já que se quer dar ao incommodo de tornar publico um erro de meus primeiros annos de moça-



ofereço-me para facilitar-lhe a prova viva e documental d'esse erro.

— Eu a tenho no meu bolso, senhora.

— Quero dar-lhe outra muito melhor.

— Melhor ainda? e qual?

— E' meu filho, disse a viuva apontando para Candido Salustiano ficou estupefacto.

Candido aproximou-se d'elle, e offerecendo-lhe a mão, disse com accento commovido:

— Meu irmão...

A vos de Candido despertou Salustiano, que, soltando, uma risada de escarneo, exclamou:

— Impostor!

Candido córou até á raiz dos cabellos, e recolhendo a mão que havia estendido, encruzou de novo os braços.

Marianna apertou entre as suas uma das mãos do manco; dizendo-lhe:

— Não córes assim, meu filho; que importa que teu irmão te desconheça, se tua mãe te abre os braços?... vem... en quero apertar-te contra meu seio diante d'elle; vem!

E depois de abraçar apertadamente seu filho, continuou dirigindo-se a Salustiano:

— Vê bem que já não receio o veneno da sua lingua: acabou-se o senhor, desapareceu a escrava: agora eu o desafio orgulhosa!

— Ainda quando o que se representa aqui não fosse uma miseravel comedia, respondeu Salustiano, ainda quando o que está dizendo tivesse todos os visos de verdade; acredita, minha senhora, que toda a esperanza de vingar-me estava perdida para mim?

— Oh!... ainda?...

— Pois bem... o Sr. Candido é seu filho? qual é o nome do pai de seu filho?

Marianna fez um movimento.

— Senhor!...



— Não responde?... tanto melhor: irei perguntal-o ao Sr. Henrique...

A viuva empallideceu; lembrou-se do amor d'aquelle, que o inesperado apparecimento de seu filho fizera esquecer tanto tempo: duas lagrimas eloquentes pendêrão das palpebras de Marianna.

Candido com um olhar cheio de amor e de profundo sentimento, mostrou comprehender a significação d'estas lagrimas.

— A resposta de Henrique, senhora, será prompta e nobre; não preciso dizer qual seja...

— Embora... balbuciou, como gemendo, a mãe de Candido, olhando ternamente para seu filho.

— Deixarei Henrique, senhora, proseguio Salustiano, o hei de vir fazer a mesma pergunta a um honrado velho, que vive de amar sua filha... que a julga pura, que...

Marianna soltou um grito; Candido ia dar um passo; mas ella atirou-se entre elle e Salustiano.

— Embora! exclamou com fogo: embora! perca-se tudo! rompa-se este casamento que deveria fazer a ventura do resto da minha vida! derrame ainda meu pai lagrimas amargas por minha causa; mas renegar meu filho? affastal-o de meus olhos? negar-lhe o meu seio? nunca nunca! agora, senhor, antes de todos está meu filho.

E chorando lagrimas de amor, abraçou-se estreitamente com Candido.

— Bem, senhora, disse Salustiano tomando o chapéo; eu me retiro... tudo está decidido entre nós.

Candido tinha sentido vibrar todas as cordas do coração de sua mãe; comprehendeu que ia ser a causa de seus tormentos e de sua desgraça; e fazendo um violento esforço, desprendeou-se dos braços que o apertavam, e lançando-se adiante de Salustiano, exclamou:

— Uma palavra, senhor!

— O que temos? perguntou com desprezo o moço.

— Conhece a letra de seu pai?



— Sim.

— Pois veja.

— E' tirando do bolso uma folha de papel, que mostrava ter estado por muito tempo guardada, Candido abriu-a aos olhos de Salustiano.

Era o escripto pelo qual Leandro reconhecia Candido por seu filho.

Salustiano quando acabou de lér, tremia da cabeça até aos pés, e estava pallido como um finado.

— Eu sou seu irmão, disse Candido.

Salustiano não respondeu.

— Metade da fortuna de que se acha de posse pertence-me de direito.

Salustiano, com os labios brancos e convulsos, olhou com um olhar espantado e feroz para aquelle, que lhe estava fallando.

Candido voltou o rosto para Rodrigues e perguntou :

— Diga-me, Sr. Rodrigues, sabe pouco mais ou menos quanto devo receber do Sr. Salustiano ?

— Um milhão, respondeu o velho.

— Pois bem, tornou Candido com todo o sangue frio ; Sr. Salustiano... meu irmão ; eu dou-lhe um milhão pela carta de minha mãe.

O velho deu um passo...

Marianna ficou extatica...

Salustiano continuou a olhar espantado para Candido.

— O caso é simples, continuou Candido : o senhor não conseguirá nunca desposar aquella que pretende ; ao muito fará infructiferamente a desgraça de minha mãe. E para que isso, senhor ? para que procurar um remorso ? acabemos com isto : eis-aqui uma vela que arde, accendamos n'ella nossas duas folhas de papel ; um queima um escripto que lhe dá um milhão, outro, extingue uma carta que vale uma desgraça. Senhor, outra vez, o caso é simples : trata-se de um milhão !

Salustiano instinctivamente lançou a mão ao bolso e tirou d'elle um papel.



Os dous mancebos aproximáram-se um do outro ; Salustiano estava desfigurado, Candido risonho e animado.

— Senhor, disse este, permita que minha mãe examine se é essa a carta de que se trata.

Salustiano chegou-se a Marianna, que, depois de lêr a carta, respondeu :

— E' ella mesma.

— Senhor, continuou Candido dirigindo-se a seu irmão ; jura pela sua honra, pela salvação de sua alma, e pelas cinzas de sua mãe e de nosso pai, que nunca abusará d'este segredo ?

— Juro, murmurou Salustiano.

— Então... ao fogo !

Chegarão-se os dous moços para junto da luz ; mas o velho Rodrigues, suspendendo Candido, exclamou :

— Mancebo, lembra-te que vais queimar um milhão.

Candido, com o mais eloquente silencio, apontou com a mão esquerda para sua mãe, e deixou cahir a direita sobre a luz.

Emquanto as duas folhas de papel ardião, Salustiano olhava para as chammas com a estupidez de um idiota, e Candido com o sorrir de um anjo.

Só restavam cinzas... Marianna lançou-se com enthusiasmo sobre Candido.

— Meu filho !

Candido recebeu-a de joelhos.

— Agora eu ! disse uma voz.

Todos olhárão : era João que acabava de entrar na sala.

— Que é isto ?...

— E' a vingança ! bradou elle.

Salustiano deixou-se cahir aterrado sobre uma cadeira.

— Falsario !... falsario !... exclamou João sacudindo o processo, subtrahido a Jacob, diante dos olhos de Salustiano ; falsario ! falsario ! eis-qui a vingança !...

— O que quer dizer isto ? perguntou Candido a Rodrigues.



  
ieb

Breves palavras do velho explicarão tudo.

Candido avançou para João.

— Meu bom amigo, eu sou o filho de Leandro, eu sou o herdeiro da amizade de cem annos.

A voz do moço era doce e tão terna, como foi o olhar que João lançou sobre elle.

— Em nome de meu pai, em nome da sagrada amizade que d'ora ávante ha de ligar-nos até á morte, João, meu amigo, dá-me esse processo l...

João ficou immovel, arrasárão-se-lhe os olhos d'agua. Candido estendeu o braço, e tirou-lhe o processo das mãos, sem que o velho fizesse a menor resistencia.

— Por mais que queiras, João, disse Rodrigues comovido, tu não podes ser máo.

Candido tinha-se chegado outra vez junto da luz, e queimava o processo.

— E' meu irmão, disse elle soluçando.

---

### CONCLUSAO

A felicidade e o prazer se estavam sorrindo de mil modos no Céu côr de rosa.

Candido frequentava de novo e mais assiduamente que nunca a casa de Anacleto; dirigindo-se a Marianna, tratava-a por — minha senhora; — mas sua voz tinha um tom de indizível ternura.

Marianna estava bella e deslumbradora como em seus primeiros dias de ventura; chamava o mancebo como



d'antes — Sr. Candido, — porém seus olhos ardentes e amorosos lhe davão ao mesmo tempo o mais carinhosos dos nomes.

Anacleto não podia comprehender aquella metamorphose; mas, respeitava o segredo da felicidade de sua filha, tanto quanto havia respeitado outr'ora o de seus tormentos.

Celina sorria-se para a vida... amava, era amada, e enfim esperava ser feliz; que lhe importava o mais?...  
.....

Chegou o dia destinado para o casamento de Henrique e Marianna.

Tudo estava prompto: o altar, o sacerdote, os dous amantes, e os convidados.

Só faltava Candido. Debalde o esperarão por muito tempo.  
.....

Na manhã d'esse dia Candido, ao erguer-se do leito, recebeu da mão de Irias uma volumosa carta a elle dirigida.

Abrio, e leu a carta curioso.

« Meu irmão: — Déste-me uma grande lição de virtude: mostrar-te-hei que a não gastaste mal comigo.

« Eu era um moço perdido, sem nobreza, sem generosidade, e sem amor do que é verdadeiramente bello: provarei, que, com o exemplo da honra, soube conhecer os meus erros.

« Meu irmão, quando eu tornar a apparecer a teus olhos, não te envergonharás de me apertar a mão. Eu parto, para onde não sei ainda...

« Voltarei talvez um dia... quando o estudo, a meditação, as lagrimas, e as viagens tiverem gasto todos os meus remorsos, e me disserem que já não sou o mesmo.

« Voltarei, digno de meu irmão; digno d'aquelle que fez arder meus olhos um milhão e um processo.

« No entretanto, meu irmão, eu te deixo a minha casa, confio-te a riqueza, que nos deixou nosso pai. Acom-



  
ieb

panhão a esta a escriptura e todas as disposições necessarias, para que tomes a direcção da casa, como seu administrador geral e meu socio.

« Não é possível recusar, meu irmão; em nossa casa te esperão; e quando receberes esta, já estarei longe do Rio de Janeiro.

« Adeos, meu irmão. Eu te agradeço teres-me feito bom... teres-me feito christão.

« Adeos! até um dia.

« Teu irmão, — *Salustiano.* »

Acabando de lér a carta, Candido vestio-se apressadamente, e sahio agitado: encontrando João e Rodrigues, contou-lhes o que havia, e corrêrão todos tres em procura de Salustiano.

Perdêrão quasi todo o dia em inuteis indagações; finalmente descobrirão que o mancebo tinha tirado um passaporte, e que se embarcára ao romper d'aurora em um navio europeu.

Os tres amigos corrêrão á praia... tomárão informações; um inconveniente inesperado demorava o navio por algumas horas. Candido, Rodrigues, e João atirárão-se dentro de um bote, e mandárão remar com toda a força para o navio.

Já não estavam longe... reconhecerão em pé sobre a tolda, com os olhos embebedos na cidade que ia deixar, o infeliz Salustiano: Candido soltou um grito de prazer; era-lhe possível arredar seu irmão d'aquella triste viagem.

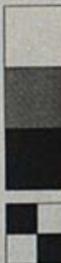
Salustiano ouviu o grito... lançou os olhos sobre o bote, e estendeu os braços...

Mas o navio abriu de repente as azas... e gracioso deslisou-se sobre as aguas.

— Adeos! grito Salustiano agitando seu lenço branco; adeos! até um dia!

— Adeos! respondeu Candido chorando.

.....



Erão nove horas da noite quando, em companhia de João e Irias, Candido entrou no Céu côr de rosa.

O sarão tinha já começado.

O mancebo desculpou o melhor que pôde sua ausencia, dirigindo-se a Anacleto e Henrique.

Correu depois aos pés de Marianna, e, aproveitando um momento, disse-lhe toda a verdade em duas palavras.

Faltava Celina.

A Bella Orphã saudára com sorriso de amor a chegada de seu amado, e não podendo esconder sua perturbação, sahio da sala, e fugio para o jardim.

Marianna comprehendeu o olhar de Candido que se voltava por toda a sala, e apontando para a porta do corredor, disse sorrindo-se :

— No jardim.

Candido voou para o jardim.

Celina estava em pé junto de uma roseira.

Os dous amantes ficarão defronte um do outro perturbados, suspirando, e sem dizer palavra durante muito tempo.

Quando emfim Candido ia pronunciar a primeira phrase de amor... ouviu-se uma voz melancolica e tremula que cantava perto :

- « Era um dia um mancebo, qu'ardente
- « Pobre vida esquecido vivia ;
- « E uma virgem formosa, innocente,
- « Qu'outra igual não se vio, ndo se via.
- « Quem separa o ardor da belleza !...
- « Um abysmo fatal : — a pobreza. »

Candido e Celina reconhecerão a voz do velho Rodrigues, e ficarão suspensos escutando o romance da virgem.

Finalmente o bom velho chegou á ultima estrophe do romance, e cantou :

E o mancebo, que tinha tentado  
A paixão que nascia, abafar,



ieb

Hoje a ella de todo curvado  
 Stá c'os olhos no éco a clamar :  
 « Quem não fôra nascido; — ou então  
 « Quem me dêra o terceiro botão!... »

Candido, sem pensar talvez no que fazia, repetio como um éco, o ultimo verso da estrophe.

« Quem me dêra o terceiro botão!... »

A Bella Orphã comprehendeu o pensamento de Candido; tirou da roseira um botão de rosa, e o offereceu ao feliz mancebo.

Dava-lhe o seu coração.

Candido recebeu de joelhos o presente de amor.

— Parabens!... disse uma voz doce.

Os dous amantes voltárão-se, e virão junto de si Marianna e Henrique.

Ficárão ambos confusos.

— Não se perturbem, exclamou Marianna : nós approvamos o vosso amor.

Depois, dirigindo-se a Henrique, continuou :

— Olha, Henrique, não são bem dignos um do outro?...

Henrique sorrio-se.

— Queres tu que os adoptemos por nossos filhos?..

Henrique abriu os braços a Celina.

— Minha filha!... disse o esposo de Marianna abraçando a Bella Orphã.

— Meu filho! exclamou Marianna com um grito d'alma.

— Minha mãe! respondeu Candido cahindo-lhe ao pé.

— Graças a Deos! disse o velho Rodrigues que acabava de mostrar-se.

FIM DO SECUNDO E ULTIMO TOMO



como

Can-  
eu ao

Ma-

opro-

ou-

os?..

abra-

grito

pés.

aca-



 ieb



ie b





 ieb



ie b

